

P. H. D. LACORDAIRE

VIDA DE SÃO DOMINGOS

Índice Geral

CAPÍTULO I. Situação da Igreja no fim do século doze.

CAPÍTULO II. Gênese de S. Domingos.

CAPÍTULO III. Chegada de S. Domingos a França. A sua primeira viagem a Roma. Entrevista em Montpellier.

CAPÍTULO IV. Apostolado de S. Domingos desde a entrevista em Montpellier até o começo da guerra dos Albigenses. Fundação do convento de Notre Dame de Prouille.

CAPÍTULO V. Guerra dos Albigenses.

CAPÍTULO VI. Apostolado de S. Domingos desde o começo da guerra dos Albigenses até o Quarto Concílio de Latrão. Instituição do Rosário. Reunião de S. Domingos e dos seus primeiros discípulos numa casa em Toulouse.

CAPÍTULO VII. Segunda viagem de S. Domingos a Roma. Aprovação provisória da Ordem dos Pregadores por Inocêncio III. Encontro de S. Domingos e de S. Francisco de Assis.

CAPÍTULO VIII. Reunião de S. Domingos e seus discípulos em Notre-Dame de Prouille. Regra e Constituição da Ordem dos Pregadores. Fundação do Convento de S. Romão em Toulouse.

CAPÍTULO IX. Terceira viagem de S. Domingos a Roma. Confirmação da ordem dos Pregadores por Honório III. S. Domingos ensina no palácio do Papa.

CAPÍTULO X. Nova assembléia dos Frades Pregadores em Notre Dame de Prouille, e a sua dispersão pela Europa.

CAPÍTULO XI. Quarta viagem de S. Domingos a Roma. Fundação dos conventos de S. Sixto e de Santa Sabina. Milagres que acompanham estas duas fundações.

CAPÍTULO XII. Estada de S. Domingos em Santa Sabina. S. Jacinto e o bem aventurado Ceslao entram para a ordem. O bem aventurado Reinaldo ungido pela Santíssima Virgem.

CAPÍTULO XIII. Fundação dos conventos de Saint Jacques de Paris e de São Nicolau de Bolonha

CAPÍTULO XIV. Viagem de S. Domingos a Espanha e França. Suas vigílias na gruta de Segóvia. Seu modo de viajar e de viver.

CAPÍTULO XV. Quinta viagem de S. Domingos a Roma. Morte do bem-aventurado Reinaldo. O bem aventurado Jordão de Saxe entra para a Ordem.

CAPÍTULO XVI. Primeiro Capítulo Geral da Ordem. Estada de S. Domingos na Lombardia. Instituição da Ordem Terceira.

CAPÍTULO XVII. Sexta e última viagem de S. Domingos a Roma. Segundo Capítulo Geral. Doença e morte do santo Patriarca.

CAPÍTULO XVIII. Trasladação do corpo de S. Domingos e sua canonização.

P. H. D. LACORDAIRE

VIDA DE SÃO DOMINGOS

FUNDADOR DA
ORDEM DOS PREGADORES

CAPÍTULO I. Situação da Igreja no fim do século doze.

O século doze da era cristã despontara sob esplêndidos auspícios. A fé e a opinião solidamente unidas, governavam juntas o Ocidente, e ali formavam de uma multidão de povos obedientes e livres uma só comunidade. No cimo da ordem social sentava-se o Pontífice universal num trono de onde a majestade baixava em auxilio da autoridade traída pela fraqueza da natureza, e a justiça em auxilio da obediência que se tornara intolerável pelos excessos do poder. A um tempo Vigário de Deus e da humanidade, apoiando o braço direito sobre Jesus Cristo e o esquerdo sobre a Europa, o Pontífice Romano conduzia as gerações para o caminho direito, tendo em si próprio, para compensar os abusos da sua plenitude, o recurso de uma infinda fraqueza pessoal. Nunca a fé, a razão e a justiça se tinham abraçado sobre tão alto pedestal; nunca o restabelecimento da unidade, no intimo dilacerado do gênero humano, parecera mais provável e próximo. Já o estandarte da Cristandade flutuava em Jerusalém sobre o túmulo do Salvador dos homens, convidando a Igreja Grega a uma gloriosa reconciliação com a Igreja Latina. O Islamismo vencido em Espanha e repellido das costas da Itália via-se atacado no centro do seu poderio e vinte povos caminhando juntos nas fronteiras da humanidade regenerada, para aí defenderem contra a brutalidade da ignorância e o orgulho da força o Evangelho de Jesus Cristo, prometiam à Europa o termo dessas migrações sangrentas, cujo foco era a Ásia. Quem podia dizer onde pararia a senda triunfante que a cavalaria cristã acabara de abrir no Oriente? Quem podia prever o que viria a ser o mundo sob o governo de um pontificado que soube criar no interior uma tão vasta unidade e um tão grande movimento no exterior?

Porém o século doze não acabou como havia começado e quando, chegado o ocaso, se debruçou sobre o horizonte para se perder na eternidade, pareceu também a Igreja inclinar-se com ele, vergando sob

o peso de um temeroso futuro. A cruz de Jesus Cristo já não se ostentava nos minaretes de Jerusalém; os nossos cavaleiros, vencidos por Saladino, conservavam apenas na Síria alguns palmos de terra; a Igreja Grega, longe de se aproximar da Igreja Romana, ratificara ainda mais o seu cisma pela ingratidão e deslealdade dos seus para com os cruzados. Estava perdido o Oriente. A história depois mostrou as consequências desse desastre: a queda de Constantinopla e a ocupação de uma parte do território europeu pelos turcos otomanos; uma dura escravidão imposta a milhões de cristãos sob o seu domínio, continuando as suas armas a ameaçar o resto da Cristandade até ao tempo de Luiz XIV; três séculos de invasões dos Tártaros no centro da Europa; a Rússia adotando o cisma grego e pronta a lançar-se sobre o Ocidente para destruir-lhe todas as suas leis e toda a sua liberdade, a Europa agitada pelo enfraquecimento das raças muçulmanas, assim como o fôra pelo seu engrandecimento, e a divisão da Ásia tão difícil como havia sido anteriormente a sua conquista. Montaigne disse que há derrotas que são um triunfo maior do que as próprias vitórias. Pode-se dizer que o mau resultado do plano de Gregório VII e de seus sucessores com respeito ao Oriente revelou melhor o seu talento do que o teria feito a mais triunfante realização dos seus desígnios.

Não era menos triste o espetáculo interno da Igreja. Todos os esforços de S. Bernardo para restabelecer a sã disciplina de pouco tinham servido contra a invasão da simonia, do fausto e da avareza no clero. A origem de todos esses males, descritos com tanta eloquência pelo próprio S. Bernardo, era a riqueza da Igreja, objeto da cobiça universal. Às violentas investidas pelo báculo e anel, havia sucedido uma usurpação surda, uma simonia covarde e abjecta.

"Ó vã gloria!",

exclama S. Pedro de Blois.

"Ó cega ambição, ó sede insaciável das honras da terra! Ó desejo das dignidades, verme roedor dos corações e naufrágio das almas!. De onde nos viria esse flagelo? Como tomaria alento essa execrável vaidade que incita indignos a procurarem dignidades, tanto mais empenhados em conseguí-las quanto menos as merecem. Por todos os lados, sem cuidarem do seu corpo nem da sua alma, estes desgraçados precipitam-se sobre a cadeira pastoral que se converte para eles em cadeira pestilencial e para todos em causa de perdição".

Carta ao Cardeal
Otaviano

Trinta anos mais cedo, dizia S. Bernardo com amarga ironia:

"São promovidos a dignidades eclesiásticas, em virtude da excelência da sua linhagem, estudantes ainda crianças, adolescentes impúberes, passando de estar sob o jugo da fêrula a governar o clero, mais satisfeitos muitas vezes de se subtraírem aos castigos do que da autoridade de que se acham revestidos, mais lisonjeados do domínio de que se libertaram do que do poder que adquiriram".

Carta 42, a

Henrique bispo de Sens

Eis a infelicidade da Igreja. Vêmo-la à custa do seu próprio sangue converter à fé de Jesus Cristo nações infiéis, suavizar-lhes os costumes, formar-lhes a inteligência, rotear as suas florestas, povoar de templos as suas cidades e descampados. Depois, quando vinte gerações de santos atraem sobre essas piedosas pousadas as bênçãos do céu e da terra, em lugar do rico compenetrado de Deus que ali vinha chorar os seus erros, em lugar do pobre satisfeito com Deus que caíndo de joelhos ali fazia voto de ainda maior pobreza, em lugar de santos herdeiros de santos, vemos surgir o pobre que quer ser rico, o rico que se quer tornar poderoso, as almas mediócras que nem mesmo sabem o que desejam. Em resumo, à força de intrigas, vem o báculo episcopal ou abacial a cair em mãos que nenhuma intenção pura santificara; o mundo rejubila por ver os seus favorecidos governar a Igreja de Deus e transformar o jugo suave de Jesus Cristo num governo secular. Restam nos claustros os latidos das matilhas de cães, o relinchar dos cavalos. Quem podia então discernir as vocações verdadeiras das falsas? Quem possuía essa ciência? Quem mesmo tinha tempo ou se lembrava disso? Ninguém se ocupa já de saber como se geram as almas em Jesus Cristo, mas querem unicamente ser conhecedores do seu nascimento segundo a carne. A oração, a humildade, a penitência, a dedicação, fogem quais tímidos pássaros a quem estorvam no ninho; os túmulos dos santos são como estranhos nas suas próprias casas.

Eis o estado miserável a que uma sacrílega ambição reduzira grande número de Igrejas e mosteiros do Ocidente nos fins do século doze, e em muitos pontos onde o mal não era tão profundo era-o ainda bastante grande. A Santa Sé apesar de agitada pelos cismas que contra ela fomentara e sustentara o Imperador Frederico I, nunca deixou de proporcionar remédios a tão graves desordens; apresentou-lhes como objeções três concílios ecumênicos no espaço de cinquenta e seis anos, sem contudo poder realizar senão muito imperfeitamente uma reforma, que tão dignos eram de obter os ilustres pontífices que nasceram quase sem interrupção das cinzas de Gregório VII.

Um dia, cerca do ano de 1160, um rico habitante de Lião chamado Pedro Valdo viu cair ao pé de si um dos seus concidadãos fulminado por um raio. Esse desastre fê-lo reflectir. Distribuiu os seus bens pelos pobres e consagrou-se inteiramente ao serviço de Deus. Como a reforma da Igreja preocupava então os ânimos, foi-lhe fácil, em virtude da sua própria dedicação, pensar que tinha sido chamado para essa missão e, reunindo um certo numero de homens, persuadiu-lhes que abraçassem com ele a vida apostólica. É bem pequena, muitas vezes, a diferença que existe entre as idéias que produzem os grandes homens e as que não produzem senão agitadores públicos! Se Pedro Valdo tivesse possuído mais virtude e mais talento, teria sido São Domingos ou S. Francisco de Assis. Mas succumbiu a uma tentação que, em todos os tempos, tem sido a perdição de homens de elevada inteligência. Julgou impossível a salvação da Igreja pela própria Igreja. Declarou que a verdadeira, esposa de Jesus Cristo tinha succumbido no tempo de Constantino, quando aceitou o veneno dos bens temporais; que a Igreja Romana era a grande prostituta descrita no Apocalipse, mãe e amante de todos os erros; que os prelados eram Escribas e os religiosos Fariseus; que o Pontífice Romano e todos os bispos eram homicidas; que o clero não devia possuir nem dízimos nem terras; que era um pecado dotar igrejas e conventos, e que todos os clérigos deviam ganhar a sua vida com o trabalho das suas mãos, seguindo o exemplo dos apóstolos; finalmente, que ele, Pedro Valdo, vinha restabelecer sobre as suas bases primitivas a verdadeira sociedade dos filhos de

Deus.

Ponho de lado os erros secundários que deviam fatalmente nascer destes. Toda a força dos Valdenses consistia no seu ataque direto contra a Igreja e no contraste real ou aparente entre os seus hábitos e os hábitos desregrados do clero do seu tempo. Arnaldo de Brescia, morto, queimado em Roma, fora o seu precursor. Era um homem cuja figura pessoal se salienta muito mais na historia do que a de Pedro Valdo; mas Pedro Valdo teve a vantagem de vir depois dele, quando já o escândalo tinha amadurecido, e teve portanto um sucesso assustador. Foi ele o verdadeiro patriarca das heresias ocidentais e quem lhes imprimiu uma das grandes características que as distinguem das heresias gregas, isto é, uma feição mais prática do que metafísica.

Ao abrigo das mesmas circunstâncias que protegiam os Valdenses introduziu-se na Alemanha e Itália uma heresia a de origem oriental, que iria estabelecer o seu acampamento principal no sul da França. Esta heresia, sempre guerreada e sempre cheia de vida, datava dos fins do terceiro século. Formara-se nas fronteiras da Pérsia e do Império Romano de uma mistura de idéias cristãs com a velha doutrina persa, a qual atribuía o mistério deste mundo à luta de dois princípios coeternos, um bom, o outro mau. Estas espécies de alianças entre religiões e filosofias diversas eram nesse tempo muito vulgares: vinham da tendência que têm os espíritos fracos de querer juntar o que é incompatível. Foi um Persa chamado Manés quem deu a sua derradeira forma à monstruosa combinação a que nos referimos. Menos feliz do que os outros heresiarcas, a sua seita nunca pôde atingir ao estado de sociedade pública, isto é, possuir templos, um sacerdócio e um povo reconhecidos. As leis dos imperadores auxiliadas pela opinião perseguiram-na sempre com uma perseverança infatigável; isto foi o que lhe prolongou a vida. O estado de sociedade pública é uma situação que o erro consegue sustentar apenas por pouco tempo e a duração desse tempo é tanto mais curta quanto mais contraditórias são as bases sobre que assenta o erro e quanto mais imorais são as suas conseqüências. Os Maniqueus, repelidos da luz do sol, refugiaram-se nas trevas; formaram uma sociedade secreta, única condição que consente a prolongação do erro por mais tempo. A vantagem dessas associações misteriosas consiste menos na facilidade de fugir às leis do que na facilidade de fugir à razão pública. Nada há que possa impedir certos homens, ligados pelos dogmas mais perversos e pelas mais ridículas práticas, de recrutarem na sombra espíritos aventureiros e, pela magia das iniciações, de os persuadirem por meio de uma doutrina sem fiscalização, de os agarrarem pela idéia de um grande e remoto resultado, cujo culto profundo, crêem eles, se tem transmitido por cem gerações e, finalmente, de os prenderem, pelo lado vil do coração humano, consagrando suas paixões sobre uns altares desconhecidos do resto da humanidade. Há hoje no mundo associações secretas que talvez não contem mais de três iniciados, e que ascendem por uma invisível sucessão até ao antro de Trofônio ou até aos subterrâneos dos templos do Egito. Esses homens, cheios de orgulho de possuírem um tão raro depósito, atravessam imperturbáveis os séculos, com um profundo desprezo por tudo quanto neles se pratica, julgando tudo pela doutrina privilegiada que lhes tocou por sorte e unicamente preocupados do desejo de reproduzir uma alma que, por sua morte, venha a ser a herdeira da sua felicidade oculta. Estes são os Judeus do erro. Assim viveram os Maniqueus, aparecendo, de vez em quando na história, como esses monstros que no fundo do Oceano seguem ignotas veredas, e que ás vezes mostram suas cabeças seculares acima das vagas. Há a notar porem isto de maravilhoso na sua aparição no século doze, que eles pela primeira vez chegaram a um começo de sociedade publica. Espetáculo realmente inacreditável!

Esses sectários que o Baixo Império conservara constantemente debaixo de seus pés estabeleciam-se agora abertamente em França, à vista desses pontífices que tinham poder suficiente para constringer o próprio imperador a respeitar a lei divina, e a vontade das nações cristãs. Nenhum fato manifesta mais claramente a surda reacção que então fermentava na Europa. Raimundo VII conde de Toulouse estava à frente dos Maniqueus de França, vulgarmente denominados os Albigenses. Era o sobrinho neto desse afamado Raimundo conde de St. Gilles, cujo nome se confunde com os melhores nomes da primeira cruzada, com os nomes dos Godofredo, dos Bouillon, dos Balduinos, dos Robertos, dos Hugos, dos Boemond. Abdicara da herança de glória e virtude que lhe haviam transmitido os seus antepassados, para se tornar o chefe da mais detestável heresia a que o Oriente dera vida, subjugado não somente pelos mistérios próprios dos Maniqueus, como pela máscara valdense que haviam adoptado para melhor entrar nas idéias do Ocidente.

Ainda isto não era tudo. O ensino nas escolas católicas, reconstituído depois de um longo interregno, desenvolvia-se sob a influência da filosofia de Aristóteles e toda a tendência desse movimento era a de fazer prevalecer a razão sobre a fé na exposição dos dogmas cristãos. Abelardo, homem mais célebre por suas culpas do que por seus erros, foi uma das vítimas desse espírito aplicado à teologia. S. Bernardo acusou-o de transformar a fé, baseada sobre a palavra de Deus, numa simples opinião assente sobre princípios e conclusões de ordem humana. Mas embora tivesse conseguido uma vitória fácil, enobrecida pela submissão sincera do seu adversário e por um raro exemplo de reconciliação, o mal seguira o seu curso.

É sempre difícil resistir a certos impulsos cuja força vem de longe e do alto. A era grega ficara na memória dos povos cultos, como o ponto mais culminante a que chegara o talento do homem. O Cristianismo não tivera vagar de produzir um a literatura comparável a essa, nem de constituir uma filosofia e ciência próprias.

Existia, por certo, o seu gérmen nos escritos dos Doutores da Igreja; mas muito mais cômodo era aceitar um corpo filosófico e científico já completamente organizado. Tornou-se portanto Aristóteles o representante da sabedoria. Infelizmente Aristóteles nem sempre estava de acordo com o Evangelho: daí resultaram três partidos. Um partido sacrificava o filósofo a Jesus Cristo segundo esta palavra:

"Não tendes mais que um Senhor, que é o Cristo".

Mt. 23, 10

O outro sacrificava Jesus Cristo ao filósofo, fundando-se em que, sendo a razão a luz primária do homem, em tudo deve conservar a primazia. O terceiro admitia que houvesse duas ordens de verdade, a ordem da razão e a ordem da fé, e que o princípio que era verdadeiro numa, podia ser falso na outra.

Em resumo, o cisma e a heresia favorecidas pelo mau estado da disciplina eclesiástica e pelo ressurgimento das ciências pagãs demolia a obra do Cristo no Ocidente, enquanto que o infeliz êxito das cruzadas consumava a sua ruína no Oriente e abria aos bárbaros as portas da Cristandade. Os papas, é certo, resistiam com uma virtude imensa aos perigos crescentes dessa situação. Subjugavam o Imperador

Frederico I, animavam os povos a tomar parte em novas cruzadas, reuniam concílios contra o erro e a corrupção, velavam pela pureza da doutrina nas escolas, estreitavam em suas poderosas mãos a aliança da fé e da opinião européia, e do sangue agitado desse velho tronco pontifical surgia Inocêncio III. Porém a ninguém é dado sustentar só por si o peso das coisas divinas e humanas; os maiores homens necessitam do concurso de mil forças, e as que a Providência concedera ao passado pareciam vergar sob o peso do futuro. A obra de Clóvis, de S. Bento, de Carlos Magno, de Gregório VII ainda de pé, vivendo dos vestígios do seu gênio, clamava em seu auxílio uma nova efusão do Espírito em quem unicamente reside a imortalidade. Nestes momentos supremos é que se deve prestar um ouvido atento aos conselhos de Deus. Trezentos anos mais tarde ve-lo-emos abandonar ao erro metade da Europa, para desse erro tirar um dia um triunfo cujo segredo começamos a entrever; mas naquela época aprouve-lhe socorrer a sua Igreja pelo meio directo da misericórdia. Jesus Cristo contemplou os seus pés e as suas mãos trespassadas por nosso amor e desse olhar compassivo nasceram dois homens: S. Domingos e S. Francisco de Assis. A história desses dois homens, tão semelhantes e tão diversos, nunca se deve separar; porém o que Deus criou de uma só vez não pode ser descrito por uma só pena. Muito faremos nós se pudermos dar uma idéia do santo patriarca Domingos àqueles que nunca examinaram atentamente os seus actos.

CAPÍTULO II. Gênese de S. Domingos.

Num vale de Castela a Velha banhado pelo Douro, quase a igual distância de Aranda e Osma, existe uma pequena povoação chamada Caleruega na linguagem do país, e Calerága na linguagem mais harmoniosa de grande número de historiadores. Foi aí que nasceu S. Domingos, no ano de 1170 da era cristã. Deveu a existência, depois de Deus, a Felix de Gusmão e a Joana d'Aza. Tinham esses piedosos senhores uma casa em Caleruega, onde S. Domingos veio ao mundo e que, até à época presente, ainda não caíra completamente em ruínas. Afonso o Sábio, rei de Castela, de acordo com sua mulher, seus filhos e os principais Grandes de Espanha, aí fundou em 1266 um mosteiro de religiosas dominicanas. Nesse mosteiro nota-se uma parte, mais antiga do que o corpo do edifício, diferente da arquitetura conventual; uma torre fortificada do tempo da idade média, onde estão incrustadas as armas dos Gusmões, uma fonte com o seu nome e muitos outros vestígios que o povo, órgão da tradição, chamava de o Palácio dos Gusmões. O ramo castelhano desta ilustre família tinha o seu solar no castelo de Gusmão, distante dali apenas umas léguas; o lugar onde tinham o seu jazigo, igualmente perto de Caleruega, era em Gumiel d'Izan, na capela de uma igreja pertencente à ordem de Cister. Felix de Gusman e Joana d'Aza foram, depois de sua morte, levados para essa capela e metidos, em duas criptas, ao lado um do outro. Porém a própria veneração de que eram alvo não tardou a separá-los. Cerca de 1318 o infante de Castela, D. João Manuel, trasladou o corpo de Joana d'Aza para o convento dos Dominicanos em Penafiel, que fizera ele próprio construir. Ficou portanto Felix só no túmulo de seus avós, como testemunha fiel da nobreza do sangue que transmitira a S. Domingos, indo Joana reunir-se à posteridade espiritual de seu filho, a fim de gozar da glória que ele adquirira, preferindo a fecundidade que emana de Jesus Christo à fecundidade do sangue e da carne.

Um fenómeno curioso precedera o nascimento de S. Domingos. Sua

mãe viu em sonhos o fruto de suas entranhas, sob a figura de um cão segurando na boca um facho aceso, fugir do seu seio indo incendiar o mundo inteiro. Atormentada por este presságio, cujo sentido lhe era desconhecido, ia a miúdo orar sobre o túmulo de S. Domingos de Silos, noutro tempo abade de um mosteiro desse nome, não longe de Caleruega e, grata às consolações que aí recebera, pôs o nome de Domingos à criança que fora o objecto das suas orações. Era o terceiro filho que o seu seio abençoado dava à luz. O mais velho, Antônio, consagrou a sua vida ao serviço dos pobres, e pela sua grande caridade honrou o sacerdócio de que se achava revestido; o segundo, Manés, morreu sob o habito de Frade Pregador.

Quando levaram Domingos à Igreja para receber o baptismo, novo prodígio veio manifestar a grandeza da sua predestinação. Sua madrinha que os historiadores designam apenas como uma dama nobre, viu em sonhos sobre a fronte do neófito uma estrela radiosa. Sobre o rosto de Domingos ficaram sempre vestígios dela notando-se, como um traço singular da sua fisionomia, que da sua fronte irradiava um certo esplendor que lhe atraía o coração de todos os que o contemplavam. A pia de mármore branco em que ele recebeu a água santa foi transportada, em 1605, para o convento dos Frades Pregadores em Valladolid, por ordem de Filipe III, que quis que seu filho fosse batizado nela. Existe hoje em S. Domingos de Madrid, e muitos infantes de Espanha têm nela sido iniciados à vida que reside em Jesus Cristo nosso dileto Senhor. Domingos não foi criado com leite estranho; sua mãe não consentiu que um sangue alheio corresse nas suas veias; criou-o a um seio de onde não podia receber senão um casto alimento e junto a lábios de onde não podia ouvir senão palavras de verdade. Neste doce convívio maternal apenas havia para ele a reear um certo mimo involuntário no vestuário e essa abundância de cuidados que se não podem reprimir, por mais cristão que seja o amor.

Mas a graça que residia dentro dele cedo se revoltou contra este jugo. Assim que pôde servir-se dos seus membros saía do berço, quando o não viam, e deitava-se sobre as tábuas no chão. Dir-se-ia que já conhecia a miséria dos homens e a diferença que há neste mundo entre a sorte de cada um e que, cheio de amor pela humanidade, sofria de se ver numa cama melhor que a do mais humilde dos seus irmãos; ou então que, iniciado no segredo do berço de Jesus Cristo, desejava ser tratado como ele. Nada mais se sabe dos seis primeiros anos da, sua vida.

Com sete anos apenas, saiu da casa paterna, sendo mandado para Gumiel d'lzan para a casa de um tio que exercia naquela Igreja o cargo de arcebispo. Foi aí, junto ao túmulo de seus antepassados, e sob a dupla autoridade do sangue e do sacerdócio, que Domingos passou a segunda parte da sua infância.

"Antes que o mundo",

diz um historiador,

"tocasse nesta criança, confiaram-na como Samuel às lições da Igreja, para que uma salutar disciplina tomasse posse do seu tenro coração. Efetivamente, aconteceu que, assente sobre uma tão sólida base, ia crescendo em idade e em graça elevando-se todos os dias, num ditoso progresso, até à mais sublime virtude".

Constantino de
Orvieto,

Vida de São
Domingos n.3.

Foi a Universidade de Valência, no reino de Leão, única que nesse tempo possuía a Espanha, a terceira escola onde foi educado S. Domingos. Entrou para ela aos quinze anos, achando-se pela primeira vez entregue a si mesmo longe do ditoso vale, onde à sombra dos muros de Caleruega e Gumiel d'lzan deixara todas as suaves recordações que prendem a alma ao torrão natal. Demorou-se dez anos em Valência. Consagrou os seis primeiros ao estudo das letras e da filosofia, como então se ensinavam. Mas, diz um historiador,

"o angélico mancebo Domingos, apesar de compreender facilmente as coisas humanas, estas não o cativavam, porque em vão procurava nelas a sabedoria de Deus, que é o Cristo.

Efetivamente nenhum filósofo a comunicara aos homens; nenhum dentre os príncipes do mundo a conhecera.

Eis a razão porque, receoso de consumir em trabalhos inúteis a flor e a força da sua mocidade e querendo saciar a sede que o devorava, voltou-se para os profundos princípios da teologia.

Invocando e implorando a Cristo, que é a sabedoria do Pai, abriu o coração à verdadeira ciência, e os ouvidos aos doutores das Sagradas Escrituras, parecendo-lhe esta divina palavra tão suave e recebendo-a com tamanha avidez, junto com tão ardentes desejos que, durante os quatro anos que a estudou, passava as noites quase sem dormir, dando ao estudo o tempo destinado ao descanso.

A fim de beber dessa corrente abundante de sabedoria com uma castidade ainda mais digna dela, abstêve-se durante dez anos de vinho.

Era na verdade um espetáculo admirável e encantador contemplar esse homem, cujos verdes anos denunciavam a pouca idade, mas em cuja conversa ponderada e força moral de costumes se revelava um velho.

Sempre superior aos prazeres da sua idade, só procurava a justiça; sempre receoso de perder tempo, preferia a caminhadas desnecessárias o seio da Igreja sua mãe, o sagrado repouso dos seus tabernáculos, e assim decorria a sua vida entre a oração e o trabalho, assíduo igualmente numa e noutra coisa.

Deus recompensou o fervoroso amor com que observava os seus mandamentos, inspirando-lhe um espírito de sabedoria e de inteligência que o fazia resolver sem dificuldade as mais intrincadas questões".

Thierry de Apolda
Vida de São Domingos
C. 1, 17-18

Dois fatos nos ficaram desses dez anos em Valência. Durante uma fome que assolou a Espanha, Domingos, não contente com dar aos pobres tudo quanto tinha até o próprio fato, vendeu também livros anotados pela sua mão a fim de distribuir entre eles o seu produto. Admirando-se alguém que ele se privasse dos meios de estudar, proferiu estas palavras, as primeiras suas transmitidas à posteridade:

"Posso por acaso estudar em peles mortas quando ha tantos homens que morrem de fome?"

Atas de Bolonha,
Depoimento de Fr. Estevão, 1

O seu exemplo incitou os professores e estudantes da Universidade a socorrerem abundantemente esses desgraçados. Em outra ocasião, vendo uma mulher, cujo irmão estava cativo em poder dos mouros, chorar amargamente por não poder pagar o seu resgate, prontificou-se a ser vendido para o livrar; Deus, porém, que o reservava para a redenção espiritual de um grande número de homens, não o permitiu.

Quando o viandante passa no fim do outono por uma terra destituída de todos os seus produtos, encontra às vezes ainda em uma ou outra árvore algum fruto esquecido pelo trabalhador, e esses restos de uma fertilidade desaparecida bastam-lhe para fazer uma idéia dos campos que atravessa. Do mesmo modo a Providência, deixando oculta nas sombras do passado a mocidade de seu servo Domingos, quis todavia que a história conservasse dela alguns traços, relações incompletas mas comovedoras de uma alma, onde a pureza, a graça, a inteligência, a verdade e todas as virtudes eram um efeito do amor de Deus e dos homens singularmente prematuro.

Domingos chegara aos vinte e cinco anos sem que Deus lhe tivesse ainda manifestado os seus desejos sobre ele. Para o mundano a vida é apenas um espaço de tempo que se deve percorrer o mais devagar possível pelo caminho mais suave. O cristão, porém, não a encara assim. Ele sabe que todo homem é um vigário de Jesus Cristo que pelo sacrifício de si próprio deve concorrer para a redenção da humanidade e que, na distribuição dessa grande obra, cada qual tem, desde toda a eternidade, o seu lugar marcado, que pode aceitar ou recusar. Sabe que se desertar voluntariamente do posto que a Providencia lhe destinou no exército das criaturas úteis, esse será dado a uma outra mais digna, ficando ele abandonado à sua própria direcção na estrada larga e curta do egoísmo. São estes os pensamentos que preocupam o cristão cuja predestinação ainda lhe não foi revelada e, convencido de que o meio mais seguro de a conhecer é o próprio facto de desejar cumprí-la, seja ela qual for, está sempre preparado para tudo quanto a Deus aprouver. Não descursa nenhuma das funções necessárias à república cristã, porque em qualquer delas se podem encontrar três coisas das quais depende o seu verdadeiro valor: a vontade de Deus que as impõe, o bem que resulta do seu fiel cumprimento e a dedicação de coração de quem está incumbido delas. Crê mesmo firmemente que as menos honrosas não são as menos elevadas, e que a coroa dos santos nunca vem mais direita do céu do que quando pousa sobre uma fronte pobre, encanecida na humildade voluntária de uma vida trabalhosa. Pouco lhe importa pois qual o lugar que Deus lhe marque; basta-lhe saber qual é a sua vontade.

Ora, Deus preparara para o jovem Domingos um mediador digno dele, que não somente lhe manifestaria a sua vocação, mas também lhe abriria as portas da sua futura carreira e conduzi-lo-ia por caminhos inesperados para o teatro onde o esperava a Providência.

Entre os meios de reforma a que se recorriam para levantar a disciplina eclesiástica havia um particularmente recomendado pelos soberanos pontífices, que vinha a ser o estabelecimento da vida em comum para o clero. Os apóstolos assim viveram e o seu imitador Santo Agostinho deixou, sobre este assunto, a célebre regra conhecida pelo seu nome. A vida em comum não é outra coisa senão a vida de família e do amor levada ao mais alto grau de perfeição, e é impossível que se observe fielmente sem inspirar aos que a ela se dedicam aqueles sentimentos de fraternidade, pobreza, paciência e abnegação que são a alma do cristianismo.

Havia aproximadamente século e meio que se dava aos padres que se sujeitavam a esse modo de vida, o nome de cônegos regrantes. Estes não constituíam um corpo único sob um chefe único, mas cada casa tinha o seu prior que não dependia senão do bispo. Devemos, contudo, excetuar a ordem dos cônegos regrantes de Premontre, fundada em 1120 por S. Norberto.

Ora, o bispo de Osma, Martinho de Bazan, ansioso por contribuir para a reabilitação da Igreja, convertera recentemente os cônegos da sua catedral em cônegos regrantes e, sabedor de que na Universidade de Valência existia um mancebo de raro mérito procedente da sua diocese, concebeu a esperança de o agregar ao seu cabido, assim como aos seus projetos de reforma.

Encarregou desse negócio o homem que mais o tinha secundado na difícil obra que acabava de realizar, um homem já ilustre pela sua ciência e pelo encanto venerável da sua vida, e que mais tarde juntou a estas qualidades, comuns a muitos, um título a que nenhum tem direito senão ele. Há seis séculos que o espanhol D. Diogo de Azevedo jaz sepultado debaixo de uma lousa que eu nem sequer vi e, contudo, não pronuncio o seu nome senão com um respeito que me entenece. Porque foi ele o mediador escolhido por Deus para iluminar e dirigir o patriarca de uma dinastia da qual sou filho e, percorrendo a longa série de meus antepassados espirituais, encontro-o entre S. Domingos e Jesus Cristo.

A história nada nos diz das primeiras entrevistas de D. Diogo, com o jovem Gusmão, porém fácil será adivinhá-las pelo seu resultado. Aos vinte e cinco anos uma alma generosa anela por sacrificar a sua vida. Implora do céu e da terra uma grande causa onde possa empregar uma grande dedicação. O amor e a força superabundam nela. E se isso se dá com uma alma cuja energia provém de um natural feliz, quanto mais se não dará com uma na qual o cristianismo e a natureza, correm juntos como dois rios virgens de onde nunca se desvia uma única gota em vãs paixões! E' pois sem dificuldade que reproduzo no meu espírito a entrevista de D. Diogo com o nobre estudante de Valência. Em breves momentos ensinou-lhe o que se não aprende nos livros nem nas universidades: o estado de luta no mundo entre o bem e o mal, as chagas profundas feitas à Igreja, a tendência dos negócios e, finalmente, tudo o que constitui o secreto elemento de um século. Domingos, iniciado nos males do seu tempo por um homem que os compreendia, decerto sentiu necessidade de contribuir com o tributo do seu corpo e da sua alma à cristandade enferma. Viu num relance qual o seu lugar e o seu dever. Viu-os no sacerdócio segundo a ordem de Melchisedech e seguindo a Jesus Cristo, Salvador único do mundo, princípio único de toda a verdade, de todo o bem, de toda a graça, de toda a paz, de toda a dedicação e cujos inimigos são os eternos inimigos do gênero humano, sob qualquer nome que se apresentem.

Viu que esse sacerdócio divino, aviltado por muitas mãos indignas da sua consagração, necessitava de se reabilitar perante Deus e perante o povo, e que o não podia ser senão pelo ressurgimento das virtudes apostólicas naqueles que dele estavam revestidos e incumbidos. E como o primeiro passo para qualquer reabilitação consiste em fazermos nós mesmos o que desejamos ver fazer aos outros, o herdeiro dos Gusmões consagrou a sua vida a Deus no cabido reformado de Osma, sob a direcção de D. Diogo, que era então o seu prior.

"Começou logo",

diz o bem aventurado Jordão de. Saxe,

"a brilhar entre os cônegos, seus irmãos, como um facho ardente, o primeiro pela sua santidade, o ultimo pela humildade do seu coração, espalhando em torno de si um aroma de vida que dava vida, e um perfume semelhante ao incenso nos dias de estio. Seus irmãos admiram uma santidade tão sublime; nomeiam-no seu sub-prior para que, em uma mais alta posição, fossem mais visíveis e mais eficazes os seus exemplos.

Ele, entretanto, desabrochando como um oliveiral e elevando-se como um cipreste, permanecia na igreja dia e noite sem descanso, entregue à oração, mal saindo fora do convento, receoso de perder um único momento da sua contemplação.

Deus concedera-lhe a graça de chorar pelos pecadores, pelos aflitos e desgraçados; trazia os males dos outros num santuário intimo de compaixão e esse doloroso amor, comprimindo-lhe o coração, expandia-se em lágrimas.

Tinha por costume, raras vezes interrompido, apenas cerrada a porta, de passar a noite em oração e em conversa com Deus".

"Ouviam-se às vezes o som de vozes e uns como rugidos, que lhe saíam da alma e que ele não podia conter.

Uma súplica que ele, repetidas vezes e de um modo especial dirigia a Deus, era que lhe desse uma verdadeira. caridade, um amor que tudo sofresse pela salvação dos homens, persuadido que nunca seria verdadeiramente um membro de Cristo enquanto se não consagrasse inteiramente, segundo as suas forças, à conquista das almas, a exemplo do Salvador de todos, Nosso Senhor Jesus Cristo, que se imolou sem restrição pela nossa salvação.

Tinha por costume ler um livro, intitulado de `As Conferencias dos Padres', que trata igualmente dos vícios e da perfeição espiritual, e com essa leitura esforçava-se por aprender e seguir sempre o trilho do bem.

Esse livro, com o auxilio da graça, elevou-o a uma pureza extrema de consciência, a uma abundante

clareza na contemplação, e a um grau altíssimo de perfeição".

Vida S. Domingos,
1, 8 ss

A providência não se apressou com o que dizia respeito a Domingos, embora a sua vida devesse ser curta. Durante nove anos deixou-o em Osma preparando-se para a missão, ainda então desconhecida, que ele havia de desempenhar. Nesse intervalo, em 1201, D. Diogo de Azevedo sucedeu na sede episcopal a Martinho de Bazan. Pouco mais ou menos pela mesma época, começou Domingos a anunciar ao povo a palavra de Deus, sem contudo se afastar muito de Osma e, provavelmente, continuou nesse ministério, sobre o que se não possui pormenor algum, até 1203, época solene em que saiu de Espanha e sem saber se dirigiu, tendo então trinta e quatro anos, para o ponto do seu destino.

Termina aqui a gênese de S. Domingos, isto é, a sequência de coisas que formaram o seu corpo e a sua alma, e o prepararam para o fim providencial que ele havia livremente de cumprir. Todo homem tem a sua gênese particular, proporcionada ao seu serviço futuro no mundo, cujo conhecimento se nos torna necessário para o compreendermos bem. A amizade descobre-nos essas profundas dobras em que se ocultam os mistérios do passado e do futuro; a confissão no-los revela, porém, com um fim diverso; a história procura penetrá-los, para se apoderar dos acontecimentos na sua origem primária e ligar-lhes o fio à mão daquele que criou os germens e, sob inúmeras formas, neles deposita o bem. Domingos, que Deus chamara a fundar uma nova ordem que havia de edificar a Igreja pela, pobreza, pela pregação e pela ciência divina, teve uma gênese em manifesta relação com essa predestinação. Nasce de uma família ilustre, porque a pobreza voluntária é mais admirável naquele que despreza uma fortuna e uma posição já adquiridas. Nasce em Espanha, longe do país que há de vir a ser o teatro do seu apostolado, porque um dos maiores sacrifícios do apóstolo é abandonar a sua pátria para levar a luz da verdade a nações cuja língua ele próprio ignora. Passa no interior de uma universidade os dez primeiros anos da sua mocidade para ali adquirir a ciência necessária às funções evangélicas e transmitir à sua Ordem a sua estima por elas e a sua perfeição. Durante mais nove anos, sujeita-se às práticas da vida em comum para se tornar conhecedor da sua organização, das suas dificuldades e das suas virtudes, com o fim de mais tarde não impor a seus irmãos senão o jugo a que ele próprio por largo tempo se submetera. Concede-lhe Deus desde o berço o instinto e a graça de habituar o corpo a uma vida áspera, pois como poderia o apóstolo suportar a fadiga das viagens, o calor, o frio, a fome, a prisão, os golpes e a miséria, se não tivesse desde muito novo sujeitado o seu corpo ao mais duro tirocínio? Dá-lhe Deus também um gosto precoce e ardente pela oração, porque a oração é o ato onipotente que põe as forças do Céu à disposição do homem. O céu é inacessível à violência; só a oração o faz baixar à terra. Acima de tudo, porém, recebe Domingos o dom sem o qual de nada valem os outros, o dom de uma caridade imensa que o impele, dia e noite, a dedicar-se à salvação de seus irmãos, e o torna sensível, a ponto de derramar lágrimas, às suas tribulações. Finalmente Deus envia-lhe, para o iniciar aos mistérios do seu século, um homem de rija ténpera, que vem mais tarde a ser o seu amigo, seu bispo e seu introdutor, como veremos, em França e Roma. Estes factos, pouco numerosos, mas seguidos e profundos, entretecem-se lentamente em um círculo de trinta e quatro anos e formado por eles Domingos chega, sem mácula, à mais formosa virilidade que

um homem temente a Deus pode ambicionar.

CAPÍTULO III. Chegada de S. Domingos a França. A sua primeira viagem a Roma. Entrevista em Montpellier.

Por esse tempo, o rei de Castela Afonso VIII, teve idéia de casar seu filho com uma princesa da Dinamarca. Escolheu como negociador o bispo de Osma, o qual, levando consigo Domingos, partiu nos fins do ano de 1203 para o norte da Alemanha. Ambos, ao atravessarem o Languedoc, puderam constatar os progressos assustadores dos Albigenses, e os seus corações sentiram-se profundamente contristados.

Chegados a Toulouse, onde só tencionavam ficar uma noite, S. Domingos descobriu que o dono da hospedaria, onde pernoitaram, era herege. Posto que a demora devesse ser curta, não quis que a sua passagem por ali fosse sem proveito para aquele homem pervertido que os alojara. Jesus Cristo dissera a seus apóstolos:

Quando entrardes em uma casa, saudai-a dizendo: A paz seja com esta casa. E se essa casa for digna, a paz descerá sobre ela; e se não for digna, a vossa paz recairá sobre vós.

Mat. 10,
12-13

Os santos que têm sempre presentes todas as palavras de Jesus Cristo e que conhecem o poder de uma bênção, embora dada a quem a ignora, consideram-se como enviados de Deus junto de qualquer pessoa que casualmente encontrem, e esforçam-se por não a abandonar, sem ter depositado na sua alma um gérmen de misericórdia.

Domingos não se contentou com orar secretamente pelo seu hospedeiro herético, passou a noite conversando com ele e a inesperada eloquência desse estrangeiro de tal modo tocou o coração do herege que ele, antes do romper do dia, voltou à antiga fé.

Operou-se então novo prodígio: Domingos movido pela conquista que acabara de fazer em favor da verdade, e pelo triste espetáculo dos estragos feitos pelo erro, teve, pela primeira vez, a idéia de criar uma ordem consagrada a defender a Igreja por meio da pregação. Esse plano repentino apossou-se dele e nunca mais o deixou.

Ao sair de França levava já elucidado o segredo da sua futura carreira, como se a França, ciosa de não haver produzido esse grande homem, tivesse conseguido de Deus que ele não pisasse debalde o seu solo, e que ao menos fosse ela quem desse o impulso definitivo à sua vida.

Chegados D. Diogo e Domingos, depois de muitas fadigas, ao termo da sua viagem, encontraram a corte de Dinamarca bem disposta a favor da aliança desejada por Castela. Voltaram incontinentemente a participar a noticia ao rei Afonso, partindo depois de novo, com grande aparato, afim de trazer a princesa para Espanha. Neste comenos, porém, morreu ela. Desligado D. Diogo da sua missão, mandou um mensageiro a El-Rei e dirigiu-se para Roma.

Não havia nesse tempo cristão algum que quisesse morrer sem primeiro ir colar seus lábios sobre o túmulo dos bem-aventurados apóstolos S. Pedro e S. Paulo. Até o pobre punha-se a caminho e ia a pé visitar essas longínquas relíquias e receber, ao menos uma vez, sobre sua fronte radiante, a benção do Vigário de Jesus Cristo. D. Diogo e Domingos ajoelharam-se juntos diante desse túmulo que governa o mundo, e ao erguer a fronte do chão foi-lhes dado ter um novo gozo, o maior que um cristão pôde sentir neste mundo, isto é, o de ver sobre o trono pontifical um homem digno de o ocupar: era Inocêncio III. Quais de resto os sentimentos que lhes inundaram a alma ao contemplarem o espetáculo da cidade universal, não nos diz a historia. Quem pela primeira vez visita Roma, penetrado da unção do cristianismo, e na flor da mocidade, conhece a emoção produzida por ela; os outros compreende-la-ão difficilmente, e eu aprecio sobremaneira a sobriedade desses antigos historiadores, que se calavam quando cessava o poder da palavra.

O bispo de Osma havia-se proposto implorar uma mercê do soberano pontífice. Resolvera abdicar o episcopado e consagrar o resto da sua vida a pregar a fé aos Cumanos, povos bárbaros estabelecidos nos confins da Hungria, e que se haviam tornado célebres pela ferocidade dos seus costumes. Inocêncio III recusou aceder a esse heróico desejo. D. Diogo insistiu para que lhe fosse ao menos permitido, conservando o seu bispado, ir evangelizar os infiéis; o Papa porém, persistiu na sua recusa e ordenou-lhe que regressasse à sua diocese.

Os dois peregrinos atravessaram pois de novo os Alpes, na primavera do ano de 1205, com a intenção de voltar imediatamente para Espanha. Cederam todavia ao devoto desejo de visitar de passagem um dos mais celebres mosteiros da cristandade e, fazendo uma volta, vieram bater à porta da abadia de Cister. A sombra de S. Bernardo pairava ainda sobre ela. Se ali já não existia a mesma pobreza, existiam contudo ainda uns restos de virtude assaz belos para que o bispo de Osma se sentisse perfeitamente encantado.

Significou aos religiosos o prazer que teria em revestir o seu hábito illustre. Concederam-lho, sem dificuldade, consolando-se ele um pouco, sob aquelas vestes monásticas, do desgosto que tinha tido de se não poder fazer missionário e ir para o meio dos selvagens. Domingos absteve-se de imitar nisto o seu amigo; voltou porém de Cister cheio de estima e afeição pelos religiosos daquela ordem.

Depois de uma breve demora no mosteiro puseram-se ambos de novo a caminho, sendo provável que descessem pelas margens do Saône e Ródano e assim chegassem aos subúrbios de Montpellier.

Achavam-se então reunidos dentro dos muros de Montpellier três homens que nessa época desempenharam um papel importante nos negócios da Igreja: eram Arnaldo, abade de Cister, Raul e Pedro de Castelnau, monges da mesma ordem. Tinha-os o Papa Inocêncio III nomeado delegados apostólicos nas províncias de Aix, Arles e Narbonne, com plenos poderes de procederem como julgassem proveitoso para a repressão da heresia. Porém a sua missão, que já durava havia um ano, não tinha tido resultado algum. O conde de Toulouse, senhor dessas províncias, protegia abertamente os hereges; os bispos negavam-se a auxiliar os delegados, uns por covardia, outros por indiferença e outros por serem eles próprios hereges. O clero incorrera no desprezo do povo, ao ponto de, observa Guilherme de Puy Laurens,

"o nome de eclesiástico se tornara proverbial como o

de judeu, de forma que em lugar de se dizer:

'Preferia ser judeu a fazer isso',

muitos diziam:

'Preferia ser eclesiástico'.

Quando os clérigos apareciam em público, tinham o cuidado de puxar o cabelo de traz para a testa, para esconderem a tonsura, que faziam a mais pequena possível. Raro era serem os filhos dos cavaleiros destinados por estes à carreira eclesiástica, apresentando porém os filhos de seus dependentes para as igrejas cujos dízimos lhes pertenciam, e conferindo os bispos as ordens em quem podiam".

Crônica, Prólogo

Inocência III não dissimulara aos seus legados a grandeza do mal. Em carta de 31 de maio de 1204, dizia-lhes:

"Aqueles que S. Pedro chamou a partilhar com ele a solicitude com que guarda o povo de Israel, não velam de noite sobre o rebanho: pelo contrário, dormem e retiram-se do combate, enquanto Israel luta com Madian. O pastor degenerou em mercenário; já não apascenta o seu rebanho, apascenta-se a si próprio; aproveita-se da lã e do leite das suas ovelhas; não se inquieta com os lobos que entram no redil, e não confronta como uma muralha os inimigos da casa do Senhor. Como mercenário que é, foge diante da perversidade que podia aniquilar e pela traição torna-se o protetor dela. Todos quase desertaram a causa de Deus e dentre os que ficam muitos lhe são inúteis".

Inocência III,
Carta LXXV, L.
VII

Os três legados eram homens de uma grande fé, e de um grande caráter. Abandonados, porém, por todos, não tinham podido proceder nem empregando a autoridade, nem por meio da persuasão. Nenhum de todos os bispos dessas províncias quisera juntar-se a eles para irem exortar o conde Raymundo VII a lembrar-se do glorioso papel que seus antepassados haviam representado. Não tinham tido melhor resultado as suas conferências com os hereges, opondo-lhes estes sempre como argumento o deplorável modo de vida do clero e recordando-lhes a palavra do Senhor:

"Pelos seus frutos os reconheceréis".

Mt. 7, 16

Estavam portanto bem desanimados, apesar da rija têtpera de sua alma, e sentiam amargamente que há encargos demasiado pesados para um homem quando os erros acumulados dão às paixões um poder demasiado grande contra a verdade. Era debaixo do peso desta impressão que estavam deliberando em Montpelier. A sua opinião unânime era que se enviasse ao soberano pontífice uma relação exata do estado das coisas

e que ao mesmo tempo resignassem nas suas mãos um cargo que lhes era impossível desempenhar com honra e proveito. O que aos homens parece porém desesperado não o é aos olhos de Deus. A Providência preparava havia mais de trinta anos uma resposta aos gemidos dos seus servos e aos insultos de seus inimigos e chegara a hora dessa resposta. Na própria ocasião em que os legados tomavam uma tão triste resolução souberam que D. Diogo de Azevedo, bispo de Osma, acabara de chegar a Montpellier. Imediatamente lhe mandaram rogar que viesse ter com elles. D. Diogo acedeu ao convite.

Cedo aqui a palavra ao bem-aventurado Jordão de Saxe:

"Os legados recebem-no com todas as honras e imploram o seu conselho, pois o tinham por um homem santo, prudente e cheio de zelo pela fé. Dotado como era de grande circunspecção e conhecedor dos decretos de Deus, começou por inquirir sobre os costumes e usos dos hereges. Fez-lhes notar que eles procuravam atrair gente para a sua seita pelos meios persuasivos, pela pregação e pelas aparências de santidade, enquanto que os legados se haviam rodeado de um grande e pomposo aparato, de servos, cavalos e ricos trajés. Disse-lhes então:

'Não é desse modo, meus irmãos, que deveis proceder. Parece-me impossível converter esses homens pela palavra, quando eles se firmam sobre o exemplo. Pelo simulacro da pobreza e da austeridade evangélicas é que eles seduzem os espíritos simples. Apresentando-lhe vós um espectáculo contrário, sois pouco edificantes, perdereis muitos e nunca conseguireis falar-lhes ao coração. Combatei o exemplo com o exemplo; oponde a uma fingida santidade, a verdadeira religião. Não se triunfa da impostura dos falsos apóstolos senão por uma humildade extraordinária. Foi esse o motivo que obrigou S. Paulo a patentear a sua virtude, as suas austeridades e os continuos perigos da sua vida, àqueles que diante dele se envaideciam do merecimento dos seus trabalhos'.

Disseram-lhe então os legados:

'Qual é pois o conselho que nos dais, excelso Padre?'

E ele respondeu-lhes:

'Fazei o mesmo que eu vou fazer'.

E logo, apoderando-se dele o espírito de Deus, chamou a gente do seu séquito e ordenou-lhes que voltassem para Osma com as suas equipagens e toda a pompa de que viera acompanhado.

Conservou apenas junto de si um pequeno numero de eclesiásticos, declarando que era a sua intenção fixar-se naquele país e trabalhar a favor da fé. Também reteve junto de si o sub prior Domingos, por quem tinha grande estima e igual afeição. Era esse Frei Domingos, primeiro fundador da Ordem dos

Pregadores, que desde então deixou de se chamar sub-prior, para se ficar chamando Frei Domingos; verdadeiro homem de Deus pela inocência da sua vida e pelo seu zelo em cumprir os mandamentos.

Os legados, movidos pelo conselho e exemplo assim dados, a tudo anuíram imediatamente. Despediram seus servos e bagagens, e guardando unicamente os livros de que careciam para a controvérsia, puseram-se a caminho, a pé, reduzidos a uma pobreza voluntária para, sob a direcção do bispo de Osma, começaram a pregar a verdadeira fé".

Vida S. Domingos
I, 16

Com que arte e paciência trabalhara Deus para chegar a este resultado. Nas margens de um rio espanhol recebem dois homens de idades diferentes a plenitude do espirito de Deus. Um dia encontram-se, atraídos um para o outro, pelo perfume das suas virtudes, quais duas preciosas árvores plantadas na mesma floresta inclinando-se uma para a outra, procuram entrelaçar-se. Quando já seus dias e pensamentos se confundiam, por efeito de uma longa amizade, uma determinação imprevista arranca-os do seu país, fá-los vaguear pela Europa, dos Pirineus ao Mar Báltico, do Tibre às colinas da Borgonha, chegando, sem o saberem, exatamente no momento de ser preciso dar a uns homens faltos de ânimo, apesar do seu grande coração, um conselho que muda a face das coisas, salva a honra da Igreja e lhe prepara, em um futuro próximo, uma legião de apóstolos! Por certo nunca os inimigos da Igreja leram a sua historia com atenção; se o tivessem feito, teriam nela observado a invisível fecundidade de seus recursos, e a oportunidade assombrosa dessa fecundidade.

A Igreja é semelhante a esse gigante, filho da terra, que das próprias quedas colhe novas forças; o infortúnio fá-la voltar às suas virtudes primitivas, recuperando o seu poder natural ao perder o poder artificial que o mundo lhe dera. O mundo não lhe pôde tirar senão o que ela recebeu dele, isto é, a riqueza, a nobreza do sangue, participação no governo temporal, privilégios de honra e protecção: vestes tecidas por mãos impuras, túnica de Déjanire que a Igreja nunca deve trazer junto ao seu corpo sagrado, mas vestir unicamente sobre o hábito da sua pobreza nativa. Se o ouro, em lugar de ser o instrumento da caridade e o adorno da verdade, alterar uma ou outra, forçoso é que deixe de existir; portanto o mundo, despojando a Igreja, não faz mais do que restituir-lhe a veste nupcial que lhe deu seu divino esposo e que ninguém lhe pôde tirar. Porque, como é possível roubar a nudez a quem a deseja? Como se pode tirar o nada a alguém que faz consistir nele o seu tesouro? É na renúncia voluntária que Deus põe a força da sua Igreja, e não há mão nenhuma humana que possa penetrar nesse abismo para lhe roubar o que quer que seja. Por esse motivo os mais hábeis perseguidores procuraram sempre antes corromper a Igreja do que espoliá-la. É esse o último grau de profundidade no mal e com uma astúcia de tal ordem tudo se perderia, se Deus alguma vez permitisse que a corrupção fosse universal. A corrupção, porém, gera a vida e a consciência renasce das suas próprias ruínas, circulo vicioso de que Deus tem o segredo e pelo qual Ele tudo governa...

Que situação mais desesperada se poderia conceber do que a situação religiosa do Languedoc em 1205 ? O seu príncipe era um herege fanático; a maior parte dos barões favoreciam a heresia; os bispos não

curavam dos seus deveres e alguns, tais como o bispo de Toulouse e o arcebispo de Auch, estavam manchados de crimes públicos; perdera-se todo o respeito pelo clero; dos católicos que haviam permanecido fiéis apenas existia um pequeno número; o erro zombava das desordens da Igreja, dando o espetáculo de uma virtude fictícia, e o desânimo apoderara-se daqueles mesmos que ainda conservavam uma fé inabalável num coração casto e forte. Basta, porém, ali chegarem dois cristãos para tudo se transformar. Conseguem reanimar a coragem dos legados da Santa Sé, desmascarar os hereges por meio de um apostolado pobre e austero, fortalecer as almas hesitantes, consolar as almas fortes e arrancar o episcopado à sua apatia.

Um bispo eminente toma posse da sede de Toulouse e ainda que a vitória não seja decisiva, é contudo considerável o bastante para manifestar de que lado se acha a razão, a retidão, o zelo, a dedicação e a realidade da causa divina que servem.

CAPÍTULO IV. Apostolado de S. Domingos desde a entrevista em Montpellier até o começo da guerra dos Albigenses. Fundação do convento de Notre Dame de Prouille.

Cumpriu-se sem demora o plano combinado entre os legados apostólicos e o bispo de Osma.

O abade de Cister partiu para a Borgonha onde tinha que presidir ao capítulo geral da sua ordem, prometendo que traria de volta consigo um certo número de trabalhadores evangélicos. Os dois outros legados, D. Diogo, Domingos, e alguns padres espanhóis andaram a pé, pela estrada de Narbonne e de Toulouse. No caminho, paravam nas cidades e povoações, conforme se sentiam inspirados pelo espírito de Deus, ou segundo as circunstâncias exteriores lhes faziam julgar serem proveitosas às suas práticas. Assim que resolviam evangelizar em algum ponto, demoravam-se ali o tempo proporcionado à importância do lugar e à impressão que produziam. Aos católicos pregavam nas igrejas e com os hereges tinham conferências nas casas particulares. O uso dessas conferências data de uma época muito remota. S. Paulo tinha-as freqüentemente com os judeus e Santo Agostinho com os Donatistas e os Maniqueus de África. Efetivamente se uma vontade obstinada é uma das causas do erro, talvez a ignorância seja a sua causa mais geral. A maior parte dos homens recusa a verdade unicamente porque a não conhece, porque a reproduz sob uns aspectos que nada têm de verdadeiro. É pois uma das funções do apostolado expor com clareza a verdadeira fé, separando-a das opiniões particulares que a obscurecem, deixando à mente do homem toda a liberdade que a palavra de Deus e a Igreja, sua intérprete, lhe deram. Porém esta exposição só se torna possível contanto que seja capaz de atrair aqueles que dela necessitam, e só pode ser completa contanto que se lhes conceda o direito de a discutir, assim como nós nos reservamos o direito de discutir a sua doutrina. É esse o fim que se quer atingir nas conferências, campo da honra onde alguns homens de boa fé desafiam outros homens de boa fé, onde a palavra é para todos uma arma igual e a consciência o único juiz.

Se, porém, o costume das confêrencias é antigo, houve todavia o que quer que fosse de novo e arrojado nas que se realizaram então com os Albigenses. Os católicos não se temiam de a miudo escolher como árbitro das discussões os seus próprios adversários e de se sujeitarem à sua opinião. Convidavam para presidir à assembléia alguns dos mais

notáveis hereges, declarando de antemão que aceitavam a sua decisão sobre o valor dos argumentos dos dois partidos. Esta confiança heróica deu-lhes bom resultado. Por diversas vezes tiveram a consolação de ver que não haviam contado demasiado sobre o coração humano, obtendo uma extraordinária prova dos recursos para o bem que nele se ocultam.

Uma das primeiras povoações onde pararam foi em Caraman, próximo de Toulouse. Aí anunciaram a verdade durante oito dias com tão bom resultado, que os seus habitantes quiseram de lá expulsar os hereges, acompanhando até uma grande distancia os missionários, quando eles se retiraram.

Sofreu aí o seu pequeno exercito uma redução pela partida do legado, Pedro de Castelnau, instado pelos seus amigos a retirar-se por causa do ódio especial que lhe tinham os hereges. A terceira estação teve lugar em Carcassone; outra em Verfeil nas imediações de Toulouse; outra em Fangeaux, pequena cidade situada sobre um monte entre Carcassone e Pamiers.

Tornou-se esta última celebre por um caso milagroso que ali se deu e que o bem-aventurado Jordão de Saxe narra do seguinte modo:

"Aconteceu realizar-se em Fangeaux uma grande conferência, na presença de grande numero de fiéis e infiéis que haviam sido convocados para assistir a ela. Os católicos tinham preparado vários relatórios contendo argumentos e citando autoridades a favor da sua fé; depois, porém, de os compararem uns com os outros, preferiram o que o bem-aventurado homem de Deus, Domingos, escrevera e resolveram contrapô-lo ao relatório que os hereges por seu lado apresentaram. De comum acordo escolheram três árbitros para decidirem qual o partido cujos argumentos seriam melhores e, por conseguinte, cuja fé era mais sólida. Depois de grandes discursos, não podendo os árbitros chegar a um acordo, lembraram-se de deitar no lume os dois relatórios para que, no caso de um deles ser respeitado pelas chamas, se convencessem de que esse era o que continha a verdadeira fé. Acenderam pois um grande lume e deitaram dentro os dois volumes. O dos hereges ardeu imediatamente e o outro, escrito pelo bem-aventurado homem de Deus, Domingos, não só se conservou intacto como também foi projectado pelas chamas para longe, na presença de toda a assembléia. Tornaram a deitá-lo uma segunda e terceira vez, repetindo-se o facto tantas vezes quantas foram precisas para ficar claramente manifesto em qual deles estava a verdadeira fé, e qual o grau de santidade daquele por quem o livro havia sido escrito".

Vida S. Domingos

I-20

A memória desse prodígio, conservada pelos historiadores, havia-a também perpetuado a tradição em Fangeaux, e em 1325 os habitantes dessa povoação pediram e obtiveram do rei Carlos o Formoso licença de comprar a casa onde se dera esse facto e ali levantar uma capela que os Soberanos Pontífices enriqueceram com varias mercês. Mais tarde em Montreal deu-se um milagre igual, mas esse passou-se secretamente

entre alguns hereges que se reuniram uma noite para examinar outro relatório do servo de Deus; tinham combinado ocultar esse prodígio, porém um deles que depois se converteu, tornou-o público.

Domingos, entretanto, observara que uma das causas do progresso da heresia era a habilidade com que os hereges tomavam conta da educação das jovens de nascimento ilustre, cujas famílias não tinham meios suficientes para lhes dar uma educação condigna com a sua posição. Pôs-se a pensar diante de Deus sobre os efeitos de remediar essa forma de sedução, e julgou que o conseguiria fundando um mosteiro destinado a receber jovens católicas que por seu nascimento e pobreza estivessem expostas aos laços armados pelo erro.

Havia em Prouille, aldeia situada na base dos Pirineus em uma planície entre Fanjeaux e Montreal, uma igreja dedicada à Virgem Santa, e célebre há muito tempo, pela veneração do povo por ela. Domingos tinha uma predilecção especial por Notre Dame de Prouille. Durante as suas excursões apostólicas parara ali muitas vezes para orar. Quer subisse, quer descesse os primeiros montes dos Pirineus, o Santuário de Prouille à entrada do Languedoc aparecia-lhe sempre como um retiro de esperança e consolação. Foi pois ali mesmo ao lado da igreja que ele fundou o seu mosteiro, com o consentimento e auxílio do bispo Foulques que fora muito recentemente elevado à sede de Toulouse. Foulques era um monge da ordem de Cister, conhecido pela pureza da sua vida e pelo ardor da sua fé; os católicos de Toulouse haviam-no eleito bispo, depois do seu predecessor Raymundo de Soberans ter sido destituído do episcopado, por um decreto do Soberano Pontífice. A sua elevação a uma sede tão importante causara uma alegria geral em toda a Igreja e quando o legado, Pedro de Castelnaud, que estava grave gravemente doente, teve conhecimento do caso, levantou-se na cama e, de mãos postas, deu graças a Deus. Não tardou que Foulques se afeiçoasse a Domingos e a D. Diogo. Favoreceu, tanto quanto pôde, a construção do mosteiro de Prouille, ao qual concedeu o gozo e, mais tarde, a propriedade da igreja de Santa. Maria, ao lado da qual S. Domingos o fizera edificar. Bérenger, arcebispo de Narbonne, havia-se-lhe antecipado nessa generosa proteção, concedendo às religiosas, quatro meses depois da sua clausura, a igreja de S. Martinho de Limoux, com todos os rendimentos anexos. Mais tarde, o Conde Simão de Monfort e outros católicos de distinção fizeram grandes doações a Prouille, que se tornou uma casa florescente e celebre.

Parecia que, uma graça especial a protegia sempre. A guerra civil e religiosa, que pouco depois rebentou, não se aproximou dos seus muros senão para os respeitar e, ao mesmo tempo em que roubavam igrejas, arrasavam mosteiros e a heresia armada ficava muitas vezes vencedora, algumas pobres jovens sem defesa oravam tranquilamente em Prouille, à sombra ainda tão recente do seu claustro. É que as primeiras obras dos santos possuem uma virgindade que comove o coração de Deus, e aquele que protege a frágil haste contra a tempestade vela sobre o berço das grandes coisas. Quais o hábito e as regras das Irmãs de Prouille, nesses primeiros tempos, não se sabe ao certo. Tinham à sua testa uma priora, sob a autoridade, porém, de Domingos, que conservou sempre a administração espiritual e temporal do mosteiro, para nunca separar as suas queridas filhas da ordem futura que já projetava, e para que fossem elas o seu primeiro ramo. Todavia, como os seus trabalhos apostólicos lhe não permitiam viver em Prouille, encarregou da administração temporal um habitante de Pamiers, que lhe era dedicado e se chamava Guilherme Claret. Encarregou igualmente da administração espiritual um ou dois. eclesiásticos, franceses ou espanhóis, cujos nomes se ignoram.

S. Domingos e os seus coadjutores habitavam numa parte do mosteiro fora da clausura, para que essa habitação, distinta sob o mesmo tecto, fosse uma garantia da unidade que havia de um dia existir entre as Irmãs e os Irmãos Pregadores, dois rebentos do mesmo tronco.

Concluídos todos os preparativos, a 27 de dezembro de 1206, dia de S. João Evangelista, Domingos teve a ventura de abrir as portas de Notre Dame de Prouille a várias senhoras e jovens que desejavam consagrar-se a Deus pelo seu intermédio.

Tais foram as primícias das instituições dominicanas. Começaram por um asilo a favor da triplíce fragilidade do sexo, do nascimento e da pobreza, assim como a redenção do mundo começou no seio de uma Virgem pobre e filha de Davi.

Notre Dame de Prouille, solitária e modesta, esperou ainda durante muito tempo junto à montanha pelos Irmãos e Irmã que viria a ter sem conta, e que levariam o seu nome até aos confins do mundo. Filha mais velha de um pai que avançava vagarosamente, sob a paciente direcção de Deus, ela crescia em silencio, honrando-se com a amizade de vários homens eminentes e como que embalada por eles. Domingos, que depois da conferencia de Montpellier largara o titulo de sub-prior de Osma para tomar o de frei Domingos, acrescentara então a essa humilde e suave qualificação a de Prior de Prouille, de modo que o chamavam frei Domingos, prior de Prouille.

Algum tempo depois desta fundação, estando Domingos a pregar em Fanjeaux e ficando, segundo o seu costume, em oração na Igreja, nove, senhoras da nobreza vieram-se-lhe lançar aos pés, dizendo:

"Servo de Deus socorrei-nos. Se o que pregaste hoje é verdadeiro, então há muito que o erro nos obscureceu a imaginação; porque aqueles a quem vós chamais hereges nós chamamos homens bons, neles temos acreditado até agora, a eles nos temos afeiçoado com todo o coração. Não sabemos agora o que havemos de pensar. Servo de Deus, tende pois compaixão de nós e rogai ao Senhor vosso Deus nos faça conhecer a fé na qual devemos viver, morrer e ser salvas".

Domingos, continuando a orar baixo, depois de um certo tempo, disse-lhes:

"Tende paciência, esperai e nada receeis. Creio que Deus, que não deseja a perda de ninguém, vos quer mostrar o amo que tendes até agora servido".

Efectivamente viram de repente aparecer o espírito do erro e do ódio, sob a figura de um animal imundo, dizendo-lhes Domingos para as tranquilizar:

"Podeis julgar, por esta figura que Deus vos fez ver, a quem seguís, seguindo os hereges".

B. Humberto
Vida S. Domingos,

Essas mulheres dando, graças a Deus, converteram-se logo

irrevogavelmente à fé católica; muitas delas mesmo se consagraram a Deus no mosteiro de Prouille.

Na primavera do ano de 1207 teve lugar, em Montreal, uma confêrencia entre os Albigenses e os Católicos. Estes escolheram, entre os seus adversários, quatro árbitros aos quais uns e outros entregaram relatórios sobre os assuntos em controvérsia. A discussão pública durou quinze dias depois do que os árbitros retiraram-se sem se quererem pronunciar. A consciência fazia lhes sentir a superioridade dos católicos, não lhes inspirando, porém, a coragem necessária para se declararem contra o seu partido.

Contudo, cento e cinquenta homens, abjurando a heresia, voltaram ao seio da Igreja. O legado Pedro de Castelnau assistira a essa confêrencia. Pouco depois chegavam igualmente a Montreal o abade de Cister, outros doze abades da mesma ordem, e cerca de vinte religiosos, todos homens de coragem, versados nas coisas divinas e de uma santidade de vida digna da missão que vinham desempenhar. Tinham partido de Cister depois da reunião do capítulo geral e tinham-se posto a caminho sem trazerem consigo nada mais do que o estrito necessário, conforme a recomendação do bispo de Osma. Este reforço reanimou a coragem dos católicos. Depois de dois anos de trabalho chegavam finalmente a ver o fruto dos seus esforços e sentiam que não haviam contado debalde com o auxílio prometido a todos os que trabalham ao serviço de Deus com uma dedicação sincera. A província de Narbonne fora evangelizada de um extremo ao outro, muitas conversões haviam-se conseguido, o orgulho dos hereges fora humilhado por virtudes que excediam as suas forças, e os povos atentos a este movimento compreendiam, enfim, que a Igreja católica não estava para morrer. O episcopado reabilitara-se na pessoa de Foulques; Navarre, bispo de Conserans, imitava-o e aqueles dentre os seus colegas que tinham apenas sido fracos acordavam do seu antigo torpor. A construção do mosteiro de Prouille incutiu animo na nobreza pobre e católica. Porém o maior resultado ainda era o haverem se juntado tantos homens eminentes pelas suas virtudes, ciência e caráter num comum pensamento, o do apostolado, e de terem dado a esse apostolado recente uma consistência inesperada. Contudo, faltava ainda a verdadeira unidade a esses elementos regidos por quatro diferentes autoridades: a dos legados, a dos bispos, a dos abades de Cister, e a dos espanhóis. Por conseguinte, pois, a miúdo se tratava da necessidade de fundar uma ordem religiosa cujo encargo especial fosse pregar, havendo a chegada dos Cistercienses a Montreal, confirmando tudo o que estava feito, suscitado neles um desejo ainda mais forte de continuar para diante. Quem no fundo era o chefe dessa empresa era o bispo de Osma ainda que, na sua qualidade de simples bispo, ele fosse inferior aos legados e, como bispo estrangeiro, dependesse no tocante à sua ação espiritual dos prelados franceses. Fora ele, porém, que pelos seus conselhos dera o impulso no momento em que estavam perdidas todas as esperanças; fora ele o primeiro a pôr mãos à obra, sem nunca olhar para trás; tinha chegado mesmo a conseguir a afeição dos hereges que diziam dele

"que era impossível que um homem como ele não houvesse sido predestinado para a vida e que lhes fora por certo enviado para lhes ensinar a verdadeira doutrina".

B. Jordão Saxe
Vida S. Domingos
I, 1

Numa palavra, essa força secreta, que distingue os homens,

elevara-o acima de todos. Resolveu então voltar para a Espanha, por em ordem os negócios da sua diocese e angariar socorros a favor do convento de Prouille, que estava muito necessitado, trazer consigo para França novos trabalhadores e tirar todo o proveito da situação a que as coisas tinham chegado. Tomada essa resolução, tomou a pé o caminho de Espanha.

Ao entrar em Pamiers, D. Diogo encontrou o bispo de Toulouse, o de Conserans e um grande número de abades de diferentes mosteiros que, tendo tido conhecimento da sua partida, vinham saudá-lo. A sua presença deu lugar a uma célebre questão com os Valdenses que reinavam em Pamiers, sob a protecção do conde de Foix. O conde convidara os hereges e os católicos por turnos a jantar e oferecera-lhes o seu palácio para aí celebrarem a conferência. Os católicos escolheram por árbitro um dos seus adversários mais declarados, que também pertencia à primeira nobreza da cidade.

O resultado foi muito além do que se esperava. Arnaldo de Campranham, o árbitro designado, deu a sua decisão a favor dos católicos e abjurou a heresia; um outro herege de distinção, Durand de Huesca, não contente em converter-se à verdadeira fé, abraçou a vida religiosa na Catalunha, para onde se retirara, vindo a ser o fundador de uma nova congregação, sob o nome de católicos pobres.

Estas duas abjurações, que não foram as únicas, agitaram profundamente a cidade de Pamiers, e foram ocasião para os católicos de grandes provas de regozijo e estima da parte do povo. Depois deste triunfo que coroava dignamente o seu apostolado, D. Diogo despediu-se de todos os que se haviam ali reunido para lhe prestarem homenagem à sua saída de França. Não se sabe se Domingos o acompanhara até ali; talvez houvesse sido em Prouille a sua separação e seria sob esse teto tão querido que os seus olhos se contemplaram pela última vez, porque Deus, nos seus desígnios impenetráveis, decidira que os seus olhares nunca mais se haviam de cruzar sobre a terra.

D. Diogo atravessou os Pirineus e Aragão, sempre a pé. Chegou a Osma, tomou novamente posse da sua cadeira, vaga por ele há três anos, e quando se dispunha a sair novamente da sua pátria, Deus chamou-o para a cidade permanente dos anjos e dos homens. O seu corpo foi sepultado em uma igreja da sua sede episcopal com esta breve inscrição:

"Aqui jaz Diogo de Azevedo, bispo de Osma,
falecido no ano de 1245".

A data se explica pelo fato de que a era dos espanhóis havia começado trinta e oito anos antes da era cristã. Esta morte, anunciada à posteridade com tão pouca pompa, teve todavia consequências, provando claramente que acabara de desaparecer um grande homem. Apenas chegou a noticia além dos Pirineus, desfêz-se imediatamente o trabalho heróico cujos elementos ele reunira. Os abades e religiosos de Cister voltaram para os seus mosteiros; a maior parte dos espanhóis, que D. Diogo deixara sob a direção de Domingos, regressaram a à Espanha; dos três legados, Raul acabava de falecer, Arnaldo apenas se evidenciara um momento e Pedro de Castelnau estava na Provença, em vésperas de morrer às mãos de um assassino. Restava então apenas um só homem alimentando a antiga idéia de Toulouse e Montpellier, homem novo ainda, estrangeiro, sem autoridade, que sempre havia figurado no segundo plano, não podendo de repente suprir a falta de um homem como Azevedo, em quem o episcopado,

a antiguidade e a fama confirmavam o talento e virtude. Tudo quanto Domingos pôde fazer foi não sucumbir ao peso horrível dessa perda e permanecer firme sob o golpe que o privava de um tal amigo.

Foram-lhe necessários oito anos de trabalhos para preencher esse vácuo, nunca havendo homem nenhum que tivesse de gravitar mais penosamente para chegar ao seu fim e que depois o atingisse com mais assombrosa rapidez.

O túmulo de Azevedo foi glorificado por vários milagres. Mais tarde, na mesma igreja em que repousam os seus restos, levantou-se uma capela a S. Domingos e a piedade religiosa reuniu-os transportando o corpo de um sob a imagem do outro. Mas como se Domingos não pudesse suportar o ver a seus pés aquele que fora o seu mediador sobre a terra, uma mão reverente retirou dali a cabeça veneranda onde haviam residido as idéias do seu amigo e deu-a ao convento dos Frades Pregadores de Málaga. Apesar destas homenagens, a memória de Azevedo nunca igualou os seus méritos.

A França apenas o viu de passagem, a Espanha possuiu-o demasiado pouco, e ele morreu sem ter levado a cabo coisa alguma.

Deus destinara-o apenas a ser o precursor de um homem ainda mais santo e mais extraordinário do que ele. Missão difícil, que supõe um coração completamente desinteressado. Azevedo desempenhara essa missão com a mesma simplicidade com que atravessava a pé os Pirineus: nunca pensava em si, porém a posteridade de S. Domingos conserva dele uma recordação tão grande como a sua humildade, e eu separo-me aqui dele com o respeito de um filho que acaba de cerrar os olhos a seu pai.

Com a morte do bispo de Osma, todos se dispersaram. Domingos viu-se, pois, quase só. Os dois ou três cooperadores que o não haviam desamparado apenas se lhe conservavam fiéis pela sua boa vontade, e podiam de um momento para o outro abandoná-lo. Pouco depois novo infortúnio maior do que a solidão concorreu para agravar a sua situação; uma guerra terrível veio aumentar-lhe a sua amargura e dificuldades.

O legado Pedro de Castelnau muitas vezes dissera que a religião nunca mais tornaria a florescer no Languedoc enquanto esse país não fosse regado com o sangue de algum mártir, e pedia ardentemente a Deus que lhe concedesse a graça de ser ele essa vítima. Realizaram-se os seus desejos. Dirigira-se para Saint-Gilles a convite expresso do conde de Toulouse que ele outrora havia excomungado e que queria, dizia ele, reconciliar-se sinceramente com a Igreja. O abade de Cister acompanhava o seu colega a essa entrevista, à qual ambos iam com um extremo desejo de paz. O conde, porém, zombou deles, parecendo que o seu intento era obter, pelo terror, que a excomunhão lhe fosse levantada, porque ameaçou os legados de morte se ousassem sair de Saint-Gilles sem o absolverem.

Desprezaram os legados a sua cólera e retiraram-se acompanhados de uma escolta que lhes concederam os magistrados da cidade. Passaram essa noite nas margens do Ródano e, no dia seguinte, despedindo-se das pessoas que os acompanhavam, dispunham-se a atravessar o rio. Foi então que dois homens se aproximaram e um deles enterrou uma lança no corpo de Pedro de Castelnau. O legado, ferido de morte, disse ao seu assassino:

"Que Deus vos perdoe; quanto a mim perdoo-vos!"

Pedro de
Vaulx-Cernay
Histoire des
Albigeois, VIII

Repetiu umas poucas vezes estas palavras, teve ainda tempo de exortar os seus companheiros a servir a Igreja sem temor nem descanso; e exalou o ultimo suspiro. O seu corpo foi transportado para a abadia de Saint-Gilles. Fora assassinado a 15 de Janeiro de 1208.

Este assassinato foi o sinal de uma guerra, em que Domingos não tomou parte alguma, e que para ele não foi senão a origem de muitas tribulações no exercício do seu apostolado. Contudo, como os factos dessa guerra estão ligados aos da sua vida, torna-se necessário que eu aqui descreva rapidamente a sua história.

CAPÍTULO V. Guerra dos Albigenses.

A guerra é o ato pelo qual um povo resiste à injustiça ainda que à custa do seu próprio sangue. Mas a guerra, assim como as mais santas coisas, pode-se desviar do seu fim e tornar-se um instrumento de opressão. Eis o motivo por que para se poder julgar do seu caráter num qualquer caso especial, precisamos conhecer o seu fim.

Até as cruzadas, a defesa do território e do governo legítimo de cada povo ocupava quase exclusivamente e avigorara a santidade das armas. O soldado morria nas fronteiras da pátria e este nome era o que mais exaltava o seu coração no momento do combate. Quando porém Gregório VII começou a despertar na mente dos seus contemporâneos a idéia de uma república cristã, alargou-se o horizonte da dedicação assim como o da fraternidade. Nasceu a cavalaria; a guerra tornou-se não somente um serviço cristão como também um serviço monástico. Tornou-se claro que toda alma batizada ficava sendo a serva do direito contra a força. Como o caçador armado e pronto presta o ouvido junto a uma árvore procurando saber de que lado está o vento, assim a Europa de então, de lança em riste e com o pé no estribo, applicava toda a sua atenção em ver de que lado partia o som da injúria. Quer ele partisse do trono, quer da torre de um simples castelo, quer fosse preciso atravessar os mares para a alcançar, quer se achasse só à distancia que um cavalo percorre, ninguém se deixava prender nem pelo tempo nem pelo lugar, nem pelo perigo, nem pela dignidade.

Entre as causas fracas que a cavalaria cristã tomara sob a sua proteção uma havia, entre todas sagrada, e essa era a da Igreja. Não possuindo a Igreja nem soldados nem muralhas para se defender, estivera sempre à mercê dos seus opressores. Qualquer príncipe que lhe quisesse fazer mal, podia fazer-lho impunemente. Apenas, porém, se constituiu a cavalaria, logo tomou sob a sua protecção a cidade de Deus; porque em primeiro lugar a cidade de Deus era fraca, e depois porque a causa da sua liberdade era a causa própria do gênero humano. Estou persuadido de que hoje não existe pessoa alguma incapaz de apreciar esta ordem de sentimentos. A glória do nosso século, entre as suas muitas misérias, está no conhecimento de que existem interesses mais altos, mais universais do que os interesses da família e da nação. Qual o francês que não acompanharia com os seus votos, se não com a sua pessoa, um exército de cavaleiros atravessando a Europa em socorro da Polônia? Qual o francês, mesmo descrente, que não conta entre os crimes de que sofre esse illustre país, a violência

feita à sua religião, os seus bispos e padres exilados, a espoliação dos mosteiros, o roubo das igrejas e o martírio das consciências? Se a prisão arbitrária e o encarceramento do bispo da Polônia causaram uma tão viva comoção na Europa moderna, qual não seria a da Europa do século treze ao saber que um embaixador apostólico fora morto à traição com um golpe de lança?

Não era contudo este o primeiro acto de tirania de que a cristandade tinha de pedir contas ao Conde de Toulouse. Havia muito tempo que nos países dependentes do seu domínio não existia segurança alguma para os católicos. Os seus mosteiros eram destruídos, as suas igrejas saqueadas e muitas transformadas por ele em fortalezas. Foram expulsos das suas sedes os bispos de Carpentras e de Vaison, e os católicos não conseguiam nunca que ele lhes fizesse justiça contra os hereges; todas as empresas do erro se colocavam sob a sua protecção, e ele ostentava pela religião esse insigne desprezo que, já por si, é num príncipe uma tirania. Um dia em que o bispo de Orange lhe veio suplicar que poupasse os Lugares Santos e que pelo menos se abstinésse nos domingos e dias santificados de praticar aqueles crimes com que se não cansava de oprimir a provincia de Arles ele, pegando na mão direita do prelado, disse-lhe:

"Juro por esta mão que não respeitarei nem os domingos nem os dias santificados, e que não pouparei nem as pessoas nem as coisas eclesiásticas."

Cartas de Inocência III
L.10, c.69

Por esse tempo infestavam a França tropas sem serviço regular, que reunindo-se em bandos numerosos, enchiam as estradas de roubos e assassinatos. Perseguidos por Felipe Augusto, encontravam nas terras do conde de Toulouse, seu vassallo, impunidade certa, devido ao ardor com que cooperavam nas suas empresas com as suas rapinagens e sacrílegas crueldades. Roubavam dos tabernáculos os vasos sagrados, profanavam o corpo de Jesus Cristo, arrancavam às imagens santas os seus ornamentos para com eles enfeitarem mulheres perdidas; arrasavam as igrejas, espancavam e feriam os padres, a muitos esfolaram vivos. Uma horrenda traição do príncipe deixava os seus súditos sem defesa contra uma tal perseguição de assassinos. Quando por último o conde de Toulouse, depois de tantos crimes de que fôra autor ou cúmplice, recebeu como amigo e cobriu de favores o assassino de Pedro de Castelnau, excedeu os limites e chegou o momento em que a tirania, devido aos seus próprios excessos, sucumbe por força.

Enganamo-nos muito todavia se supomos que era fácil à cristandade vencer o conde de Toulouse. A sua posição era formidável, como bem o provaram os factos. Raimundo VII morreu vitorioso sobre os seus inimigos depois de quatorze anos de guerras; legou o patrimônio de seus antepassados a seu filho, que o conservou até morrer, e este grande domínio só se veio a reunir à coroa de França pelo casamento de um irmão de S. Luiz com a filha única do conde Raimundo VII. A força desta casa provinha de muitas causas. Tomara grandes raízes no país pela sua antiguidade e uma bem merecida illustração a recomendava ao afeto dos povos. A heresia, tornando-se quase geral, formara entre o príncipe e os seus súditos um novo laço que à medida que os apartava do resto da cristandade dava às suas relações comuns a força de uma liga religiosa. Os vassallos de todas as categorias participavam nos erros do seu suserano e a cobiça dos bens do clero fortalecia a sua comunidade de idéias pela comunidade de interesses. O resto dos

católicos não eram nem bastante fervorosos nem em numero suficiente para enfraquecerem esse feixe tão unido de que o conde de Toulouse era o laço. Ele tinha além disso por fiéis aliados da sua causa os condes de Foix e de Comminges, o visconde de Béarn, o rei de Aragão Pedro II, cuja irmã desposara, e sentia-se ao abrigo do lado de Guienne de que estavam de posse os Ingleses. Felipe Augusto seu suserano, entretido com as suas disputas com a Inglaterra e com o Império, não podia ser o chefe da cruzada e, faltando-lhe este chefe, o único a temer, o exército dos cruzados composto de bandos desunidos não podia esperar senão vitórias passageiras e uma desorganização natural, ainda mais rápida do que as derrotas. Senhor de toda a linha dos Pirineus, tendo na retáguarda Aragão a defendê-lo, à direita e à esquerda dois mares inofensivos e, de roda, um grupo de cidades fortes todas defendidas por vassallos dedicados, o conde Raimundo tinha mil probabilidades de levar sempre vantagem aos seus inimigos. A guerra dos albigenses era pois uma guerra séria, em que as dificuldades morais excediam mesmo as dificuldades estratégicas. Pois, que se podia fazer desse país quando se estivesse senhor dele? Veremos o raro e magnânimo bom senso de Inocência III, continuamente avisado do abismo que ali existia, e um valente capitão, ao princípio vitorioso, succumbir ao peso das suas angústias, antes de encontrar a morte do soldado.

Assim que Inocência III teve conhecimento do assassinato de Pedro de Castelona, dirigiu uma carta aos nobres, aos condes, barões e cavaleiros das províncias de Narbonne, Arles, Embrun, Aix e Viena, em que depois de descrever eloqüentemente a morte do seu legado, declarava o conde de Toulouse excomungado, desligados os seus vassallos e súditos do juramento de obediência, a sua pessoa e os seus estados condenados pela cristandade. Previra todavia o caso em que o conde se arrependesse dos seus crimes e deixava-lhe uma porta aberta para, querendo, se reconciliar com a Igreja. Essa carta tem a data do dia 10 de março de 1208. O Soberano Pontífice escreveu em iguais termos aos arcebispos e bispos das mesmas províncias, ao arcebispo de Lião, ao de Tours, e ao rei de França. Associou ao abade de Cister, o seu único legado sobrevivente, Navarre bispo de Conserans, e Hugues, bispo de Riez, e encarregou particularmente o abade de Cister de com os seus religiosos pregar a cruzada. Tratara-se dos preparativos durante o resto do ano e da primavera do ano seguinte.

Entretanto, assustado com o que se estava passando, e sabendo que os bispos da província de Narbonne haviam delegado ao papa os seus colegas de Toulouse e de Conserans para o informarem detalhadamente dos sofrimentos das suas Igrejas, o conde Raimundo, por seu lado, enviou a Roma o arcebispo de Auch, e o antigo bispo de Toulouse, Rabenstens, encarregados de fazerem amargas queixas do abade de Cister e de dizer ao Soberano Pontífice que seu amo estava pronto a submeter-se e a dar satisfações se se lhe concedesse mais retos e justos legados. Anuiu Inocência III, mandando partir para França o notário apostólico Milon, homem de uma prudência consumada, com a missão especial de ouvir e julgar a causa do Conde. Milon convocou, em Valência, uma assembléia de bispos, onde Raimundo compareceu e aceitou as condições de paz que lhe foram propostas. Eram as seguintes: que havia de expulsar os hereges das suas terras, retirar aos judeus todos os empregos públicos, reparar os estragos que fizera nos mosteiros e nas Igrejas, restabelecer nas suas sedes os bispos de Carpentras e Vaison, velar pela segurança das estradas, nunca mais exigir impostos contrários aos antigos usos do país e purificar os seus estados dos bandos armados que os infestavam. Como penhor da sua sinceridade, Raimundo entregou nas mãos do legado o condado de Melgueil e mais sete cidades da Provença que lhe

pertenciam, sob condição de perder a sua soberania sobre elas se faltasse à sua palavra. Combinou-se que a sua reconciliação solene com a Igreja teria lugar em Saint-Gilles, segundo as formas nesse tempo em uso. Estando o conde de Toulouse de boa fé, a penitência publica a que ele se sujeitava, longe de o rebaixar perante os seus contemporâneos e perante a posteridade, ganhar-lhe-ia ao contrário um título do respeito de todos os cristãos. Teodósio nada perdeu da sua gloria por Ambrósio ter obstado a sua entrada na catedral de Milão; só o crime nos desonra; a expiação voluntária, sobretudo num soberano, é uma homenagem que se tributa a Deus e à humanidade, exaltando aquele que se sente capaz de a fazer e tornando-o participante da invencível honra que está em Jesus Cristo crucificado. E' possível que o orgulho não compreenda o que acabo de dizer, mas isso que importa? Ha muito tempo que a cruz é senhora do mundo, sem que o orgulho tenha ainda podido descobrir a razão disso. Deixemos esse cego de nascença e repitamos a quem a pode compreender esta palavra d'Aquele que conquistou a terra e o céu com um suplício sofrido voluntariamente:

"Aquele que se exalta será humilhado, aquele que se humilha será exaltado."

Mt. 23, 12

Se, pois, o conde de Toulouse estivesse de boa fé, a penitência por ele aceita não teria senão atraído sobre ele a estima e interesse de todos. Os infelizes nunca chegam a conhecer o poder da arma que têm entre as mãos. O conde de Toulouse, porém, não estava de boa fé; fora unicamente a política que lhe arrancara promessas que se não sentia disposto a cumprir. Quando, portanto, à porta da abadia de Saint-Gilles, depois de jurar sobre as relíquias dos santos e sobre o próprio corpo do Senhor de cumprir tudo o que prometera, ele ofereceu os seus ombros nus ao castigo imposto pelo legado, não representou senão uma cena indigna de perjúrio e ignomínia. Aquilo, a que esse homem nunca, nem no último extremo, se devia ter sujeitado, sofreu-o sem desembainhar a espada. Uma circunstância memorável veio ainda agravar o seu castigo e comunicar-lhe um caráter de uma certa grandeza. Quando quis sair da Igreja, era tão compacta a multidão, que não pôde avançar um passo; indicaram-lhe então uma saída secreta pelos subterrâneos consagrados às sepulturas e assim passou nu e ferido por diante do túmulo de Pedro de Castelnau.

Poucos dias depois desta cena, que tivera lugar a 18 de junho de 1209, o legado Milon foi reunir-se em Lião ao exército dos Cruzados. Este tinha à sua frente o duque de Borgonha, os condes de Nevers, de Saint-Paul, de Bar, de Montfort, vários outros senhores de nota e alguns prelados. Inocência III ordenara que no caso do conde de Toulouse ser absolvido, se respeitasse o seu domínio direto, mas que marchassem contra os seus vassallos e aliados para os obrigar a submeterem-se. Avançou pois o exército para o Languedoc, e apenas chegara a Valence, quando o próprio conde Raimundo veio ao seu encontro, revestido com a cruz. Cercaram Beziers que, tomada de assalto e de improviso, foi vítima do furor dos soldados, sem distinção de idade, de sexo ou de religião. Os legados, nas suas cartas ao Soberano Pontífice, calcularam o numero de mortos em perto de vinte mil. Essa carnificina, que não fôra premeditada nem prevista, é um dos fatos que deu à guerra dos Albigenses um caráter que nenhum historiador é capaz de lhe tirar. A tomada de Carcassone seguiu-se logo à de Beziers. Os habitantes entregaram-se e tiveram a vida salva: a cidade foi posta a saque por prévia determinação. Difícil seria começar pior uma guerra mais justa no seu princípio.

Até aqui a alma e chefe da Cruzada fôra o abade de Cister. Depois dos sucessos de Beziers e de Carcassone, os Cruzados, muitos dos quais pensavam em retirar-se, julgaram oportuno eleger um chefe militar. Essa escolha foi confiada a um conselho, composto do abade de Cister, de dois bispos e de quatro cavaleiros, que a ninguém consideraram mais digno do comando do que a Simão de Montfort. Esse guerreiro, descendente da casa de Hainaut, nascera do casamento de Simão III, conde de Montfort e de Evreux, com uma filha de Roberto, conde de Leicester, e desposara Alice de Montmorency, mulher tão heróica como o seu nome. Não se poderia encontrar nem capitão mais arrojado nem cavaleiro mais religioso do que Simão de Montfort, e se às qualidades eminentes que brilhavam na sua pessoa ele tivesse juntado um maior fundo de desinteresse e doçura, não haveria cruzado nenhum do Oriente que o excedesse em glória. Apenas o nomearam para o comando geral quando se viu abandonado por todos. Os condes de Nevers e de Toulouse e o duque de Borgonha retiraram-se um atrás do outro, deixando a Montfort uns trinta cavaleiros e um número insignificante de soldados. Estas mudanças de fortuna eram vulgares neste gênero de expedições, onde cada um vinha e voltava à vontade.

E' claro que eu só quero descrever o projecto geral da guerra e das negociações; não é muito fácil distinguir qual o seu fim, porque dois planos forcejavam por dirigi-lo, o plano do abade de Cister e o do papa.

O plano do abade de Cister, de combinação com os principais bispos do Languedoc e dos paizes vizinhos, era acabar com a casa de Toulouse. Este plano era injusto e impolítico. Injusto, porque se Raimundo VI era merecedor da sua ruina, e se se tornava impossível no futuro fiarem-se nele, não acontecia o mesmo com seu filho, criança de doze anos, que nem era cúmplice dos crimes de seu pai, nem incapaz de uma educação católica sob uma tutela desinteressada. Era impolítico, porque era confundir a questão religiosa, sobre que a cristandade toda estava de acordo, com uma questão de família que podia vir causar a desunião; dando também uma apparencia de ambição a uma guerra empreendida com motivos mais puros. E' verdade que o abade de Cister tivera a rara ventura de encontrar no conde de Montfort um homem talhado para o seu plano, e talvez não fosse senão depois de o ter visto à obra que ele concebesse a idéa de aniquilar a casa de Toulouse. Porém as qualidades guerreiras do conde de Montfort eram para os súditos e vassallos dessa casa apenas as qualidades de um inimigo, e o abade de Cister, querendo ir depressa com receio de não poder sempre dispor das forças de uma cruzada, devia saber que era preciso esse tempo, em que ele não confiava, para substituir no governo de um paiz uma família antiga por uma família nova; devia temer-se de transformar uma guerra católica numa guerra pessoal entre os Raimundo e os Montfort. Foi ao abuso que ele fez da sua autoridade, sustentando um plano vicioso, que são devidos os erros e as violências que tiraram à cruzada contra os Albigenses o caráter de santidade que, a outros respeito, ela tinha.

Inocência III era um homem completamente diferente do abade de Cister. Estava, além disso, assente sobre essa cadeira privilegiada que, independentemente da eterna assistência do Espírito Santo, tem ainda a vantagem de se conservar estranha, pela sua própria elevação, às paixões que se insinuam mesmo às melhores causas. Ao passo que muitas vezes um zelo indiscreto procura incluir os homens na destruição dos erros, o papado esforçou-se sempre por salvar os homens ao mesmo tempo que destruía os erros. Inocência III não tinha o menor desejo de deitar abaixo a casa de Toulouse; não perdera mesmo a

esperança de converter o velho Raimundo a sentimentos dignos dos seus antepassados. Nas cartas de excomunhão que lançara contra ele previra formalmente a hipótese do seu arrependimento, e imediatamente depois dos acontecimentos de Saint-Gilles apressara em recomendar que se não tocasse nos seus domínios. Porém o Papa não tinha ninguém em França que o secundasse nos seus generosos intentos, não pôde lutar contra a força dos acontecimentos e os seus esforços inúteis apenas serviram para honrar a sua memória. O próprio conde Raimundo, abandonando o sistema pacífico que ao princípio adotara, contribuiu para o triunfo dos inimigos da sua família e foi preciso que um braço supremo interviesse para de repente mudar a face das coisas.

Monfort, ainda que ficando com pouca gente, não deixou de avançar, de tomar cidades, de as perder e tornar a tomar, enquanto que o conde Toulouse, sossegado por se haver reconciliado com a Igreja, parecia não se inquietar com a queda de seus aliados e vassallos. Porém um concílio celebrado em Avignon pelos metropolitanos de Viena, de Arles, de Embrun e de Aix, sob a presidência dos dois legados Hugues e Milon, veio tirá-lo do seu sossego. O concílio que abriu a 16 de setembro de 1208 dava-lhe um prazo de seis semanas para cumprir as promessas que fizera em Saint-Gilles, sob pena de ser excomungado. Raimundo, ao ser informado disso, partiu para Roma. Admitido à audiência do Santo Padre, que o recebeu com grandes testemunhos de afeição, queixou-se-lhe do rigor dos legados para com ele, apresentou atestados autênticos de varias igrejas que indenizara, declarando que estava disposto a executar o resto das suas promessas, pedindo para também se justificar do assassinato de Pedro de Castelnau e das inteligências que o acusavam de ter com os hereges. Animou-o o Papa nestes sentimentos, ordenando que se reunisse novo concílio de bispos em França, para ouvir a sua justificação, com esta cláusula expressa, que se o julgassem culpado ficasse a sua sentença reservada à Santa Sé. Raimundo, ao sair de Roma, visitou a corte do Imperador e a do rei de França, na esperança de encontrar neles apoio; não obteve porém o resultado desejado. Teve pois de se apresentar perante o concílio a que fôra entregue a sua causa e que se havia de reunir em Saint-Gilles nos meados de setembro do ano de 1210. Quis nele justificar-se das suas duas acusações, de inteligência com os hereges e de cumplicidade no assassinato de Pedro de Castelnau. O concílio recusou-se a ouvi-lo sobre esses dois pontos e apenas lhe pediu que cumprisse a sua palavra purificando os seus domínios dos hereges e da gente corrupta de que estavam infestados. Ou fosse porque não pudesse ou porque não quisesse satisfazer essa exigência, Raimundo voltou para Toulouse, persuadido que era inútil empregar astúcia e que dali por diante nada tinha a esperar senão da sorte das armas. O concílio, porém, absteve-se de o excomungar, porque o Soberano Pontífice havia reservado a sua sentença, e Inocêncio III contentou-se em escrever-lhe uma instante e afetuosa carta em que, sem ameaça de qualidade alguma, o exortava a cumprir o que prometera.

O Rei de Aragão interveio por seu lado para impedir um rompimento definitivo e a esse fim se realizaram duas conferências no inverno de 1211, uma em Narbone, outra em Montpellier. Na primeira, o conde de Toulouse rejeitou abertamente as condições que lhe haviam já sido propostas em Saint-Gilles; na segunda pareceu a princípio aceitá-las, mas depois de repente retirou-se sem prévio aviso. O Rei de Aragão, irritado com este procedimento, ajustou o casamento de seu filho de idade de três anos com uma filha da mesma idade do conde de Montfort e entregou a criança ao conde para ser educada sob a sua direcção. Porém, pouco depois, arrependeu-se, e deu sua irmã em casamento ao filho único de Raimundo, estreitando com esta aliança os laços que já tão intimamente o prendiam à causa da heresia.

Finalmente, o abade de Cister lança a excomunhão e envia um delegado ao Papa, para obter que ela fosse confirmada. Inocêncio III confirma-a. Raimundo prepara-se para a guerra, assegurando-se primeiro da fidelidade dos seus súditos e do auxílio de vários nobres, em especial dos condes de Foix e de Comminges. Repele Montfort que se apresentara em frente dos muros de Toulouse, e o próprio exercito Albigense vai acampar em frente de Castelnaudary. Uma batalha sangrenta força-o a levantar o cerco. Os Cruzados vencedores tomam cidades sobre cidades, invadem os estados de Foix e de Comminges; Raimundo parte para a Espanha a implorar auxílio do Rei de Aragão.

O que então se passou mostra quanto o Papa se sentia incerto e irresoluto. O rei de Aragão, antes de recorrer às armas para proteger seu cunhado, julgou oportuno tentar mais uma vez a via das negociações e enviou uma embaixada ao Soberano Pontífice, queixando-se do Conde de Montfort que se apoderara dos feudos dependentes da sua coroa, e ao mesmo tempo dos legados apostólicos que recusavam absolutamente a admitir o conde de Toulouse a cumprir a sua penitência. Inocêncio III, influenciado por estas queixas, dirigiu uma carta de censura ao seus legados e intimou-os a reunir um concílio composto dos bispos e nobres do país para deliberarem sobre os meios de estabelecer a paz. Ordenou ao conde de Montfort que restituísse ao Rei de Aragão e aos seus vassallos os feudos de que os despojara com receio, dizia,

"de que se pensasse que ele tinha combatido mais pelos seus interesses do que pela causa da fé".

Cartas de Inocêncio III
L.15, C.211

Finalmente, resolveu suspender a Cruzada manifestando essa intenção numa carta particular dirigida ao abade de Cister, criado pouco tempo antes arcebispo de Narbonne.

Mas enquanto essas cartas datadas do princípio do ano 1213 estavam em caminho, reunira-se um concílio em Lavaur, a pedido do rei de Aragão, que, num requerimento escrito, rogara aos legados e bispos que tornassem a entregar aos condes de Toulouse, de Comminges e de Foix, assim como ao visconde de Béarn, as terras de que os haviam despojado e que os reintegrassem na comunhão da Igreja dando eles todas as satisfações que se lhes exigissem. No caso de recusa de parte do velho Raimundo o rei solicitava, em favor de seu filho, a justiça do concílio. O concílio decidiu que nunca mais se admitisse justificação alguma da parte do conde de Toulouse, porque ele faltara constantemente à sua palavra, mas que se aceitasse a penitência dos condes de Foix, de Comminges e do visconde de Béarn, logo que estes o desejassem. Julgando o rei de Aragão, por esta resposta, que existia um propósito fixo contra a casa de Toulouse, declarou abertamente que apelava para a clemência da Santa Sé contra o inexorável rigor dos legados e bispos e que tomava sob a sua real proteção o conde Raimundo e seu filho. Este príncipe não podia ser suspeito de heresia, pois submetera o seu reino à Igreja Romana, na qualidade de feudo apostólico e servira valentemente a cristandade contra os mouros de Espanha. O peso do seu nome e da sua espada punha por conseguinte tudo em grande perigo. O concílio de Lavaur expediu, sem perda de tempo, quatro delegados ao Soberano Pontífice com uma carta cujo fim era persuadi-lo que a causa católica estava perdida, se não privassem para sempre dos seus domínios ao conde de Toulouse e aos seus herdeiros.

Os arcebispos de Arles, de Aix e de Bordéus; os bispos de Maguelonne, de Carpentras, de Orange, de Saint-Paul-Trois-Châteaux, de Cavaillon, de Vaison, de Bazas, de Béziers e de Périgueux escreveram no mesmo sentido ao Santo Padre. Inocêncio III queixou-se de haver sido enganado pelo rei de Aragão; ordenou-lhe que desistisse da sua empresa, que concluísse umas tréguas com o conde de Montfort, e que esperasse a chegada de um cardeal que ele lhe enviaria.

Mas a sorte já se havia pronunciado. O rei reunira um exército na Catalunha e em Aragão e, atravessando os Pireneus, veio juntar as suas tropas às dos condes de Toulouse, de Foix e de Comminges.

Estava Montfort em Fanjeaux, quando soube que o exército aliado composto de quarenta mil homens de infantaria e de dois mil de cavalaria avançava sobre Muret, praça importante situada sobre o Garonne, a três léguas acima de Toulouse. Foi esse o momento sublime da sua vida. Tinha apenas sob o seu comando oitocentos cavaleiros e um pequeno corpo de infantaria; mas partiu imediatamente para Muret. Era manhã quando se pôs a caminho acompanhado dos seus soldados e dos bispos de Toulouse, de Nîmes, de Uzès, de Lodève, de Beziers, de Agde, de Comminges e de três abades de Cister. Chegando nesse mesmo dia ao mosteiro de Bolbonne, pertencente à ordem de Cister, entrou na Igreja, orou por largo tempo e, colocando a sua espada sobre o altar, tornou a pegá-la, dizendo:

"Senhor que me escolheste, apesar da minha indignidade, para combater em vosso nome, pego hoje na espada que aqui coloquei sobre este altar a fim de receber de Vós as minhas armas, visto ser por Vós que vou combater!"

Pedro de
Vaulx-Cernay
História dos
Albigenses, Cap.71

Em seguida marchou para Saverdun e aí passou a noite. No dia seguinte confessou-se, escreveu o seu testamento e mandou-o ao abade de Bolbonne, pedindo-lhe que o transmitisse ao Soberano Pontífice se acontecesse ele morrer. De tarde atravessou o Garonne, sobre uma ponte, sem ser molestado, e parou atrás das torres de Muret, guardadas por uns trinta cavaleiros. Era na manhã de quarta-feira 12 de setembro de 1213. Antes de entrar na cidade alcançaram-no os bispos, que o haviam largado um instante, para ir ao campo dos inimigos pedir a paz. O rei de Aragão porém respondera-lhes que não valia a pena um rei e uns bispos terem uma conferência, por causa de um punhado de gladiadores. Apesar do mau resultado dessa tentativa, apenas raiou a aurora, os bispos encarregaram um religioso de prevenir o Rei que eles e todas as ordens eclesiásticas iriam descalços rogar-lhe que mudasse de resolução. Quanto se não havia então o conde de Toulouse de ter arrependido do seu perjúrio e das suas humilhações sem resultado. Como se havia de exprobrar por não ter desde o princípio recorrido a uma guerra leal e valorosa, em lugar de deixar esmagar os seus amigos e desonrar a sua causa! Ele, porém, iludia-se; a guerra, do mesmo modo que a astúcia, havia de lhe ser funesta. Deus lia no coração desse príncipe e não se comovia com a sua sorte.

Disponham-se os bispos a sair de Muret, em traje de suplicantes, quando um corpo de cavaleiros inimigos se precipitou em direção às

portas. Montfort deu ordem aos seus que se dispusessem em linha de batalha na parte baixa da cidade. Ele próprio vestiu a sua armadura depois de orar numa igreja, onde o bispo de Azas estava oferecendo o santo sacrifício. Voltou ali de novo depois de armado e, ao dobrar o joelho, rebentaram as ligaduras que prendiam a parte superior da sua armadura. Notou-se também que no momento em que ele punha o pé no estribo o seu cavalo, levantando a cabeça, feriu-o. Estes presságios não perturbaram o coração do cavaleiro, posto que em geral homens dessa têmpera se mostrem sensíveis a eles. Pôs-se a caminho em direção às suas tropas seguido de Foulques, bispo de Toulouse, que levava o crucifixo na mão. Os cavaleiros desmontaram para adorar o seu Salvador e beijar a sua imagem. Mas o bispo de Comminges, vendo o tempo a passar, tomou o crucifixo das mãos de Foulques, e subindo a um ponto elevado, dirigiu uma curta alocução às tropas e abençoou-as. Depois do que todos os eclesiásticos presentes foram para a igreja fazer oração e Montfort saiu da cidade à testa de uma força de oitocentos cavaleiros, sem infantaria.

À frente do exército aliado estendia-se por uma planície ao ocidente da cidade. Montfort, que saíra por uma porta oposta, como se quisesse fugir, dividiu a sua gente em três esquadrões e foi direto ao centro do inimigo. A sua esperança, depois da que punha em Deus, era cortar pelo meio as linhas dos aliados, lançar no meio deles a desordem e o pânico pela audácia do seu ataque e aproveitar-se de todos os acasos da sorte que a penetração de um grande capitão sabe discernir no meio dos horrores de um combate. Foi o que sucedeu. O primeiro esquadrão desbaratou a vanguarda inimiga e o segundo rompeu até às últimas filas onde se achava o rei de Aragão rodeado da fina flor das suas tropas; Montfort, que seguia de perto com o terceiro, atacou pelo flanco os aragoneses já em desordem. A sorte pareceu hesitar aqui um pouco e o tempo urgia, porque os esquadrões, que haviam atravessado com tão feliz resultado, estavam mais depressa atordoados do que destroçados, e podiam esmagar Montfort pela retáguarda. Um golpe que atirou por terra morto o rei de Aragão decidiu a batalha. Os gritos e a fuga dos aragoneses arrastam o resto do exército na sua derrota. Os bispos que, cheios de angústia, oravam na igreja de Muret, uns rojando a frente no chão, os outros com as mãos erguidas para o céu, são em breve atraídos às muralhas pelos gritos de vitória e vêem a planície coberta de fugitivos querendo escapar das terríveis mãos dos cruzados. Um corpo de tropas que tentava tomar a cidade de assalto depõe as armas e é desbaratado ao tentar fugir. Entretanto Montfort, voltando de perseguir os vencidos através do campo de batalha, deu com o corpo do rei de Aragão estendido no chão já despojado e nu. Desceu do cavalo e beijou, derramando copiosas lágrimas, os restos lacerados desse infeliz príncipe. Pedro II, rei de Aragão, fora um valente cavaleiro, querido dos seu súditos, um verdadeiro católico, digno de outra morte. Os laços que uniam as suas duas irmãs aos dois Raimundos levaram-no a defender uma causa que ele considerava não já a da heresia, mas sim a da justiça e do parentesco. Sucumbiu nela por um secreto juízo de Deus, quem sabe se por desprezar os rogos dos bispos, ou por no seu íntimo ter abusado de uma vitória que já reputava ganha. Montfort, depois de tratar da sua sepultura, entrou em Muret descalço, dirigiu-se para a igreja a fim de agradecer a Deus a sua proteção e deu aos pobres o cavalo e a armadura com que pelejara. Esta memorável batalha, fruto de uma consciência que se sentia certa de combater por Deus, há de ser sempre tida como um dos mais belos actos de fé praticados pelos homens sobre a terra.

Estava então Domingos em Muret com os sete bispos que nomeamos e os três abades de Cister. Dizem os historiadores modernos que ele

marchara à frente dos combatentes, com a cruz na mão; em Toulouse mesmo mostrava-se na casa da inquisição um crucifixo crivado de setas que diziam ser o que ele assim levava, na batalha de Muret. Os historiadores contemporâneos, porém, nada dizem disso; afirmam, ao contrário, que Domingos ficara na cidade em oração com os bispos e os religiosos. Bernardo Guidonis, um dos autores da sua vida, que habitou a casa da inquisição de Toulouse desde 1308 até 1322, não faz a menor menção do crucifixo que mais tarde ali se mostrava.

A batalha de Muret foi o golpe mortal dado à causa do conde de Toulouse. Os seus aliados e os habitantes da sua capital submeteram-se ao Soberano Pontífice que encarregou o cardeal Pedro de Benevento de os reconciliar com a Igreja e de obrigar o conde de Montfort a reenviar para a Espanha o novo rei de Aragão, criança que ele guardava em reféns, desde que estava justo o seu casamento com a sua filha. Desempenhou o cardeal a sua dupla missão no inverno de 1214. Deu mesmo, caso notável, a absolvição ao conde de Toulouse; este acto de clemência, porém, de nada serviu ao vencido para os seus interesses temporais. Reuniu-se um concílio em Montpellier no mês de dezembro seguinte para decidir a quem devia pertencer a soberania do país conquistado. Foi unânime o concílio em favor do conde de Montfort, cuja brilhante e valente espada decidira a sorte da guerra; contudo o Soberano Pontífice, por uma carta de 17 de abril de 1215, declarou que Montfort apenas conservaria a posse da sua conquista até que o concílio ecumênico de Latrão, a quem havia sido entregue essa questão, pronunciasse sentença definitiva. Foi a última tentativa de Inocêncio III para salvar a casa de Toulouse. Abandonado por todos, o conde Raimundo retirou-se com seu filho para a corte do rei da Inglaterra.

No dia 11 de novembro de 1215 o sol ao despontar sobre os Apeninos deparou na solitária igreja de S. João de Latrão com a mais augusta assembléia do mundo. Viam-se ali reunidos setenta e um primazes e metropolitanos, quatrocentos e doze bispos, mais de oitocentos abades e priores de mosteiros, uma infinidade de procuradores de abades e de bispos ausentes; os embaixadores do rei dos Romanos, do imperador de Constantinopla, dos reis de França, da Inglaterra, da Hungria, de Aragão, de Jerusalém e de Chipre; os delegados de uma inumerável multidão de príncipes, de cidades e de nobres e, acima de todos, a figura venerável de Inocêncio III. Notava-se entre os assistentes o abade de Cister, arcebispo de Narbonne; o conde Simão de Montfort estava representado pelo seu irmão Guy de Montfort; os dois Raimundos tinham vindo pessoalmente, assim como os condes de Foix e de Comminges. No dia marcado para se julgar esta grande causa da Cruzada Albigense entraram os dois Raimundos na assembléia com os condes de Foix e de Comminges e todos os quatro se prostraram aos pés do trono Apostólico. Em seguida, levantando-se, expuseram a forma como haviam sido despojados dos seus feudos, apesar da sua perfeita submissão à Igreja Romana e da absolvição que lhes dera o legado Pedro de Benevento. Em seu favor tomou um cardeal a palavra com grande força e eloquência. No mesmo sentido falaram também o abade de Saint-Tibère e o chantre da Igreja de Lião, este último principalmente, parecendo convencer o Papa. Mas a maioria dos bispos, sobretudo dos bispos franceses, pronunciaram-se contra os suplicantes, protestando que restituir-lhes os seus bens seria acabar com a religião católica no Languedoc e que todo o sangue já vertido por esta causa seria um sangue inútil e uma dedicação perdida. Declarou então o concílio que o Conde Raimundo VI incorrera na perda dos seus fundos, os quais seriam definitivamente transferidos para o Conde de Montfort, e estabeleceu-lhe uma pensão de quatrocentos marcos de prata, com a

condição de viver fora dos seus antigos domínios. À sua mulher Leonor seriam conservados os bens de que se compunha o seu dote, e destinou-se ao jovem Raimundo, seu filho, o marquesado de Provença que lhe seria entregue à sua maioridade, se se conservasse fiel à Igreja. Quanto aos Condes de Foix e de Comminges, a sua causa foi adiada até se proceder a mais maduro exame. E' digno de nota que o marquesado de Provença, destinado ao jovem Raimundo, compunha-se das cidades que seu pai cedera à Santa Sé, no caso de alguma vez faltar às convenções de Saint-Gilles; já por diferentes vezes se havia proposto ao Soberano Pontífice o reuni-las ao domínio Apostólico; ele, porem, não quis nunca anuir a isso, valendo-se apenas dos direitos que adquirira para as conservar à casa de Toulouse.

Depois de encerrado o Concílio o jovem Raimundo, que atraíra a estima de todos pelo seu nobre comportamento, foi despedir-se do Papa. Não lhe ocultou que se considerava injustamente despojado do patrimônio de seus antepassados, declarando-lhe ao mesmo tempo com uma ingênua e respeitosa firmeza que se aproveitaria de todas as ocasiões para recuperar o que perdera sem culpa sua. Inocêncio III, comovido pela desgraça, inocência e coragem desse mancebo de dezoito anos, lançou sobre ele esta benção profética :

"Meu Filho, que o princípio de todas as vossas ações seja bom e o fim ainda melhor!"

Montfort, revestido por Felipe Augusto dos títulos de Duque de Narbonne e Conde de Toulouse, não gozou muito tempo do poder que com tanto trabalho adquirira. Ainda o ano de 1266 não chegara ao seu termo o já o jovem Raimundo era senhor de uma parte da Provença. Por outro lado Toulouse, cansado do jugo do seu novo Conde, tornou a mandar chamar o velho Raimundo à corte da Inglaterra, onde ele se refugiara, e abriu-lhe as suas portas. À primeira noticia desta mudança de fortuna grande número de fidalgos se apressou em vir prestar juramento de fidelidade ao seu antigo suserano. Compreendeu então o vencedor de Muret que não basta, para adquirir o prestígio do governo dos povos, ganhar batalhas e tomar cidades de assalto: dera, por sua infelicidade, com essa força tão honrosa para a humanidade que faz com que seja impossível reinar sobre os homens quando não se reina sobre os seus corações. Expulso de Toulouse, que ele debalde tentara desarmar e amedrontar com toda a casta de suplicios, veio triste e acabrunhado pôr cerco a esses muros onde nunca mais havia de penetrar. A duração do cerco, a incerteza do futuro, as censuras que o Cardeal Bertrand, legado Apostólico, lhe dirigia sobre a sua inação, assim como esse desânimo que produzem os revezes quando chegam já no declinar da vida, lançaram o valente cavaleiro numa tal melancolia que lhe fazia pedir a Deus a morte. No dia 25 de Junho de 1218 vieram de madrugada anunciar-lhe que o inimigo estava de emboscada nos fossos do castelo. Pediu a sua armadura e, revestindo-se dela, foi ouvir missa. Tinha esta já começado quando o vieram avisar de que as maquinas de guerra haviam sido assaltadas e estavam em risco de serem destruídas:

"Deixai",

disse ele,

"que eu veja primeiro o Sacramento da nossa redenção!"

Seguiu-se outro mensageiro que lhe anunciou não poderem as suas tropas resistir por mais tempo:

"Não saio daqui",

disse ele,

"enquanto não vir o meu Salvador".

Pierre de
Vault-Cernay
História dos
Albigenses, C. 85

Finalmente, quando o padre levantou a hóstia, Montfort, ajoelhando-se e elevando as mãos ao céu, pronunciou as palavras "nunc dimittis" e saiu. A sua presença no campo da batalha fez recuar o inimigo até às trincheiras da praça; esta, porém, foi a sua última vitória. Uma pedra feriu-o na cabeça; batendo no peito e recomendando-se a Deus e à bem aventurada Virgem Maria, caiu morto.

A sorte continuou a favorecer os Raimundos. Dos dois filhos que deixara o Conde de Montfort, o mais novo foi morto junto aos muros de Castelnaudary e quatro anos de revezes convenceram o mais velho de que não era competente para poder com a herança de seu pai, de sorte que cedeu todos os seus direitos ao rei de França. O velho Raimundo, tranqüilo em Toulouse, sob a proteção das vitórias de seu filho, teve tempo de se voltar para Deus que o humilhara e tornara a exaltar. A 12 de julho de 1222, voltando ele de fazer oração à porta de uma igreja, pois continuava excomungado, sentiu-se doente e mandou a toda a pressa chamar o abade de Saint-Sernin, para o reconciliar com a Igreja. O abade já o encontrou sem fala. O velho Conde ao vê-lo levantou os olhos para o céu, e agarrando-o nas mãos conservou-as entre as suas, até exalar o ultimo suspiro. O seu cadáver foi transportado para a igreja dos cavaleiros de S. João de Jerusalém, que escolhera para lugar da sua sepultura; não se atreveram contudo a enterrá-lo, por causa da excomunhão. Deixaram o seu caixão aberto e, três séculos depois, ainda se podia vê-lo da mesma forma, sem que tivesse havido uma mão assaz ousada para pregar uma tábua sobre esse caixão consagrado pela morte e pelo tempo. A pedido de seu filho, tratou-se da questão da sua sepultura durante os pontificados de Gregório IX e Inocêncio IV. Inúmeras testemunhas atestaram que ele antes de morrer dera evidentes provas de verdadeiro arrependimento; contudo recearam perturbar essas cinzas dando-lhe honras tardias.

Raimundo VII sobreviveu vinte e seis anos a seu pai. Soube defender-se contra as armas da própria França; porém, demasiado fraco para poder sustentar essa luta, concluiu com S. Luiz, em 1228, o tratado que pôs termo a essa longa guerra. O casamento de sua filha única com o conde de Poitiers, um dos irmãos do Rei; a restituição, a título de dote, do condado de Toulouse; a cessão de vários territórios; a promessa de se conservar fiel à Igreja e de se servir da sua autoridade contra os hereges, tais foram as principais condições da paz. Confirmou-a a Igreja, tornando a receber no seu grêmio ao jovem conde que, por penitência, se obrigou a servir a causa da cristandade, na Palestina, durante cinco anos. Só vinte anos depois é que ele pensou seriamente em cumprir esse dever e partiu para a Terra Santa. Deus, porém, não lhe permitiu chegar ao termo da sua viagem. Adoeceu em Pris, perto de Rodes, de onde se fez transportar para Milhaud e aí morreu a 26 de setembro de 1248, rodeado dos bispos de Toulouse, de Agen, de Cahors e de Rodes, dos cônsules de Toulouse e de grande numero de fidalgos vindos todos receber os

últimos adeuses de um príncipe que sempre lhes fôra caro e em quem na descendência masculina acabava o ramo mais velho de uma ilustre raça. Quando o Santo Viático chegou perto do conde ele ergueu-se do leito e ajoelhou-se no chão diante do corpo do seu Senhor, realizando assim na sua morte, como o fizera na sua vida, o desejo que por ele formara outrora Inocência III, quando na sua mocidade o abençoara:

"Meu filho, que o princípio de todas as vossas acções seja bom, e o fim ainda melhor!"

CAPÍTULO VI. Apostolado de S. Domingos desde o começo da guerra dos Albigenses até o Quarto Concílio de Latrão. Instituição do Rosário. Reunião de S. Domingos e dos seus primeiros discípulos numa casa em Toulouse.

Foi na ocasião em que rebentou a guerra dos Albigenses que se revelou toda a virtude, todo o gênio de Domingos. Encontrava-se então entre dois escolhos ambos igualmente temíveis: ou abandonar a sua missão num país repleto de sangue e de terrores, ou tomar a mesma parte na guerra que tomavam os religiosos de Cister. Em ambos os casos errava a sua vocação. Fugindo, desertava do apostolado; tomando parte na cruzada, tirava à sua vida e à sua palavra o caráter apostólico. Não fez nem uma nem outra coisa. Toulouse na Europa era a capital da heresia; era em Toulouse que ele se devia fixar de preferência, à imitação dos primeiros apóstolos que, longe de fugirem do erro, iam sempre procurá-lo no próprio centro do seu poder. S. Pedro assentou primeiro a sua sede em Antioquia, rainha do Oriente, e enviou seu discípulo S. Marcos para a Alexandria, uma das mais comerciantes e mais ricas cidades do mundo. S. Paulo viveu muito tempo em Corinto, célebre entre as cidades gregas pelo luxo da sua corrupção; ambos eles, sem prévia combinação, vieram a morrer em Roma. Não convém, dizia Jesus Cristo,

"que um profeta morra fora de Jerusalém"

Lc. 13, 33

Era, pois, em Toulouse, foco e farol de todos os erros, que convinha que Domingos se estabelecesse, fosse qual fosse o aspecto das coisas. Os homens de pouca fé esperam, dizem eles, que venha a paz para começarem a trabalhar; o apóstolo, esse semeia no temporal para colher no bom tempo. Traz sempre na mente as palavras do seu Divino Mestre:

"Quando ouvirdes falar em guerras ou em indícios de guerra, cuidai em não vos perturbardes".

Mt 24, 6

Domingos, porém, ao mesmo tempo que continuava com a sua missão, apesar dos terrores da guerra, compreendera que devia menos do que nunca alterar a sua atitude pacífica e dedicada. Por mais justo que seja desembainhar a espada contra aqueles que, com a violência, oprimem a verdade, sempre é difícil que a verdade não sofra com essa proteção, e que a não tornem cúmplice dos excessos inseparáveis de todo e qualquer conflito sangrento. A espada nunca pára no limite preciso do direito; é próprio da sua natureza o tornar a entrar com dificuldade na bainha logo que esteja quente da mão do homem. Seriam

precisos anjos para pelejar pela justiça e ainda. assim o espírito humano sofre tais e tão rápidas alternativas que os opressores vencidos não perderiam a esperança de encontrar abrigo na parcialidade da compaixão. Era, pois, altamente importante que Domingos se conservasse fiel ao plano magnânimo de Azevedo, e que a par da cavalaria armada para defender a liberdade da Igreja, aparecesse o homem evangélico, confiando apenas na força da graça e da persuasão. Na Polônia, quando ao altar o padre lê o Evangelho o cavaleiro desembainha meia espada e nessa postura militar escuta a palavra suave do Cristo. Eis as verdadeiras relações entre a cidade da terra e a cidade de Deus. Esta, representada pelo padre, fala, suplica, abençoa e oferece em sacrifício; a cidade da terra, representada pelo cavaleiro, escuta, em silêncio, associando-se a todos os actos do padre, e conserva a sua espada sempre pronta não para impor a fé mas para lhe garantir a liberdade. O padre e o cavaleiro desempenham no mistério do cristianismo duas funções que nunca se devem confundir, devendo a primeira estar sempre mais em evidência do que a segunda. Enquanto que o padre entoa em voz alta o Evangelho na presença do povo e à luz dos círios, o cavaleiro conserva a sua espada meio desembainhada, porque atende a misericórdia ao mesmo tempo que a justiça, e porque o próprio Evangelho, em cuja defesa ele está sempre preparado para combater, lhe segreda ao ouvido:

Bem aventurados os pacíficos, porque eles
possuirão a terra.

Mt. 5, 4

Domingos e Montfort foram os dois heróis da guerra dos Albigenses, um como cavaleiro e o outro como padre. Vimos já a forma como Montfort desempenhou a sua missão; vejamos agora como Domingos cumpriu a dele.

Por certo se há de ter notado que não o mencionam nos anais dessa guerra. Não aparece nos concílios, nas conferências, nas reconciliações, nos cercos e nas vitórias; não se faz menção dele em nenhuma carta dirigida para Roma ou mandada de lá. Este silêncio unânime da parte dos historiadores é tanto mais significativo pelo fato deles pertencerem a escolas diferentes, umas religiosas e as outras seculares; umas favoráveis aos cruzados, outras afeiçoadas a Raimundo. Não é possível crer que se Domingos tivesse desempenhado um qualquer papel nas negociações e nos fatos militares da cruzada, esses historiadores houvessem todos como que de comum acordo guardado silêncio a seu respeito. Narram-se dele atos de outra ordem; por que razão se ocultariam estes? Ora, eis os fragmentos que nos conservaram sobre a, sua vida nessa época:

"Depois do regresso do bispo Diogo à sua
diocese",

diz o bem aventurado Humberto,

"S. Domingos, que ficara quase abandonado e só com alguns companheiros que não estavam ligados a ele por voto algum, manteve durante dez anos a fé católica em diversos sítios da província de Narbonne, especialmente em Carcassone e Fanjeaux. Consagrara-se inteiramente à salvação de todas as almas pelo ministério da pregação e sofria de boa vontade pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo inúmeras afrontas, ignomínias e angustias".

Crônica, n. 2

"Escolhera Domingos Fanjeaux como residência, porque da cidade, sita numa eminência, ele avistava na planície o mosteiro de Notre Dame de Prouille."

Com respeito a Carcassone que não distava também muito deste seu caro retiro, dá ele próprio uma outra razão para essa sua preferência. Interrogado um dia sobre a sua repugnância em viver em Toulouse e na sua diocese, respondeu:

"E' porque na diocese de Toulouse muitas pessoas respeitam, enquanto que em Carcassone toda a gente está contra mim".

Constantino de Orvieto
Vida de São
Domingos, n.44

Efetivamente, os inimigos da fé insultavam de todos s os modos o servo de Deus; cuspiam-lhe na cara, atiravam-lhe com lama e espetavam por escárneo palhas na sua capa. Ele, porém, superior a tudo, como o Apostolo, estimava-se feliz por ser julgado digno de sofrer opróbrios pelo nome de Jesus. Os hereges chegaram mesmo a pensar em o matar. Uma ocasião em que eles disso o ameaçavam, ele respondeu-lhes:

"Eu não sou digno do martírio, ainda não me acho merecedor dessa morte".

Constantino de
Orvieto,
Vida de São
Domingos, n. 12

Com essa convicção, tendo de passar por um sítio onde sabia que lhe haviam armado uma emboscada, arriscou-se a lá ir não só com a maior intrepidez como também cantando alegremente. Maravilhados ao ver a sua firmeza, os hereges, para o tentar, perguntaram-lhe, numa outra ocasião, o que ele faria se viesse a cair nas mãos deles.

"Pedir-vos-ia",

respondeu,

"que me não matásseis com um só golpe, mas que me cortásseis os membros um a um, e colocando os bocados diante de mim, me arrancásseis os olhos e me deixásseis meio morto, banhado no meu sangue, ou acabásseis de me matar como melhor vos aprouvesse".

Ibid. n. 12

Thierry d'Apolda narra o seguinte facto:

"Por ocasião de uma solene conferência que devia ter lugar com os hereges, um bispo dispunha-se a apresentar-se com grande pompa. Então o humilde arauto de Cristo, dirigindo-se a ele, disse-lhe:

"Não é assim, meu senhor e meu pai, não é assim que se deve tratar com os filhos da soberba. Deve-se convencer os adversários da verdade com o exemplo da humildade, da paciência, da religião e de todas as virtudes, não com o luxo e grandeza e com a ostentação da glória mundana. Armemo-nos da oração e, fazendo brilhar nas nossas pessoas os sinais da humildade, avancemos descalços ao encontro dos Golias".

Cedeu o bispo a este piedoso conselho e todos se descalçaram. Como porém não estavam bem certos do caminho, encontraram um herege que julgaram ortodoxo e este lhes prometeu levá-los direto ao seu destino. Por malícia, porém, meteu-os por um bosque coberto de silvas e espinhos, onde os seus pés se feriram a ponto de escorrer o sangue. À vista disso o campeão de Deus, cheio de paciência e de jubilo, exortou os seus companheiros a dar graças ao Senhor pelo que estavam sofrendo, dizendo-lhes:

"Meus caríssimos, confiemos no Senhor, temos certa a vitória, pois eis que com este sangue que derramamos expiamos os nossos pecados".

O herege, comovido por esta paciência admirável e pelas exortações do Santo, confessou a sua maldade e abjurou a heresia".

Vida de S. Domingos
C. II, n.12

Havia nos arredores de Toulouse umas senhoras da nobreza a quem a austeridade dos hereges fizera abandonar a fé. Domingos, no princípio de uma quaresma, foi-lhes pedir hospitalidade com a intenção de as reconduzir ao seio da Igreja. Não entrou em controvérsias com elas, mas durante toda a quaresma ele e o seu companheiro não comeram e beberam senão pão e água. Quando na primeira noite elas quiseram preparar camas, eles só pediram duas tábuas para se deitarem e até à Páscoa não tiveram outro modo de descanso, contentando-se todas as noites apenas de umas horas de sono, que ainda interrompiam para rezar. Esta eloquência muda foi de toda a eficácia sobre o espírito dessas mulheres; reconheceram no sacrifício o amor, e no amor a verdade.

Estarão lembrados de que em Valença Domingos quiz se vender para remir da escravidão o irmão de uma pobre mulher. No Languedoc teve ele o mesmo impulso de alma a favor de um herege, que lhe confessara não permanecer no erro senão devido à sua muita miséria; resolveu vender-se para lhe obter os meios de viver e te-lo-ia feito se a Divina Providencia não houvesse provido de outra forma à existência desse desgraçado.

Um fato ainda mais singular nos testemunha os artifícios a que recorria a sua bondade.

"Havendo alguns hereges",

diz Thierry d'Apolda,

"sido presos e convictos no distrito de Toulouse,

foram entregues ao juízo secular, por recusarem voltar à fé, e condenados a serem queimados vivos. Olhou Domingos para um deles com um coração iniciado nos segredos de Deus e disse aos empregados do tribunal:

"Separai este homem dos outros, pois não deve ir morrer queimado".

Em seguida, voltando-se para o herege, com grande doçura, disse-lhe:

"Sei, meu filho, que será preciso tempo, mas que por fim vireis a ser bom e um santo".

Caso tão encantador como admirável! Permaneceu este homem ainda vinte anos na cegueira da heresia, depois do que, tocado pela graça, pediu o habito dos Frades Pregadores, sob o qual viveu na prática do bem e morreu na verdadeira fé".

Vida de S. Domingos
C. 9, n.54

Constantino de Orvieto e o bem-aventurado Humberto, contando o mesmo caso, juntam-lhe uma circunstância que exige uma explicação. Dizem eles que os hereges, de que se trata, haviam sido convictos por Domingos antes de serem entregues à justiça secular. E' essa a única palavra do décimo terceiro século de onde se crê poder inferir a participação do santo nos processos criminaes. Os historiadores, porém, da guerra dos Albigenses explicam-nos muito claramente o que era essa convicção dos hereges. Os hereges no Languedoc não estavam constituídos em sociedade secreta; estavam em armas e combatiam pelos seus erros à face do sol. Quando os azares da guerra faziam cair algum nas mãos dos cruzados, estes entregavam-nos aos eclesiásticos para lhes exporem os dogmas católicos e lhes fazerem sentir a extravagância dos seus. Era a isso que se chamava convencê-los, não de serem hereges, pois que eles não faziam disso o menor segredo, mas de estarem num caminho errado, condenado pelas Escrituras, pela tradição e pela razão. Suplicavam-lhes, com as mais vivas instâncias, que renunciassem à sua heresia, prometendo-lhes, a esse preço, o perdão. Os que cediam a essas instâncias tinham efetivamente a vida salva; os que resistiam até ao final eram entregues à justiça secular. A convicção dos hereges era portanto um serviço de dedicação em que o poder do espirito e a eloquência da caridade se animavam com a esperança de arrancar uns desgraçados à morte. Que S. Domingos exercesse esse cargo pelo menos uma vez é fora de dúvida, pois que dois historiadores contemporâneos o afirmam; mas tirar daí um argumento para o acusar de rigores contra os hereges é confundir o padre que presta auxilio ao criminoso com o juiz que o condena, ou com o algoz que lhe dá a morte.

Admirar-se-ão talvez que S. Domingos tivesse tanta autoridade que pudesse arrancar um herege ao suplicio só por uma simples predição. Porém, além da fama de sua santidade que inspirava uma inteira confiança na sua palavra, ele fôra revestido pelos legados da Santa Sé do poder de reconciliar os hereges com a Igreja. Temos a prova disso em dois diplomas, ambos sem data, mas que se não podem referir a outra época da sua vida.

Um é concebido nos seguintes termos:

"A todos os fiéis de Cristo a quem as presentes cartas chegarem, frei Domingos, cônego de Osmá, obscuro ministro da pregação, saúde e sincera caridade em Nosso Senhor. Submetemos à vossa discricção, que concedemos licença a Raimundo Guilherme d'Hauterive Pelagianire para receber na sua casa de Toulouse, e ali viver da vida comum, a Guilherme Huguecion, que ele nos disse ter outrora usado o hábito dos hereges. Concedemo-lhe essa licença, enquanto nos não fôr, a nós ou a ele, ordenado o contrário pelo Senhor Cardeal, e essa convivência não lhe será de forma alguma reputada em seu prejuízo ou desonra"

Echard
Escrivães da Ordem
dos Frades Pregadores
t. I, n.18,
nota

No outro diploma lê-se o seguinte:

"A todos os fieis de Cristo a quem as presentes cartas chegarem, frei Domingos, cônego de Osmá, saúde em Cristo. Pela autoridade do senhor abade de Cister, que nos encarregou desse ofício, reconciliamos com a Igreja o portador das presentes, Ponce Roger, convertido pela graça de Deus da heresia à fé; e ordenamo-lhe, em virtude do juramento que entre nossas mãos prestou, que durante três domingos ou dias santificados vá desde a entrada da povoação até à igreja nu até à cintura e se sujeite ao mesmo tempo a ser açoitado pelo padre. Ordenamo-lhe igualmente que se abstenha para sempre de carne, ovos, queijo e de tudo que deriva da carne, excepto nos dias de Páscoa, de Pentecostes, e do Natal, dias em que comerá dessas coisas, para protestar contra os seus antigos erros. Observará três quaresmas por ano jejuando e abstendo-se de peixe, a menos que qualquer enfermidade do corpo ou os calores do verão assim o exijam. Revestir-se-á de hábitos monásticos, tanto em feitio como em cor, aos quais prenderá nas extremidades exteriores duas cruces pequenas. Ouvirá missa, se puder ser, todos os dias, e assistirá às vésperas nos dias santificados. Recitará sete vezes ao dia dez Pai Nossos, e dirá vinte no meio da noite. Observará castidade e uma vez por mês, de manhã, apresentará o presente diploma ao capelão da aldeia de Céré. Ordenamos a esse capelão que tome bem conta que o seu penitente leve uma vida boa, e que cumpra tudo quanto aqui fica exposto, até que o senhor legado ordene o contrário. Que se ele por negligência ou por desprezo deixar de o cumprir, é da nossa vontade que seja considerado excomungado como perjuro e herege e separado da sociedade dos fieis".

Echard
Escrivães da Ordem
dos Frades Pregadores

Reporto aqueles que acharem esta sentença exagerada e extraordinária às penitências canônicas da primitiva igreja, aos usos penitenciais dos conventos e às praticas que se impunham voluntaria e publicamente muitos cristãos da idade média para expiar as suas culpas. Todos sabem, citando apenas um exemplo, que Henrique II, rei da Inglaterra, fez-se açoitar por uns frades, sobre o túmulo de Tomas Becket, arcebispo de Cantuária, de cujo assassinato ele fôra o instigador. Hoje mesmo nas grandes basilicas de Roma, o padre, depois de absolver o penitente, dá-lhe com uma comprida vara uma pancada no ombro. S. Domingos naturalmente conformou-se com os usos do seu século, e para quem os conhecer, há nos documentos que acabamos de ler um extraordinário espírito de bondade.

O seu desinteresse não era menor do que a sua caridade e doçura. Recusou os bispados de Beziers, de Conserans e de Comminges, que lhe foram oferecidos, dizendo numa ocasião que mais depressa pegaria no seu bordão e fugiria de noite do que aceitava o episcopado ou outra qualquer dignidade.

Eis de resto a descrição que dele fez Guilherme de Pierre, abade de um mosteiro de S. Paulo em França, um dos que o conheceram intimamente durante os doze anos do seu apostolado no Languedoc, e que foi ouvido como testemunha em Toulouse, no processo da sua canonização.

"O bem-aventurado Domingos tinha uma sede ardente e um zelo sem limites pela salvação das almas. Foi um pregador tão ferveroso que de dia e de noite, nas igrejas, em casa, nos campos, nas estradas, nunca cessava de anunciar a palavra de Deus, recomendando aos outros religiosos que fizessem o mesmo, e que nunca falassem senão de Deus. Foi sempre o adversário dos hereges, a quem fazia face com as suas prédicas, com a controvérsia e com todos os meios em seu poder. Amava tanto a pobreza que renunciara aos bens, herdades, castelos e rendimentos com que por diversas vezes quizeram enriquecer a sua ordem. Era de uma frugalidade tão austera que comia apenas pão e sopa, excepto em raras ocasiões por consideração pelos outros religiosos e pelas pessoas que estavam à mesa; pois queria que os outros tivessem, tanto quanto possível, tudo em grande abundância. Ouvi dizer a muitos que era virgem. Recusou o bispado de Conserans e não quis tomar conta dessa igreja, embora houvesse sido legitimamente eleito para seu pastor e prelado. Nunca vi um homem mais humilde e que desprezasse mais a glória do mundo e tudo quanto a ela se refere. Aceitava as injúrias, maldições e opróbrios com paciência e júbilo, como dons de subido valor. As perseguições não o assustavam, antes marchava muitas vezes ao encontro do perigo com uma confiança intrépida e o medo nunca foi capaz de o desviar do seu caminho; antes, pelo contrário, quando se sentia atacado pelo sono, deitava-se à beira ou próximo da estrada e dormia. Em religião excedia todos os que tenho conhecido. Sentia por si próprio um grande desprezo e não se tinha em nenhuma conta. Consolava com uma bondade meiga aos religiosos doentes, suportando as suas enfermidades de um modo

admirável. Quando sabia de algum deles acabrunhado sob o peso de qualquer adversidade, exortava-o a que tivesse paciência e animava-o o mais possível. Grande amante da regra, repreendia paternalmente os que faltavam a ela. Em tudo era um exemplo para os outros religiosos, nas palavras, nos gestos, nas comidas, no vestuário, e na virtude. Nunca encontrei um homem que tivesse um tal hábito da oração e uma tamanha abundância de lágrimas. Quando estava rezando soltava gemidos que se ouviam ao longe, e no meio desses gemidos dizia a Deus:

"Senhor, tende piedade do povo; que será dos pecadores?"

Passava assim as noites sem dormir, chorando e gemendo pelos pecados dos outros. Era generoso, hospitaleiro, dando de boa vontade aos pobres tudo quanto possuía. Tinha grande amor e veneração pelos religiosos e por todos os amigos da religião."

"Nunca ouvi dizer nem soube que ele tivesse outro leito que não fossem as lajes da igreja quando se achava perto de uma e, não havendo igreja, deitava-se em cima de um banco ou no chão, e outras vezes estendia-se sobre a enxerga do leito que lhe tinham preparado, depois de lhe ter tirado a roupa e os colchões. Sempre o vi com a mesma túnica, e essa toda remendada. Trazia sempre hábitos mais ordinários do que os dos outros religiosos. Foi amante das obras da fé e da paz, e tanto quanto em si coube foi sempre um fidelíssimo promotor de uma e de outra "

Atas de Toulouse,
n. 15

Desenvolvera-se em Domingos o dom dos milagres a par com tão subidas virtudes. Um dia, atravessando um rio em um barco, o barqueiro, quando chegaram ao outro lado, pediu-lhe o preço da sua passagem:

"Sou",

respondeu Domingos,

"o discípulo e o servo de Cristo, não trago comigo nem ouro nem prata, mas Deus vos pagará o que vos devo".

O barqueiro, zangado, começou a puxá-lo pela capa, dizendo-lhe:

"Ou fico com a vossa capa, ou me dais o meu dinheiro".

Domingos, levantando os olhos para o céu, recolheu-se um momento; em seguida, olhando para o chão, mostrou ao barqueiro uma moeda de prata, que a Providencia lhe enviara, dizendo-lhe:

"Irmão, eis o que me pedis, tomai-o e deixai-me ir em paz".

B. Humberto
Vida de São
Domingos, n. 39

No tempo em que os cruzados cercavam Toulouse, no ano de 1211, uns romeiros ingleses, que se dirigiam a S. Tiago de Compostela e queriam evitar entrar na cidade por causa da excomunhão lançada contra ela, tomaram um barco para atravessar o Garonne, mas o barco demasiado cheio virou-se ; eram cerca de quarenta os que iam dentro. Aos gritos dos peregrinos e das tropas, S. Domingos saiu de uma igreja ali perto e prostrando-se no chão, com os braços em cruz, implorou Deus em favor dos peregrinos que já haviam desaparecido debaixo da água. Acabada a sua prece levantou-se e voltando-se para o lado do rio, disse em voz alta:

"Em nome de Cristo,
ordeno-vos que alcanceis todos a praia."

Apareceram os naufragos imediatamente ao de cima da água, e agarrando-se a umas compridas lanças que os soldados lhe estenderam, alcançaram a margem.

O primeiro prior do Convento de Saint Jacques de Paris, a quem os historiadores chamavam Mateus de França, tornou-se o cooperador de Domingos, por efeito de um outro milagre que presenciara. Sendo ele prior de uma colegiada de cônegos na cidade de Castres, Domingos vinha muitas vezes visitar essa Igreja, porque encerrava as relíquias do Mártir S. Vicente, e ficava geralmente em oração até a hora do meio dia. Um dia, deixando passar essa hora, que era a hora da refeição, o prior mandou um dos seus clérigos buscá-lo. O clérigo viu Domingos, levantado do chão em frente do altar, e correu a avisar o prior, que encontrou Domingos nesse estado de êxtase. Causou-lhe esse espetáculo uma tão viva impressão que pouco tempo depois foi ter com o servo de Deus, o qual, segundo o seu costume, em relação aos que admitia à participação no seu apostolado, lhe prometeu o pão da vida e o orvalho dos céus.

Contam também, resumidamente, os historiadores como ele expulsou o demônio do corpo de um homem; como querendo fazer oração em uma igreja, cujas portas estavam fechadas, ele se achou de repente transportado dentro dela; como viajando com um religioso cuja língua não sabia, e que também não sabia a dele, conversaram um com o outro durante três dias, como se falassem o mesmo idioma; como tendo deixado cair no Ariège os livros que trazia consigo, um pescador os tirou para fora, algum tempo depois, sem que nada tivessem sofrido do contato com a água. Todos estes fatos se encontram na história dispersos e separados, porém nós juntamo-los como relíquias santas.

Deus comunicara também ao seu servo o espírito de profecia. Durante a quaresma do ano de 1213 que ele passou em Carcassone a pregar e exercendo as funções de vigário geral, que lhe confiara o bispo ausente, um religioso de Cister interrogou-o sobre o resultado da guerra:

"Mestre Domingos",

disse-lhe esse religioso,

"porventura nunca terão fim estes males?"

E como Domingos ficasse calado, tornou a insistir, sabendo que Deus lhe revelara muitas coisas. Domingos, finalmente, disse-lhe:

"Sim, estes males hão de acabar, mas não tão cedo; há de ainda correr muito sangue, e há de morrer um rei em uma batalha".

Os que ouviram esta predição recearam que ele quisesse aludir ao filho mais velho de Felipe Augusto, que fizera voto de se bater contra os Albigenses; Domingos, porém, sossegou-os dizendo-lhes:

"Não temais pelo rei de França é outro o rei que, muito breve, sucumbirá no meio das vicissitudes desta guerra".

B. Humberto
Vida de São
Domingos, n. 48

Pouco depois, foi morto o rei de Aragão em Muret.

A guerra, pela sua duração e pela sua fortuna diversa, parecia dever opor um obstáculo quase invencível ao constante projeto de Domingos, o qual era fundar uma ordem religiosa consagrada ao ministério de pregar. Por conseguinte, ele nunca cessava de pedir a Deus a restauração da paz, sendo com o fim de a obter e de apressar o triunfo da fé que ele instituiu, não sem uma secreta inspiração, essa forma de oração que mais tarde se espalhou pela Igreja universal, sob o nome do Rosário. Quando o arcanjo Gabriel foi enviado por Deus à bem-aventurada Virgem Maria para lhe anunciar o mistério da Encarnação do Filho de Deus no seu casto seio, saudou-o nos seguintes termos:

"Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres".

Lc. 1, 28.

Estas palavras, as mais ditosas que jamais foi dado a criatura alguma ouvir, têm-nas repetido, de século em século, os lábios dos cristãos e, do fundo deste vale de lágrimas, elas nunca cessam de redizer à Mãe do seu Salvador: "Ave Maria". As hierarquias do céu delegaram um dos seus chefes à humilde filha de Davi para lhe dirigir essa gloriosa saudação e, agora que ela está sentada acima dos anjos e de todos coros celestiais, o gênero humano, cuja filha e irmã foi, da terra lhe endereça a saudação angélica "Ave, Maria". Quando ela a ouviu pela primeira vez da boca de Gabriel imediatamente concebeu no seu puríssimo seio o Verbo de Deus; e agora, cada vez que uma boca humana lhe repete essas palavras, que foram o sinal da sua maternidade, comovem-se as suas entranhas com a lembrança de um momento como nunca houve igual no céu e na terra, e a eternidade inteira enche-se da felicidade que ela sente.

Mas, posto que os cristãos tivessem o costume de desta forma volverem os seus corações para Maria, contudo nada havia de regular e solene no uso imemorial desta saudação. Os fiéis nunca se reuniam para a dirigir à sua dileta protetora; cada um seguia para com ela o impulso particular do seu amor. Domingos, que não desconhecia o poder da associação na oração, julgou que seria útil aplicá-la à Saudação Angélica e que o clamor universal de todo um povo reunido subiria até ao céu e teria grande poder. A própria brevidade das

palavras do anjo exigia que fossem repetidas um certo número de vezes como essas aclamações uniformes que a gratidão das nações solta na passagem dos soberanos. Porém a repetição podia dar lugar à distração do espírito. Domingos remediou isso distribuindo as saudações orais em diferentes séries, ligando a cada uma delas a memória de um dos mistérios da nossa redenção que foram alternadamente para a bem-aventurada Virgem motivo de gozo, de dor e de triunfo. Desse modo a meditação interior unia-se à prece pública, e o povo, ao mesmo tempo em que saudava a sua mãe e rainha, seguia-a no íntimo do seu coração em cada um dos fatos principais da sua vida. Domingos formou uma confraria para melhor firmar a solenidade dessa forma de súplica.

O seu devoto pensamento foi coroado com o melhor dos êxitos, um êxito popular. O povo cristão tem-se afeiçoado a ele de século em século, com uma fidelidade extraordinária. As confrarias do Rosário têm-se multiplicado indefinidamente; há poucos cristãos no mundo que não possuam, sob o nome de terço, uma fração do Rosário. Quem é que não tem ouvido nas igrejas de aldeia a voz profunda dos aldeões recitando em dois coros a Saudação Angélica? Quem é que não têm encontrado procissões de peregrinos passando entre os dedos as contas do seu rosário, e iludindo o comprimento do caminho com a repetição alternada do nome de Maria? Sempre que uma qualquer coisa alcança tanto a universalidade como a perpetuidade, é porque ela reúne necessariamente uma misteriosa harmonia com as necessidades e destinos do homem. O racionalista sorri vendo passar filas de pessoas repetindo a mesma palavra; aquele que se sente iluminado por uma luz mais forte compreende que o amor tem só uma palavra e que dizê-la sempre nunca é repeti-la.

A devoção do rosário, interrompida no século quatorze pela terrível peste que devastou a Europa, foi renovada no século seguinte por Alain de la Roche, dominicano bretão. Em 1573 o Soberano Pontífice Gregório XIII instituiu a festa que a Igreja a inteira celebra todos os anos no primeiro domingo de outubro, sob a denominação de festa do Rosário, em memória da famosa batalha de Lepanto ganha sobre os Turcos, sob um papa dominicano, no próprio dia em que as confrarias do Rosário fizeram procissões públicas em Roma e em todo o mundo cristão.

Eram as seguintes as armas a que Domingos recorria contra a heresia e contra as calamidades da guerra: pregar através dos insultos, a controvérsia, a paciência, a pobreza voluntária; para si mesmo uma vida dura, para os outros uma caridade sem limites, o dom dos milagres, e finalmente, a promoção do culto da Virgem Santa pela instituição do Rosário. Passaram-se desse modo dez anos sobre a sua cabeça, desde a conferência de Montpellier até ao Concílio de Latrão, com uma tal uniformidade que os historiadores contemporâneos apenas distinguem um pequeno numero de fatos no meio desta humilde e heróica perseverança nas mesmas virtudes. O receio de serem monótonos suspendeu a sua pena; descrever dias de. Domingos é o mesmo que descrever anos da sua vida. Esta ausência de fatos na vida de um grande homem em uma época tão movimentada é a feição que caracteriza a figura de Domingos ao lado da de Montfort. Ligados por uma sincera amizade e tendo em vista o mesmo fim, diferiam tanto de caráter como a armadura de um cavaleiro difere do hábito de um religioso. O sol da história brilha sobre a couraça de Montfort iluminando belas ações manchadas de sombras; e lança apenas um dos seus raios sobre a capa de Domingos, esse, porém, tão puro e tão santo, que a sua própria falta de brilho serve de relevante testemunho. Falta-lhe o resplendor porque o homem de Deus retrai-se da agitação e do sangue; porque,

fiel à sua missão, só abre a boca para abençoar, o coração para orar, as mãos para serviços de amor e porque a virtude, completamente só, encontra o seu sol unicamente em Deus.

Domingos tinha quarenta e seis anos quando começou a gozar do fruto dos seus longos méritos. Os cruzados vitoriosos abriram-lhe, em 1215, as portas de Toulouse, e a Providência, que reúne em um dado momento os elementos os mais diversos, enviou-lhe os dois homens de que ele carecia para assentar as primeiras bases da Ordem dos Pregadores. Eram ambos naturais de Toulouse, de famílias distintas e de um notável mérito pessoal. Um deles, chamado Pedro Cellani, dava brilho a uma grande fortuna pela sua grande virtude; o outro, que só conhecemos pelo nome de Tomás, era eloqüente e de maneiras singularmente afáveis. Impelidos por uma igual inspiração do Espírito Santo, entregaram-se ambos a Domingos, e Pedro Cellani fez-lhe presente da sua própria casa que era magnífica e contígua ao castelo dos Condes de Toulouse a que chamavam o castelo de Narbonne. Domingos reuniu nessa casa todos os que o haviam seguido. Eram em número de seis: Pedro Cellani, Tomás e outros quatro. Bem pequeno era o rebanho e contudo custara dez anos de apostolado e quarenta e cinco de uma vida completamente sacrificada a Deus. Quão pouco conhecem as condições. das coisas duráveis aqueles tão apressados nos seus modos de proceder, e quão pouco os conhecem também os que uma época adversa assusta. Desde que Domingos, na primeira vez em que veio a Toulouse, entrevira, em uma vigília consagrada à conversão de um herege, a idéia da sua ordem, quão inexorável não se mostrara para com ele o tempo. A prematura morte do seu amigo e mestre Azevedo deixara-o órfão nessa terra estranha. Uma guerra sangrenta cercara-o de todos os lados; o ódio dos hereges, contido ao princípio pela certeza do seu predomínio, exaltara-se; a atenção dos católicos e a sua dedicação, tendo tomado um caminho diverso do apostolado, Domingos vira-se reduzido a uma solidão desesperadada. Deus, porém, dissipou todas essas nuvens; o Conde de Toulouse, que pensava morrer no seu país vitorioso e tranquilo, fica um tempo aniquilado por uma batalha tão decisiva como imprevista; Deus concede ao seu servo alguns meses de paz e entre duas tempestades estabelece-se a ordem dos Pregadores na capital da heresia.

Domingos revestiu os seus companheiros de um hábito igual ao que ele próprio trazia, isto é, uma túnica de lã branca, uma sobrepeliz de linho, uma capa e um capuz de lã preta. Era este o hábito dos cônegos regrantes, que sempre usara desde a sua entrada para o cabido de Osma.

Ele e os seus usaram-no até se dar um fato memorável, de que oportunamente falaremos, e que produziu uma alteração nesse vestuário. Começaram também a seguir uma vida uniforme sob uma certa regra. Fundara-se esse estabelecimento com a cooperação e pela autoridade do Bispo de Toulouse que ainda era Foulques, esse magnânimo monge de Cister, que desde o princípio vimos inclinar-se aos projectos de Azevedo e Domingos. Não se contentou em favorecer espiritualmente a sua realização; conservamos da sua liberalidade para com eles um monumento insigne que a gratidão dos Frades Pregadores deve, tanto quanto neles couber, eternizar.

"Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Nós fazemos sentir a todos os presentes e futuros que nós, Foulques, pela graça de Deus, humilde ministro da sede de Toulouse, querendo extirpar a heresia, banir os vícios, ensinar aos homens as

regras da fé e formá-los nos bons costumes,
instituímos como pregadores na nossa diocese a frei
Domingos e seus companheiros os quais se propõem com
pobreza evangélica, andar a pé e com suas vestes
monásticas, anunciar a palavra de Deus.

E como o operário é digno do seu alimento e se não
deve açaimar o boi que debulha o trigo, mas, ao
contrário, aquele que prega o Evangelho deve viver do
Evangelho, queremos que Frei Domingos e seus
companheiros, espalhando a verdade na nossa diocese,
nela colham também o necessário para manter a sua
vida.

Eis o motivo porque, com o consentimento do cabido
da Igreja de Saint-Etienne e de todo o clero da
nossa diocese, lhes concedemos à perpetuidade,
assim como a todos aqueles a quem o zelo do Senhor e
a salvação das almas chamarem do mesmo modo ao
ofício de pregar, a sexta parte dos dízimos de que
fruem as irmandades das nossas igrejas paroquiais,
para suprir às suas necessidades, e para que eles,
de quando em quando, possam descansar das suas
fadigas. Se no final do ano sobejar alguma coisa,
queremos e ordenamos que isso se empregue em adornar
as nossas igrejas paroquiais, ou a socorrer os
pobres, segundo o que o bispo julgar mais
conveniente. Porque, estando por direito
estabelecido que uma certa porção dos dízimos seja
consagrada aos pobres, somos sem dúvida obrigados a
admitir nessa participação os que abraçam a pobreza
por Jesus Cristo, com o fim de enriquecer o mundo
com o seu exemplo e com o dom celestial da sua
doutrina, de tal forma que aqueles de quem recebemos
as coisas temporais, recebam directa ou
indirectamente de nós as coisas espirituais.

Dado no ano de 1215 do Verbo Encarnado,
reinando o rei Felipe sobre os franceses e governando
o conde de Montfort o Principado de Toulouse."

Echard
Escrivães da Ordem
dos Pregadores
t. 1, p. 12,
nota

Este ato de munificência não foi o único que veio auxiliar a ordem
pricipiante dos Frades Pregadores.

"Nesse tempo",

dizem os historiadores,

"O Senhor Simão, conde de Montfort, príncipe
ilustre que combatera os hereges com a espada
material, e o bem aventurado Domingos que os combatia
com a espada da palavra de Deus, contraíram uma
grande intimidade e amizade."

B. Humberto,

Crônica n.3;
Thierry d'Apolda,
Vida S. Domingos,
C. 111 n.45;
Nicolau de Treveth,
Crônica.

Montfort fez doação a seu amigo do castelo e terra de Cassenel, na diocese de Agen. Já ele anteriormente confirmara várias doações em favor do mosteiro de Prouille, cujos bens ele próprio aumentara. Não se limitou a sua estima e afeição por Domingos a provas desse gênero; pediu-lhe para batizar a sua filha, cujo casamento esteve por algum tempo justo com o herdeiro do reino de Aragão, e para celebrar o casamento de seu filho mais velho, o conde Amaury, com Beatriz filha do Delfim de Viena.

Veremos mais tarde Domingos velho e prestes a voltar para Deus, arrepende-se de ter aceito propriedades temporais, desfazer-se delas como de um fardo antes de descer à sepultura, deixando como patrimônio a seus filhos essa Providência diária que mantém todas as criaturas que trabalham e da qual está escrito:

"Encarrega o Senhor do cuidado da tua vida e Ele próprio te sustentará".

Salmo 54, 23

CAPÍTULO VII. Segunda viagem de S. Domingos a Roma.
Aprovação provisória da Ordem dos Pregadores por Inocêncio III.
Encontro de S. Domingos e de S. Francisco de Assis.

Ao grau de realização a que chegara a idéia de Domingos era-lhe permitido contar para a sua obra com a aprovação da Sé Apostólica; por conseguinte, aproveitando a ocasião da próxima reunião do Concílio de Latrão, partiu para Roma com o bispo de Toulouse, no outono de 1215. Mas antes de se despedir dos seus discípulos, um ato notável, praticado por ele, determinou para sempre à sua ordem uma das sendas principais que devia trilhar. Toulouse possuía, nesse tempo, um doutor célebre que ocupava brilhantemente a cadeira de teologia. Alexandre, era este o seu nome, estando uma manhã muito cedo a trabalhar no seu gabinete, apoderou-se dele um sono que o foi pouco a pouco distraíndo nos seus estudos, até que, de todo vencido por ele, adormeceu profundamente. Viu então em sonhos diante de si sete estrelas, pequenas a princípio, mas que, aumentando em tamanho e brilho, acabaram por iluminar a França e o mundo. Despertando deste sono ao romper do dia, chamou os servos que costumavam levar-lhe os livros e dirigiu-se para a escola. Quando ia entrar apareceu-lhe Domingos, acompanhado dos seus discípulos, todos vestidos com a túnica branca e a capa preta dos cônegos regrantes. Disseram-lhe que eram religiosos que se ocupavam em pregar o Evangelho aos fiéis e aos infiéis em Toulouse, que desejavam com ardor ouvir as suas lições. Compreendeu Alexandre que eles eram as sete estrelas que acabara de ver em sonho. Mais tarde, estando na corte do rei da Inglaterra, quando já a ordem dos Pregadores adquirira uma fama imensa contou ele próprio como tivera por discípulos os primeiros filhos dessa nova religião.

Domingos, deixando os seus discípulos protegidos pela oração e pelo estudo, dirigiu-se para Roma. Havia onze anos que D. Diogo e ele

tinham lá ido pela primeira vez, peregrinos os dois, e sem saberem ainda o motivo porque Deus os conduzira de tão longe aos pés do seu vigário. Domingos trazia agora ao pai comum da cristandade os frutos da sua bênção; e apesar da morte lhe haver roubado o companheiro da sua primeira viagem não voltava só. Era sorte sua encontrar amizades ilustres, quando mais delas carecia. Agora que a Espanha, sua pátria pelo nascimento, retinha no túmulo o protetor e amigo da sua mocidade, a França, sua pátria de adoção, dera-lhe um outro protetor e amigo na pessoa de Foulques. Teve também a felicidade de encontrar Inocêncio III na cadeira de S. Pedro. Contudo esse grande pontífice não se mostrou logo favorável aos seus desejos. Consentiu sem dificuldade em tomar sob a proteção da Igreja Romana o mosteiro de Prouille, para o que fez redigir uns documentos datados de 8 de outubro de 1215; não podia, porém, decidir-se a aprovar uma ordem nova consagrada a levantar a Igreja pela pregação.

Apresentam os historiadores duas razões dessa repugnância. Em primeiro lugar, sendo o pregar uma função transmitida pelos apóstolos aos bispos, parecia ser contra a antiguidade admitir que o exercesse outra ordem que não fosse a ordem episcopal. Verdade é que há muito tempo que os bispos, de bom grado, se abstinham da honra de anunciar a palavra de Deus, como lhes fôra intimado pelo Quarto Concílio de Latrão, celebrado muito recentemente, que colocassem nos púlpitos cristãos padres capazes, de os representar. Mas uma coisa era cada bispo na sua diocese fornecer a instrução necessária escolhendo uns substitutos facilmente revogáveis; outra coisa era confiar a uma ordem, que a si própria se mantinha, o perpétuo e universal encargo de ensinar o Evangelho. Não seria isto estabelecer uma ordem apostólica dentro da Igreja, e poderia a Igreja consentir na existência de uma outra ordem apostólica que não fosse o episcopado? Tal era a questão que o zelo de Domingos levantara, questão mais que suficiente para suscitar dúvidas no animo de Inocêncio III. Porque, a par das razões sugeridas por um ponto de vista tradicional, surgiam outras inspiradas pela experiência e pela necessidade. O que era certo era que o apostolado tendia a desaparecer da Igreja e o progresso crescente do erro provinha da ausência de um ensino sagaz e devotado. Os concílios reunidos no Languedoc durante a guerra dos Albigenses foram unânimes em recordar aos bispos essa parte dos seus deveres. A graça de Deus, porém, é que faz os apóstolos, e não as ordens dos concílios. Os bispos, ao saírem dessas assembléias e voltando para os seus palácios, achavam como desculpa para a sua inércia evangélica o pesado fardo da administração diocesana, os negócios do estado em que tomavam parte e essa força das coisas estabelecidas que até os mais fortes caracteres têm dificuldade em vencer. Tão pouco lhes era fácil criar substitutos nas suas funções. Não se pode dizer de repente a um padre: "Sê apóstolo". Os hábitos apostólicos os são o fruto de um gênero de vida particular. Eram eles gerais na Igreja primitiva porque, estando ainda o mundo por conquistar, todas as idéias se voltavam para o único modo de ação que poderia atingir esse fim. Mas depois da Igreja se tornar senhora das nações o ministério pastoral prevalecera sobre o apostolado; procurava-se mais conservar o reino de Jesus Cristo do que estendê-lo. E isto pela lei a que estão sujeitas todas as coisas criadas: onde cessa o progresso, começa a morte a introduzir-se. O regime da conservação, que basta para o maior número de inteligências, é incapaz de conter certas almas ardentes; subtraem-se a uma fidelidade que as não faz avançar, do mesmo modo que os soldados se aborrecem dentro de um campo entrincheirado de onde nunca os levam a bater-se contra o inimigo. Essas almas, a princípio isoladas, aproximam-se na sombra; organizam ao acaso o movimento de que carecem até que um dia, julgando-se assaz fortes contra a Igreja, fazem-lhe ver, por uma súbita irrupção, que a

verdade só governa as almas com a condição de conservar sempre sobre elas a sua supremacia. O estado da Europa bem claramente revelava a Inocência III essa lei da humanidade. Havia então ele de repelir o auxílio que tão a propósito se lhe oferecia? Havia de resistir à inspiração de Deus, porque Deus ao mesmo tempo que suscitava na sua Igreja bispos dignos dela, lhe dava como cooperadores uma corporação de religiosos ?

Em todo o caso, um decreto promulgado pelo Concílio de Latrão veio interpor um obstáculo à liberdade das suas idéas com relação a esta questão. Decidira efetivamente o concílio que para evitar a confusão e todos os mais inconvenientes resultantes da multiplicação das ordens monásticas não se consentisse o estabelecimento de mais alguma. Seria possível então violar tão cedo uma resolução tão solene?

Deus, que presta à Igreja Romana um auxílio tão constante que é um dos visíveis prodígios da sua sabedoria e que apenas queria experimentar Domingos com esta última tribulação, pôs termo às ansiedades de Inocência III. Uma noite, estando este pontífice a dormir no palácio de S. João de Latrão, viu em sonhos a basílica prestes a cair e Domingos amparando com os ombros as paredes que ameaçavam ruína. Prevenido da vontade de Deus por esta inspiração, mandou chamar o homem apostólico e ordenou-lhe que voltasse ao Languedoc e, de acordo com os seus companheiros, escolhesse uma dentre as regras antigas que lhe parecesse a mais própria para formar a nova milícia com que desejava enriquecer a Igreja. Era o meio de cumprir o decreto do Concílio de Latrão e ao mesmo tempo dar a um projeto inteiramente novo o selo e a proteção da antiguidade. Domingos teve em Roma outra cauza bem sensível de alegria. Não fôra ele o unico que a Providência, nesses tempos críticos, escolhera para sustentar a decadência da Igreja. Ao mesmo tempo que ele reanimava nos santos e profundos mananciaes do seu coração a corrente da palavra apostólica, outro homem recebera a vocação de ressuscitar, no meio de uma opulência corruptora das almas, a estima e pratica da pobreza. Esse sublime amante de Jesus Cristo nascera nas montanhas da Umbria, na cidade de Assis e era filho de um negociante rico e avaro. A língua francesa, que ele aprendera no interesse dos negócios de seu pai, foi a razão por que lhe deram o nome de Francisco, que não era o seu nome de família nem de batismo. Aos vinte e quatro anos, de volta de uma viagem a Roma, o espirito de Deus que já antes com freqüência o atraía, apoderou-se então dele completamente. Levado por seu pai à presença do bispo de Assis para o obrigar a renunciar a todos os seus direitos de família, o heróico mancebo despiu o fato que trazia vestido e lançando-se aos pés do bispo exclamou:

"Poderei dizer agora com mais verdade do que nunca:
Pai Nosso que estais nos Céus".

S. Boaventura
Vida de S.
Francisco, C. 2

Assistindo ele algum tempo depois ao Santo Sacrifício da Missa, ouviu ler o Evangelho em que Jesus Cristo recomenda a seus apóstolos que não possuam nem ouro, nem prata, que não tragam dinheiro nas cintas, nem alforçes quando vão em caminho, nem duas túnicas, nem sapatos, nem bordão. Ao ouvir estas palavras sentiu-se possuído de um júbilo indizível; descalçou os sapatos, largou o seu bordão, deitou fora com horror o pouco dinheiro que trazia, e durante todo o resto da sua vida nunca mais se serviu para cobrir a sua nudez senão de uns calções, de uma túnica e de uma corda. Mas teve ainda receio desta

riqueza e, antes de morrer, fêz-se deitar nu no chão na presença dos seus religiosos, como no início da sua perfeita conversão a Deus se despira na presença do bispo de Assis. Tudo isto se passava enquanto Domingos evangelizava o Languedoc com risco da própria vida e subjugava a heresia com o espetáculo do seu apostolado. Sem o saberem, existia uma prodigiosa afinidade entre estes dois homens e a união fraterna da sua carreira continuou a subsistir nos fatos que se deram depois da sua morte. Domingos era mais velho doze anos; porém, tendo-se preparado mais eruditamente para a sua missão, cedo chegou a par dele o jovem religioso que não precisara cursar as universidades para aprender a ciência da pobreza e do amor. Quase ao mesmo tempo que Domingos lançava em Notre Dame de Prouille, nos Pireneus, os fundamentos da sua ordem, Francisco lançava os fundamentos da sua em Notre Dame des Anges, nos Apeninos. Um vetusto santuário da Bem aventurada Virgem Maria fôra para ambos a modesta e suave pedra angular de seu edifício. Notre Dame de Prouille era o sítio entre todos dileto a Domingos; Notre Dame des Anges era o pedacinho de terra para o qual Francisco conservava um lugar afetoso na imensidade de seu coração, desprendido de todas as coisas visíveis. Ambos inauguraram a sua vida pública por uma peregrinação a Roma; ambos lá voltaram para solicitar do Soberano Pontífice a aprovação da sua ordem. Inocência III repelira-os, ao princípio, mas uma mesma visão obrigara-o a dar-lhes a ambos uma aprovação verbal e provisória. Domingos, como Francisco, incluiu sob a flexibilidade austera de sua regra homens, mulheres e seculares, formando das três ordens uma só que combatesse por Jesus Cristo com todas as armas da natureza e da graça; somente Domingos começou pelas mulheres e Francisco pelos homens. As duas instituições foram confirmadas por bulas apostólicas pelo mesmo Soberano Pontífice, Honório III; foi igualmente Gregório IX que os canonizou a ambos. Finalmente, sobre as suas campas desabrocharam juntos os dois maiores doutores da Igreja; S. Tomás sobre a de Domingos, sobre a de Francisco, S. Boaventura.

Entretanto, não se conheciam esses dois homens, que tão admiráveis harmonias apresentavam aos céus e à terra. Habitavam ambos Roma no tempo do Quarto Concílio de Latrão, porém não consta que chegasse aos ouvidos de um o nome do outro. Uma noite, estando Domingos em oração como costumava, viu Jesus Cristo irritado contra o mundo e sua mãe apresentando-lhe dois homens para o aplacarem. Reconheceu-se num deles; não sabia, porém, quem era o outro, mas olhando atentamente ficou-lhe presente a sua imagem. No dia seguinte, numa igreja, ignora-se qual, depara sob um traje de mendigo com a figura que lhe aparecera na noite precedente; correndo para esse pobre, aperta-o nos braços com uma santa efusão, entrecortada por estas palavras:

"Sereis o meu companheiro, caminhemos juntos,
amparemo-nos um ao outro e ninguém poderá prevalecer
contra nós".

Gérard de Frachet
Vida dos Frades,
L.1, c.1

Contou-lhe, em seguida, a visão que tivera; e os seus dois corações confundiram-se num só através destes abraços e palavras.

O beijo de Domingos e Francisco tem sido transmitido de geração em geração nos lábios da sua posteridade. Um afeto sempre novo liga ainda hoje os Frades Pregadores aos Frades Menores. Têm-se encontrado exercendo iguais funções em todos os pontos da terra, têm edificado

os seus conventos nos mesmos lugares; pedido esmola às mesmas portas; o seu sangue derramado por Jesus Cristo tem-se milhares de vezes confundido com igual sacrifício e igual glória; têm revestido da sua libré príncipes e princesas; têm rivalizado em povoar os céus dos seus santos; têm-se achado em contato sempre e em toda a parte, pelas suas virtudes, pelo seu poder e fama, assim como pelas necessidades que têm padecido, sem que um sopro de inveja jamais viesse embaciar o cristal imaculado do seu afeto, seis vezes secular. Têm-se espalhado pelo mundo como crescem e se entrelaçam os ramos viçosos de dois troncos iguais em anos e força; têm adquirido e compartilhado do afeto dos povos como dois irmãos gêmeos descansando no seio da mesma mãe; têm chegado a Deus pelos mesmos caminhos tais quais dois perfumes preciosos ascendem suavemente até ao mesmo ponto no céu. Todos os anos em Roma, quando chega a festa de S. Domingos, vão carruagens do convento de Santa Maria Sopra Minerva, onde reside o geral dos Dominicanos, buscar ao convento de Ara Coeli o Geral dos Franciscanos. Este chega sempre acompanhado de grande número de seus religiosos. Os Dominicanos e os Franciscanos, formados em duas alas paralelas, dirigem-se para o altar mór da Minerva e depois de se saudarem reciprocamente, vão os primeiros para o côro, e os segundos ficam ao pé do altar para celebrarem o ofício do amigo do seu fundador. Sentados depois à mesma mesa partem juntos o pão que há seis séculos jamais lhes faltou e, terminada a refeição, o chantre dos Frades Menores e o dos Frades Pregadores entoam juntos no meio do refeitório a seguinte antífona:

"O seráfico Francisco e o apostólico Domingos ensinaram-nos vossa lei, ó Senhor".

A troca destas cerimônias tem lugar no convento de Ara Coeli por ocasião da festa de S. Francisco; e de semelhante forma se procede pelo mundo inteiro onde quer que haja um convento de Dominicanos e um convento de Franciscanos, assaz próximos um do outro, para que os seus habitantes se possam dar essa prova visível do piedoso e hereditário afeto que os liga uns aos outros.

CAPÍTULO VIII. Reunião de S. Domingos e seus discípulos em Notre-Dame de Prouille. Regra e Constituição da Ordem dos Pregadores. Fundação do Convento de S. Romão em Toulouse.

Deus, durante a ausência de Domingos, abençoara e multiplicara a sua pequena família. Em lugar de seis discípulos que deixara em Toulouse, na casa de Pedro Celiani, encontrou quinze ou dezesseis. Depois das primeiras expansões reuniram-se todos em Notre-Dame de Prouille para aí deliberarem conforme as ordens do Papa sobre a escolha de uma regra. Até então, isto é, até a primavera do ano de 1216, a sua comunidade apenas tivera uma regra provisória e indeterminada, ocupando-se Domingos mais em trabalhar do que em escrever, à imitação de Jesus Cristo, que preparara os seus apóstolos para a sua missão pela palavra e pelo exemplo, e não por meio de regulamentos escritos. Era porém chegada a hora de criar a legislação da família dominicana; porque é necessário que as leis auxiliem os costumes, afim de perpetuar a sua tradição. Domingos que já era fundador, ia ser legislador. Depois de extrair de si uma geração de homens semelhantes a ele, ia tratar de prover à sua própria fecundidade, e arrola-os contra o futuro, com a força misteriosa que dá a estabilidade. Se a reprodução de uma raça pela carne e pelo sangue é uma obra prima de virtudes e de habilidade, se a fundação de

impérios é o ultimo esforço do gênio do homem, que não deve ser o estabelecimento de uma sociedade puramente espiritual, que não aspira a vida nos afetos naturais, nem põe a sua defesa em uma espada ou em um escudo? Os antigos legisladores, assustados dos com a importância da sua missão, colocaram as nações, com uma falsidade puramente aparente, sobre o pedestal da Divindade. Nascido na era de Jesus Cristo, quando a plenitude da realidade tomara o lugar das ruínas e das ficções, Domingos não precisara enganar para ser verdadeiro. Antes de ousar traçar uma lei com as suas mãos mortais, fora lançar-se aos pés do representante de Deus e implorar da mais elevada paternidade visível aquela benção que é o gérmen das longas posteridades. Voltando em seguida para a solidão, sob a proteção daquela que foi Mãe sem deixar de ser virgem, rogava a Deus com ardor que lhe comunicasse uma porção desse espírito que cavara tão sólidos e inabaláveis alicerces à Igreja Católica.

Dois homens vindos ao mundo com intervalo de um século, Santo Agostinho e S. Bento, foram no Ocidente os dois patriarcas da vida religiosa; mas nem um nem outro se haviam proposto o mesmo fim que Domingos. Santo Agostinho, logo depois de convertido, retirara-se para uma casa de Sagaste, sua terra natal, para aí se entregar com alguns amigos ao estudo e à contemplação das coisas divinas. Elevado mais tarde ao sacerdócio, criara em Hipona outro mosteiro que, como o primeiro, não era mais do que uma reminiscência desses célebres institutos cenobíticos do Oriente, de que Santo Antônio e S. Basílio foram os arquitetos. Quando sucedeu ao velho Valério na Sé de Hipona alterou as suas idéas sem em nada alterar o ardente amor que o levava a conservar-se cativo nos laços da fraternidade universal. Abriu a sua casa ao clero de Hipona, e dos seus cooperadores formou uma só comunidade, a exemplo de Santo Atanásio e de Santo Eusébio de Vercell, estes já imitadores dos apóstolos. Fôra este mosteiro episcopal que servira de modelo e de ponto de partida, aos cônegos regrantes, assim como o de Sagaste aos religiosos conhecidos pelo nome Eremitas de Santo Agostinho. Enquanto a S. Bento, a sua obra era ainda mais manifestamente estranha ao fim que se propunha S. Domingos, por quanto ele não fizera mais que ressuscitar a pura vida claustral dividida entre os cantos no coro e os trabalhos manuais.

Obrigado todavia a escolher por antecessor um destes dois grandes homens, Domingos preferiu Santo Agostinho. As razões são fáceis de compreender. Posto que o ilustre bispo nunca tivesse idéia de instituir uma ordem apostólica, ele próprio fôra um apóstolo e um doutor; consumira os seus dias em anunciar a palavra de Deus e defender a sua integridade contra os hereges do seu tempo. Sob que mais apropriada proteção se poderia colocar a nova ordem dos Pregadores? Nem era esta para Domingos uma protecção inteiramente nova; durante longos anos se habituara a ela quando estivera no cabido regular de Osma, e as tradições de sua vida passada aliavam-se por meio desta escolha com as conveniências presentes da sua vocação. É também preciso notar que a regra de Santo Agostinho tinha sobre todas as outras a vantagem inestimável de ser apenas uma simples exposição dos deveres religiosos. Não obedecia a nenhuma forma de governo, não tinha práticas nenhuma determinadas senão a comunidade de bens, a oração, a frugalidade, a vigilância dos religiosos sobre os seus sentidos, a mútua correção dos seus defeitos, a obediência ao superior do mosteiro e acima de tudo a caridade, cuja fama e unção encham essas admiráveis e curtas páginas. Submetendo-se a essas regras, Domingos, propriamente falando, não aceitava mais do que o jugo dos conselhos evangélicos; sentia-se a sua alma à vontade dentro desse plano hospitaleiro traçado por mãos que parecia antes terem querido criar uma cidade do que um claustro. Só faltava então

levantar nessa comum cidade, ao abrigo das suas antigas muralhas, o edifício próprio dos Frades Pregadores.

Mas desde logo se apresentou uma questão. Deveria uma ordem destinada ao apostolado adotar a tradição dos costumes monásticos ou aproximar-se mais da existência mais livre do sacerdócio secular, abandonando assim a maior parte dos usos claustrais? Não se incluía, é claro, nesta dúvida, os três votos de pobreza, castidade e obediência, sem os quais não se compreende nenhuma sociedade espiritual; do mesmo modo que não se compreende um povo sem a pobreza dos impostos, a castidade do matrimonio e a obediência às mesmas leis, sob um mesmo chefe. Mas porventura conviria ao fim do apostolado conservar certos usos como. a recitação em público do ofício divino, a abstinência perpétua da carne, os longos jejuns, o silêncio, o capítulo chamado da culpa, as penitências por faltas à regra e o trabalho manual? Seria toda esta rigorosa disciplina, tão própria para formar o coração solitário do monge e santificar o ócio dos seus dias, compatível com a heróica liberdade de um apóstolo que caminha à sua vontade, lançando para a direita e para a esquerda a boa semente da verdade?: Domingos assim o julgou. Pensou que substituindo o trabalho manual pelo estudo da ciência divina, moderando certas práticas, servindo-se de dispensas a favor dos religiosos mais rigorosamente entregues ao ensino e à pregação, seria possível conciliar a ação apostólica com a regra monástica. Talvez nem mesmo lhe ocorresse a idéia de as separar. Porquanto um apóstolo não é somente um homem de. saber que ensina por meio da palavra; é também um homem que com todo o seu ser prega o cristianismo e cuja mesma presença é como uma visão de Jesus Cristo. Logo, nada mais apto para imprimir nele os sagrados estigmas desta semelhança do que as autoridades do claustro. E não era o próprio Domingos como que um mixto íntimo do monge e do apóstolo? Não era estudar, orar, pregar, jejuar, dormir no chão, andar descalço, passar dos atos penitentes aos actos do proselitismo a sua vida de todos os dias? E quem melhor do que ele conheceria todas as afinidades que havia entre o deserto e o apostolado?

Foram pois aceitas em Prouille as tradições monásticas, apenas com certas modificações, sendo a primeira e mais geral, a seguinte:

"que cada prelado tivesse, no seu convento, o poder de dispensar os irmãos das obrigações gerais, quando assim o julgasse útil, sobretudo no que impedisse o estudo, a pregação e o bem das almas, tendo a nossa ordem sido, desde a sua origem, destinada à pregação e à salvação das almas e devendo todos os nossos esforços tender sem cessar ao proveito espiritual do próximo."

Constituições da
Ordem
dos Frades
Pregadores, Prólogo,
n. 3

Ficou , portanto, estabelecido que o Ofício Divino se havia de recitar na igreja, breve e sucintamente para não diminuir a devoção dos religiosos nem impedir o estudo; que em viagem ficariam isentos dos jejuns regulares, exceto no advento, em certas vigílias e nas sextas feiras de todas as semanas; que poderiam comer carne fora dos conventos da Ordem; que o silêncio não seria absoluto; que seria permitida mesmo no interior dos conventos a comunicação com estranhos à

exceção das mulheres; que se enviaria um certo número de estudantes para as Universidades de maior fama; que lhes seria permitido aceitar dignidades científicas; que poderiam dirigir escolas, constituições estas que, sem destruírem no Frade Pregador o homem monástico, o elevavam à categoria de homem apostólico.

Sob o ponto de vista administrativo havia cada convento de ser governado por um prior conventual; cada província, composta de um certo número de conventos, por um prior provincial; a ordem inteira, por um só chefe a quem depois se deu o nome de superior geral. A autoridade, vindo de cima e derivando do próprio trono do Soberano Pontífice, fortaleceria todos os graus dessa hierarquia, ao passo que a eleição, subindo do mais baixo ao mais elevado, manteria entre a obediência e o poder o espírito da fraternidade. Desse modo irradiava um duplo sinal na frente de cada depositário do poder, isto é, a escolha de seus irmãos e a confirmação do poder superior. Ao convento pertenceria a eleição do seu prior; à província, representada pelos priores e por um delegado de cada convento, a do provincial; à ordem inteira, representada pelos provinciais e por dois delegados de cada província, a do Superior Geral e, por uma progressão contrária, o superior geral confirmaria o superior da província, e este o superior do convento. Todos estes cargos seriam temporários, menos o supremo, para que à providência permanente se juntasse a emulação da variedade. Capítulos gerais, reunidos a curtos intervalos, serviriam para contrabalançar o poder do superior geral e capítulos provinciais o do superior provincial; o superior conventual teria um conselho para o auxiliar nos deveres mais importantes do seu cargo. A experiência bem tem demonstrado a sabedoria desta forma de governo. Com ela tem a ordem dos Pregadores cumprido livremente seus destinos, resguardada ao mesmo tempo do desregramento e da violência; nela se alia um respeito sincero pela autoridade, a um não sei que de franco e natural que, logo à primeira vista, revela o cristão liberto do temor pelo amor. A maior parte das ordens religiosas sofreram reformas que as dividiram em diversos ramos: a dos Pregadores atravessou, sempre uma, as vicissitudes de seis séculos de existência. Estendem-se os seus ramos vigorosos por todo o universo sem que um só se tenha separado do tronco que os criou. Restava apenas decidir a questão de como a ordem havia de prover à sua subsistência. Confiara Domingos esse cuidado à bondade de Deus desde o primeiro dia do seu apostolado. Vivera de esmolas diárias e aplicava ao mosteiro de Prouille todas as liberalidades que excedessem os limites das suas necessidades atuais. Só mais tarde, depois de ver crescer a sua família espiritual é que aceitara de Foulques a sexta parte dos dízimos da diocese de Toulouse e a terra de Cassanel, do Conde de Montfort. Mas todos os seus pensamentos e todo o seu coração eram a favor da pobreza! Viu demasiado bem as chagas que a opulência fizera à Igreja, para desejar para a sua ordem outra riqueza que não fosse a da virtude. Contudo a reunião de Prouille adiou para mais tarde a determinação do estatuto sobre a mendicidade. Temia por certo Domingos que de Roma surgisse algum obstáculo a idéia tão arrojada, e preferiu guardar a sua realização para um tempo menos crítico.

Tais foram as regras fundamentais consagradas pelos patriarcas do Instituto Dominicano. Comparando-as com as dos cônegos regentes de Prémontré vêem-se, apesar da diversidade do seu fim, umas certas semelhanças que provam ter Domingos estudado cuidadosamente a obra de S. Norberto. É provável que enquanto estivera no cabido de Osma tivesse para isso ocasião e que a reforma de Prémontré servisse de modelo à reforma desse cabido.

Entretanto Foulques, que estava sempre pronto para favorecer os

projetos de Dorningos, deu-lhe de uma vez só três igrejas: uma em Toulouse, sob a invocação de S. Romão, mártir; a outra em Pamiers, e a terceira situada entre Soreze e Puy-Laurens, e conhecida pelo nome de Notre-Dame de Lescure. A cada uma destas igrejas estava destinado um convento de Pregadores. Mas a última nunca a chegou a ter, e a de Pamiers teve-a só muito tarde, em 1269. Era conveniente, como já dissermos, que a grande herética Toulouse visse fundar dentro dos seus muros o primeiro convento Dominicano do sexo masculino. Posto que os frades ali vivessem juntos na mesma casa desde o ano antecedente, essa casa nada tinha de um mosteiro propriamente dito se não a vida que lá se levava, e tornava-se necessário pôr em harmonia a vida e a casa. Levantou-se, pois, rapidamente ao lado da igreja de S. Romão um modesto claustro. Um claustro consta de um pátio rodeado de uma arcada. No meio do pátio, segundo as tradições antigas, devia haver um poço, símbolo dessa água viva da Escritura, que

"brota para a vida eterna".

Sob as lajes da arcada, cavavam-se sepulturas; nas paredes gravavam-se inscrições funerárias; nos arcos formados pelo princípio das abóbadas estavam pintados fatos da vida dos santos da ordem ou do mosteiro. Esta parte do convento era sagrada, os próprios religiosos não passeavam nela senão em silêncio tendo presente na memória o pensamento da morte e a lembrança dos seus antecessores. A sacristia, o refeitório, as grandes salas comuns, ficavam de rocia dessa galeria silenciosa, que também comunicava com a igreja por duas portas, uma que dava para o coro, a outra para as naves. Uma escada conduzia aos andares superiores, construídos sobre as arcadas e no mesmo plano. Quatro janelas aos quatro cantos dos corredores deixavam entrar abundante luz; quatro lâmpadas alumiam durante a noite. Ao longo destes corredores altos e espaçosos, cujo único luxo era o asseio, via-se à direita e à esquerda uma enfiada simétrica de portas exatamente iguais. Nos espaços que as separavam pendiam painéis antigos, mapas geográficos, plantas de cidades e de castelos antigos, a lista dos mosteiros da ordem, mil singelas recordações do céu e da terra. Ao toque de um sino abriam-se todas essas portas com uma sorte de suavidade e reverência. Velhos já brancos e de olhar sereno, homens de uma maturidade precoce, adolescentes a quem a penitência e os poucos anos davam um tom de beleza desconhecido do mundo, todas as quadras da vida apareciam ao mesmo tempo sob o mesmo hábito. A cela dos cenobitas era pobre, apenas suficientemente grande para ter dentro um catre de palha ou de crina, uma mesa e duas cadeiras; um crucifixo e algumas estampas devotas constituíam o seu único adorno. Deste túmulo habitado por ele durante os anos da sua vida mortal, passava o religioso para o túmulo que precede a imortalidade. Mesmo ali não se separava dos seus irmãos, tanto vivos como mortos. Colocavam-no, envolvido no seu hábito, sob as lajes do coro; as suas cinzas confundiam-se com as cinzas dos seus antecessores, ao mesmo tempo que os louvores do Senhor, entoados pelos seus contemporâneos e seus descendentes no convento, faziam estremecer as suas cinzas no que elas ainda conservassem de sensibilidade. O' santas e encantadoras casas! Têm-se edificado, na terra, palácios suntuosos; levantado sublimes mausoléus; têm-se erigido a Deus moradas quase divinas; porém nem a arte nem o coração do homem nunca foram superiores à criação de um mosteiro.

O de S. Romão ficou pronto para habitar no fim de agosto do ano de 1216. A sua construção era modesta. As celas tinham seis pés de largo e um pouco menos de comprido; os tabiques que os separavam não chegavam a altura de homem, para que os Religiosos, com quanto

pudessem à vontade entregar-se às suas ocupações, estivessem sempre em uma como meia presença uns dos outros. Todos os móveis eram pobres. A Ordem apenas conservou esse convento até 1232. Nessa época, os dominicanos de Toulouse mudaram-se para uma casa e uma igreja de mais vastas dimensões, de onde foram expulsos pela Revolução Francesa, servindo hoje essa magnífica habitação de quartel e armazéns!

CAPÍTULO IX. Terceira viagem de S. Domingos a Roma.
Confirmação da ordem dos Pregadores por Honório III. S. Domingos ensina no palácio do Papa.

Enquanto se procedia com rapidez à construção do convento de Saint-Romain, sob a direcção de Domingos, uma notícia inesperada veio contristar o coração do Santo Patriarca. Inocência III falecia em Perugia a 16 de Julho e, dois dias depois, o cardeal Conti, da antiga família dos Sabelli, após uma eleição precipitada, subia ao trono pontifício, tomando o nome de Honório III. Esta morte roubava aos interesses dominicanos um protector certo e expunha-os a todas as eventualidades de um novo reinado. Inocência III pertencia a essa raça de homens que a Providência concedera a Domingos para o apreciar e amparar; era do mesmo sangue dos Azevedo, dos Toulouse e dos Montfort, nobre constelação cujos astros se iam extinguindo, uns após outros. Azevedo fora o primeiro a desaparecer, levando consigo o entrecho interrompido dos seus heróicos projetos; e agora, depois de Domingos laboriosamente reunir os seus fios sob os auspícios de Inocência III, desaparecia por sua vez esse grande papa, sem consumir a obra sobre a qual prometera pôr o derradeiro selo. Esta prova porém, foi de curta duração. Domingos, atravessando os Alpes pela terceira vez, conseguiu rapidamente do novo pontífice, apesar das dificuldades de uma nova administração, o prêmio devido aos seus longos trabalhos. A 22 de Dezembro de 1816, foi a sua ordem confirmada por duas bulas cujo texto glorioso é o seguinte :

"Honório, bispo, servo dos servos de Deus, aos seus amados filhos Domingos, prior de Saint-Romain de Toulouse, e aos religiosos presentes e futuros fazendo profissão da vida regular, saúde e benção apostólica. Convém colocar sob a protecção apostólica os que abraçarem a vida religiosa, com receio de que temerários atentados os desviem do seu intento ou, o que Deus não permita, destruam o poder sagrado da religião".

"Eis porque, amados Filhos no Senhor, Nós acedemos sem dificuldade aos vossos rogos e, pelo presente privilégio, tomamos sob a protecção do bem-aventurado Apóstolo Pedro, e sob a Nossa, a igreja de Saint-Romain de Toulouse, na qual vos consagrastes ao divino serviço. Nós decretamos em primeiro lugar, que a ordem canônica estabelecida nessa igreja segundo Deus e a regra de Santo Agostinho, seja nela perpétua e inviolavelmente observada; e além disso, que os bens legitimamente adquiridos por essa igreja, ou que lhe possam sobrevir por concessão dos pontífices, munificência dos reis e dos príncipes, ofertas dos fiéis, ou por qualquer outra forma legítima,

permaneçam seguros e intactos nas vossas mãos e nas dos vossos sucessores. Nós julgámos mesmo útil designar por nome os seguintes bens, a saber: o próprio terreno onde está situada a igreja de Saint-Romain com todas as suas dependências, a igreja de Prouille com todas as suas dependências, a terra de Cassanel, a igreja de Notre-Dame-de-Lescure com todas as suas dependências, o hospício de Toulouse, denominado Arnaud-Bérard, com todas as suas dependências, a igreja da Santíssima Trindade de Lobens com todas as suas dependências, e os dizimos que o nosso venerável irmão Foulques, bispo de Toulouse, com piedosa e previdente liberdade, vos cedeu com consentimento do seu cabido, como se verá pelas actas. Que ninguém pense em vos exigir dizimos, quer sobre os campos que cultivais com as vossas próprias mãos, ou à vossa custa, quer sobre o produto do vosso gado. Nós vos concedemos que recebais e conserveis convosco, sem receio de contradição, os clérigos e seculares, desejosos de abandonar o século, contanto que não estejam ligados por outros compromissos. Nós proibimos que os nossos religiosos, depois da sua profissão, passem para outra regra, sem licença do seu superior, a não ser para abraçar uma forma de religião mais austera, e que ninguém aceite esses trânsfugos sem o vosso consentimento. Tereis de providenciar ao serviço das igrejas paroquiais que vos pertencerem, escolhendo e apresentando ao bispo diocesano, padres dignos de obterem dele o governo das almas, e que perante ele fiquem responsáveis pelas causas espirituais, e perante vós pelas temporais. Nós proibimos que se imponha à vossa igreja novos e desusados encargos, nem que lancem contra vós sentenças de excomunhão ou de interdito, a não ser por causa manifesta e racional. Se lançassem um interdito geral, podeis celebrar o ofício divino em voz baixa, sem toques de sino, a porta fechada, depois de haverdes posto fora os excomungados e os interditos. Em quanto ao crisma, aos santos óleos, à consagração dos altares ou das basílicas, à ordenação do vosso clero, tudo recebereis do vosso bispo diocesano, se todavia for católico, estiver na graça e comunhão da Santa Sé, e consinta em vo-las conceder sem injustas condições; no caso contrário, dirigir-vos-eis a qualquer bispo católico que vos aprouver escolher, contanto que esteja na graça e comunhão da Santa Sé, e ele satisfará os vossos pedidos, pela virtude da nossa autoridade. Nós vos concedemos a liberdade de sepultura na vossa igreja, ordenando que ninguém se oponha à devoção e última vontade daqueles que desejarem ser nela enterrados, contanto que não estejam excomungados nem interditos; isto sem prejuízo do direito das igrejas a quem pertençam os emolumentos dos enterros. Por vossa morte ou dos vossos sucessores no cargo de superior desta mesma casa, que ninguém pretenda ao governo por fraude ou violência, mas tão somente aquele que houver sido escolhido por consentimento de todos ou da maior e

melhor parte dos religiosos, segundo Deus e a ordem de Santo Agostinho. Nós ratificamos igualmente as liberdades, imunidades e usos racionais, de há muito introduzidas na vossa igreja e conservadas até hoje, querendo para sempre que sejam invioláveis. Que nenhum homem ouse pois, incomodar esta igreja, tirar ou reter os seus bens, diminuí-los ou fazer deles assunto de vexames; mas que se conservem intactos para uso e amparo daqueles a quem foram concedidos, com a reserva da autoridade apostólica, e a justiça canônica do bispo diocesano. Se qualquer pessoa, eclesiástica ou secular, conhecedora desta constituição que acabamos de escrever, não receie infringi-la, e sendo admoestada uma segunda e terceira vez, se recuse a dar satisfação, que essa seja destituída de todo o poder e honras, e saiba que se tornou ré perante o juízo divino de uma iniquidade; que fique apartada da comunhão do corpo e sangue de nosso Deus, Senhor e Redentor Jesus Cristo, e que no juízo final sofra uma pena severa. Aqueles, ao contrário, que conservarem a esta casa os seus direitos, que a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo seja com eles, que recebam na terra o fruto de uma boa ação, e do Juiz supremo uma recompensa eterna.

Assim seja."

Bulário da Ordem
dos Pregadores, p.

2

A segunda bula, documento tão curto quanto profético, é concebida nos seguintes termos:

"Honório, bispo, servo dos servos de Deus, ao seu amado filho Domingos, superior de Saint-Romain de Toulouse, e aos nossos religiosos que fizeram ou farão profissão da vida regular, saúde e benção apostólica. Nós, considerando que os religiosos da nossa ordem serão os campeões da fé e as verdadeiras luzes do mundo, confirmamos a vossa ordem com todas as suas terras e bens presentes e futuros, e tomamos sob o nosso governo e proteção essa mesma ordem com todos os seus bens e direitos".

Idem, P. 4.

Estas duas bulas foram concedidas no mesmo dia em Santa Sabina. A primeira, além da assinatura de Honório, tem mais as de dezoito cardeais. Por mais favorável que fosse a sua redação, contudo os desejos de Domingos ainda não estavam todos satisfeitos; porque ele queria que o nome da sua ordem só por si fosse um testemunho perpétuo do fim que se propusera instituindo-a. Desde o princípio do seu apostolado sentira prazer na denominação de Pregador. Vê-se por um ato de homenagem a que assistira a 21 de junho de 1211, que se servia de um selo onde estavam gravadas estas palavras: 'Selo de Frei Domingos, Pregador'. Quando veio a Roma, no tempo do concílio de Latrão, propunha-se, diz o bem aventurado Jordão de Saxe, obter do Papa uma Ordem de homens que tivessem o exercício e nome de

Pregadores'. Deu-se mesmo nessa época um fato notável. Inocêncio III, que havia pouco animara Domingos por uma aprovação verbal, precisou escrever-lhe. Chamou um secretário e disse-lhe:

"Escrevei sobre tal e tal assunto a Frei Domingos e seus companheiros".

Refletindo porém, um momento, disse:

"Escrevei antes da seguinte forma: A Frei Domingos e aos que com ele estão pregando no distrito de Toulouse".

Depois, refletindo novamente, disse:

"Escrevei assim: A Mestre Domingos e aos Frades Pregadores".

Estêvão de
Salanhac,
As quatro coisas em
que
Deus honrou a Ordem dos
Frades Pregadores.

Todavia Honório nas suas bulas abster-se de dar qualquer denominação à nova ordem.

Foi sem dúvida para reparar este silêncio que ele, um mês depois, a 26 de janeiro de 1219, ditou as seguintes cartas:

"Honório, bispo, servo dos servos de Deus, aos seus amados filhos, o Superior e os Religiosos de Saint-Romain, Pregadores em Toulouse, saúde e benção apostólica. Nós rendemos devidas ações de graças ao dispensador de todos os dons por aquele que vos concedeu e no qual esperamos ver-vos perseverar até ao fim. Devorados interiormente pelo fogo da caridade, espalhais exteriormente um perfume admirável que deleita os corações sãos e dá saúde aos que estão enfermos. Ofereceis-lhes, como médicos hábeis que sois, as mandrágoras espirituais que os livram da esterilidade, isto é, a semente da palavra de Deus inflamada por uma eloquência salutar. Servos fiéis, o talento que vos foi confiado frutifica nas vossas mãos e com usura o restituireis ao Senhor. Atletas invencíveis de Cristo, vestis o escudo da fé e o elmo da salvação sem temer os que podem matar o corpo, empregando magnanimamente contra os inimigos da fé essa palavra de Deus que penetra mais que a lamina mais aguda, e desprezando as vossas almas neste mundo para as encontrar na vida eterna. Mas, como é o fim e não o combate que dá a coroa e como só com a perseverança é que se recolhe o fruto de todas as virtudes, nós vos rogamos e ardentemente vos exortamos a caridade por meio destas cartas apostólicas, assim como que, para remissão dos vossos pecados, vos fortaleçais cada vez mais no Senhor, que espalheis o Evangelho em todo o tempo e que finalmente desempenheis plenamente o dever de

evangelistas. Se por esse motivo sofrerdes tribulações, suportai-as não somente com igualdade de alma, mas regozijai-vos e triunfai como o Apóstolo de haverdes sido julgados dignos de sofrer opróbrios pelo nome de Jesus Cristo. Porque essas ligeiras e curtas aflições hão de produzir um peso imenso de gloria, com o qual não têm comparação os males do tempo. Rogamo-vos igualmente, Nós, que vos guardamos no coração como filhos muito especialmente amados, que intercedais por Nós junto de Deus com o sacrificio das vossas orações, a fim de que Ele, porventura, conceda aos vossos sufrágios o que Nós não obtemos por nossos próprios merecimentos".

Bulário Ordem dos
Pregadores, p. 4

Foi assim que o exercício e o nome de Pregadores foram atribuídos pontificalmente aos religiosos dominicanos. A graduação dos três documentos que acabamos de citar é muito notável. Na bula maior, resolvida em consistório e assinada pelos cardeais, não se trata de forma alguma do fim da ordem. Simplesmente a designam como uma

"ordem canônica sob a regra de Santo Agostinho".

A segunda bula na sua brevidade é mais clara. Chama aos filhos de Domingos

"campeões da fé e verdadeiras luzes do mundo".

Finalmente o terceiro diploma qualifica-os abertamente de

"Pregadores",

louva-os pelos seus passados trabalhos apostólicos e anima-os a continuá-los no futuro. O mistério destes documentos tem exercitado a perspicácia dos historiadores. Procuravam, sobretudo, saber as razões porque o Soberano Pontífice dera duas bulas sobre o mesmo assunto no mesmo dia; conjecturaram que a primeira era destinada a ficar nos arquivos da ordem, a segunda a servir-lhe como uma espécie de passaporte diário. Mas terá, porventura, uma ordem solenemente aprovada pela Santa Sé necessidade de apresentar uma bula a quantos se apresentarem? Não traz ela consigo mesma a sua autenticidade? E no caso de a contestarem, não será evidente que o documento necessário é aquele que contém as suas liberdades e privilégios, um documento de poucas linhas que não determina a sua situação canônica? Há, de resto, no progressivo reconhecimento dos Pregadores, uma singularidade que nos leva a uma outra explicação. Parece-nos provável que na corte pontifical existisse qualquer oposição ao estabelecimento de uma ordem apostólica e que fosse essa a causa do silêncio absoluto da bula principal sobre o fim da nova religião autorizada por ela. Porém, instado por Domingos, e inspirado por Deus, o Soberano Pontífice no mesmo dia assinou uma declaração da razão particular que o dirigira e, um mês mais tarde, julgou conveniente não guardar mais reserva na expressão do seu pensar e da sua vontade.

A 7 de fevereiro seguinte, Honório III confirmou por um breve formal uma disposição da sua primeira bula. Era aquela que proibia aos Pregadores abandonarem a sua regra por outra, a não ser que fosse mais austera.

Tendo Domingos, deste modo, obtido de Roma tudo quanto esperava, sentia desejos de voltar para junto dos seus. Mas a quaresma que estava quase a começar deteve-o. Aproveitou a ocasião para exercer na capital do mundo cristão o ministério apostólico que acabava de lhe ser confiado. O resultado que obteve foi enorme. Explicou as Epístolas de S. Paulo no próprio palácio do Papa, na presença de um numeroso auditório. Este fato nos mostra que ele, além da sua controvérsia com os hereges, seguia nas suas prédicas o método dos Doutores da Igreja, explicando ao povo as Sagradas Escrituras não em frases soltas apanhadas aqui e ali, mas com ordem, de forma que a história, o dogma e a moral se amparassem mutuamente, e que a instrução fosse a base da eloquência. O púlpito é, com efeito, uma escola de teologia popular. E' dele que, pelos lábios do sacerdote iniciado em todos os mistérios da ciência divina, desliza sobre o mundo a abundância da eterna doutrina com a tradição do passado e as esperanças do futuro. Conforme essa corrente aumenta ou diminui, assim cresce ou diminui a fé sobre a terra. Domingos, escolhido por Deus para reanimar o apostolado na Igreja, pesara sem dúvida as condições da palavra evangélica e, a julgar pela primeira experiência que fez em Roma em plena força da vida, podemos ajuizar que ele ligava grande valor à explicação seguida das Sagradas Escrituras. Uma instituição memorável veio confirmar o fruto do seu ensino. O Papa, desejoso que esse ensino não fosse vantagem passageira para o povo romano e sobretudo para as pessoas da sua corte a quem era principalmente destinado, erigiu-o em um cargo perpétuo, cujo titular se ficou chamando Mestre do Sagrado Palácio. Domingos foi o primeiro revestido desse cargo que os seus descendentes têm até hoje desempenhado com honra. O tempo têm-lhe aumentado muito os deveres e os direitos. De pregador e doutor abrindo no Vaticano uma escola espiritual, o Mestre do Sagrado Palácio tornou-se o teólogo do Papa, o censor universal dos livros impressos ou introduzidos em Roma, o único com poder de conferir o grau de doutor na universidade romana, o incumbido de escolher aqueles que têm de pregar na presença do Santo Padre nas solenidades, funções estas realçadas ainda por grande número de privilégios honrosos, cuja herança se tem invariavelmente transmitido de uns filhos de Domingos para os outros.

Ao mesmo tempo que o Santo Patriarca se tornava conhecido em Roma pelas suas pregações, freqüentava também a casa do cardeal Ugolino, bispo de Óstia. Ugolino, da nobre família dos Conti, era um ancião venerável, ilustre por vinte anos de púrpura e setenta e três de vida. Era o amigo de S. Francisco de Assis, que lhe profetizara a tiara, e que muitas vezes lhe escrevera nestes termos:

"Ao reverendíssimo Padre e Senhor Ugolino,
futuro bispo do mundo inteiro e pai das nações".

Apesar da sua avançada idade, sentiu-se atraído para Domingos, como já se sentira para Francisco, e no seu coração ainda novo achava capacidade para os amar a ambos de um igual afeto. E' privilégio de certas almas o serem até ao último suspiro férteis em ardentes emoções, e Domingos teve o de nunca lhe suceder perder uma afeição sem conquistar logo outra. O velho cardeal Ugolino, que estava destinado a morrer quase centenário sobre o trono pontifical, fora-lhe por Deus concedido para ser o seu guia para o túmulo, e o protetor da sua memória, para celebrar as suas exéquias com a piedosa devoção do amigo, e para gravar o seu nome no livro dos Santos com a infalibilidade do pontífice. Nem foi este o único fruto destas ilustres relações.

Havia em casa do cardeal um jovem italiano, chamado Guilherme de Montferrat, que viera a Roma para ali passar as festas da Páscoa. A vista e os discursos de Domingos moviam extraordinariamente este mancebo, e acabaram por lhe inspirar as resoluções que ele próprio nos narra do seguinte modo:

"Há de haver dezesseis anos que eu vim a Roma passar o tempo da quaresma e o papa hoje reinante, que nesse tempo era bispo de Óstia, recebeu-me em sua casa. Nesse mesmo tempo Frei Domingos, fundador e primeiro superior da Ordem dos Pregadores, estava na côrte romana, e vinha a miúdo visitar o bispo de Óstia. Isso deu-me ocasião de conhecê-lo: a sua conversa agradou-me, e comecei a afeiçoar-me a ele. Falávamos muitas vezes sobre cousas que diziam respeito à nossa salvação e à salvação dos outros, e parecia-me que nunca encontrara homem mais religioso, embora na minha vida tivesse já falado com muitos que o eram. Porém, nunca vira nenhum com tão grande zelo pela salvação do gênero humano. Fui no mesmo ano estudar teologia a Paris, porque combinara com ele que depois de estudar dois anos, e depois dele também ter terminado o estabelecimento da sua ordem, iríamos juntos trabalhar na conversão dos pagãos da Pérsia e dos países setentrionais".

Atas de Bolonha
2º depoimento

Deste modo conquistava Domingos o coração dos velhos e dos novos, e apenas se confirmara a sua Ordem já ele pensava em abrir-lhe em pessoa as portas do Norte e do Oriente. A sua alma, comprimida dentro da Europa civilizada, anelava pelos povos que o cristianismo ainda não iluminara; ansiava por acabar a sua carreira no meio deles e selar o seu apostolado com o selo do martírio.

Uma visão que teve veio animá-lo nestes seus ardentes projetos. Um dia em que orava em S. Pedro pela conservação e extensão da sua ordem, sentiu-se arrebatado em êxtase. Apareceram-lhe os dois Apóstolos S. Pedro e S. Paulo. S. Pedro apresentou-lhe um bordão, S. Paulo um livro, e ao mesmo tempo ouviu uma, voz que lhe dizia:

"Vai pregar, pois para isso foste chamado".

O B. Humberto
Vida S. Domingos,
n. 26

Na mesma ocasião viu os seus discípulos que dois a dois percorriam o mundo inteiro evangelizando-o. Desse dia em diante trouxe sempre consigo as epístolas de S. Paulo e o Evangelho de S. Mateus, e quer estivesse de viagem, quer em qualquer cidade, andava sempre de bordão na mão.

CAPÍTULO X. Nova assembléia dos Frades Pregadores em Notre Dame de Prouille, e a sua dispersão pela Europa.

Domingos partiu de Roma depois das festas da Páscoa do ano de 1218 e foi imediatamente reunir-se aos seus Religiosos. Estes haviam então atingido o número de dezesseis, a saber: oito franceses, sete espanhóis e um inglês.

Os franceses eram Guilherme Claret, Mateus de França, Bertrand de Garrigua, Tomás, Pedro Cellani, Estevão de Metz, Noel de Prouille e Oderico da Normandia. A história conservou-nos além dos seus nomes alguns traços que pintam o caráter da maior parte deles.

Guilherme Claret era natural de Pamiers, e um dos companheiros mais antigos de Domingos. O bispo de Osma, ao deixar a França, encarregara-o do governo temporal da missão do Languedoc. Conta-se que depois de consagrar à ordem mais de vinte anos da sua vida, fêz votos na Abadia de Bolbonne, pertencente aos Cistercienses, e quiz mesmo transferir para eles o mosteiro de Prouille.

Mateus de França passara a sua mocidade nas escolas de Paris. O conde de Montfort fê-lo prior de uma colegiada de cônegos, em Saint Vincent de Castres. Foi aí que Mateus conheceu Domingos e que, vendo-o um dia levantado, em êxtase no ar, se lhe entregou completamente. Foi ele o fundador do celebre convento de Saint-Jacques de Paris. O seu corpo aí jazia no coro, ao pé da cadeira que ocupara como superior do mosteiro.

Bertrand de Garrigua, assim chamado do lugar onde nasceu, pequena povoação de Languedoc perto de Alais, era um homem de uma austeridade extraordinária. Domingos aconselhou-lhe um dia que chorasse pouco sobre os seus pecados e muito sobre os dos outros. Na sua última viagem à Itália confiara-lhe o governo de Saint-Romain. Bertrand morreu em 1230, foi sepultado em Orange, em uma casa de religiosos, onde as suas relíquias operaram milagres. Estas foram transportadas em 1427, por ordem do Papa Martinho V, para o convento dos Frades Pregadores da mesma cidade.

Tomás era um cidadão distinto de Toulouse. Jordão de Saxe chama-o

"um homem cheio de graça e de eloquência".

Vida S. Domingos,
c. 1

Fêz-se discípulo de Domingos, no ano de 1215, ao mesmo tempo que Pedro Celani seu concidadão.

Pedro Celani, jovem, rico, respeitado, mais nobre ainda pelo coração do que pelo nascimento, entregou no mesmo dia a Domingos a sua pessoa e a sua casa. Foi o fundador do Convento de Limoges. Foi sempre tido em grande veneração até à sepultura, onde baixou no ano de 1259, depois de exercer nas épocas mais difíceis o cargo de inquisidor que lhe impusera Gregório IX.

Pedro de Metz vivia com Domingos em Carcassone desde o ano 1213. Foi o fundador do convento de Metz, e daí lhe vem o apelido pelo qual é conhecido na historia.

Nada se sabe de notável sobre Noel de Prouille.

Oderico da Normandia não foi padre; foi o primeiro frade converso da

ordem.

Eis quais eram nessa época os elementos franceses da família dominicana. Posto que fracos em número, tiveram uma ação tão rápida e tão vasta que com verdade se pôde dizer da França que foi ela a mina e o crisol de onde saíram os Frades Pregadores. E' com jovens franceses que Domingos funda Notre-Dame de Prouille, berço da sua ordem; são dois franceses que, consagrando-se a ele, dão lugar a que se comece Saint-Romain de Toulouse; vemos Mateus de França fundar Saint-Jacques de Paris, e um outro francês, que nos é por enquanto desconhecido, São Nicolau de Bolonha. Estudando a predestinação da França, tal qual no-la revela a sua posição territorial, a sua história e a sua índole, é-nos fácil compreender a grande parte que Deus lhe dava na formação de uma ordem apostólica. Desse povo disse-se que era soldado; missionário é que se devia dizer, porque a sua própria espada é propagandista. Nenhum outro país contribuiu como este para o aumento do domínio de Jesus Cristo no Ocidente, e desde as cruzadas o seu nome se tornara inseparável do nome de cristão na linguagem dos reinos do Oriente. No batismo recebera o dom de crer e amar com igual força, e uma magnífica posição, correspondente ao seu caráter, abria às suas conquistas todos os continentes do mundo. A França é uma nau cujo porto é a Europa, e que lança as suas ancoras em todos os mares. Podemos nós porventura admirar-nos que Deus a escolhesse para ser, na mão de S. Domingos, o instrumento principal de uma ordem destinada a uma ação universal? A Espanha todavia não foi infiel ao grande homem que criara no seu seio e, posto que toda entregue à sua paciente e gloriosa luta contra os antigos dominadores do seu solo, assim mesmo concorreu com mais de um soldado para o exército espiritual.

Foram eles os seguintes: Domingos de Segóvia, Lúcio Gomes, o bem aventurado Manés, Miguel de Fabra, Miguel de Usero, Pedro de Madri e João de Navarra.

Domingos de Segóvia foi um dos mais antigos companheiros do apostolado do Languedoc; Jordão de Saxe chama-o

"homem de uma perfeita humildade, pequeno em ciência, mas grande em virtude".

Vida S. Domingos,
c. 1

Conta-se dele que querendo uma mulher sem pudor experimentar a sua virtude, ele deitou-se no seu quarto no meio de tições ardentes e disse à tentadora:

"Se é verdadeiro o vosso amor, eis o lugar e a hora."

Ibid.

Suéro Gomes era um dos principais fidalgos da corte de Sancho I, rei de Portugal. A notícia da cruzada contra os Albigenses atraíra-o ao Languedoc onde serviu, como cavaleiro, à causa católica. Movido, porém, pela graça de Deus, reconhece que existe uma milícia melhor e tudo abandona para pregar Jesus Cristo e a sua palavra. Foi o fundador do convento de Santarém, que fica sobre o Tejo algumas léguas acima de Lisboa. O rei Afonso II honrou-o sempre com grandes provas de confiança. Morreu em 1233, glorificado com o título de Santo, por vários historiadores.

O bem aventurado Manés era irmão de S. Domingos. Ignora-se quando e como tomou o hábito da ordem. Morreu em 1230, e foi sepultado em Gumiel-d'Azan no túmulo dos seus antepassados.

Miguel de Fabra foi o primeiro leitor ou professor de teologia que a ordem teve. Ensinou no convento de Paris, foi confessor e pregador de Jaime rei de Aragão, e fundou os conventos de Maiorca e Valência. Os antigos escritores celebraram o seu zelo apostólico, os seus serviços na guerra contra os mouros, a sua assiduidade na oração e na contemplação e os seus milagres. Os seus restos foram primeiro enterrados na sepultura comum dos Frades de Valência; porém o superior, avisado por um milagre que os transportasse para um lugar mais digno, depositou-os com grande pompa numa capela do convento dedicada a S. Pedro Mártir.

A tradição nada nos transmitiu de notável sobre Miguel de Uzero e Pedro de Madrid.

João de Navarro nasceu em Saint-Jean-Pied-de-Port. Recebeu o hábito da ordem a 8 de agosto, dia da festa de Santo Agostinho. Foi o único dos primeiros companheiros de Domingos que serviu de testemunha no processo da sua canonização, e pelo seu próprio depoimento sabemos que muitas vezes o acompanhou e viajou com ele.

Finalmente a Inglaterra alia também uma gota do seu sangue ao sangue francês e espanhol desta primeira geração da dinastia dominicana, como se todos os povos marítimos da Europa devessem pagar-lhe o seu tributo. O inglês, companheiro de Domingos, chamava-se Lourenço.

Se foi grande o júbilo à chegada do pai de família, não foi menor o espanto quando se soube da resolução que trazia de os dispersar imediatamente a todos. Estavam todos persuadidos que ele os conservaria muito tempo na santa e estudiosa obscuridade do claustro. Não parecia haver a menor probabilidade de que ele quisesse quebrar a unidade de uma corporação ainda tão diminuta. E que se poderia esperar de uma mão cheia de homens dispersos pela Europa antes da fama da nova ordem os haver precedido? O arcebispo de Narbonne, o bispo de Toulouse, o conde de Montfort, todos os que se interessavam pela ordem recém-nascida, pediram encarecidamente a Domingos que não arriscasse o seu feliz êxito com uma prematura ambição do bem. Ele, porém, tranquilo e inabalável no seu propósito, respondeu-lhes:

"Meus senhores e pais, não vos oponde a mim,
porque eu sei bem o que faço".

Atas de Bolonha
Depoimento de João
de Navarro, n. 2

Pensava na visão da basílica de São Pedro, e soavam-lhe aos ouvidos. as palavras dos dois apóstolos :

"Ide pregar".

Recebera ainda outro aviso sobre a próxima ruína do conde de Montfort. Vira em sonhos uma grande árvore que cobrindo a terra com os seus ramos dava abrigo às aves do ar, quando um golpe imprevisto, deitando-a de repente abaixo, dispersou todos os que se haviam acolhido à sua sombra. Quando é Deus que manda estes presságios misteriosos,

junta-lhes uma certa luz que explica o seu sentido. Compreendeu Domingos que Montfort era a árvore cuja queda havia de derrubar as esperanças dos católicos, e que não era portanto prudente edificar sobre um túmulo. Uma superior sagacidade humana juntava-se a estas revelações e contribuía para o dissuadir do conselho dos seus amigos. A sua idéia era que o apóstolo se forma mais depressa na ação do que na contemplação, e que o meio mais seguro de atrair gente à sua ordem era estabelecê-la afoitamente no centro mesmo das agitações do espírito humano. Ele mesmo deu essa memorável razão aos seus discípulos sob uma figura tão engenhosa como apropriada:

"O grão",

disse-lhes ele,

"frutifica quando o semeiam, e estraga-se quando o guardam amontoado".

Constantino de
Orvieto, n. 21;
B. Humberto, n. 26

Três cidades governavam então a Europa: Roma, Paris e Bolonha. Roma pelo seu pontífice, Paris e Bolonha pelas suas universidades, que eram o ponto de reunião da mocidade de todas as nações. Foram estas três cidades que Domingos escolheu para serem as capitais da sua ordem. Não podia, porém, esquecer a sua pátria, embora esta não tivesse ainda entrado no movimento geral da Europa, nem abandonar o Languedoc, que tivera as primícias dos seus trabalhos. Vê-se, pois, qual era a tarefa que ele se propunha ao mesmo tempo e quais os elementos de que dispunha. Dezesseis homens pareciam-lhe suficientes para conservar Prouille e Toulouse, para tomar posse de Roma, Paris, Bolonha e Espanha. Nem ficavam ainda por aqui os seus projetos: aspirava, como vimos, a evangelizar os infiéis de além-mares, deixando desde logo crescer a barba à moda dos Orientais, para estar pronto ao primeiro vento favorável. Por efeito desta mesma providência, desejava que os seus Religiosos elegessem canonicamente um deles, para tomar o seu lugar quando ele tivesse de partir. Estando deste modo tudo decidido na sua mente, e depois de gozar algum tempo da ventura de viver em comum com todos os seus, convocou-os a reunirem-se no mosteiro de Prouille, no próximo dia da Assunção.

Nesse dia juntou-se uma imensa multidão de homens às portas da igreja de Prouille. A antiga devoção do sítio atraía uma parte; outros fôra a curiosidade que ali os levara; a amizade e dedicação trouxe bispos, cavaleiros, e o conde de Montfort. Domingos celebrou o santo sacrifício nesse altar, tantas vezes testemunha das suas lágrimas secretas; recebeu os votos solenes dos seus Religiosos, que até aí apenas estavam ligados pela constância do seu coração, ou pelo menos apenas haviam feito votos simples, e no fim do discurso que lhes dirigiu, voltando-se para o povo, falou-lhe nos seguintes termos:

"Há muitos anos que vos exorto inutilmente com brandura, pregando, suplicando e chorando; mas, segundo o provérbio do meu país, onde a benção nada pode, pode alguma coisa o castigo. Eis pois porque excitaremos contra vós os príncipes e prelados, que, ai de vós! armarão contra este país os reinos e as nações, e um grande número perecerá pela espada; as vossas terras serão devastadas, as vossas muralhas derrubadas, e vós

todos, ó pesar!, sereis reduzidos à servidão.
Deste modo prevalecerá o castigo onde nada puderam a
benção e a brandura".

Estes adeuses de Domingos à terra ingrata que ele durante doze anos regara com os seus suores parecem um testamento formal contra aqueles que haviam um dia de profanar a sua memória. Para sempre determinou o caráter do seu apostolado, cuja força consistiria sempre na brandura, nas pregações, nas súplicas, e nas lágrimas. A profética ameaça neles contida lembra, pelo seu tom, essa célebre lamentação de Jesus Cristo sobre Jerusalém:

"Ai de ti, se ao menos neste dia que ainda te é dado, tu conhecesses o que te pôde trazer a paz!
Mas agora essas coisas estão ocultas aos teus olhos.
Virão dias em que teus inimigos te rodearão de
balas, e te cercarão, e te perseguirão por todos os
lados, e te deitarão por terra, a ti e às crianças
que estão dentro de ti, e não te deixarão pedra
sobre pedra, por isso que não conheceste o tempo em
que o Senhor te visitou".

Lc. 19, 42-44

Domingos não diz que há de ser ele que há de pessoalmente excitar contra eles os príncipes e os prelados; mas, não separando a sua pessoa da cristandade inteira, diz sob uma forma que implica uma solidariedade geral:

"Eis que nós excitaremos contra vós os príncipes
e prelados!"

Enquanto a ele, alheio a tudo que se faz na ordem da guerra e da justiça, gemendo sobre as desgraças futuras, retira-se puro de sangue, deixa a França, e com ela o teatro dos negócios e das batalhas; vai fundar conventos em Itália, França e Espanha e, de bordão de viajante em punho, com a sacola às costas, gastar nessas criações pacíficas os restos de uma vida já devorada pelo sacrifício.

Terminada a cerimônia pública, Domingos expõe aos seus Religiosos as suas intenções sobre cada um deles. Guilherme Claret e Noel de Prouille ficam no mosteiro de Notre-Dame-deProuille; Tomás e Pedro Celani em Saint-Romain de Toulouse. Destina à Espanha Domingos de Segóvia, Suéro Gomes, Miguel de Uzero e Pedro de Madrid. Paris teria três franceses, Mateus de França, Bertrand de Garrigua e Oderico da Normandia, três espanhóis, o bem-aventurado Manés, Miguel de Fabra e João. de Navarro e mais o inglês Lourenço. Reservara Domingos Estevão de Metz apenas para a fundação dos conventos em Roma e Bolonha. Antes de se separarem os Religiosos elegeram para abade Mateus de França, isto é, para superior geral da ordem sob a autoridade suprema de Domingos. Este título que inculcava uma certa magnificência, pela grandeza a que se haviam elevado os chefes das antigas ordens, concedeu-se só esta vez e extinguiu-se para sempre na pessoa de Mateus de França. Determinou-se que se daria o nome mais modesto de mestre àquele que fosse chamado ao governo geral dos Frades Pregadores.

Esta divisão do mundo entre alguns homens era já por si um espetáculo extraordinário; mas tornou-se muito mais ainda pelas suas circunstâncias. Os novos apóstolos partiram a pé, sem dinheiro, desprovidos de todos os recursos humanos, com a missão não só de

pregar como também de fundar conventos. Apenas um deles, João de Navarra, recusou pôr-se a caminho nessas condições, e pediu dinheiro. Domingos, vendo um Frade Pregador que não confiava na Providência para os meios de viver, pôs-se a chorar, e lançou-se aos pés deste seu filho de tão pouca fé. Não podendo, contudo, vencer a sua falta de confiança em Deus, mandou que lhe dessem doze moedas de cobre. Resolvidas todas estas coisas, a 13 de Setembro, quatro anos dia por dia depois da batalha de Moret, o velho conde Raimundo tornou a entrar em Toulouse. A obra do abade de Cister estava aniquilada; a de Deus cumprira-se.

CAPÍTULO XI. Quarta viagem de S. Domingos a Roma. Fundação dos conventos de S. Sixto e de Santa Sabina. Milagres que acompanham estas duas fundações.

Domingos não partiu do Languedoc logo depois da dispersão dos Religiosos. A prova está num tratado que concluiu em 11 de setembro seguinte, relativamente aos dizimos que Foulques anteriormente lhe concedera. Era questão de saber até onde se estendia esse direito. Ficou assente que não se exigiria das freguesias cuja população fosse de menos de dez famílias, e escolheram-se árbitros para regular todas as dificuldades que pudessem surgir no futuro. Feito isto, Domingos galgou a pé, segundo o seu costume, a subida dos Alpes. Ia apenas acompanhado por Estevão de Metz. Perde-o a história de vista até Milão, onde o torna a encontrar à porta da colegiada de S. Nazário, pedindo hospitalidade aos cônegos. Estes receberam-no como um dos seus, por causa do hábito canônico de que se achava revestido.

O seu primeiro cuidado, assim que chegou a Roma, foi procurar um local próprio para a fundação de um convento. Do lado sul do monte Coelio, ao longo da via Ápia, em frente das gigantescas ruínas das Termas de Caracala, havia uma antiga igreja, dedicada a S. Sixto II, papa e mártir. Mais cinco papas, mártires como ele, descansavam ao seu lado nesse túmulo. De um lado da igreja, recentemente reedificada, via-se um claustro quase concluído. A solidão profunda da igreja e do claustro contrastava com os trabalhos recentes cujos vestígios se viam por todos os lados. Era evidente que ali um acontecimento inesperado interrompera a execução de uma idéia. Efetivamente, fôra a morte de Inocêncio III que suspendera a restauração desse sítio antigo e célebre. O claustro fôra por ele destinado para reunir, sob uma mesma regra, diversas religiosas que viviam em Roma em grande liberdade. Domingos, que ignorava essa circunstância, correu a pedir a igreja e o mosteiro ao soberano pontífice; Honório III fez-lhe concessão verbal deles.

Em três ou quatro meses juntou Domingos em S. Sixto uns cem religiosos. Nele sucedia uma fertilidade rápida e prodigiosa à morosidade que fôra sempre o característico do seu destino. Este homem, cuja verdadeira carreira só começara aos trinta e cinco anos, e que levava doze anos a arranjar dezesseis discípulos, via-os agora cair a seus pés como espigas maduras caindo sob a foice do segador. E nisto nada há de espantoso: por uma lei da graça e da natureza, acontece que uma força por muito tempo comprimida atua com impetuosidade quando chega a quebrar as suas prisões ou barreiras. De resto, em todas as coisas existe um certo período de maturação que faz conseguir um resultado tão pronto como inevitável. S. Sixto, situado sobre a estrada que outrora seguiam os conquistadores romanos para chegarem ao capitólio, foi durante um ano testemunha de cenas mais assombrosas do que

os espetáculos aos quais os generais de Roma haviam acostumado a via Ápia. Em nenhum lugar nem em nenhuma época manifestou Domingos melhor a autoridade que Deus lhe dera sobre as almas, e nunca a natureza lhe obedeceu com mais reverente diligência. Foi este o momento triunfante da sua vida.

Primeiro que tudo, tornava-se preciso acabar o mosteiro. Enquanto se trabalhava nele, prosseguiu Domingos com as suas pregações nas igrejas e com as suas instruções no palácio do Papa. Todos os dias as suas palavras lhe atraíam algum novo discípulo, com que ele ia povoando a parte habitável do convento; saía de manhã com o seu bordão e voltava à noite com a sua presa, adiantando-se o edifício espiritual de S. Sixto ao mesmo tempo que se adiantava o edifício material. O demônio, cheio de inveja à vista de tão extraordinários progressos, quiz-lhes perturbar a alegria. Um dia, tendo os religiosos levado um arquiteto a ver uma abóbada que precisava ser deitada abaixo ou concertada, a abóbada abateu-se sepultando o artista sob as suas ruínas. Apoderou-se uma grande angústia dos religiosos reunidos em volta dos escombros que cobriam o corpo do desgraçado; choravam sobre o estado incerto em que fôra surpreendida a sua alma, sobre os boatos desfavoráveis que se iam espalhar pelo povo, e a consternação tornou-os por muito tempo incapazes de tomarem uma resolução. Entretanto chega Domingos; faz retirar o corpo de debaixo do montão de pedras sob o qual jazia mutilado. Trazem-lho e ele implora Àquele que prometeu nunca recusar cousa alguma à fé. A vida, obedecendo à sua prece, vem reanimar os restos sanguinolentos estendidos diante dele.

De outra vez o procurador do convento, Jaime de Melo, caiu tão gravemente enfermo que lhe administraram os últimos Sacramentos. Os religiosos reuniram-se em volta do seu leito, protegendo com as suas orações a saída da sua alma, tristes por perderem um homem que lhes era extremamente necessário nessa ocasião, porque nenhum deles era tão conhecido em Roma como ele. Domingos, vendo o desgosto de seus filhos, manda que saiam todos do quarto; fecha a porta e, só com o doente, prorrompe numa tão fervorosa prece que retém nos lábios do moribundo a vida prestes a fugir-lhe. Em seguida chama os Frades, e entrega-lho são e salvo.

O cargo de procurador, de que estava revestido Jaime de Melo, consistia em prover com a ajuda da Providencia às necessidades imediatas de S. Sixto, porque o convento não possuía rendimentos. Vivia das esmolas recolhidas diariamente pelos Frades, de porta em porta. Uma manhã Jaime de Melo veio prevenir Domingos que não havia nada em casa para o jantar, a não ser dois ou três pães. Domingos pareceu encantado com esta notícia; mandou o procurador dividir o pouco que havia em quarenta porções, conforme o número dos religiosos, e que mandasse tocar para o jantar à hora do costume. Quando entraram no refeitório encontrou cada frade diante de si um pedacito de pão; recitaram-se as palavras da benção com ainda maior satisfação do que de costume e todos se sentaram. Domingos estava na mesa prioral com os olhos do coração erguidos para Deus. Após um momento de espera, aparecem no refeitório dois mancebos vestidos de branco, que adiantando-se até à mesa onde estava Domingos colocaram em cima dela uns pães que traziam envoltos nas suas capas.

Repetiu-se o mesmo milagre mais tarde com circunstâncias que devemos ouvir da própria boca da antiguidade:

"Quando os religiosos ainda viviam ao pé da igreja de S. Sixto, e eram em número de cem, mandou um

dia o bem-aventurado Domingos o frei João da Calábria e frei Alberto Romano pedir esmola pela cidade. Porém debalde o fizeram desde o meio dia até o pôr do sol. Voltaram então para casa, e estavam já perto da igreja de Santa Anastácia quando uma mulher que tinha uma grande devoção pela ordem os encontrou, e vendo que nada traziam, deu-lhes um pão.

"Não quero",

disse ela,

"que voltem com as mãos completamente vazias".

Um pouco mais longe chegou-se a eles um homem que lhes pediu com insistência uma esmola. Desculpavam-se de lha não dar, por nada terem para si próprios. Mas, continuando o homem a insistir, eles disseram um para o outro:

"De que nos serve um pão? Demos-lho pelo amor de Deus".

Deram-lhe, pois, o pão, e com isto perderam-no de vista. Ao chegarem ao convento, veio ao seu encontro o piedoso padre prior, a quem o Espírito Santo já revelara tudo o que se tinha passado e disse-lhes com ar alegre:

"Filhos, não trazeis nada?"

"Não, padre",

responderam eles. E contaram como tinham dado o pão ao pobre. Disse-lhe ele :

"Era um anjo do Senhor; o Senhor achará meio de dar alimento aos seus; vamos fazer oração".

Nisto entrou na igreja e, saindo de lá ao cabo de algum tempo, disse aos religiosos que chamassem a comunidade para o refeitório. Estes responderam-lhe:

"Mas santo padre, como quereis que os chamemos se não há nada que lhes dar?"

E de propósito demoravam-se a cumprir a ordem que lhes fora dada, a tal ponto que o bem-aventurado Padre chamou frei Rogério, o procurador, e ordenou-lhe que reunisse os frades para o jantar, porque o Senhor proveria às suas necessidades. Pôs-se então a mesa; colocaram os copos e, dado o sinal, todo o convento entrou no refeitório. O bem-aventurado padre recitou a bênção e, estando todos sentados, frei Henrique Romano começou a leitura. Entretanto o bem-aventurado Domingos orava, com as mãos postas encostadas à mesa, e eis que de repente, conforme ele prometera por inspiração do Espírito Santo, dois formosos

mancebos, ministros da Divina Providência, aparecem no meio do refeitório, trazendo pães em duas toalhas brancas que lhes caíam dos ombros por trás e por diante. Começaram a distribuição pela ala inferior, um pela direita e outro pela esquerda, pondo diante de cada religioso um pão inteiro de uma beleza extraordinária. Em seguida, quando chegaram ao bem-aventurado Domingos, pondo da mesma forma diante dele um pão inteiro, curvaram a cabeça e desapareceram sem que até hoje se saiba para onde foram nem de onde vieram. O bem-aventurado

Domingos disse aos Religiosos:

"Meus irmãos, comei o pão que o Senhor vos envia".

Em seguida disse aos irmãos conversos que servissem vinho. Estes, porém, responderam:

"Reverendo Padre, não há nenhum".

Então o bem-aventurado Domingos, cheio do espírito de profecia, disse-lhes:

"Ide buscar a medida, e servi aos Religiosos o vinho que o Senhor lhes envia".

Foram com efeito e encontraram a medida, cheia até às bordas, de um vinho excelente que se apressaram em trazer. E o bem aventurado Domingos lhes disse:

"Bebei, meus Irmãos, do vinho que o Senhor vos envia".

Comeram, pois, e beberam quanto quiseram nesse dia, no dia seguinte e ainda no outro. Depois da refeição, porém, do terceiro dia, mandou dar aos pobres todo o pão e vinho que sobrou, e não quiz que se guardasse por mais tempo em casa. Durante esses três dias ninguém foi pedir esmola, porque o Senhor lhes enviara pão e vinho em abundância. O bem-aventurado padre pregou em seguida um tocante sermão aos religiosos, aconselhando-os a que nunca desconfiassem da Providencia, ainda mesmo quando se encontrassem na maior penúria. Frei Tancredo, superior do convento, frei Oto o Romano, frei Henrique também Romano, frei Lourenço de Inglaterra, frei Gaudêncio e frei João o Romano e muitos outros presenciaram este milagre, contando-o eles depois à Irmã Cecília e às outras Irmãs que viviam ainda no mosteiro de Santa Maria de além Tibre. Levaram-lhes mesmo uma porção desse pão e desse vinho, conservando-os elas muito tempo, como reliquias.

Ora frei Alberto, a quem o bem-aventurado Domingos mandara pedir esmola com outro companheiro, foi um dos dois religiosos cuja morte em Roma fôra predita pelo Bem aventurado Domingos. O outro era frei Gregório, homem de uma formosura extrema e de um espírito raro. Frei Gregório foi o primeiro a

reunir-se ao Senhor, depois de receber devotamente os sacramentos. Três dias depois, frei Alberto, depois de também receber devotamente os sacramentos, saía desta escura prisão para o celeste palácio".

Narração de S.
Cecília, n. 3

Esta singela narração faz-nos penetrar no interior da família de S. Sixto, e transporta-nos melhor do que quaisquer descrições aos primitivos tempos da ordem. Por ela se vê como sem ouro nem prata se levantavam populosos mosteiros; como a fé supria a riqueza; e como era admirável a simplicidade desses homens muitos dos quais tinham vivido em palácios. Frei Tancredo, superior de S. Sixto, era um cavaleiro ilustre de nascimento que pertencera à corte do imperador Frederico II. Achava-se em Bolonha no princípio do ano de 1218 quando Domingos para lá enviou alguns frades, como a seu tempo veremos, e um dia, sem saber por que, começou a meditar no perigo que corria a sua salvação eterna. Perturbado com esta súbita lembrança, dirige uma prece à Santíssima Virgem; na noite seguinte a Virgem Maria apareceu-lhe em sonhos e disse-lhe:

"Entra para a minha ordem".

Nisto acordou, mas tornou logo a adormecer. Neste segundo sono viu dois homens com o hábito dos Pregadores, e um deles, já velho, disse-lhe:

"Tu pedes à Santíssima Virgem que te dirija no caminho da salvação; vem viver conosco, e serás salvo".

Gérard Trachet
Vida dos Frades,
L. IV, c. 14

Tancredo, que ainda não conhecia o hábito da ordem, julgou que tudo isto fôra uma ilusão. Levantou-se de manhã e pediu ao dono da hospedaria onde estava que o levasse a uma igreja para ouvir missa. O homem levou-o a uma pequena igreja, chamada Santa Maria de Mascarella, que fôra, havia pouco, concedida aos Pregadores. Apenas entrou encontrou dois frades num dos quais imediatamente reconheceu o velho que vira em sonhos. Pondo logo em ordem os seus negócios, tomou o hábito e veio ter com Domingos a Roma.

Frei Henrique, de quem também se trata na narração da irmã Cecília, era um nobre mancebo romano. Sua família, indignada por ele ter entrado na ordem, resolveu tirá-lo de lá à força. Domingos, avisado do seu intento, mandou retirar o mancebo com alguns companheiros pela via Nomentana. A família porém foi em seu alcance e chegou à beira do Anio quando Henrique acabava mesmo de o atravessar. Vendo-se ele prestes a cair nas suas mãos, elevou o seu coração a Deus e encomendou-se à sua proteção pelos merecimentos do seu servo Domingos. Imediatamente engrossaram a olhos vistos as águas da torrente e debalde tentaram atravessá-la os cavaleiros que estavam na outra margem.

Henrique, assim que eles se foram embora, voltou sossegadamente para S. Sixto. Frei Lourenço de Inglaterra, outra testemunha do milagre dos pães, era o mesmo que Domingos enviara para Paris, quando os religiosos se dispersaram. De lá voltara havia pouco com João de

Navarra. Dois outros religiosos, Domingos de Segóvia e Miguel de Uzero, também voltaram de Espanha sem nada terem feito.

Entretanto Honório III prosseguia no projeto que o seu predecessor formara, de reunir num só mosteiro, sob a mesma regra, as religiosas espalhadas por diversos conventos de Roma, e deu parte disso a Domingos, como ao homem que melhor podia levar a cabo essa obra difícil. Domingos aceitou a proposta do papa, com tanta maior vontade quanto era um meio de restituir S. Sixto ao seu primitivo destino, estabelecendo ali uma comunidade de religiosas Dominicanas sobre o modelo de Notre-Dame de Prouille. Pediu somente para lhe associarem alguns cardeais afim de que estes com a sua autoridade protegessem a sua fraqueza. O papa indicou-lhe três: Ugolino, bispo de Óstia, Estevão de Fossanova, do titulo dos Santos Apóstolos, e Nicolau, bispo de Tusculum. E em troca do convento de S. Sixto deu-lhe a igreja e o mosteiro de Santa Sabina no monte Aventino, ao lado do seu próprio palácio. Faziam-se, portanto, ao mesmo tempo, preparativos em Santa Sabina e S. Sixto, em um para receber as freiras, em outro para se transferirem para lá os religiosos.

Domingos, ocupando-se deste duplo trabalho, não descontinuava por isso as suas pregações. Um dia em que devia pregar em S. Marcos, uma mulher, que tinha o filho doente, deixou tudo para o ouvir. Ao sair do sermão, achou a criança morta. A sua confiança foi tão rápida como a sua dor. Levou consigo uma criada para pegar na criança, e correu desvairada para S. Sixto, sem perder tempo em lágrimas. Quando se entrava no pátio de S. Sixto pela Via Ápia ficava à esquerda a igreja e o mosteiro, e em frente a porta de um quarto baixo e isolado a que se chamava o Capítulo. Domingos estava de pé junto a essa porta quando a desgraçada mãe chegou ao pátio. Vai direita a ele, pega na criança, põe-na aos pés do santo e com olhares e súplicas pede que lhe restitua o seu filho. Domingos entra por um instante no Capítulo, volta à porta, faz o sinal da cruz sobre a criança, abaixa-se, pega-lhe na mão, levanta-o vivo e entrega-o à sua mãe, ordenando-lhe que a todos oculte o que acaba de se passar. Mas a notícia espalhou-se imediatamente por toda Roma. O Papa quiz que do alto do púlpito se publicasse em todas igrejas este milagre. Opôs-se a isso Domingos, ameaçando que partiria para terras infiéis e abandonaria para sempre Roma. Nem por isso foi menor o brado que deu o milagre. A veneração que tinham já por ele chegou ao seu auge. Onde quer que aparecesse, seguiam-no nobres e povo, como se fosse um anjo de Deus; julgavam-se felizes em lhe poder tocar, cortavam-lhe pedaços da sua capa para guardar como relíquias, de forma que ela já lhe chegava apenas ao joelho. Às vezes os religiosos opunham-se a que lhe cortassem assim o seu fato; mas ele dizia-lhes:

"Deixai que o façam, visto terem devoção
nisso".

Narração de S.
Cecília, n. 1

Ora frei Tancredo, frei Oto, frei Henrique, frei Alberto e muitos outros presenciaram esse milagre.

Por mais resplandecente que fosse a santidade de Domingos, não chegava a remover todas as dificuldades que havia em reunir todas as religiosas romanas em S. Sixto. A maior parte recusavam-se a sacrificar a liberdade que haviam tido até ali de sair do claustro para visitar as suas famílias. Mas Deus veio em auxilio do seu servo.

Havia em Roma um mosteiro de jovens, chamado Santa Maria de além Tibre, por causa da sua situação; nele se conservava uma das imagens da Santíssima Virgem atribuídas pela tradição ao pincel de S. Lucas. Esta tornara-se célebre e era venerada pelo povo, porque o papa S. Gregório o Grande suspendera o flagelo da peste levando-a em procissão pela cidade. Acreditava-se também que, havendo-a o papa Sérgio III colocado na Basílica de S. João de Latrão, ela voltara outra vez para a sua antiga morada. A abadessa desse mosteiro e todas as religiosas, menos uma, ofereceram-se voluntariamente a Domingos, e diante dele fizeram profissão de obediência, com a única condição de levarem consigo a imagem da Virgem Maria e que se a imagem abandonasse S. Sixto e voltasse outra vez para a sua primitiva igreja o seu voto de obediência ficaria nulo. Aceitou Domingos a condição, e em virtude da autoridade que acabavam de lhe dar, proibiu-as que tornassem a sair à porta do convento. Estas jovens eram da primeira nobreza de Roma, e logo que as suas famílias tiveram conhecimento daquilo a que se haviam comprometido e de todo este novo plano de reforma, vieram a Santa Maria para as dissuadir de cumprirem a sua promessa. Cegas de cólera, chamaram a Domingos um desconhecido e aventureiro. As suas palavras abalaram o ânimo das religiosas; muitas arrependeram-se do voto que haviam feito. Domingos, avisado interiormente do que se passava, foi vê-las uma manhã e, depois de ter celebrado missa e pregado um sermão, disse-lhes:

"Sei, minhas filhas, que estais arrependidas da vossa resolução, e que quereis abandonar o caminho do Senhor. Aquelas, pois, que desejam continuar fiéis que façam de novo profissão na minha presença".

Relação de S.
Cecília, n. 13

Então todas, com a abadessa à frente, renovaram o ato que as privava da sua liberdade. Domingos tirou as chaves do convento e instalou nele irmãos conversos, para o guardar dia e noite, com proibição das freiras de aí por diante falarem, a quem quer que fosse, sem testemunhas.

Estavam neste ponto as coisas quando os cardeais Ugolino, Estevão de Fossanova e Nicolau se reuniram em S. Sixto na quarta feira de cinzas do ano de 1218, isto é a 28 de fevereiro, caíndo a Páscoa nesse ano a 15 de abril. Por seu lado também ali se transportara a abadessa de Santa Maria do Tibre com as suas religiosas, para resignar solenemente o seu cargo e ceder a Domingos e aos seus religiosos todos os seus direitos sobre o convento.

"Estando pois o bem-aventurado Domingos sentado com os cardeais, achando-se presentes a abadessa e as suas religiosas, eis que entra um homem arrepelando os cabelos e soltando gritos lastimosos. Perguntam-lhe o que tem, ao que ele responde:

"Foi o sobrinho do Monsenhor Estevão que caiu do cavalo abaixo e morreu!"

Ora o mancebo chamava-se Napoleão. Seu tio, ouvindo esse nome, caiu desfalecido sobre o peito do bem-aventurado Domingos. Ampararam-no e Domingos, levantando-se, deitou-lhe água benta;

deixando-o nos braços dos outros, correu para o local onde jazia o corpo do mancebo, todo mutilado e horrivelmente lacerado. Ordenou que o transportassem para um quarto isolado e que o fechassem lá dentro. Disse depois a frei Tancredo e aos outros religiosos que preparassem tudo para a missa. O bem-aventurado Domingos, os cardeais, os frades, a abadessa e as religiosas dirigiram-se para o lugar onde estava o altar, e Domingos, com grande abundância de lágrimas, começou a missa.

Quando porém chegou à elevação do Corpo do Senhor, e que conforme o costume levantou a hóstia, foi ele próprio arrebatado no ar, à altura de um côvado, vendo-o todos e todos cheios de assombro. Acabada a missa, voltaram para junto do corpo do defunto, ele, os cardeais, a abadessa, as religiosas, e todos que ali se achavam, e quando chegou ao pé do corpo, compôs-lhe os membros um após o outro com as suas santíssimas mãos; em seguida prostrou-se no chão, orando e chorando. Três vezes tocou na face e nos membros do defunto para os pôr direitos, e três vezes de novo se prostrou. Quando se levantou pela terceira vez, fêz o sinal de cruz sobre o morto e, de pé do lado da cabeça, com as mãos erguidas para o céu, com o corpo arrebatado mais de um côvado do chão, clamou em voz alta:

"Jovem Napoleão, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, levanta-te!"

Imediatamente, à vista de todos quantos um tão assombroso espetáculo atraíra, o mancebo levantou-se são e salvo, e disse ao bem-aventurado Domingos:

"Padre, dai-me de comer e de beber".

O bem-aventurado Domingos deu-lhe de comer e beber e entregou-o alegre e sem o menor vestígio de ferimentos ao cardeal seu tio."

Narração de S.
Cecília, n. 2

Quatro dias depois, no primeiro domingo de quaresma, as religiosas de Santa Maria de além Tibre, outras religiosas do mosteiro de Santa Bibiana e de diferentes conventos, como também algumas senhoras da sociedade, entraram para S. Sixto, onde S. Domingos lhes deu o hábito da ordem. Eram todas quarenta e quatro e entre elas havia uma religiosa de Santa Maria de além Tibre da idade de dezessete anos chamada Cecília. A ela devemos o conhecer os principais factos da vida do Santo Patriarca nessa época. Conservou-no-los ela em um relatório escrito sob a sua direção, que é uma obra prima de narração simples e verdadeira.

Na mesma noite do dia em que as religiosas entraram para S. Sixto, transportaram para lá a imagem de Santa Maria de além Tibre. De preferência se escolheu fazer isto de noite porque os romanos opunham-se a esta mudança. Domingos, acompanhado dos cardeais Estevão e Nicolau, precedido e seguido de muito povo com tochas acesas, levava a

imagem sobre os ombros. Todos iam descalços. As religiosas em oração e descalças esperavam a imagem em S. Sixto em cuja igreja foi com felicidade inaugurada.

Todos estes fatos, compreendendo a viagem de França a Roma, se realizaram no espaço de cinco a seis meses, desde 11 de setembro 1217 até o princípio de março do ano seguinte. E contudo, apesar de tantas ocupações e deveres, Domingos ainda achava tempo para se entregar a obras de caridade particulares. Ia muitas vezes visitar as Reclusas, isto é, mulheres que se fechavam voluntariamente dentro de recessos nos muros e nunca saíam mais dali.

Encontravam-se pela cidade, nas encostas desertas do monte Palatino, nas profundidades das velhas torres de guerra, nos arcos quebrados dos aquedutos, sentinelas da eternidade postadas sobre essas ruínas. Domingos visitava-as ao pôr do sol; levava-lhes em seu coração um resto de forças que pusera de reserva para elas; depois de falar às turbas ia falar à solidão. Uma destas reclusas, chamada Lúcia, que vivia por trás da igreja de Santa Anastácia, no caminho de S. Sixto, tinha um braço comido até ao osso por um cruel mal e devorador. Curou-a Domingos um dia com uma simples benção. Outra, que tinha o peito roído pelos vermes, morava numa torre defronte da porta de S. João de Latrão. Domingos confessava-a e trazia-lhe de vez em quando a Sagrada Eucaristia. Pediu-lhe ele uma vez que lhe deixasse ver um dos vermes que a mortificavam e que ela guardava em seu seio com amor, como hóspedes enviados pela Providência. Bona, assim se chamava, anuiu ao desejo de Domingos. Na mão do taumaturgo, porém, o verme transformou-se em uma pedra preciosa, e o peito de Bona ficou liso como o de uma criança.

Estava então Domingos em todo o esplendor da idade madura. O seu corpo, bem como a sua alma, haviam atingido esse termo da vida em que a idade ainda é uma perfeição e um encanto de vigor.

"Era de estatura mediana, magro, uma fisionomia doce um pouco corada, o cabelo e barba de um loiro ardente, e uns formosos olhos. Saía-lhe da frente e através das pestanas uma certa luz radiosa que atraía o respeito e o amor. Estava sempre alegre e amável, exceto quando movido de compaixão por alguma desgraça do próximo. Tinha as mãos compridas e bem feitas, e uma voz alta, nobre e sonora. Nunca chegou a ser calvo, e conservou a sua coroa religiosa perfeita, apenas salpicada de raros cabelos brancos".

Narração de S.
Cecília, n. 14

Desta forma é que no-lo descreve Soror Cecília que o conheceu nos tempos heróicos de S. Sixto e de Santa Sabina.

CAPÍTULO XII. Estada de S. Domingos em Santa Sabina. S. Jacinto e o bem aventurado Ceslao entram para a ordem. O bem aventurado Reinaldo ungido pela Santíssima Virgem.

A Igreja de Santa Sabina, junto à qual habitavam os religiosos depois de deixarem S. Sixto, ficava sobre o Monte Aventino.

Atesta uma antiga inscrição que fôra fundada sob o pontificado de Celestino I no princípio do século quinto, por um sacerdote da Ilíria chamado Pedro. Erguiam-se seus muros sobre a parte mais alta e mais escarpada do monte, por cima do estreito canal onde murmura o Tibre quando se vai afastando de Roma, e as suas vagas batem contra os restos da ponte que Horácio Cocles defendeu contra Porsena. Duas ordens de colunas antigas suportam um teto sem ornamentos e dividem a igreja em três naves, terminando cada uma por um altar. Era a primitiva basílica em toda a glória da sua simplicidade. As reliquias de Santa Sabina, que sofrera o martírio por Jesus Cristo no tempo de Adriano, estavam depositadas debaixo do altar mor, tão perto do local do seu martírio quanto o permitira a tradição. Outras ossadas preciosas brilhavam ao lado das suas. A igreja ficava contígua ao palácio dos Sabelli, ocupado então por Honório III, e de onde fôra expedida a bula aprovando a ordem dos Pregadores. Das janelas dessa residência, uma parte da qual acabava de ser cedida a Domingos, alongava-se a vista pelo interior de Roma e fixava-se sobre as colinas do Vaticano. Duas sinuosas ladeiras conduziã à cidade: uma ia dar ao Tibre, a outra a um dos ângulos do monte Palatino, ao pé da igreja de Santa Anastácia. Era este o caminho que Domingos tomava para ir de Santa Sabina a S. Sixto. Nenhum outro caminho na terra conservou por mais tempo o rasto dos seus passos. Quase todos os dias descia ou subia a encosta, levando de um convento ao outro o ardor da sua caridade.

Quando o viajante entra em Santa Sabina, ainda hoje uma das obras primas de Roma, e examina com cuidado as suas devotas naves, observa em uma capela lateral uns frescos antigos. Um representa Domingos revestido do habito dos Pregadores, um mancebo ajoelhado diante. dele e, ao lado, outro mancebo estendido no chão. O rosto de ambos fica encoberto ao espectador, e contudo ambos lhe causam uma certa emoção. Estes dois mancebos são dois polacos, Jacinto e Ceslao Odrowaz. Acompanhando a Roma seu tio Ivo Odrowaz, bispo eleito de Cracóvia, e sendo levados a S. Sixto provavelmente pelo cardeal Ugolino, antigo condiscípulo de Ivo na Universidade de Paris, assistiram à ressurreição do jovem Napoleão. Pedira o bispo nessa ocasião a Domingos que lhe cedesse alguns Frades Pregadores para os levar consigo para a Polônia. Observou-lhe o santo que não tinha nenhum que conhecesse a língua e os costumes polacos, mas que se algum dos da sua comitiva quisesse tomar o hábito seria esse o melhor meio de propagar a ordem na Polônia e nos países do Norte. Jacinto e Ceslao ofereceram-se logo de seu motu próprio. Supõe-se que eram irmãos, e é fora de dúvida que pertenciam à mesma família. Os seus corações assemelhavam-se como a sua linhagem. Consagrados ambos a Deus pelo sacerdócio, honraram o seu Mestre aos olhos da sua pátria, e neles a mocidade parecia mais uma virtude. Jacinto era cônego da Igreja de Cracóvia, Ceslao prefeito ou preboste da Igreja de Sandomir. Tomaram ambos o hábito em Santa Sabina ao mesmo tempo que dois outros companheiros de viagem, conhecidos na historia dominicana pelos nomes de Henrique o Moravo, e Herman o Teutônico. A Polônia e a Alemanha, únicos países da Europa que ainda não haviam dado filhos à ordem dos Prégadores, vinham pagar-lhe nesse dia o seu tributo, sobre essa colina misteriosa que os Romanos não haviam incluído dentro do seu recinto sagrado e cujo nome significa vivenda de aves.

Quão grandes e simples são os caminhos de Deus! Ugolino Conti, italiano, e Ivo Odrowaz, polaco, encontram-se na Universidade de Paris. Passam ali juntos alguns dias da sua mocidade, depois o tempo que confirma ou destrói a amizade, como tudo o mais, abre entre os seus corações um abismo que dura quarenta anos. Ivo, promovido ao

episcopado, é obrigado a ir a Roma, e aí encontra sob a púrpura o amigo de outros tempos. Levando o Cardeal um dia o seu hóspede à igreja de S. Sixto para lhe fazer conhecer um homem cujo nome nunca ouvira, nesse próprio dia a virtude desse homem brilha de improviso pelo ato mais elevado do poder, por um ato de soberania sobre a vida e a morte. Ivo, subjugado, pede a Domingos alguns dos seus Religiosos, sem sonhar que não fôra outrora a Paris e não viera agora a Roma senão para trazer a Domingos quatro nobres filhos do Setentrião, predestinados por Deus para fundar conventos de Pregadores na Alemanha, Polônia e Prússia e até mesmo no coração da Rússia.

Jacinto e seus companheiros demoraram-se pouco tempo em Santa Sabina. Assim que se acharam suficientemente instruídos nas regras da ordem, partiram com o bispo de Cracóvia. Quando passaram por Friesach, cidade da antiga Nórica, entre o Drave e o Murh, sentiram-se impelidos pelo Espírito Santo a pregar aí a palavra de Deus. Suas pregações transformaram completamente essa região. Animados pelo bom resultado, tiveram a idéia de nela erigir um convento. Conseguiram fazê-lo em seis meses e deixaram-no sob a direcção de Herman o Teutônico, já então muito conhecido. Voltando para Cracóvia deu-lhes o bispo, para dela fazerem um convento, uma casa de madeira que pertencia ao bispado. Foram essas as primícias da ordem nas regiões setentrionais. Ceslao fundou os conventos de Praga e Breslau e Jacinto, antes de morrer, fundou mesmo em Kiew casas dominicanas debaixo dos olhos dos cismáticos gregos e ao som das invasões bárbaras.

O Sul e o Norte pareciam querer disputar entre si a primazia de enviar a Domingos melhores operários. Havia em França um doutor célebre chamado Reinaldo, que ensinara o direito canônico em Paris durante cinco anos, e que era deão do cabido de Saint Aignan de Orleans. No ano de 1218 veio a Roma visitar o túmulo dos Apóstolos, propondo-se ir em seguida a Jerusalém para venerar o sepulcro do Senhor. Esta dupla peregrinação não era, porém, na sua idéia, senão o prelúdio de um novo modo de vida que resolvera abraçar.

"Inspirara lhe Deus o desejo de abandonar tudo para pregar o Evangelho, e ele ia se preparando para esse ministério sem saber ainda de que forma o realizaria, porque ignorava que se havia instituído uma ordem de pregadores.

Ora, aconteceu que, em uma conversa confidencial que teve com um Cardeal, abriu-lhe sobre este assunto o seu coração dizendo-lhe que pensava em renunciar a tudo para por toda a parte pregar a Jesus Cristo em um estado de pobreza voluntária.

Então, disse-lhe o Cardeal:

`Pois acaba de se estabelecer uma ordem cujo fim é juntar a prática da pobreza com a missão de pregar, e está nesta cidade o fundador da nova ordem, anunciando ele próprio a palavra de Deus'.

Reinaldo ouvindo isto apressa-se em procurar o bem-aventurado Domingos e a revelar-lhe o segredo da sua alma.

A vista do santo e o encanto das suas palavras atraíram-no.

Resolveu desde então entrar para a ordem.

Mas a adversidade que serve para experimentar todos os santos projetos não tardou que se metesse de permeio no seu. Adoeceu tão gravemente que a natureza parecia querer sucumbir aos assaltos da morte, e os médicos desesperavam de o salvar. O bem-aventurado Domingos, aflito por perder um filho de quem não chegara a gozar, voltou-se para a divina misericórdia, suplicando lhe com insistência, como ele próprio o contou aos Religiosos, que lhe não levasse um filho apenas concebido, e que lhe concedesse vida ao menos por algum tempo. Enquanto assim orava, a bem aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus e Senhora do mundo, acompanhada de duas jovens de uma beleza sem igual, apareceu a Reinaldo que estava acordado mas consumido pelo ardor da febre, e ele ouviu a Rainha do Céu dizer-lhe:

`Pede-me o que quizeres, e eu to concederei'.

Ponderando sobre o. que havia de pedir, uma das jovens que acompanhava a bem aventurada Virgem sugeriu lhe que nada pedisse, mas que confiasse na vontade da rainha das misericórdias, ao que ele anuiu de boa vontade.

Então esta, estendendo a sua mão virginal, ungiu-lhe os olhos, os ouvidos, as narinas, a boca, as mãos, os rins e os pés, pronunciando ao mesmo tempo certas palavras apropriadas a cada unção.

Eu nunca soube senão as palavras referentes à unção dos rins e dos pés.

Disse pois ungiendo-lhe os rins:

`Cinjo os teus rins com o cordão da castidade',

e tocando-lhe nos pés:

`Unjo os teus pés para pregaras o Evangelho da paz'.

Mostrou-lhe em seguida o hábito dos Prégadores e disse-lhe:

`Eis o hábito da tua ordem',

e desapareceu.

Reinaldo achou-se imediatamente curado, ungiu como o havia sido pela mãe dAquele que tem o segredo de todas as curas.

Na manhã seguinte, quando Domingos veio vê-lo e lhe perguntou como se sentia, respondeu que não tinha já doença nenhuma e contou-lhe a sua visão.

Juntos e devotamente, como o julgo, deram graças a Deus que castiga e que cura, que fere e que sara as feridas. Admiraram-se os médicos de umas melhoras tão súbitas e tão inesperadas, ignorando a mão que lhe déra o remedio".

B. Humberto
Vida de S.
Domingos, n. 27

Tres dias depois, estando Reinaldo com Domingos e com um religioso da ordem dos Hospitaleiros, foi-lhe a unção milagrosa renovada na sua presença, como se a augusta Mãe de Deus ligasse a este ato uma importância considerável e desejasse realizá-lo perante testemunhas. Efetivamente Reinaldo era ali apenas o representante da ordem dos Pregadores, e a Rainha do céu e da terra contraía na sua pessoa uma aliança com a ordem inteira. Fôra o Rosário o primeiro sinal desta aliança, e como que o adorno da ordem no seu batismo: a unção de Reinaldo, indício de virilidade e de fortaleza, devia igualmente ser acompanhada de um sinal estável e comemorativo. Eis a razão porque a bem-aventurada Virgem, quando apresentou ao novo religioso o hábito da ordem, não lho apresentou como o traziam então, mas sim com uma alteração notável que carece de ser explicada.

Dissemos já que Domingos, por muito tempo cônego de Osma, continuara em França a trazer esse hábito, e adotara-o mesmo como o vestuário próprio da sua ordem. Consistia esse hábito de uma túnica de lã branca, coberta com uma sobrepeliz de linho, e por cima uma capa de lã preta. Ora, no traje que a Santíssima Virgem mostrou a Reinaldo, a sobrepeliz de linho fôra substituída por um escapulário de lã branca, isto é, por uma simples tira de fazenda, servindo para cobrir as costas e o peito e chegando de ambos os lados até à altura do joelho. Este traje não era novo. Faz-se menção dele na vida dos religiosos do Oriente, que por certo o adotaram como complemento da túnica, quando o trabalho ou calor os obrigavam a tirar a capa. Nascido no deserto de um sentimento de pudor, caindo como um véu sobre o coração do homem, o escapulário tornou-se na tradição cristã o símbolo da pureza e, por conseguinte, o hábito de Maria, a Rainha das Virgens. Ao mesmo tempo, pois, que Maria, na pessoa de Reinaldo, cingia os rins da ordem com o cordão de castidade, e preparava os seus pés para pregar o Evangelho da paz, dava-lhe no escapulário o sinal exterior dessa virtude dos anjos, sem a qual se torna impossível sentir e anunciar as coisas celestes.

Depois deste grande acontecimento, um dos mais célebres da antiguidade dominicana, Reinaldo partiu para a Terra Santa, de onde o veremos voltar um dia, e a ordem trocou a sobrepeliz de linho pelo escapulário de lã, que se tornou a parte principal e característica do seu vestuário. Quando o frade Pregador faz a sua profissão, só o escapulário é que é bento pelo superior que recebe os seus votos, e ele não pode por caso algum sair da sua cela sem o ter vestido, nem mesmo quando fôr para a cova.

Manifestou ainda a Santíssima Virgem por outra forma, na mesma época, a ternura maternal que sentia pela ordem.

"Uma tarde em que Domingos ficara na igreja a fazer oração, saiu de lá à meia-noite e entrou no corredor ao longo do qual estavam as celas onde dormiam os religiosos.

Quando acabou aquilo a que viera, pôs-se de novo em oração em uma das extremidades do corredor e, olhando por acaso para a outra, viu avançar três figuras de mulheres, das quais a que estava no meio lhe pareceu a mais formosa e a mais venerável.

As suas companheiras traziam uma um vaso magnifico, e a outra um hissope, que ofereceu à sua soberana.

Esta ia aspergindo os religiosos e fazendo o sinal da cruz sobre eles.

Quando porém chegou defronte da porta de um certo religioso, passou sem lhe deitar a benção.

Domingos, tomando nota de qual era, avançou ao encontro da senhora que estava deitando a benção sobre os religiosos, e que já ia ao meio do corredor, perto da lâmpada suspensa nesse lugar.

Prostrou-se a seus pés e, se bem que já a tivesse reconhecido, suplicou-lhe que lhe dissesse quem era. Nesse tempo não se cantava essa bela e devota antífona, a Salve Regina, nos nossos conventos de Roma; só se recitava de joelhos depois de completas.

A Senhora que deitara a benção respondeu pois ao Bem aventurado Domingos:

`Eu sou aquela que todas as tardes invocais, e quando dizeis:

`Eia ergo, advocata nostra',

prostro-me diante do meu Filho para obter a conservação desta ordem'.

Perguntou então o bem-aventurado Domingos quem eram as duas jovens que a acompanhavam, ao que a bem-aventurada Virgem respondeu:

`Uma é Cecília e a outra Catarina'.

Perguntou ainda o bem-aventurado Domingos porque passara pela porta de um religioso sem lhe deitar a benção, e Ela respondeu-lhe:

`Porque não estava em uma postura decente'.

E acabando a sua volta, tendo aspergido e abençoado o resto dos Religiosos, desapareceu.

O bem-aventurado Domingos tornou a ir fazer oração para onde estava antes e, apenas começou, sentiu-se arrebatado em espírito para junto de Deus.

Viu O Senhor, tendo à sua direita a bem aventurada Virgem, e pareceu-lhe que Nossa Senhora tinha um manto cor de safira.

Olhando em redor via diante de Deus religiosos de todas as ordens mas nenhum da sua.

Começou portanto a chorar amargamente, e não se atrevia a aproximar-se do Senhor nem de sua Mãe.

Nossa Senhora fêz-lhe com a mão sinal que se chegasse.

Ele porém não ousava aproximar-se, enquanto o Senhor por sua vez lhe não fez também sinal.

Chegou-se então e prostrou-se diante deles, chorando amargamente.

Disse-lhe o Senhor:

`Porque choras dessa maneira?'

Ele respondeu:

`Choro porque vejo aqui religiosos de todas as ordens, e não vejo nenhum da minha'.

E o Senhor disse-lhe:

`Queres ver a tua ordem?'

E Domingos replicou tremendo:

`Sim, Senhor'.

O Senhor pôs a mão sobre o ombro da bem-aventurada Virgem, e disse ao bem-aventurado Domingos:

`Entreguei a tua ordem à minha Mãe'.

E disse em seguida:

`Queres decididamente ver a tua ordem?'

Ele respondeu:

`Sim, Senhor'.

Nesse momento a bem aventurada Virgem abriu o manto de que parecia estar revestida, e estendendo-o ante os olhos do bem aventurado Domingos, de tal forma que chegava a cobrir com a sua imensidade toda a pátria celestial, fez-lhe ver debaixo dele uma multidão dos seus Religiosos.

Prostrou-se o bem aventurado Domingos, dando graças a Deus e à bem-aventurada Virgem Maria, sua Mãe, e desapareceu a visão.

Voltou a si e tocou a sineta para matinas, e quando acabaram as matinas, convocou os religiosos ao capítulo, onde lhes fêz um magnífico discurso sobre o amor e a veneração que deviam ter pela bem

aventurada Virgem, e contou-lhes entre outras coisas a sua visão.

À saída do capítulo chamou à parte o religioso a quem a bem aventurada Virgem não tinha deitado a bênção e perguntou-lhe com doçura se ele lhe não ocultara algum pecado, porque este mesmo religioso tinha feito confissão geral ao bem aventurado Domingos.

Ele respondeu-lhe:

'Meu Santo Padre, nada tenho sobre a consciência senão que esta noite, quando acordei achei-me a descoberto na cama'.

O bemaventurado Domingos contou ele mesmo esta visão a Soror Cecilia e às outras freiras de S. Sixto, como se ela se tivesse dado com outra pessoa; mas os religiosos que se achavam presentes deram a entender por sinais às freiras que fôra a ele próprio que isso acontecera.

Foi nesta ocasião que o bem-aventurado Domingos ordenou que os religiosos em toda a parte onde se deitassem ficassem sempre com um cinto e calçados".

Narração de Soror
Cecilia, n.7

No segundo domingo da quaresma que se seguiu à transferência das Religiosas para S. Sixto, Domingos fêz-lhes uma prédica solene na igreja, em presença de grande concorrência de povo e expulsou o demônio do corpo de uma mulher que perturbava a assembléia com os seus gritos. Outra vez, apresentando-se na roda do convento sem ser esperado, perguntou à rodeira como estavam as irmãs Teodora, Tédrana e Ninfa, e recebendo por resposta que estavam com febre, disse à rodeira:

"Ide dizer-lhes, da minha parte, que lhes ordeno que deixem de ter febre".

Narração de Soror
Cecilia, n. 9

Com efeito a rodeira foi ter com elas e apenas lhes intimou a ordem do Santo, acharam-se curadas.

"Tinha por hábito constante o venerável Religioso empregar o dia todo a ganhar almas, quer por meio de assíduas pregações, quer confessando, ou por quaisquer outras obras de caridade.

De tarde vinha ao convento das Irmãs e fazia-lhes na presença dos Religiosos um discurso ou uma conferência sobre os deveres da ordem, porque elas nunca tiveram outro mestre para as instruir.

Ora um dia tardou mais do que o costume, e julgando as Irmãs que ele já não vinha, concluíram as suas rezas e voltaram para as suas celas.

Eis, porém, que de repente os Religiosos tocam a sineta que dava sinal às Irmãs de quando o bem-aventurado Domingos as vinha ver.

Foram com toda a pressa para a igreja e, abrindo a grade, já o encontraram sentado com os Religiosos, esperando por elas.

O bem-aventurado Domingos disse-lhes:

`Minhas filhas, venho da pesca e o Senhor enviou-me um grande peixe'.

Dizia isto de frei Gaudion, que recebera na ordem, e que era filho único de um certo Alexandre, nobre cidadão romano e homem de uma grande distincção. Fêz-lhes em seguida uma longa conferência que as encheu de imensa consolação.

Depois disse-lhes:

`Seria bom, minhas filhas, que bebêssemos alguma coisa'.

E chamando frei Rogério, o guarda do celeiro, ordenou-lhe que trouxesse vinho e um copo.

Tendo-os o irmão trazido, disse-lhe o bem aventurado Domingos que enchesse o copo até acima. Em seguida abençoou-o e bebeu ele primeiro e depois todos os religiosos presentes.

Ora eles eram em numero de vinte cinco, tanto clérigos como leigos, e beberam quanto quizeram, mas o copo ficou sempre cheio.

Depois de todos beberem, disse o bem aventurado Domingos:

`Quero que todas as minhas filhas bebam também'.

E chamando a irmã Núbia, disse-lhe:

`Pegai no copo e dai de beber a todas as Irmãs'.

Foi ela com uma companheira e pegou no copo cheio até acima, sem que se entornasse uma só gota.

Bebeu primeiro a superiora, depois todas as Irmãs, tanto quanto quizeram, repetindo-lhe a miúdo o bem-aventurado Domingos:

`Bebei à vontade, minhas filhas'.

Eles eram então cento e quatro, e todas beberam quanto quizeram, e contudo o copo continuou a ficar cheio, como se acabassem de lhe deitar o vinho, e quando o tornaram a levar, estava cheio até à borda.

Feito isto, disse o bem-aventurado Domingos:

`Quer o Senhor que eu vá até Santa Sabina'.

Mas frei Tancredo, superior dos Religiosos, e frei Oto, superior das Irmãs, assim como todos os religiosos e a superiora e todas as Irmãs se esforçaram por dissuadí-lo disso, dizendo-lhe:

`Santo padre, vai adiantada a hora, é quase meta noite, não é conveniente que saiais daqui'.

Ele, porém, recusou-se a ceder aos seus rogos, dizendo:

`O Senhor quer absolutamente que eu vá, e Ele enviará conosco o seu anjo'.

Escolheu pois para companheiros frei Tancredo, superior dos Religiosos, e frei Otto, superior das Irmãs, e pôs-se a caminho.

Chegados à porta da igreja, por onde haviam de sair, eis que, conforme a promessa do bem aventurado Domingos, um mancebo de uma grande formosura se apresentou a eles, tendo na mão um bordão, e pronto a caminhar.

Então o bem aventurado Domingos fez passar adiante de si os seus companheiros; o mancebo ia na frente e ele atrás, e assim chegaram à porta da igreja de Santa Sabina, que acharam. fechada.

O mancebo que vinha com eles empurrou um dos lados da porta que se abriu imediatamente; entrou ele primeiro, em seguida os religiosos, e depois de todos, o bem-aventurado Domingos. Saindo logo o mancebo, a porta tornou-se a fechar.

Frei Tancredo disse ao bem-aventurado Domingos:

`Santo padre, quem era este moço que veio conosco?'

E ele respondeu:

`Meu filho, era um anjo do Senhor, que o Senhor nos enviou para nos guardar'.

Entretanto tocou a matinas, e os religiosos desceram para o coro admirados de ali verem o bem-aventurado Domingos com os seus companheiros, e ansiosos por saberem como tinha entrado estando as portas fechadas.

Ora no convento havia um jovem noviço, cidadão romano, chamado irmão Tiago, que vencido por uma tentação violenta, resolvera abandonar a ordem depois de matinas, quando se abrissem as portas da igreja.

Domingos, que disso tivera revelação, chamou o

noviço à saída de matinas, e aconselhou-o com doçura a que não cedesse às insídias do demônio, mas que persistisse corajosamente no serviço de Cristo.

O mancebo, insensível aos seus conselhos e rogos levantou-se, despiu o hábito, e disse-lhe que estava completamente resolvido a ir-se embora.

O misericordiosíssimo superior, movido de compaixão disse-lhe:

'Meu filho, esperai um momento e depois fareis o que quiserdes'.

E pôs-se a rezar, prostrado por terra.

Então se viram quais os méritos do bem aventurado Domingos perante Deus, e quão fácil lhe era obter dEle tudo o que desejava.

Efetivamente, ainda ele não tinha acabado a sua oração, quando o mancebo se lança, lavado em lágrimas, a seus pés, suplicando-lhe que lhe torne a dar o hábito, que despira com a violência da tentação, e prometendo-lhe que nunca mais deixaria a ordem.

O venerável superior entregou-lhe então o hábito, não sem o aconselhar mais uma vez a que se conservasse firme no serviço de Cristo, o que com efeito veio a acontecer, porque este religioso viveu por muito tempo na ordem uma vida edificantíssima.

Na manhã seguinte o bemaventurado Domingos voltou com seus companheiros para S. Sixto, e os religiosos contaram na sua presença a Soror Cecília e às outras freiras o que se passara, e o bem-aventurado Domingos confirmou a sua narração, dizendo:

'Minhas filhas, o inimigo de Deus queria roubar uma das ovelhas do Senhor, mas o Senhor livrou-o das suas mãos'.

Narração de Soror
Cecilia, n. 6

No ano de 1595, durante o pontificado de Gregório XIII, tendo as religiosas de S. Sixto de deixar o seu retiro por causa da atmosfera doentia da campina romana, vieram-se estabelecer junto ao Quirinal, no novo mosteiro de S. Domingos e S. Sixto, trazendo consigo nessa emigração a imagem da Santíssima Virgem. S. Sixto, desmantelado e abandonado, ficou só, protegido pelas suas recordações. Nada ali atrai alguém; nem os mármore preciosos, nem os bronzes cinzelados, nem as colunas arrancadas à antiguidade profana pelo cristianismo, nem os quadros pintados sobre gessos imortais, nada enfim do que encanta os olhos. Quando o estrangeiro, voltando do túmulo de Cecília Metelia e do bosque da ninfa Egéria, entra em Roma pela via Ápia, avista à sua direita uma espécie de casebre grande e triste, dominado por um desses campanários pontiagudos, tão

raros na perspectiva romana: passa por ele, porém, sem mesmo perguntar o seu nome. Que lhe importa S. Sixto o Velho? Aqueles mesmos que procuram com amor vestígios dos santos não conhecem o tesouro oculto dentro desses muros a que o tempo conservou a sua humildade. Passam pois, sem que cousa alguma os advirta, pelo local onde viveu um dos maiores homens do cristianismo, e onde operou tantos milagres. Subsistem ainda o pátio exterior, a igreja, as construções do mosteiro, a cerca e, até à revolução francesa, os mestres gerais da ordem conservaram ali aposentos. O papa Bento XIII, no século XVIII, tinha por costume ir ali passar alguns dias da primavera e outono, e restaurara a igreja que estava a cair em ruínas. Agora o corpo do mosteiro está ocupado por uma fábrica do Estado, à exceção daquela célebre sala do capítulo, onde Domingos ressuscitou três mortos. Levantou se um altar no próprio sitio, onde ele ofereceu o santo sacrifício pelo jovem Napoleão. A igreja é hoje uma das estações do clero romano, que na quarta feira da terceira semana da quaresma, vem ali celebrar o ofício solene do dia.

Santa Sabina teve melhor sorte. É verdade que desde o ano de 1273, durante o pontificado de Gregório X, deixou de ser a residência do mestre geral, que a transferiu para o convento de Santa Maria sopra Minerva no centro de Roma. O Aventino tornou-se assim. tão solitário como a via Ápia, e os próprios pássaros, seus primeiros hóspedes, já não o povoam. Uma colônia, porém, dos filhos de Domingos nunca deixou de viver à sombra dos muros de Santa Sabina, protegida também pela beleza da sua arquitetura. Vê-se na igreja, sobre um troço de coluna, uma grande pedra negra que, afirma a tradição, foi arremessada pelo demônio contra Domingos, para interromper as suas meditações da noite. Possui também o convento a estreita cela, onde às vezes se recolhia, a sala, onde deu o hábito a S. Jacinto e ao bem aventurado Ceslao e, num canto do jardim, uma laranjeira, plantada por ele, estende seus pomos de ouro à piedosa mão do cidadão e do viajante.

CAPÍTULO XIII. Fundação dos conventos de Saint Jacques de Paris e de São Nicolau de Bolonha

Os religiosos que Domingos enviara para Paris, depois da assembléa de Prouille, dividiram-se em dois grupos. O primeiro, composto de Mannes, de Miguel de Fabre e de Oderico, chegara ao seu destino a 12 de setembro; o segundo, composto de Mateus de França, de Bertrand de Garrigua, de João de Navarra e de Lourenço de Inglaterra, chegou três semanas mais tarde. Alojaram-se todos no centro da cidade, numa casa que alugaram ao pé do hospital de Notre-Dame às portas do paço episcopal. À exceção de Mateus de França, que passara uma parte da sua mocidade nas escolas da Universidade, nenhum deles era conhecido em Paris. Ali viveram dez meses numa extrema penúria, mas fortalecidos com a memória de Domingos e com uma revelação que Lourenço de Inglaterra tivera sobre o futuro local, onde se haviam de estabelecer.

Por esse tempo, fundara João de Barastre, deão de S. Quintino, capelão do rei e professor na Universidade de Paris, junto a uma das portas da cidade, chamada a porta de Narbonne ou de Orléans, um hospício para estrangeiros pobres. A capela do, hospício era dedicada ao apóstolo S. Tiago, tão célebre em Espanha, e cujo túmulo é objeto de uma das maiores peregrinações do mundo inteiro. Fosse porque os frades espanhóis ali aparecessem por devoção, ou fosse por

qualquer outro motivo, o certo é que João de Barastre veio a saber que havia em Paris uns novos religiosos que pregavam o Evangelho à maneira dos Apóstolos. Conhecendo-os, admirou-os, afeiçoou-se-lhes e reconheceu certamente a importância da sua instituição, porque a 6 de agosto de 1218 deu-lhes a posse dessa casa de S. Tiago, que ele preparara para Jesus Cristo na pessoa dos estrangeiros. Jesus Cristo, reconhecido, enviou-lhe hóspedes mais ilustres do que aqueles com quem contava, tornando-se o modesto asilo da porta de Orléans uma habitação de Apóstolos, uma escola de sábios, e a sepultura dos reis. A 3 de Maio de 1221, João de Barastre confirmou por um ato autêntico a doação que fizera aos religiosos, e a Universidade de Paris, a rogos de Honório III, abandonou os direitos, que tinha sobre esse estabelecimento, estipulando todavia que aos seus doutores, quando morressem, lhes seriam feitos os mesmos sufrágios espirituais, a título de confraria, como aos membros da ordem.

Tendo desse modo adquirido uma habitação fixa e pública, começaram os religiosos a ser mais conhecidos. Vinham muitos ouvi-los e eles faziam muitas conquistas entre os inumeráveis estudantes que de todos os pontos da Europa levavam para Paris o ardor comum da sua mocidade e o caráter diverso das suas nacionalidades. No fim do verão de 1219 contava o convento de Saint-Jacques trinta religiosos. Dentre os que nessa época tomaram o hábito, o único, cuja memória se conservou até aos nossos dias, foi Henrique de Marbourg. Fôra enviado alguns anos antes para Paris por um de seus tios, cavaleiro piedoso que habitava a cidade de Marbourg. Falecendo esse tio, apareceu-lhe depois em sonhos, e disse-lhe:

"Toma a cruz em expiação das minhas culpas, e atravessa os mares. Quando voltares de Jerusalém, acharás em Paris uma nova ordem de Pregadores, à qual te entregarás; que te não atemorize a sua pobreza e não os desprezes por serem poucos; porque eles virão a ser um povo e fortificar-se-ão para salvação de muitos homens".

Gerard de Frachet
Vida dos Frades,
L. IX, c. 13

Atravessou com efeito Henrique o mar e, voltando para Paris na ocasião em que os Pregadores se começaram a estabelecer, abraçou sem hesitar a sua instituição. Veio ele a ser um dos primeiros e mais célebres pregadores do convento de Saint-Jacques. O rei S. Luiz .afeiçoou-se muito a ele e levou-o consigo para a Palestina, no ano de 1254. Morreu à volta na companhia do rei.

Eis um caso que ele contava sobre os princípios da Ordem em Paris.

"Acontecera que dois Frades itinerantes ainda nada tinham comido até às três horas da tarde e perguntavam-se, um ao outro, como poderiam mitigar a sua fome no país pobre e desconhecido que atravessavam. Quando estavam com esta conversa, apareceu-lhes um homem em traje de viajante e disse-lhes:

'De que vos ocupais, homens de pouca fé? Buscai primeiro o reino de Deus, e o resto vos será dado com abundância. Tivestes fé suficiente para vos

sacrificardes a Deus; e agora tendes receio de que Ele vos deixe sem alimento? Atravessai esse campo e quando chegardes ao vale que fica em baixo, achareis uma aldeia; entrai na igreja e logo o prior da igreja vos convidará; nisto sobrevirá um cavaleiro que há de querer quase à força levar-vos com ele, mas intervindo o padroeiro da igreja, este vos levará a vós, ao padre e ao cavaleiro, para sua casa, onde vos tratará suntuosamente. Tende pois confiança no Senhor, e exortai os vossos irmãos a essa mesma confiança'.

Dito isto desapareceu, passando-se tudo como ele havia predito.

Os Religiosos, quando voltaram para Paris, contaram o que tinha acontecido a Frei Henrique, e ao pequenino numero de pobríssimos religiosos que ali havia então".

Gérard de Frachet
Vida dos Frades,
L. I, c. 5

Esta extrema penúria dos Religiosos foi provavelmente o que deu motivo a que dois deles, João de Navarra e Lourenço de Inglaterra, fossem ter com Domingos a Roma. O santo, assim que eles chegaram, no mês de janeiro de 1218, ordenou a João de Navarra que fosse para Bolonha acompanhado de outro religioso a quem os historiadores chamam um tal Bertrand, para distinguirem de Bertrand de Garrigua. Enviou-lhes pouco depois Miguel de Uzero e Domingos de Segóvia, chegados de Espanha, e três outros frades, Ricardo, Cristiano e Pedro, sendo este último só converso. Esta pequena colônia, não se sabe como, arranjou em Bolonha, uma casa e uma igreja, chamadas Santa Maria de Mascarella. Viviam contudo numa profunda miséria e, sem poder aliviá-la numa grande cidade onde a religião, os negócios e os prazeres têm o seu giro certo e onde tudo o que é novo só difficilmente interessa. Tudo porém mudou de figura, com a chegada de um só homem. Apareceu Reinaldo em Bolonha a 21 de dezembro de 1218, voltando da Terra Santa, e logo revolveu a cidade inteira. Nada se pode comparar a esse triunfo de eloquência divina. Em oito dias Reinaldo estava senhor de Bolonha. Eclesiásticos, jurisconsultos, professores e estudantes da Universidade, todos ambicionavam entrar para uma ordem ontem ainda desconhecida ou desprezada. Os grandes talentos chegavam a recear ouvir o orador, temendo ficar seduzidos pela sua palavra.

"Quando frei Reinaldo, de santa memória, outrora deão de Orléans",

diz um historiador,

"pregava em Bolonha e atraía à ordem eclesiásticos e doutores de fama, começou mestre Moneta, então professor das artes e célebre em toda a Lombardia, vendo a conversão de tantos homens, a recear por si próprio. Por conseguinte tinha todo o cuidado em evitar frei Reinaldo, e desviava dele os seus discípulos. Mas eles, no dia da festa de Santo Estêvão, convenceram-no a ir ao sermão, e não podendo ele abster-se de lá ir, por causa

deles, ou por qualquer outro motivo, disse-lhes:

`Vamos primeiro a Saint-Procul ouvir missa'.

Foram, com efeito, e ouviram não só uma, mas três missas.

Moneta demorava-se propositadamente para não assistir ao sermão. Porém, instando seus discípulos com ele, acabou por lhes dizer:

`Vamos agora'.

Quando chegaram à igreja não tinha acabado o sermão, e era tão grande a multidão de gente que Moneta viu-se obrigado a ficar à porta. Apenas começou a prestar atenção sentiu-se logo vencido. Exclamava nesse momento o orador:

`Vejo os céus abertos! Os céus estão abertos para quem quiser entrar; as suas portas estão abertas para quem as quiser transpor. Não cerreis o vosso coração, nem a vossa boca, nem as vossas mãos, com receio de que os céus se fechem. Porque tardais tanto? Os céus estão abertos" .

Apenas Reinaldo desceu do púlpito, Moneta, cujo coração Deus tocara, foi procurá-lo, expôs-lhe a sua situação e as suas ocupações, e fez na presença dele voto de obediência. Como porém, estava preso por muitos compromissos, ainda conservou o traje secular durante um ano com o consentimento de Fr. Reinaldo, trabalhando, contudo, com todas as suas forças, por lhe trazer ouvintes e discípulos. Ora trazia um, ora outro, e cada vez que fazia uma conquista, parecia tomar o hábito com aquele que o tomara".

Gérard de Frachet
Vida dos Frades,
L. IV, c. 10

O convento de Santa Maria de Mascarella já não chegava para os religiosos. Obteve então Reinaldo do Bispo de Bolonha, por intermédio do cardeal Ugolino, nesse tempo legado apostólico naquela província, a igreja de Saint Nicolas des Vignes, situada perto dos muros da cidade no meio de campos. O capelão da igreja, chamado Rodolfo, homem bom e temente a Deus, longe de se opor à generosidade do bispo para com os religiosos, tomou ele próprio o hábito. Contava ele que antes da chegada dos religiosos a Bolonha havia ali uma pobre mulher, desprezada de todos, porém querida de Deus, que muitas vezes se punha de joelhos em oração ao pé de uma certa vinha onde se fundou mais tarde o convento de Saint Nicolas e, quando zombavam dela vendo-a rezar com a cara virada para essa vinha respondia:

"Ó desgraçados e insensatos que sois! Se soubésseis que qualidade de homens virão habitar este lugar e as cousas que se hão de dar aqui, vós mesmos vos prostraríeis em adoração diante de Deus, porque o mundo inteiro há de ser iluminado por aqueles que aqui virão viver".

"Outro religioso, João de Bolonha, contava que os cultivadores de Saint Nicolas viam ali freqüentes vezes luzes e aparições resplandecentes. Fr. Clerin lembra-se de que na sua infância, passando um dia junto dessa vinha, seu pai, que o acompanhava, lhe disse:

`Meu filho, aqui ouve-se a miúdo o canto dos anjos, o que é um grande presságio para o futuro'.

E, observando-lhe o filho que talvez fossem vozes de homens que se ouvissem, respondeu-lhe seu pai:

`Meu filho, uma coisa é a voz dos homens, outra a dos anjos, e é impossível confundi-las".

Gérard de Frachet
Vida dos Frades,
L. I, c. 3

Mudando-se os frades para Saint Nicolas na primavera de 1219, continuaram aí a multiplicar-se, devido às pregações de Reinaldo, ao perfume das suas virtudes e à protecção de Deus que de tempos a tempos se manifestava por fatos maravilhosos. Um estudante da Universidade foi chamado a entrar para a ordem da seguinte maneira. Uma noite, enquanto dormia, viu-se só no meio de um campo onde o surpreende uma tempestade. Corre para a primeira casa que vê, bate à porta, pede hospitalidade ; mas uma voz responde-lhe:

"Eu sou a justiça, e porque tu não és justo, não entrarás em minha casa".

Bate a outra porta, e outra voz lhe responde:

"Eu sou a Verdade, e não te recebo, porque a Verdade não salva senão os que a amam".

Dirige-se para outro lado, ali também o repelem, dizendo-lhe:

"Eu sou a Paz, e não há paz para o ímpio, mas só para os homens de boa vontade".

Por fim bate a uma última porta e alguém, abrindo-lha, lhe diz:

"Eu sou a Misericórdia. Se queres escapar à tempestade, vai ao convento de Saint Nicolas onde habitam os Frades Pregadores, aí encontrarás o estábulo da penitência, o presépio da continência, a erva da doutrina, o jumento da simplicidade, o boi da discricção, Maria que te iluminará, José que te ajudará e Jesus que te salvará".

Gérard de Frachet
Vida dos Frades,
L. I, c. III

Acordando o estudante, em seguida a este sonho tomou-o por um aviso do

Céu e obedeceu- lhe.

Nenhum atrativo humano cooperava nestas conversões de mancebos e de homens já adiantados na carreira da vida pública. Nada havia de mais duro do que a vida dos religiosos. A pobreza de uma ordem recém fundada fazia-se sentir por toda a qualidade de privações. O seu corpo e o seu espírito, cansados do trabalho da propagação evangélica, não renovavam as suas forças senão com os jejuns e a abstinência; uma curta noite passada sobre um duro leito sucedia às longas horas do dia. As menores faltas contra a regra eram punidas severamente. Um irmão converso tendo sem licença aceitado não sei que tecido ordinário, Reinaldo mandou-lhe destapar os ombros para, conforme o costume, ser-lhe aplicada a disciplina na presença de todos os religiosos. Recusou-se o culpado a obedecer. Reinaldo fê-lo despir pelos religiosos e levantando os olhos ao céu entre lágrimas, disse:

"Meu Senhor Jesus Cristo, que destes ao vosso servo Bento o poder de expulsar o demônio do corpo dos seus monges por meio da disciplina, concedei-me a graça de vencer a tentação deste pobre irmão pelo mesmo meio".

Gérard de Frachet
Vida dos Frades,
L. IV, c. 2

Aplicou-lhe a disciplina em seguida com tal força, que os Religiosos, presentes sentiram se comovidos a ponto de chorar.

Compreende-se que a natureza estivesse vencida em homens capazes de se sujeitar a semelhantes tratamentos. E esta vitória alcançada sobre eles mesmos pela cruel repressão do orgulho e dos sentidos voltavam-na eles logo gloriosamente contra o mundo. Porque que império poderia no futuro ter o mundo sobre corações assim fortalecidos contra a vergonha e a dor ? Fato admirável! A religião serve-se para exaltar o homem dos mesmos meios de que o mundo se serve para os rebaixar. Restitui-lhe a liberdade pela prática da servidão; fá-lo rei crucificando-o. Portanto, não eram as penitências do claustro a mais dura prova a que se sujeitavam os jovens ou ilustres noviços que se apresentavam às portas de Saint Nicolas de Bolonha. A principal tentação das obras no seu princípio está na sua própria novidade, nesse confuso horizonte onde flutuam todas as coisas que ainda não têm um passado. Quando qualquer estabelecimento tem atrás de si séculos, rescendem as suas pedras um perfume de estabilidade que tranqüiliza o homem no meio das duvidas que surgem no seu coração. Nele descansa como uma criança no colo de seu velho avô; nele é embalado como o marinheiro numa nau, que já atravessasse centos de vezes o Oceano. Mas nas obras novas existe uma triste harmonia com o lado fraco do coração humano: agitam-se mutuamente. Não esteve Saint-Nicolas de Bolonha ao abrigo dessas surdas tempestades, que por uma lei da Providencia experimentam e purificam todos os trabalhos divinos em que o homem coopera.

"Nos tempos",

diz um historiador,

"em que a Ordem dos Pregadores era ainda semelhante a um pequenino rebanho e a uma plantação nova, levantou-se entre os religiosos no convento de

Bolonha uma tal tentação de desalento, que muitos chegaram a consultar entre si sobre que outra ordem haviam de escolher, persuadidos de que a deles, tão recente e tão fraca, não poderia durar muito tempo. Dois dos religiosos mais importantes haviam até já alcançado de um legado apostólico licença de entrar para a ordem dos Cistercienses, e tinham já apresentado as competentes cartas a frei Reinaldo, outrora deão de Saint Aignan de Orléans, e agora vigário do bem-aventurado Domingos. Tendo Frei Reinaldo reunido o capítulo e expondo cheio de aflição o caso, os religiosos prorromperam em soluços, e uma indizível tristeza se apoderou dos seus espíritos. Frei Reinaldo, mudo e com os olhos fitos no céu, só se dirigia a Deus, em quem punha toda a sua confiança. Frei Claro, o Toscano, levantou-se para exortar os outros religiosos. Era um homem bom e de grande autoridade, que noutros tempos ensinara as artes e o direito canônico, e depois fora prior da província romana, penitenciário e capelão do Papa. Acabara ele apenas o seu discurso, quando vêm entrar mestre Rolando de Cremona, sapientíssimo e célebre doutor, que ensinava filosofia em Bolonha e que foi o primeiro dos religiosos que mais tarde ensinou Teologia em Paris. Vinha só, inebriado e arrebatado do Espírito de Deus, e sem dizer mais nada, pede unicamente que lhe dêem o santo hábito. Frei Reinaldo, fora de si, tira o seu próprio escapulário e põe-lho ao pescoço. O sacristão toca os sinos; os Frades entoam o Veni Creator Spiritus, e enquanto o cantam com vozes sufocadas pela abundância de suas lágrimas e do seu júbilo, acode o povo. Uma multidão de homens, mulheres e estudantes enchem a igreja; a noticia do que se passa agita a cidade inteira. Renasce a devoção pela Ordem, desaparecem as tentações, e os dois frades que tinham resolvido abandonar a ordem, precipitando-se no meio do capítulo, renunciam à licença apostólica que tinham alcançado e prometem perseverar até à morte".

Gérard de Frachet
Vida dos Frades,
L. I, c. 5

Tais foram os princípios de Saint-Nicolas de Bolonha e de Saint-Jacques de Paris, as duas pedras angulares do edifício dominicano. Aí, no foco das mais ilustradas universidades da Europa, se formou a flor dos pregadores e dos doutores; aí se reuniram alternadamente todos os anos, conforme o primitivo texto das constituições, os delegados de todas as províncias da ordem; aí viveram durante séculos homens, que nenhum contemporâneo excedeu, perpetuando entre os povos o respeito pela instituição que os criara. Saint-Nicolas de Bolonha teve a glória de possuir os últimos anos de Domingos e de ser o seu túmulo. Saint Jacques de Paris veio também por outro lado a ser uma sepultura célebre. Dedicando-lhe o rei S. Luiz um terno afeto, acolheu sob os seus mármoreos as entranhas e o coração de uma infinidade de príncipes de sangue francês. Roberto, sexto filho do santo rei e tronco da casa de Bourbon, aí foi levado à pia baptismal pelo bem-aventurado Humberto, quinto mestre geral da

ordem, e aí foi sepultado. A ele se foram reunir seu filho, seu neto e seu bisneto, e os restos dos três juntos formam um só túmulo, sobre o qual está gravado este epitáfio:

"Aqui jaz a estirpe dos Bourbons; aqui jaz o primeiro príncipe do seu nome; este sepulcro é o berço dos reis".

Singular destino do convento de Saint-Jacques, onde foi batizada a casa de Bourbon na pessoa do seu fundador, e onde repousam as suas quatro primeiras gerações, foi o ponto de onde partiram os golpes que a destronaram. Não era precisamente no convento de Saint-Jacques que se reunia o clube dos Jacobinos, mas em outro convento dominicano que ficava pouco mais ou menos ao meio da rua Saint-Honoré. Os mais implacáveis destruidores da monarquia reuniram-se nos seus claustros abandonados e o nome, antes usado pelos dominicanos francezes, nunca mais saiu da boca das nações senão manchado de sangue. Hoje Saint Jacques nem mesmo é uma ruína; um grupo de casas e de casebres cobre os seus restos com a sua ignóbil sombra e, à perfeita indiferença com que este lugar tem sido tratado, é provável que a própria casa de Bourbon não saiba que ali existiu o túmulo dos seus primeiros antepassados.

CAPÍTULO XIV. Viagem de S. Domingos a Espanha e França.

Suas vigílias na gruta de Segóvia. Seu modo de viajar e de viver.

Depois de Domingos à custa de um ano de trabalhos ter fundado S. Sixto e Santa Sabina, volveu os olhos para os países longínquos por onde dispersara os seus primeiros filhos. Sentiu um grande desejo de os tornar à ver, de os fortalecer pela sua presença e de com eles bendizer a Deus pelos males e bens que lhes havia enviado. Partiu pois para Roma no outono de 1218, acompanhado de alguns religiosos da sua ordem e de um frade menor chamado Alberto, que no caminho se juntou a eles. Chegados não sei a que ponto da Lombardia, pararam em uma hospedaria e sentaram-se à mesa com os outros viajantes que já ali se achavam. Serviram-lhes um prato de carne; mas Domingos e os seus companheiros recusaram comê-la. Vendo a estalajadeira que eles se contentavam só com pão e um pouco de vinho, encheu-se de cólera contra o santo, e cobriu-o de injúrias. Domingos debalde se esforçou por apaziguá-la com paciência e boas palavras, mas nem ele nem as pessoas presentes conseguiram sustar a torrente das suas invectivas, até que por fim Domingos disse-lhe com doçura:

"Minha filha, para aprenderes a receber com caridade os servos de Deus, por consideração pelo amo que servem, rogo a Jesus Nosso Senhor que vos imponha silencio".

Pedro Celi
Vida de S.
Domingos, n. 20

Apenas acabou de falar ficou muda a estalajadeira. Oito meses depois, quando à volta de Espanha passou pelo mesmo sítio, essa mulher reconheceu-o e, lançando-se-lhe aos pés, pediu-lhe perdão, debulhada em lágrimas. Domingos fez-lhe o sinal da cruz na boca, e imediatamente se lhe soltou a língua. Frei Alberto, por quem se soube esta história, contava também que tendo-lhe um cão rasgado a

túnica, o Santo juntou os bocados com um pedaço de barro, e assim a concertou.

Tendo atravessado os Alpes, Domingos achou-se de novo nessas estradas de Languedoc que tão suas conhecidas eram. Tudo estava porém completamente mudado, nem mesmo teve a consolação de poder orar sobre a sepultura do seu magnânimo amigo, o conde de Montfort. Os seus restos mortais haviam sido transportados para a abadia de Fontevraud, longe do país onde fôra coroado duque e conde e onde a sua espada, morta com ele, não podia já proteger o seu caixão. Após uma rápida visita a S. Romão de Toulouse e a Notre Dame de Prouille, Domingos dirigiu-se imediatamente para a sua pátria, cujo solo havia quinze anos não pisara. De lá saíra simples cônego de Osma, para lá voltava apóstolo, taumaturgo, fundador de uma ordem, legislador, patriarca, destruidor das heresias do seu tempo, e um dos mais potentes servos da Igreja e da verdade. Esta glória, porém, era o seu único cortejo e a sua única bagagem. Quem o encontrasse nos desfiladeiros dos Pirineus, dirigindo-se para Espanha, toma-lo-ia por um mendigo estranho que vinha aquecer-se ao ardente sol da Ibéria. Para onde se encaminhou primeiro? Seria para o vale do Douro? Esperavam-no porventura no palácio de onde seu pai e sua mãe haviam sido expulsos pela morte? Iria orar sobre a sua sepultura em Gumiel de Izan, ou sobre a de Azevedo em Osma? Contemplá-lo-ia porventura a abadia de S. Domingos de Silos, ajoelhado sobre aquelas lajes onde sua mãe alcançara consolação, por meio de enigmáticos presságios? Nada nos diz a história a respeito de tudo isto, nem carecia a história dizer-nos o que o coração do santo por si próprio nos revela. Com Jesus Cristo aprendera a enaltecer todos os sentimentos naturais sem destruir nenhum. O primeiro lugar certo onde o encontramos em Espanha dá-nos uma prova da ternura que conservara pelo seu país natal. Torna a historia. a pô-lo em cena em Segóvia, cidade próxima de Osma, e uma das principais de Castela a Velha. Hospedara-se em casa de uma pobre mulher, que não tardou em descobrir o tesouro que possuía. Desde a sua estada no Languedoc, Domingos tinha por costume trazer sempre vestido um duro cilício de lã ou de crina. Estando pois em Segóvia, em casa dessa pobre mulher, desfêz-se da camisa de lã que trazia por dentro para pôr uma de tecido mais áspero. A dona da casa, notando isso, por um sentimento de veneração escondeu num cofre a túnica que o Santo abandonara. Dali a algum tempo, pegou fogo o quarto quando ela lá não estava e todos os seus móveis foram pasto das chamas, menos o cofre que com a relíquia continha os seus objectos mais preciosos.

Outro milagre provocou o público reconhecimento de todos os habitantes de Segóvia. Estavam próximas as festas do Natal do ano de 1218 e uma persistente seca impedira até então que se semeassem as terras. O povo todo reunira-se fora da cidade para, em preces publicas, implorar de Deus a terminação do flagelo. Domingos levantou-se no meio da multidão e, depois de umas palavras que não conseguiram dissipar a inquietação geral, exclamou:

"Cessai de vos afligir, meus irmãos, confiai na misericórdia de Deus; porque Ele hoje mesmo vos enviará uma chuva abundante, e a vossa tristeza se transformará em alegria".

Gérard de Frachet
Vida dos Frades,
L. II, c. 6

Embora não tivesse havido sinal algum prévio de mudança de tempo, o

céu começou logo a escurecer, as nuvens a amontoaram-se e o discurso do santo foi interrompido por uma chuva fortíssima que dispersou a assembléia. Os habitantes de Segóvia comemoraram este milagre levantando uma capela no próprio sítio em que ele se dera.

Em outra ocasião, assistindo Domingos a uma reunião onde se achavam os principais habitantes da cidade, depois de se lerem umas cartas do rei, tomou ele a palavra nos seguintes termos:

"Acabais de ouvir, meus irmãos, a vontade do rei terrestre e mortal: escutai agora as ordens do Rei celeste e imortal".

Ouvindo isto um dos fidalgos, irado, disse alto:

"Porventura quererá este falador prender-nos aqui todo o dia e impedir-nos de ir jantar?"

E ao mesmo tempo virou o cavalo para casa. O servo, de Deus disse-lhe então:

"Retirai-vos agora; porém antes de acabar o ano, neste mesmo lugar onde agora estais, o vosso cavalo ficará sem cavaleiro, e debalde para escapar aos vossos inimigos fugireis para a torre que fizestes edificar na vossa casa".

Gérard Frachet
Vida dos Frades,
L. II, c. 7

Verificou-se plenamente esta profecia; antes do fim do ano, esse fidalgo foi assassinado, assim como o seu filho e um dos seus parentes, no próprio local onde ele se encontrava quando Domingos lhe dirigiu a palavra.

Segovia está situada entre duas colinas separadas por um rio. Sobre a colina do norte onde não chegam os muros da cidade descobrira Domingos uma gruta solitária adequada aos mistérios da penitência e da contemplação. Foi aí que ele lançou os fundamentos de um convento a que deu o nome de Santa Cruz. Enquanto se construía os seus muros nas modestas proporções que o santo afeiçoava, fêz da gruta vizinha o seu oratório noturno, porque tinha por costume dedicar uma parte da noite à oração e a toda a espécie de exercícios espirituais. Dava o dia aos homens, à pregação, às viagens e aos negócios, mas quando o sol se punha convidando ao descanso, ele também se retraía do mundo e procurava em Deus as forças de que a sua alma e o seu corpo careciam. Ficava no coro no fim de completas tendo cuidado de que nenhum dos religiosos o imitasse, ou porque lhes não quisesse impor um exemplo acima das suas forças, ou porque um santo pudor lhe fizesse recear que se descobrissem os segredos das suas comunicações com Deus. Mas a curiosidade mais de uma vez foi superior a estas precauções; os religiosos escondiam-se nas partes sombrias da igreja para espreitarem as suas vigílias, e foi desse modo que se chegou ao conhecimento de muitas tocantes particularidades sobre elas. Logo que se sentia só, protegido no seu amor pelas sombras e silêncio da noite, começavam suas inefáveis expansões com Deus. O templo, símbolo da cidade permanente dos anjos e dos santos, tornava-se para ele como que um ser animado, que procurava enternecer com suas lágrimas, com seus gemidos e com seus clamores. Andava em volta dele, parando diante de cada altar a fazer oração, umas vezes curvado profundamente, outras prostrado ou

de joelhos. Era geralmente por uma inclinação profunda que ele começava a venerar a Jesus Cristo, como se o altar, símbolo e recordação do seu sacrifício, fosse a própria pessoa dele. Prostrava-se depois com a face no chão e ouviam-no repetir alto estas palavras do Evangelho:

"Senhor, tende piedade de mim, porque sou um
pecador",

e estas de Davi:

"A minha alma está presa à terra, concedei-me a
vida segundo a Vossa promessa";

e outras semelhantes. Tornando-se a levantar, contemplava fixamente o crucifixo. Depois ajoelhava um certo número de vezes, ora contemplando, ora adorando. De vez em quando interrompia esta contemplação muda com grandes brados, dizendo:

"Senhor a vós clamei., não vos afasteis de mim,
não sejais surdo às minhas preces",

e outras expressões tiradas da Escritura. Outras vezes demorava-se mais tempo de joelhos, as palavras deixavam então de lhe subir do coração aos lábios; parecia entrever o céu com os olhos da inteligência e enxugava as lágrimas que lhe corriam pelas faces; o seu peito arquejava como o do viajante que se aproxima da pátria. Outras vezes conservava-se de pé, com as mãos abertas diante de si como um livro, que parecia estar lendo com atenção; ou então erguia-as ambas até aos ombros, na atitude de um homem que está à escuta; ou cobria com elas os olhos para poder meditar mais profundamente. Viam-no também erecto na ponta dos pés, o rosto voltado para o céu, com as mãos postas por cima da cabeça em forma de flecha, separando-os depois como para implorar, e pô-las outra vez como se tivesse obtido o que desejava, e nesse estado, em que parecia não ser já deste mundo, costumava dizer:

"Senhor, atendei-me enquanto que vos rogo,
enquanto que ergo as mãos para a vossa santíssima
morada".

Uma das formas de oração que ele empregava raras vezes, e só quando queria obter de Deus alguma graça extraordinária, era conservar-se de pé, com os braços estendidos em cruz, à imitação de Jesus Cristo moribundo e dirigindo a seu Pai esses brados potentes que salvaram o mundo. Dizia então num tom de voz grave e distinto:

"Senhor, a vós bradei, para vós ergui as mãos
todo o dia, para vós ergui as mãos; minha alma
está diante de vós, como uma terra sem água,
atendei-me sem tardar".

Orara assim quando ressuscitou o jovem Napoleão; porém os que se achavam presentes não ouviram as palavras que ele pronunciou, e nunca se atreveram a perguntar-lhe o que dissera.

Além das preces particulares que as necessidades e acontecimentos de cada dia inspiravam a Domingos, tinha ele sempre presente na mente a causa da Igreja universal. Orava pela extensão da fé nos corações dos cristãos, pelos povos ainda imersos na escravidão do erro, pelas almas expiando no purgatório o resto dos seus pecados!

"Tinha um tal amor pelas almas",

diz uma das testemunhas no processo da sua canonização,

"que se estendia não só a todos os fiéis, como aos infiéis e àqueles mesmos que estavam sofrendo os tormentos do inferno, e por eles vertia abundantes lagrimas".

Atas de Bolonha
Depoimento de Frei
Ventura, n. 9

Porém as lágrimas não o satisfaziam; três vezes por noite juntava o seu sangue às suas preces, satisfazendo desse modo tanto quanto podia essa sede de imolação, que é a parte generosa do amor. Ouviam-no disciplinar-se com nós de ferro, e a gruta de Segóvia, testemunha de todos os excessos da sua penitência, conservou durante séculos vestígios do sangue que nela vertera. No íntimo do seu coração, dividia este sangue em três partes: a primeira pelos seus pecados, a segunda pelos pecados dos vivos; a terceira pelos pecados dos mortos. Mais de uma vez mesmo, obrigou um dos Religiosos a dar-lhe a disciplina para assim aumentar a humilhação e dor do seu sacrifício.

"Um dia virá em que na presença do céu e da terra os anjos do Senhor colocarão sobre o altar do julgamento duas taças cheias; uma mão irrefutável as pesará a ambas; e então se verá, para a glória eterna dos santos, que cada gota de sangue vertida por amor terá salvo torrentes dele".

Depois de Domingos ter por largo tempo velado, orado, derramado lágrimas, oferecendo em sacrifício a sua alma e o seu corpo, se o toque de matinas o não avisava do despertar dos religiosos ia ele próprio vê-los, como se uma longa ausência os houvesse separado. Entrava muito de mansinho nas suas celas, fazia sobre eles o sinal da cruz e compunha a roupa àqueles a quem se tivesse desarranjado durante a noite. Voltava depois para o coro a esperar por eles. Às vezes surpreendia-o o sono nestes seus piedosos mistérios noturnos; encontravam-no então encostado a um altar ou estendido no chão. Quando tocava a matinas, juntava-se aos religiosos, e indo de um lado do coro ao outro exortava-os a que salmodiassem com todas as suas forças e alegremente. Depois do ofício retirava-se para dormir em algum canto da casa; porque não tinha, como os outros frades, uma cela própria e deitava-se mesmo vestido no primeiro sítio que encontrasse, em cima de um banco ou sobre a palha no chão e às vezes no esquife dos defuntos. Dormia tão pouco durante a noite que muitas vezes adormecia à mesa no meio de alguma refeição.

Quando saiu de Segóvia, onde deixou como prior frei Corbalan, Domingos foi a Madri. Ali encontrou um convento já começado. Supõe-se que tivesse sido por Pedro de Madrid, um dos que Domingos enviara para Espanha quando os frades se dispersaram. Esse convento ficava fora dos muros da cidade. Mudou-lhe Domingos o fim a que fôra destinado; em lugar de frades instalou nele freiras, e dedicou-o a S. Domingos de Silos. Porém o nome de Silos desapareceu com o tempo e ficou o convento dedicado ao seu fundador, por uma insensível transformação em que todos foram cúmplices. E' digno de nota que tanto em Espanha como em França, e na Italia o Santo Patriarca mostrava tanto zelo em fundar casas para freiras como para frades,

lembrando-se sempre de que Nossa Senhora de Prouille fôra a primeira das suas instituições. Ficou-nos um documento da sua solicitude pelas religiosas de Madri numa carta que lhes escreveu pouco depois da sua fundação, concebida nos seguintes termos:

"Frei Domingos, prior dos Pregadores, à Madre Priorosa e a todo o convento das Freiras de Madri, saúde e aperfeiçoamento de vida pela graça de Deus, Nosso Senhor.

Muito nos regozijamos e muitas graças damos a Deus pelo vosso progresso espiritual, e por vos haver retirado da lama deste mundo. Combatei, minhas filhas, o vosso antigo inimigo com orações e jejuns, porque só será coroado o que tiver legitimamente combatido. Até aqui faltava-vos uma casa capaz onde pudésseis seguir todas as regras da nossa santa religião; mas agora não tendes motivo de desculpa, porque pela graça de Deus estais de posse de um edifício onde essa prática regular se pode fielmente observar. Eis a razão porque eu desejo que de hoje em diante se observe silêncio em todos os lugares designados pelas constituições da ordem, a saber : no coro, no refeitório e nos corredores, e que em todos os outros lugares vivais segundo as vossas regras. Que nenhuma de vós transponha as portas do convento e que ninguém entre dentro senão o bispo ou qualquer prelado para pregar, ou para fazer uma visita pública. Não abandoneis a disciplina e as vigílias; sede obedientes à vossa priorosa; não percais tempo em conversas ociosas. E como nos é impossível prover às vossas necessidades temporais, não querendo por outro lado agravá-las, proibimos a todo e qualquer religioso que aceite noviças que fiquem ao vosso encargo; esse poder só pertence à priorosa de acordo com o conselho do convento. Recomendamos ao nosso caríssimo irmão Manés, que tanto tem trabalhado pela vossa casa e vos fez abraçar esse santo estado, que disponha, regule e ordene as coisas como melhor lhe parecer, para viverdes santa e religiosamente. Concedemos-lhe também o poder de vos visitar, de vos corrigir e mesmo, se assim o julgar necessário, de demitir a priorosa ainda que não sem o consentimento da maior parte das religiosas; poder-vos-á também conceder dispensas, conforme o julgar prudente.

Adeus em Jesus Cristo".

Marnachi, Anais dos
Frades Pregadores,
V.1, Ap. p. 60

Muitos outros conventos de Espanha reclamam a honra de haverem sido fundados ou preparados por Domingos. Estando os primitivos historiadores calados a esse respeito, não julgamos nós a propósito mencionar essas pretensões, que de resto a pequena demora de Domingos em Espanha, não confirma assaz. Não mencionaremos senão Valência, onde o Santo passara dez anos da sua mocidade, e onde parece certo que estabeleceu uma confraria do Rosário e um convento sob o nome de S. Paulo.

Em Guadalajara, não longe de Madrid, viu-se Domingos abandonado pelos religiosos que levava consigo. Só três se lhe conservaram fiéis, frei Adão e dois conversos. Voltando-se para um deles, perguntou-lhe se não queria também deixá-lo:

"Deus não permita",

respondeu o Irmão,

"que eu abandone a cabeça para seguir os pés!"

Gérard de Frachet
Vida dos Frades
L.II, c.5

Esta deserção fôra predita a Domingos em uma visão. Sem se alterar começou a orar pelas ovelhas desgarradas e teve a consolação de ver quase todas voltar ao aprisco. Foi provavelmente em seu favor que próximo de Toulouse, não havendo para o jantar dos oito que então eram senão um copo de vinho ele o acrescentou milagrosamente,

"movido de compaixão",

dizem os historiadores,

"por alguns dos frades tratados com muito mimo quando viviam no mundo".

Vicente de Beauvais
Miroir histor.,
L. XXX, c. 77

Em Toulouse Domingos encontrou Bertrand de Garrigue, um dos seus discípulos mais antigos. Partiram juntos para Paris, visitando de passagem o célebre lugar de peregrinações Roc-Amadour, antigo santuário dedicado à Bem-aventurada Virgem, em uma escarpada e selvagem solidão do Quercy.

"Na madrugada da noite que tinham consagrado a essa devoção foram alcançados na estrada por uns peregrinos alemães, que ouvindo-os recitar salmos e ladainhas os foram seguindo devotamente. Na primeira povoação a que chegaram, os seus novos companheiros convidaram-nos a jantar e o mesmo fizeram quatro dias consecutivos. No quinto dia disse o bem-aventurado Domingos, cheio de aflição, a Bertrand de Garrigue:

`Irmão Bertrand, pesa-me na consciência ver que nos aproveitamos dos bens temporais destes peregrinos sem poder desenvolver neles os espirituais. Por conseguinte ajoelhem-nos e peçamos a Deus a graça de compreender e falar a sua língua, para que lhes possamos anunciar o Senhor Jesus'.

Assim que acabaram de rezar, começaram a expressar-se em alemão, com grande admiração dos peregrinos, e durante os quatro dias mais que estiveram juntos até Orléans falaram sempre sobre Jesus Nosso Senhor. Em Orléans os peregrinos tomaram a estrada de Chartres, deixando Domingos e

Bertrand na de Paris, depois de se despedirem deles e de se recomendarem às suas orações. No dia seguinte o bem aventurado Padre S. Domingos disse a Bertrand:

`Irmão, eis-nos quase em Paris, se os religiosos sabem do milagre que o Senhor fez, considerar-nos-ão santos, ao passo que nós somos pecadores, e se chega aos ouvidos das pessoas de qualidade, a nossa humildade corre grandes riscos; por conseguinte proíbo-vos de falar nisso seja a quem fôr, antes da minha morte".

Gérard de Frachet
Vida dos Frades L.
II, cap. 10

Uma das primeiras casas que atraiu as vistas de Domingos quando entrou em Paris pela porta de Orléans foi o convento de Saint-Jacques. Nele havia já trinta religiosos. O santo patriarca só se demorou aí poucos dias, durante os quais deu o hábito a esse jovem Guilherme de Montferrat que conhecera em Roma em casa do Cardeal Ugolino, e que lhe prometera fazer-se Frade Pregador assim que tivesse estudado dois anos teologia na Universidade de Paris. Cumpriu, nessa ocasião, a sua palavra. Aconteceu também nesse tempo Domingos encontrar-se com um bacharel saxônio chamado Jordão. Era um mancebo hábil, eloqüente, afável e temente a Deus. Nascera na diocese de Paderborn da ilustre família dos condes de Ebernstein e viera a Paris para se instruir nos princípios da ciência divina. Estimulado por Deus, que o destinara para ser o primeiro sucessor de Domingos no governo geral dos Pregadores, sentiu-se logo atraído para o grande homem, cujo herdeiro havia de ser e expôs-lhe a impressão ardente que Jesus Cristo fizera sobre o seu coração. Não quiz Domingos, cujo contato era geralmente decisivo, apressar a marcha desta alma predestinada; somente aconselhou ao jovem saxônio que experimentasse o jugo de Deus, recebendo as ordens do diaconato, e deixou-o lutar com as inspirações do céu, enquanto não chegasse a mão que o colheria em plena maturação.

Nada manifesta melhor o arrojo e impetuosidade do gênio de Domingos do que a ação exercida no convento de Saint-Jacques pela sua curta aparição. Havia perto de um ano que o trabalho pertinaz de alguns homens de mérito conseguira ali reunir trinta religiosos, e todos os esforços dessa recente comunidade se limitavam a procurar aumentar o seu número por meio de uma penosa multiplicação. Chega Domingos, lança os olhos sobre a pequena comunidade francesa, e julga-a suficiente para povoar a França de Pregadores. Por sua ordem, parte Pedro Celani para Limoges, Felipe para Reims, Guerric para Metz, Guilherme para Poitiers, alguns outros Religiosos para Orléans, todos incumbidos da missão de pregarem nessas cidades e de nelas estabelecerem conventos. Pedro Celani expõe a sua ignorância, e a penúria de livros em que está; Domingos responde-lhe com uma intrépida confiança em Deus:

"Vai filho, vai sem receio; duas vezes por dia pensarei em ti diante de Deus; não duvides. Conquistarás muitas almas, produzirás frutos, crescerás e multiplicar-te-ás, e o Senhor será contigo".

Bernardo Guidonis

Catálogo dos
Mestres de Ordem

Contava Pedro Celani mais tarde na intimidade, que cada vez que se sentia aflito, interior ou exteriormente, se lembrava desta promessa e invocando a Deus e a Domingos, tudo lhe correria bem.

Domingos saiu de Paris pela porta de Borgonha. Em Chatillon-sur-Seine, ressuscitou o sobrinho de um eclesiástico em cuja casa se hospedara. Caíra esta criança de um andar superior, e levantaram-no meio morto. Seu tio deu um grande banquete em honra do santo. Vendo Domingos que a mãe da criança não comia, porque estava com febre, ofereceu-lhe um pedaço de enguia que benzera, dizendo-lhe que comesse pela virtude de Deus, e esse remédio curou-a imediatamente.

"Depois disto voltou o glorioso padre para a Itália, acompanhado de um irmão converso chamado João. Este irmão caiu doente por efeito da fome no meio dos Alpes Lombardos, e não podia andar nem mesmo levantar-se do chão. O piedoso padre Domingos perguntou-lhe:

`Que tendes filho, por que ficais parado?'

`Santo Padre, é porque me sinto morrer de inanição'.

Redarguiu-lhe o santo:

`Coragem, andemos mais um pouco e chegaremos a algum sítio onde encontraremos alguma coisa para restaurar as nossas forças'.

Como, porém, o irmão respondesse que lhe era impossível dar mais um passo, o santo, com toda a sua bondade e comiseração, recorreu ao seu habitual refúgio que era a oração. Dirigiu uma breve súplica ao Senhor e, voltando-se para o irmão, disse-lhe:

`Levantai-vos, filho; ide a esse lugar que se avista daqui e trazei o que lá encontrardes'.

Levantou-se o irmão com extrema dificuldade, e arrastou-se até o lugar que lhe fôra indicado, a uma distância aproximadamente de um tiro de pedra. Encontrou um pão de uma extraordinária alvura embrulhado em um pano de um branco puríssimo; trouxe-o e comeu dele por ordem do santo até lhe voltarem as forças. Quando acabou, perguntou-lhe o homem de Deus se podia andar, agora que já matara a fome, e ele respondeu que sim.

`Levantai-vos então',

disse-lhe,

`e pegai no resto do pão, embrulhai-o no pano e ponde-o onde o encontrastes'.

Obedeceu o irmão, e foram continuando o seu caminho. Um pouco mais adiante o irmão, caindo em si, disse consigo mesmo:

`Ó meu Deus! Quem poria ali aquele pão e de onde viria? Por força que não estou em mim pois nem sequer ainda tinha pensado nisso!'

E voltando-se para o santo, disse-lhe:

"Santo Padre, de onde veio aquele pão e quem o pôs ali?"

Então esse verdadeiro amante e guarda da humildade disse-lhe:

`Filho, não comestes quanto quisestes?'

Ele respondeu:

`Sim'.

`Pois então',

acrescentou o santo,

`visto que comestes quanto quisestes, dai graças a Deus, e não vos inquieteis do resto' ".

Gérard de Frachet
Vida dos Frades,
L. II, c. 6

Paremos aqui neste atalho dos Alpes Lombardos onde faltou a coragem ao companheiro de Domingos, e seguindo nós mesmos o rastro de tão santas pegadas, não nos furtemos a ventura de as contemplar de mais perto.

Domingos viajava a pé, encostado a um bordão, e com uma trouxa às costas. Quando estava fora das povoações, tirava os sapatos e caminhava descalço. Se alguém se feria em alguma pedra do caminho, dizia a rir-se :

"Esta é a nossa penitência".

Atas de Bolonha
Depoimento de João
de Navarra, n. 3

Uma vez, indo com Frei Bonvis, e passando num lugar cheio de pedras agudas, disse-lhe:

"Ai! desgraçado de mim! tive de me calçar uma vez neste sitio".

E perguntando-lhe o religioso por que, respondeu:

"Porque tinha chovido muito".

Id., Depoimento de
Bonvisi de
Plaisance, n.2

Quando chegava perto de qualquer cidade ou aldeia, tornava a calçar-se até sair de lá. Se encontrava no seu caminho algum rio ou torrente, fazia o sinal da cruz sobre as águas e atravessava-as corajosamente, dando o exemplo aos seus companheiros. Se começava a chover entoava hinos em voz alta, o Ave Maris Stella, o Veni, Creator Spiritus. Nunca trazia consigo nem ouro, nem prata, nem cobre, cioso de em tudo se sentir à mercê dos homens e da Providência. Hospedava-se de preferência nos mosteiros, nunca parando quando queria, mas sempre conforme a fadiga e o desejo dos religiosos que o acompanhavam. Comia de tudo que lhe apresentavam, exceto carne; porque mesmo em viagem observava rigorosamente a abstinência e os jejuns da ordem, posto que dispensasse os seus companheiros de jejuar. Quanto pior o tratavam, mais contente se sentia. Viam-no, estando doente, comer raízes e fruta e não provar comidas finas. Quando tinha de se hospedar em casa de pessoas de qualidade, saciava primeiro a sede em alguma fonte, com receio de que a necessidade o fizesse exceder a modéstia de um religioso na bebida e assim escandalizar as pessoas presentes. Algumas vezes ia mendigar o seu pão de porta em porta agradecia sempre com grande humildade àqueles que lhe davam, a ponto de em certas ocasiões se pôr de joelhos. Dormia sempre vestido em cima de palha ou de uma tábua.

Em viagem nunca interrompia nenhuma das suas práticas de piedade. Todos os dias, a menos que onde estivesse não houvesse igreja, oferecia a Deus o santo sacrifício com grande abundância de lágrimas; porque era-lhe impossível celebrar os divinos mistérios sem se comover. Quando, à medida em que as cerimônias progrediam, se aproximava a vinda dAquele a quem amara de preferência desde os mais tenros anos, conhecia-se logo pela comoção que se apoderava de todo o seu ser e corriam-lhe as lágrimas pela sua face pálida e radiante. Pronunciava a Oração Dominical num tom que a todos tornava sensível a presença do Pai que está nos céus. Guardava e fazia guardar silêncio aos seus companheiros, de manhã até às nove horas e de tarde depois de completas. Nos intervalos falava de Deus, quer em forma de discurso, quer em forma de controvérsia teológica, e de todos os modos que podia imaginar. Algumas vezes, sobretudo em lugares solitários, pedia aos seus companheiros que se conservassem a uma certa distância dele, dizendo-lhes com um ar benigno como o profeta Oséias:

"Eu o conduzirei para a solidão e aí lhe falarei ao coração".

Precedia-os então ou seguia-os meditando sobre passagens da Escritura. Notavam os religiosos que ele, nessas ocasiões, fazia muitas vezes um gesto diante do rosto como se quisesse afastar algum inseto importuno e atribuíam a esta meditação familiar dos sagrados textos o admirável conhecimento que deles adquirira. O seu hábito de viver com Deus era tão forte que quase nunca levantava os olhos do chão. Nunca entrava em qualquer casa onde lhe dessem hospitalidade sem ter ido fazer oração a uma igreja se a havia nesse lugar. Depois das refeições retirava-se para um quarto para ler o Evangelho de S. Mateus ou as Epístolas de S. Paulo que trazia sempre consigo. Sentava-se, abria o livro, fazia o sinal da cruz e lia com atenção. Mas não tardava que a palavra divina o fizesse sair fora de si. Fazia gestos como se estivesse falando com alguém; parecia estar escutando, disputando e a lutar; ora sorria, ora chorava; olhava fito, depois abaixava os olhos, falava em voz baixa e batia no peito. Passava sem interrupção da leitura para a oração, da meditação para a contemplação; de vez em quando beijava o livro com amor, como para lhe agradecer a felicidade que lhe proporcionava, e mergulhando sempre mais

nessas sagradas delícias cobria o rosto com as mãos ou com o capuz. Quando chegava à noite ia para a igreja fazer as suas vigílias e penitências habituais, ou se por acaso não tinha igreja ao seu dispor ia deitar-se em algum quarto afastado, de onde os seus gemidos vinham, ainda a seu pesar, interromper o sono dos seus companheiros. Acordava-os a horas de matinas para recitarem o ofício em comum, e quando se hospedava em algum convento, mesmo que não fosse da sua ordem, ia bater à porta dos religiosos animando-os a levantarem-se e a virem para o coro.

Pregava a todo e qualquer que encontrasse nas estradas, nas cidades, nas aldeias, nos castelos e mesmos nos mosteiros. A sua palavra era ardente. Iniciado, pelos seus longos estudos em Valência e Osma, em todos os mistérios da teologia cristã, estes saíam do seu coração em torrentes de tanto amor que mesmo os mais endurecidos se convenciam da sua verdade. Um mancebo, maravilhado com a sua eloquência, perguntou-lhe em que livros estudara.

"Filho",

respondeu ele,

"foi mais no livro do amor do que em qualquer outro, porque esse tudo ensina".

Gérard de Frachet
Vida dos Frades,
L. II, c. 25

Por isso a miúdo prorrompia em lágrimas no púlpito e em geral sentia-se possuído dessa melancolia sobrenatural que causa o sentimento profundo das coisas invisíveis. Quando ao longe avistava uma aglomeração de telhados de qualquer cidade ou povoação, a lembrança das misérias dos homens e dos seus pecados mergulhava-o em uma meditação triste, cuja repercussão se lhe notava logo no rosto. Assim se sucediam nele rapidamente as expressões mais diversas: o amor e a alegria, a inquietação e a serenidade manifestavam-se a cada passo nas rugas da sua fronte e elevavam nele a majestade do homem a um incrível poder de sedução. Era afável para com todos, diz uma das testemunhas no processo da sua canonização, para com os ricos e pobres, para com os judeus e infiéis, muito numerosos na Espanha, onde era querido de todos, menos dos hereges e dos inimigos da Igreja, que ele refutava nas suas controvérsias e pregações.

CAPÍTULO XV. Quinta viagem de S. Domingos a Roma. Morte do bem-aventurado Reinaldo. O bem aventurado Jordão de Saxe entra para a Ordem.

Foi na força do estio de 1219 que Domingos, descendo pela última vez o declive escarpado dos Alpes, avistou de novo a rica e vasta planície destinada a possuir uma das maiores partes da sua vida. Fôra em Castela a Velha, que se criara a sua infância e a sua mocidade; o Languedoc devorara os melhores anos da sua idade madura, Roma era o centro para onde o conduzia sem cessar o ardor da sua fé; a Lombardia havia de ser o seu túmulo. Não se sabe qual o caminho que tomou para tornar a ali entrar; os primitivos historiadores nada dizem sobre o seu itinerário até Bolonha. Foi recebido no convento de Saint-Nicolas com imenso júbilo pela multidão de religiosos que nele viviam sob o

governo de Reinaldo. O seu primeiro ato foi um ato de desinteresse. Oderico Gallicani, cidadão de Bolonha, tinha recentemente dado aos religiosos, por forma legal, terras de um valor considerável. Domingos rasgou a escritura na presença do bispo, declarando que queria que os seus religiosos mendigassem o seu pão de cada dia, e que não consentiria que acumulassem bens. E de fato, nenhuma virtude lhe era mais cara do que a pobreza. Usava sempre, qualquer que fosse a estação, uma única túnica de rude estamena, com a qual se não envergonhava de aparecer diante dos maiores fidalgos. Queria que os religiosos andassem vestidos como ele, que habitassem casas pequenas, que mesmo ao altar não se servissem de sedas nem púrpuras, e que à exceção dos cálices, não tivessem nenhum vaso de ouro nem de prata. A mesa tinha o mesmo espírito de mortificação e penitência. Serviam-se sempre aos religiosos dois pratos, mas ele não comia senão de um. Contava Rodolfo de Faenza, procurador do convento de Bolonha, que tendo às vezes durante a estada de Domingos ali, acrescentado alguma coisa à comida habitual dos Frades, o santo o chamara e lhe dissera ao ouvido:

"Porque matais os irmãos com essas comidas extraordinárias?"

Atas de Bolonha
depoimento de Rodolfo
de Faenza, n.2

Quando, no convento de Saint-Nicolas, faltavam o pão e o vinho, frei Rodolfo ia ter com Domingos. O santo mandava-o fazer oração; acompanhava-o mesmo à igreja para orar com ele, e a Providência dispunha as coisas de modo que deparava jantar para os seus filhos. Num dia de jejum, estando toda a comunidade já sentada no refeitório, Frei Bonvisi veio dizer a Domingos que não havia absolutamente nada para comer. O santo com ar alegre, ergueu os olhos e as mãos ao céu e deu graças a Deus por ser tão pobre. Imediatamente porém entraram no refeitório dois mancebos desconhecidos, um trazendo pães e o outro figos secos, que distribuíram entre os religiosos. Noutra dia em que não havia senão dois pães no convento todo, Domingos mandou partí-los em bocadinhos, e benzendo o cabaz, disse ao que estava a servir que fosse de roda do refeitório dando a cada religioso dois ou três desses pedacinhos. Quando acabou, Domingos mandou-lhe dar outra volta e continuar até que os religiosos estivessem saciados. Os religiosos em geral só bebiam água; mas procurava-se ter sempre algum vinho para os doentes. Um dia veio o enfermeiro queixar-se a Domingos de que faltava o vinho dos doentes, trazendo-lhe a vasilha vazia. O servo de Deus pôs-se a rezar segundo o seu costume e exortou os outros, por humildade, a fazer o mesmo; quando o enfermeiro foi pegar na vasilha, ela estava cheia. Os historiadores pouco dizem sobre a alegria dos religiosos de Bolonha à chegada de Domingos; mas compreende-se sem dificuldade o efeito da sua presença no meio de todos esses homens que não o conheciam ainda e que, no entanto, eram seus filhos. Viam com seus próprios olhos o Espanhol que os atraíra a Deus pela boca de um francês, e que ressuscitando as primitivas maravilhas da Igreja, reunira numa comunidade de apóstolos cristãos de todas as nações. Contemplavam-no, e as suas virtudes, os seus milagres, a sua palavra e sua fisionomia formavam um espetáculo como a sua imaginação nunca pudera realizar. Nesse pouco tempo que esteve com eles Domingos ainda aumentou mais a sua santa e numerosa família pelo ascendente que exercia, tanto fora como dentro do convento. Nada de mais extraordinário do que a tomada de hábito de Estêvão de Espanha. Ele próprio faz essa narração nos seguintes termos:

"Quando eu estava estudando em Bolonha, chegou mestre Domingos, e começou a pregar aos estudantes assim como a outras pessoas. Fui-me confessar a ele, e pareceu-me perceber que ele se afeiçoara a mim. Uma noite quando me preparava para ir à minha hospedaria cear com os meus companheiros, ele mandou dois religiosos dizer-me:

`Frei Domingos chama-vos, e deseja que venhais imediatamente'.

Respondi que iria assim que tivesse ceado. Replicaram que ele me esperava naquele mesmo instante. Levantei-me então, deixando tudo para os seguir, e cheguei a Saint-Nicolas, onde encontrei mestre Domingos no meio de muitos religiosos, a quem disse:

`Ensina-lhe como se faz a prostração'.

Depois de mo ensinarem, prostrei-me efetivamente com docilidade, e ele deu-me o hábito de Frade Pregador, dizendo-me:

`Quero-vos fornecer com as armas com que combatereis o demônio toda a vossa vida'.

Maravilhou-me muito então, e nunca pensei depois, sem admiração, no instinto que levou Frei Domingos a assim me chamar e me revestir do hábito de Frade Pregador; porque nunca lhe falara em abraçar a vida religiosa, e ele procedeu sem dúvida desse modo por inspiração ou revelação divina".

Atas de Bolonha
Depoimento de Estevão
de Espanha, n. 2

O mesmo que Domingos fizera anteriormente em Paris, fê-lo então em Bolonha, isto é, enviou religiosos para as principais cidades do norte da Itália para aí pregarem e fundarem conventos. Nunca se afastava da sua máxima predilecta, de que

"deve-se espalhar a semente, e não guardá-la amontoada".

Milão e Florença receberam então colônias de Frades Pregadores. Também julgou oportuno que Reinaldo saísse de Bolonha e fosse para Paris. Contava muito com a sua eloquência e com a sua fama para acabar de implantar a Ordem em França. Os religiosos de Bolonha viram-no partir com amarga saudade, chorando por tão cedo os apartarem dos peitos de sua mãe. São estas as expressões do bem aventurado Jordão de Saxe que imediatamente acrescenta:

"Mas todas estas coisas aconteciam por vontade de Deus. Havia um não sei que de prodigioso na maneira como o bem aventurado servo de Deus, Domingos, espalhava os religiosos por todas as regiões da Igreja de Deus, apesar das representações que por vezes lhe dirigiam, e sem que nunca a menor sombra de hesitação diminuísse a sua confiança. Dir-se-ia

que ele conhecia de antemão o resultado porque o Espírito Santo lho revelava. Efetivamente, quem ousa duvidar disso? Ao princípio não tinha consigo mais que um número resumido de religiosos, simples e na maior parte ignorantes, que ele enviara em pequenos grupos pela Igreja toda, de forma que os filhos deste século, que julgam segundo a sua prudência, acusavam-no mais depressa de destruir o que estava apenas começado do que de levantar um grande edifício. Mas ele acompanhava com as suas preces os que assim mandava, e a virtude do Senhor auxiliava e multiplicava-os".

Vida de S.
Domingos, c. XI,
n. 45

O próprio Domingos partiu de Bolonha nos fins do mês de outubro. Atravessou os Apeninos em direcção a Florença, demorando-se algum tempo nas margens do Arno, onde mais tarde a sua Ordem havia de levantar os célebres conventos de Santa-Maria-Novella e de S. Marcos. Os frades já aí se serviam de uma igreja, ao pé da qual vivia uma mulher chamada Benê, conhecida pela sua vida desregrada e que Deus castigara, abandonando-a aos ataques sensíveis do espírito maligno. Esta mulher, ouvindo Domingos pregar, converteu-se, e as orações do santo livraram-na das obsessões que a atormentavam. Mas essa mesma paz foi para ela uma ocasião de recaída e quando um ano depois Domingos voltou para Florença, ela confessou-lhe os maus efeitos que lhe produzira a sua cura. Perguntou-lhe com bondade Domingos se queria voltar ao seu antigo estado e, respondendo-lhe ela que se entregava a Deus e a ele, o santo suplicou ao Senhor que fizesse o que fosse melhor para a sua salvação. Passados alguns dias, de novo a atormentou o espírito maligno, e o próprio castigo das suas culpas passadas tornou-se para ela uma fonte de merecimentos e de perfeição. Mais tarde Benê tomou o véu e ficou-se chamando Sórora Benedita. Sabe-se mais a seu respeito que quando Domingos voltou para Florença ela queixou-se amargamente de um eclesiástico que a importunava por causa de sua dedicação pelos Frades Pregadores. Este eclesiástico estava irritado contra eles porque lhes haviam dado a igreja de que ele anteriormente era capelão. Domingos respondeu a Benê:

"Tende paciência, minha filha, aquele que vos atormenta será em breve dos nossos e quando ele tiver entrado na Ordem, sofrerá grandes e longos trabalhos".

Constantino de Orvieto
Vida de S.
Domingos, n. 37

Domingos encontrou-se com o Soberano Pontífice em Viterbo. Honório III concedeu-lhe umas cartas datadas de 15 de novembro de 1219, nas quais recomendava os religiosos aos bispos e prelados da Espanha. A 8 de dezembro seguinte estendeu essa recomendação aos arcebispos, bispos, abades e prelados de toda a cristandade. A 17 do mesmo mês, estando ele em Civita Castellana, fêz a Domingos e aos seus religiosos doação legal do convento de São Sixto no monte Celio, porque até então a Ordem só estava de posse de S. Sixto por uma concessão verbal. Não se faz no documento menção das religiosas de S. Sixto, certamente porque formavam com os religiosos uma só e

mesma ordem, cuja administração espiritual e temporal pertencia ao mestre geral.

Não era a primeira vez que o Santo patriarca via Viterbo. Três anos antes, quando voltara para França depois da confirmação da sua Ordem, estivera lá com o cardeal Capocci, que lhe deu uma capela e um mosteiro denominado de Santa Cruz, situado sobre uma eminência próxima da cidade e uma igreja que se estava, por sua ordem, construindo ao lado. Fôra o cardeal avisado em sonhos que levantasse essa igreja à Santa Virgem, e a amizade que o ligava a Domingos levava-o a oferecer-lha mesmo antes de acabada, com medo que o tempo atraísse a sua boa vontade. Não teve de fato a satisfação de vê-la concluída; contudo, antes de morrer confirmou à Ordem a sua posse, e ela veio a ser sob o nome de Nossa Senhora dei Gradi, um dos mais ilustres conventos da província romana. Ainda ali se vêem restos da antiga capela de Santa Cruz, na qual Domingos passava as suas noites, e que até ao último século conservava os vestígios do seu sangue.

Celebrou Domingos em Roma o começo do ano 1220. Uma frase de um historiador diz-nos que ele distribuiu pelas religiosas de S. Sixto colheres de ébano que lhes trouxera da Espanha. Tal era a simplicidade deste grande homem! A idéia de dar gosto às pobres religiosas preocupava-o no meio das fadigas e dos afazeres de uma longa viagem, e trouxera-lhes às costas, num percurso de seiscentas a setecentas léguas, uma lembrança da sua pátria. Digo às costas, porque não consentiu nunca que outra pessoa lhe levasse a sua bagagem.

Entretanto chegara Reinaldo a Paris e aí anunciava o Evangelho, com toda a autoridade da sua eloquência e da sua fé. Era ele então, depois de Domingos, o mais brilhante astro da nova Ordem. Todos os religiosos tinham os olhos postos nele e, sem preverem a morte muito próxima do seu fundador, viam com júbilo que ele não era o único capaz de poder com o peso da sua obra. Deus porém breve iludiu estes sentimentos de amor e de admiração. Reinaldo foi atacado de uma doença mortal na ocasião mesmo em que mais se esperava dele. O prior de Saint Jacques, Mateus de França, veio avisá-lo de que estava próxima a hora do seu último combate e perguntar-lhe se não queria receber a unção.

"Não temo o combate",

respondeu Reinaldo,

"antes com alegria o águardo. Espero também na Mãe de Misericórdia que em Roma me ungiu com as suas próprias mãos, e em quem me confio; mas para não parecer que desprezo a unção eclesiástica, apraz-me também recebê-la, e peço-a".

Gérard de Frachet
Vida dos Frades,
Liv. V, cap. 2

Não sabiam então os religiosos, pelo menos a maior parte, a maneira misteriosa como Reinaldo fora chamado para a Ordem; porque ele pedira a Domingos que não falasse nisso enquanto ele fosse vivo. Porém, ocorrendo-lhe à memória à hora da morte a lembrança desse insigne favor, não pôde deixar de aludir a ele e a gratidão arrancou-lhe o segredo que a sua humildade até aí ocultara. Já anteriormente se servira, fosse com Mateus de França, de umas expressões que a

história nos conservou. Este que o conhecera outrora no mundo, vivendo com todo o luxo da celebridade e da efeminação, manifestara-lhe a sua admiração por ele ter entrado para uma instituição tão severa.

"Não tenho merecimento algum nisso",

respondeu,

"porque sempre nela me senti feliz extremamente".

B. Jordão de Saxe
Vida de S.
Domingos, C. III,
p. 46

Não se sabe o dia certo da sua morte; foi nos fins de janeiro ou princípios de fevereiro de 1220. Não tendo ainda os religiosos o direito de sepultura nas suas casas, enterraram-no na igreja de Notre-Dame-des-Champs, próximo de Saint Jacques. Os seus restos, sobre os quais se erigiu um monumento, operaram milagres e foram durante quatrocentos anos objeto de um culto cuja tradição parecia dever ser eterna. Porém no ano de 1614, sendo a igreja de Notre-Dame-des-Champs dada às carmelitas reformadas de Santa Teresa, as religiosas transportaram para o interior do seu claustro o corpo de Reinaldo e, apesar da sua hereditária veneração por ele, a sua memória cessou pouco a pouco de ser popular; tornou-se, como a sua sepultura, o segredo só daqueles que conhecem e habitam em espírito a antiguidade. Hoje já nem mesmo o túmulo existe; desapareceu com a igreja e o claustro de Notre-Dame-des-Champs; e o fundador do convento de Bolonha, aquele que os religiosos chamavam o seu esteio, que a Santíssima Virgem chamara com a sua própria boca à religião, que recebera dela sobre os seus membros uma unção milagrosa, que dera ao nosso hábito a sua última e sagrada forma, numa palavra, o bem-aventurado Reinaldo não goza de culto em parte alguma, nem mesmo na Ordem dos Frades Pregadores. Estas palavras, no entanto, devem ser entendidas apenas enquanto aplicadas ao culto ratificado pela igreja; porque o B. Reinaldo nunca deixou de ser na sua ordem objeto de um culto verdadeiramente eclesiástico que se espera ser em breve confirmado pela Santa Sé. Foi ele para a Ordem um de seus mais belos ornamentos, pela santidade da sua vida, pelo poder da sua palavra, e pela grande quantidade de filhos ilustres que lhe atraíu. Esta sua fecundidade só acabou com a morte. Na própria véspera da sua última e curta doença ainda brotaram do seu tronco sublimes rebentos.

Recorda-se por certo o leitor do estudante saxônio que Domingos conheceu em Paris, e cuja vocação ele não quisera precipitar, posto que fosse já bastante visível. Estava reservado a Reinaldo o colher essa preciosa flôr, que a mão de Domingos respeitara por uma espécie de pressentimento delicado, para glorificar e consolar o prematuro fim de um dos seus mais dignos filhos. Eis Como Jordão de Saxe narra a sua entrada para a Ordem, assim como a de Henrique de Colônia, seu amigo:

"Na própria noite em que a alma do santo homem voou para o Senhor, eu que ainda não era religioso pelo hábito, mas que fizera voto de o receber das suas mãos, vi em sonhos os religiosos dentro de uma nau. De repente submergiu-se a nau, mas os religiosos não pereceram no naufrágio; pensei que essa nau representava Frei Reinaldo, nesse tempo considerado

pelos religiosos como seu arrimo. Houve outro que viu em sonhos uma límpida fonte secar-se repentinamente e ser logo substituída por dois rios caudalosos. Supondo que esta visão representasse uma coisa real, conheço demasiado a minha indignidade para me atrever a interpretá-la. Sei só que Reinaldo apenas recebeu em Paris a profissão de dois religiosos, a minha e a de frei Henrique, que depois foi prior de Colônia, homem que eu amava em Cristo de um afeto como nunca dediquei a nenhum outro homem, vaso de honra e de uma tal perfeição, que me não lembro nesta vida de ter visto criatura mais cheia de graça. Teve o Senhor pressa em o chamar para si, por conseguinte não será ocioso dizer alguma coisa sobre as suas virtudes.

Tivera Henrique no mundo um nascimento ilustre, e fôra muito novo ainda nomeado cônego de Utrecht. Um outro cônego da mesma igreja, homem de bem e de grande religião, educara-o desde os seus mais tenros anos no temor do Senhor. Ensinara-lhe com o seu exemplo a vencer o século, crucificando a carne e praticando boas obras; fazia-lhe lavar os pés aos pobres, freqüentar a igreja, evitar o mal, desprezar o luxo, amar a castidade; e sendo este mancebo dotado duma índole excelente, mostrava-se dócil ao jugo da virtude; nele cresceram as boas obras a par com a idade, e quem o visse toma-lo-ia por um anjo cujo nascimento e bondade se igualavam. Veio para Paris, onde o estudo da teologia não tardou a roubá-lo a todas as outras ciências, sendo, como era, dotado de um talento natural e de uma razão perfeitamente bem equilibrada. Encontramo-nos na hospedaria onde eu estava, e não tardou que a nossa convivência corporal se transformasse em uma suave e estreita união das nossas almas. Frei Reinaldo, de venturosa memória, vindo também nessa mesma época a Paris, e pregando com energia, senti-me movido pela graça, e fiz interiormente o voto de entrar para a sua Ordem; pois julgava nela encontrar o caminho seguro da salvação, tal como a miúdo mo representara a mim mesmo, antes de conhecer os religiosos. Tomada esta resolução, comecei a desejar ligar pelo mesmo voto o companheiro e amigo da minha alma, em quem eu via todas as disposições da natureza e da graça necessárias a um pregador. Ele recusava-se e eu continuava a insistir. Consegui que ele fosse confessar-se a Frei Reinaldo e, quando ele voltou, abrindo o profeta Isaiás, como se o quisesse consultar, dei com a seguinte passagem:

`O Senhor deu-me uma língua sapiente para que eu ampare com a minha palavra os que pecam; desperta-me de manhã a fim de que eu ouça a sua voz. O Senhor Deus fêz-me ouvir a sua voz, e eu não lhe resisto, não volto para trás'.

Interpretando-lhe eu esta passagem, que tão bem correspondia ao estudo do seu coração, apontando-lha como um aviso do céu, e exortando-o a

submeter a sua pouca idade ao jugo da obediência,
notamos algumas linhas mais abaixo estas duas
palavras:

`Conservemo-nos juntos',

que pareciam avisar-nos a que não nos separássemos
um do outro e a consagrarmos a nossa vida a um igual
sacrifício. Foi aludindo a esta circunstancia que,
estando ele na Alemanha, e eu em Itália, ele me
escreveu um dia perguntando-me:

`O que é feito do conservemo-nos juntos? Estais
em Bolonha e eu na Colônia!'

Respondi-lhe então:

`Que maior merecimento pode haver, que mais
gloriosa coroa, do que tornarmo-nos participantes da
pobreza do Cristo e de seus apóstolos, e abandonar
o mundo pelo seu amor!'

Mas por mais que a sua razão o fizesse concordar
comigo, a sua vontade persuadia-o a resistir-me.
Na mesma noite em que tivemos essa conversa, foi ele
ouvir matinas à igreja da bem aventurada Virgem, e
ali ficou até de madrugada, rogando a Mãe do
Senhor que lhe fizesse vencer a revolta que sentia
dentro de si. E como visse que a dureza do seu
coração se não abrandava com as suas súplicas,
pôz-se a dizer:

`É agora, ó Bem aventurada Virgem, que sinto
que não tendes de mim compaixão, e que não tenho
lugar marcado na corporação dos pobres de
Cristo!'

Isto dizia cheio de dor, porque sentia dentro de si
um grande desejo da pobreza voluntária, e porque o
Senhor lhe manifestara uma vez a grande importância
que ela terá no dia de juízo.

O caso passara-se assim.

Viu em sonhos a Cristo no seu tribunal, e duas
prodigiosas multidões, uma que estava sendo julgada
e a outra que julgava com Jesus Cristo. Enquanto
que, com a sua consciência segura, ele contemplava
tranquilamente este espetáculo, um dos que estavam
ao lado do juiz, apontando de repente para ele,
disse-lhe:

`Tu que aí estás em baixo, o que abandonaste tu
pelo Senhor?'

Ficou consternado ao ouvir esta pergunta, porque
não sabia o que havia de responder e, sendo por esse
motivo que ele desejava a pobreza, posto que não
tivesse coragem de a abraçar, saiu da igreja de
Notre-Dame, triste por não ter obtido a força que
solicitara. Nesse mesmo momento, porém, Aquele

que lá do alto acode aos humildes operou uma completa transformação nos sentimentos do seu coração; rios de lágrimas correram aos seus olhos; a sua alma abriu-se e expandiu-se perante o Senhor, toda a dureza que o oprimia desfez-se, e o jugo de Cristo, tão duro até ali na sua imaginação, apresentou-se-lhe tal qual realmente é, suave e ligeiro. No primeiro momento de transporte levantou-se e correu a procurar Frei Reinaldo, e na sua presença pronunciou os seus votos. Em seguida veio ter comigo e, notando eu no seu angélico rosto vestígios de lágrimas, e perguntando-lhe onde estivera, respondeu-me:

`Fiz ao Senhor um voto, e hei de cumprí-lo'.

Demorámos contudo a nossa tomada de hábito até ao tempo da quaresma, e adquirimos nesse intervalo mais um companheiro, frei Leão, que depois sucedeu a frei Henrique no cargo de prior. Chegado o dia em que a Igreja, pela imposição das cinzas, adverte os fiéis da sua origem e de que hão de voltar ao pó de que foram feitos, decidimo-nos a cumprir o nosso voto. Os nossos outros companheiros nada sabiam do nosso projeto e um deles, vendo o Fr. Henrique sair da hospedaria, disse-lhe:

`Onde ides Sr. Henrique?'

`Vou',

respondeu ele,

`a Betânia',

aludindo ao sentido hebraico dessa palavra, que quer dizer casa da obediência. Dirigimo-nos efetivamente todos os três para Saint-Jacques, e entramos no momento em que os Frades cantavam

`Immutemur habitu'.

Eles não contavam com a nossa visita; mas, posto que imprevista, não deixou de ser oportuna, e nos despojamos do velho homem e nos revestimos do novo, enquanto os Frades cantavam o mesmo que nós fazíamos".

Vida de S.
Domingos, C.III,
n. 47 ss.

Não viu Reinaldo com os olhos da carne a tomada de hábito de Jordão de Saxe e Henrique de Colônia; voltara para Deus antes de haver completado este último trabalho, semelhante ao aloés que ao dar flor morre e não chega nunca a ver os seus frutos.

S. Domingos na Lombardia. Instituição da Ordem Terceira.

Não haviam ainda decorrido três anos depois da separação dos Religiosos em Notre Dame de Prouille, e já eles possuíam conventos em França, na Itália, em Espanha, na Alemanha e até na Polônia. A bênção de Deus comunicara-lhes a graça de em toda a parte se estabelecerem e multiplicarem. Domingos, que fôra ele próprio testemunha dos seus progressos, e que com a sua presença ativara o seu desenvolvimento, julgou chegada a hora de os fazer gozar do espetáculo da sua força, não para provocar neles uma vã satisfação, mas para os animar a trabalhar mais, afirmar a sua unidade e dar o ultimo toque à legislação que os regia. Reuniu pois o capítulo geral da sua ordem em Bolonha; o dia marcado para esta reunião foi o dia de Pentecostes do ano de 1220. Partiu ele próprio de Roma, nos fins de Fevereiro ou princípios de Março. Passou alguns dias em Viterbo junto do Soberano Pontífice, que lhe dispensou novas provas de seu constante afeto, em três cartas que sucessivamente escreveu aos povos de Madrid, Segovia e Bolonha, agradecendo-lhes a caridade que haviam dispensado aos religiosos e exortando-os a perseverar nos mesmos sentimentos. Estas cartas têm as datas de 20, 23 e 24 de Março. Escrevera também a 26 de Fevereiro anterior, aos religiosos de Notre-Dame-des-Champs em Paris, congratulando os por obterem licença de dar sepultura aos religiosos na sua Igreja. A 6 de Maio seguinte, recomendou-os em termos muito enérgicos ao arcebispo de Tarragona, e a 12 permitiu que outros religiosos de diversas ordens se juntassem a Domingos para exercerem com ele o ministério da pregação.

No dia de Pentecostes Domingos achava-se já em Bolonha, rodeado dos Religiosos de Saint-Nicolas e dos representantes da Ordem toda. Ignoram-se os nomes dos que estavam; somente se sabe que Jordão de Saxe fôra enviado de Paris com mais três religiosos, poucas semanas depois de ter tomado o habito. Levantou-se Domingos no meio desta assembléia, não já simples prior de alguns religiosos, mas sim mestre geral de uma ordem espalhada, por toda a Europa; não já em uma singela igreja de aldeia como em Prouille, mas sim no coração de uma grande e célebre cidade onde se encontrava reunida a mocidade cultivada de diversas nações; não já exposto às duvidas dos seus próprios amigos, mas tendo firmado a sua obra, e vendo ao seu lado para a defenderem homens cuja falta nas cadeiras das universidades, estas muito deploravam. Tinha ele então cinquenta anos.

A primeira medida que propôs no capítulo geral foi renunciar a todos os bens que a ordem possuira até ali, para não viver senão de esmolas; só com o suficiente para cada dia. Já era antiga na sua idéia esta resolução, e por ocasião das deliberações que tiveram lugar em Prouille no ano de 1216, haviam-na já os Religiosos adoptado em princípio, embora adiassem a sua execução. Enquanto a Domingos pessoalmente, vivera sempre da caridade pública desde essa celebre entrevista em Montpellier que marcou o princípio do seu apostolado, e onde se decidira que a pobreza voluntária era a única arma capaz de vencer a heresia. Mas uma coisa era viverem de esmolas alguns missionários, outra, fundar uma ordem duradoira sobre as incertezas quotidianas da mendicidade. Todas as tradições pareciam ser contrarias a uma tão arrojada decisão. A Igreja desde que pudera fruir o direito de propriedade, fizera dele uso, para se sentir independente contra os seus inimigos, liberal para com os pobres e grandiosa para ,com, Deus. Os próprios solitários do Oriente compravam e vendiam; honravam-se em . viver do trabalho das suas mãos Seguia-se então que por se ter abusado da riqueza se havia de abusar também da pobreza? Se o mundo carecia de um exemplo supremo, era

porventura prudente incluir o futuro em uma resposta reservada a tempos excepcionais? Quer fossem estas, quer outras as razões que moveram Domingos, o certo é que ele aceitara para a sua ordem bem territoriais, mas sempre com a idéia de um dia renunciar a eles. Dizem que foram as suas relações com S. Francisco de Assis que lhe inspiraram a idéia desta renuncia, a verdade é que S. Francisco de Assis recebera mais especialmente de Deus a missão de reanimar na Igreja o espírito de pobreza; contudo antes de renunciar a tudo para seguir a Jesus Cristo, já Domingos percorria o Languedoc descalço, vestido de um cilício e de uma túnica remendada, entregando à Providencia o cuidado do seu pão de cada dia. Os dois santos viram-se pela primeira vez em Roma na ocasião do quarto Concilio de Latrão, quando ambos foram solicitar de Inocêncio III a aprovação da sua ordem, e ambos sem se conhecer, haviam já dado ao mundo o espetáculo das mesmas virtudes. A S. Francisco de Assis coube a gloria de nunca hesitar em fazer da mendicidade o patrimônio da sua ordem. Domingos não menos austero para consigo mas menos arrojado quando se tratava dos outros, esperou que a experiência viesse confirmar os seus planos de pobreza, e teve a gloria de abdicar bens já adquiridos. Cedeu- os, com o consentimento do capítulo geral, a diferentes ordens de religiosos, e ficou assente por um decreto perpetuo, que, daí para o futuro, os religiosos nada mais ficavam possuindo no mundo do que as suas virtudes. Domingos ainda queria ir mais longe, e deixar toda a, administração domestica nas mãos dos Irmãos conversos, para que os outros pudessem entregar-se livres de cuidados à oração, ao estudo e à pregação. Porém os Padres do capítulo opuseram-se à proposta, demovidos pelo recente exemplo dos Religiosos de Grandmont, a quem um igual regulamento pusera à mercê dos seculares, e reduzido a uma degradante escravidão. Domingos cedeu pois à sua opinião. Foram ainda decretadas pelo capítulo geral outras constituições que têm desde então continuado a vigorar; não as especifica a história, como também não chegaram até nós as atas do capítulo. Suplicou Domingos aos Padres que o exonerassem do peso do governo:

"Eu mereço",

disse-lhe ele,

"ser demitido, porque sou um ente inútil e fraco".

Atas de Bolonha
Depoimento de
Rodolfo de Faenza,
n.4

Além do sentimento de humildade que o fazia assim falar, ele não abandonara o desejo de ir acabar a sua vida no meio dos infiéis, e de conseguir levando lhes a verdade, essa palma do martírio de que o seu coração sempre tivera uma sede ardente. Por mais de uma vez lhe ouviram dizer que ambicionava ser açoitado e cortado em pedaços pelo amor de Jesus Cristo. Abrindo-se em uma ocasião com frei Paulo de Veneza, dissera-lhe:

"Quando tivermos estabelecido e organizado a nossa ordem iremos para a terra dos Cumanos; pregar-lhes-emos a fé de Cristo, e ganhá-los-emos ao Senhor".

Idem
Depoimento de Paulo

Parecia-lhe agora chegado esse momento. Não estava a sua ordem já estabelecida e organizada? Não a via ele florescente como uma vide madura? Que melhor tinha a fazer do que oferecer em sacrifício os restos do seu corpo e da sua alma? Mas os Padres não quiseram ouvir falar na sua demissão. Longe de consentirem nela, todos o confirmaram no cargo de mestre geral, acrescentando à autoridade da Santa Sé, de quem ele o recebera, a glória de uma livre e unânime eleição. Conseguir Domingos, que pelo menos, fosse o seu poder limitado por uns magistrados, chamados definidores, aos quais, na ocasião dos capítulos, coubesse o direito de examinar e determinar os negócios da ordem, e mesmo de demitir o mestre-geral, se se desse o caso de ter prevaricado. Este notável estatuto foi mais tarde aprovado por Inocêncio IV. Separou-se o capítulo depois de haver decretado que se reuniria todos os anos, um ano em Bolonha, e o outro em Paris, alternadamente. Todavia., fez-se exceção imediata designando-se Bolonha para a próxima assembléia.

O norte da Itália era um dos pontos da Europa em que a heresia mais se alastrara. Exposta ao contacto do Oriente e às influências cismáticas dos imperadores da Alemanha, sofrera uma notável alteração na sua fidelidade à Igreja. Domingos julgou portanto que seria proveitoso evangelizá-la. Percorreu-a quase toda no verão de 1220. Porém os historiadores contemporâneos, que nos informam deste fato, não o confirmam com nenhum detalhe. A maior parte das cidades da Lombardia reclama a honra de ter possuído e ouvido o santo patriarca e os seus anais, escritos muito tempo depois, contém sobre a sua estada ali anedotas cuja autenticidade não está suficientemente provada. E' contudo certo que ele esteve em Milão e ali caiu doente. Frei Bonvisi, que o acompanhou nessa viagem, fala da seguinte maneira da sua coragem no sofrimento:

"Quando eu estava em Milão com frei Domingos, teve ele uns ataques de febre; tratei-o durante esse tempo, e nunca o ouvi queixar se. Orava e ficava em contemplação, como me parecia por certos sinais que lhe transpareciam no rosto e que eu já conhecia, porque sempre que ele orava e estava em contemplação, eu lhos notava.

Logo que o acesso febril lhe passava, começava a falar de Deus com os religiosos; lia ou pedia que lhe lessem; bendizia o Senhor e regozijava-se com a sua doença, prática que lhe era mais habitual nas tribulações do que na prosperidade".

Atas de Bolonha
Depoimento de
Bonvisi, n. 3

Em Cremona, Domingos encontrou-se com S. Francisco de Assis. Enquanto conversavam juntos, chegaram-se ao pé deles alguns irmãos de S. Francisco e disseram:

"Não temos água fresca no convento; por conseguinte rogamos a vós, que sois nossos pais e servos de Deus, que intercedais com o Senhor para que ele abençoe o nosso poço, cuja água está turva e estragada".

Entreolharam-se os dois patriarcas, convidando-se um ao outro com o olhar a responderem. Domingos disse então aos Irmãos:

"Ide tirar água do poço, e trazei a aqui".

Foram buscá-la numa vasilha e, trazendo-a, Domingos disse a Francisco:

"Padre, abençoi esta água em nome do Senhor".

Respondeu-lhe Francisco:

"Padre, abençoi-a vós, porque sois superior a mim".

Pierre Cali
Vida de S.
Domingos, n. 21

Continuou por algum tempo esta piedosa contenda entre os dois; por fim Domingos, vencido por Francisco, fêz o sinal da cruz sobre a vasilha e mandou deitar a água no poço, ficando desde então para sempre a nascente purificada.

Em Modena um cônego francês que ia para Roma veio procurá-lo à saída de um sermão, e confessou-lhe que desesperava da sua salvação por causa de uma tentação contra a castidade que nunca pudera vencer.

"Não desanimeis",

respondeu-lhe o santo,

"tende confiança na misericórdia de Deus; eu vos obterei dEle o dom da continência".

B. Humberto
Vida de S.
Domingos, n. 31

Retirou-se o cônego curado.

Tinha Domingos por costume visitar todos os mosteiros que encontrava no seu caminho. Entre outros, demorou-se algum tempo no de Colombo, no Parmesão, e julga-se que foi aí que ele teve um rasgo de bondade, que um historiador narra nos seguintes termos:

"Chegou Domingos uma noite à porta de um mosteiro, onde todos os religiosos estavam já deitados.

Receando incomodá-los, deitou-se com o seu companheiro defronte da porta, rogando ao Senhor que provesse às suas necessidades sem acordar os religiosos. No mesmo instante acharam-se ambos dentro do convento".

Rodrigo de Cerrat
Vida de S.
Domingos, n. 31

Colombo era um célebre mosteiro da ordem de Cister, fundado: pelo

próprio S. Bernardo; foi destruído pelo Imperador Frederico II em 1248.

Domingos chegou a Bolonha no dia da Assunção. Confirma-se esta data pela tomada de hábito de Conrado o Teutônico. Conrado era um doutor da Universidade de Bolonha, tão celebre nesse tempo pela sua ciência e virtude, que os religiosos desejavam ardentemente contá-lo no número dos homens honoráveis que tinham abraçado a sua regra. Na véspera da Assunção de Nossa Senhora, Domingos entretinha-se em conversa confidencial com um religioso da ordem. de Cister que depois foi bispo de Alatri e que nesse tempo era prior do mosteiro de Gasamara. Domingos conhecera-o em Roma e tinha por ele grande afeição. Por esse motivo, abrindo-lhe nessa noite o seu coração, disse-lhe na animação da conversa:

"Confesso-vos, prior, uma coisa que ainda nunca disse a ninguém, e de que vos peço segredo até à minha morte, e é que nunca, em toda a minha vida pedi alguma coisa a Deus, que ele me recusasse".

Ficou o prior atônito ao ouvir estas palavras, e conhecendo o desejo dos religiosos com respeito a Mestre Conrado o Teutônico, disse-lhe:

"Se assim é, padre, porque não pedis a Deus que vos conceda Mestre Conrado, cuja posse eu vejo os religiosos cobiçar tão ardentemente?"

Respondeu-lhe Domingos:

"Meu bom irmão, isso a que vos referis é uma coisa muito difícil de obter; porém se quiserdes ficar comigo em oração esta noite, tenho confiança no Senhor que ele nos concederá a graça que desejais".

B. Humberto
Vida de S.
Domingos, n. 50

Depois de completas, ficou o servo de Deus na igreja, conforme o seu costume, e o prior de Casamara ficou com ele. Em seguida assistiram às matinas da Assunção e, ao amanhecer, à hora da prima, enquanto o cantor entoava o "Jam Lucis Orto Sidera", viram entrar no coro Mestre Conrado que, deitando-se aos pés de Domingos, lhe pediu encarecidamente o hábito. O prior de Casamara, fiel ao segredo que prometera, só contou esta história depois da morte de Domingos, a quem sobreviveu mais de vinte anos. Tivera ao princípio receio de morrer antes, e fez essa observação ao santo; este porém assegurou-lhe que esse caso se não daria.

Entre aqueles que Domingos também nessa época admitiu na sua ordem cita-se Tomás de Pouille. Era um mancebo de uma tal inocência e simplicidade de costumes que o santo tinha por ele um terno afeto e costumava chamá-lo o seu filho. Alguns dos antigos companheiros do novo religioso, indignados por o terem perdido, atraíram-no fora do convento e começaram a arrancar-lhe à força o hábito da ordem. Correram a avisar Domingos, que imediatamente foi para a igreja rezar e, quando os seus raptos, despindo Frei Tomás lhe tiraram até a camisa de lã e lhe quiseram vestir uma de linho, a sua vítima começou a soltar gritos lancinantes, dizendo que se sentia a arder, e não

descansou enquanto o não tornaram a levar para o convento, revestido do grosso mas suave hábito de que o haviam despojado. Aconteceu um caso quase semelhante a um jurisconsulto de Bolonha. Os seus amigos entraram à mão armada no claustro de Saint Nicolas para o forçarem a sair de lá. Os religiosos queriam ir chamar alguns cavaleiros, amigos da Ordem, para oporem a força à força. S. Domingos porém disse-lhe:

"Vejo mais de duzentos anjos de roda da igreja, consagrados pelo Senhor à defesa dos religiosos".

Thierry de Apolda
Vida de S.
Domingos, C. 18,
p. 209

O servo de Deus pregava frequentemente em Bolonha, e a veneração que aí tinham por ele era tão grande, que o povo em lugar de esperar na igreja, onde o sermão estava anunciado, iam-no buscar a Saint Nicolas e acompanhavam-no até ao ponto marcado. Um dia em que o povo o viera buscar, aproximarem-se dele dois estudantes, e um deles disse-lhe:

"Rogo-vos que impetreis de Deus a remissão dos meus pecados; porque se me não iludo, deles estou arrependido, e já os confessei."

Domingos, que ainda estava na igreja, aproximou-se de um altar, fêz uma curta oração e voltando para junto do mancebo, disse-lhe:

"Tende confiança e perseverai no amor de Deus, que ele já vos perdoou as vossas culpas".

O outro estudante, ouvindo isto, chegou-se mais perto do santo e por sua vez lhe disse:

"Padre, orai também por mim, porque eu também confessei todos os meus pecados".

Ajoelhou-se Domingos de novo diante do altar e orou. Mas voltando para junto do mancebo, disse-lhe:

"Meu filho, não tenteis enganar a Deus. A vossa confissão não foi completa; houve um pecado que ocultastes de caso pensado por vergonha".

E tomando-o de parte, disse-lhe qual era esse pecado, que ele se envergonhara de confessar. O estudante respondeu :

"Padre, assim foi, perdoa-me".

Domingos falou mais algum tempo com ele partindo em seguida com o povo que estava à sua espera.

Era nele habitual este espírito de profecia. Encontrando uma vez um religioso que ia numa missão, deteve-o, e depois de alguns momentos de conversa com ele, avisado interiormente de que o religioso tinha cometido uma falta, perguntou-lhe se trazia consigo dinheiro. Confessou-lhe humildemente o religioso que trazia. Ordenou-lhe Domingos que o deitasse imediatamente fora e impôs-lhe uma penitência; porque nunca deixava impune uma falta. Era, diz Thierry

de Apolda,

"o primeiro a observar os estatutos da ordem, e nada descurava para que fossem religiosa e exatamente cumpridos por todos.

Se alguma vez, por efeito da fragilidade humana, algum dos religiosos faltava ao seu dever, não lhe poupava a correção; mas tão bem temperava a severidade com a doçura que punia o culpado sem afligir o homem.

Nem sempre repreendia o transgressor logo que o via cometer o pecado. Calava-se fingindo que não tinha dado pela falta, mas quando se lhe oferecia uma ocasião favorável, dizia ao delinquente:

"Meu irmão, andaste mal em tal ocasião; glorificai a Deus e confessai o vosso pecado".

E assim como corrigindo se mostrava um pai, tinha um coração de mãe para os aflitos. Não haviam palavras mais suaves nem mais animadoras do que as suas, e os que vinham procurar nele remédio aos seus males, nunca voltavam sem se sentirem consolados. Defendia a alma dos seus religiosos como se fosse a sua própria, mantendo-os na prática da justiça e da religião.

Por essa razão, e porque está escrito que o passo do homem, o riso dos seus lábios, e o seu vestuário dizem o que ele é, se via que algum dos religiosos trazia um hábito contra o feitio ou contra a pobreza religiosa, não o admitia.

Todos os dias, salvo grande impedimento, fazia aos religiosos uma prática ou conferência, e falava-lhes com tanta fé e tantas lágrimas, que excitava neles a graça da compunção Ninguém como ele sabia mover o coração aos religiosos".

Vida de S.
Domingos, C. 16,
n. 186-7

Segundo o mesmo historiador, havia três coisas que Domingos recomendava acima de tudo a seus filhos, as quais eram falar sempre de Deus ou com Deus, nunca trazer dinheiro em viagem, e nunca aceitar bens temporais. Exortava-os contentemente a estudar e a anunciar a palavra de Deus. Distinguia os que tinham talento para pregar e não consentia que se aplicassem a outros trabalhos.

Como sempre aconteceu com os grandes santos, Domingos. tinha grande poder sobre o espírito das trevas. Muitas vezes o expulsou do corpo dos Religiosos. Via-o aparecer sob diversas formas, umas vezes para o distrair nas suas meditações, outras para o estorvar quando estava pregando. Transcrevo de Thierry de Apolda o seguinte facto:

"Um dia em que o santo, qual sentinela vigilante, passava revista à cidade de Deus, encontrou o demônio rondando como um animal feroz o convento;

chamou-o e disse-lhe:

"Por que andas tu rondando por aqui?"

Respondeu-lhe o demônio:

"Por causa do proveito que nisso encontro".

Disse-lhe o santo:

"O que consegues tu no dormitório?"

Respondeu-lhe ele:

"Impeço os religiosos de dormir, convenço-os a não se levantarem para o officio, e quando isso me é permitido, envio-lhes sonhos e ilusões".

Levou-o santo ao côro, e disse-lhe:

"Que consegues tu neste santo lugar?"

Respondeu ele:

"Faço-os chegar tarde, sair cedo, e estarem distraídos".

Interrogado sobre o refeitório, respondeu:

"Quem há que não coma mais ou menos do que deve?"

Conduzido ao palratório, disse rindo:

"Esta casa pertence-me; é onde têm lugar os risos, as noticias frívolas, as palavras inúteis".

Porém quando chegou ao capítulo, começou a querer fugir, dizendo:

"Abomino este lugar, porque nele perco tudo quanto ganho nos outros; é aqui que os religiosos são repreendidos pelas suas faltas, que se acusam, que fazem penitência e que são absolvidos." "

Vida de S. Domingos

C. 15, n.

174-5

Percorrendo a Lombardia, Domingos viu sinais bem tristes de enfraquecimento da fé. Em muitos pontos, haviam-se os seculares apoderado do patrimônio da Igreja e, com o pretexto de que era demasiado rica, todos a roubavam. O clero, reduzido a um estado de pobreza degradante, não podia continuar a sustentar o esplendor do culto nem exercer para com os pobres o preceito da caridade, enquanto que a heresia que originara essa espoliação dela nascia, por sua vez, como meio de a justificar. Não pôde haver para a Igreja pior situação do que esta. Os bens que lhe roubam fazem-lhe daqueles que os possuem, inimigos implacáveis; transmite-se o erro como se fosse uma condição da propriedade e o tempo, que tudo destrói, parece nada poder

contra esta aliança dos interesses da terra com a cegueira do espírito. Domingos, como fundador de uma ordem mendicante, tinha mais direitos do que ninguém a opor-se a uma tão medonha combinação do mal. Para lhe resistir instituiu uma associação a que deu o nome de Milícia de Jesus Cristo. Os historiadores não estão de acordo sobre a época em que foi instituída a Milícia de Jesus Cristo, mas fazem datar a sua erigem da estada de Domingos no Languedoc; outros transferem-na ao tempo da sua estada na Lombardia. Nós adotamos este segundo modo de pensar, que se baseia sobre o texto mais antigo que se possui a este respeito. Nele se lê:

"Reinava esta iniquidade em muitos pontos da Itália; o que vendo com tristeza o santo padre Domingos, que para si e para os seus escolhera a extrema pobreza, principiou a trabalhar para a restauração dos bens da Igreja".

E mais abaixo:

"Depois do bem aventurado Domingos ter organizado dessa forma esta associação, finou-se na paz do Senhor".

B. Raimundo de
Cápua
Vida de S. Catarina
de Siena, p. I,
c. 8

Compunha-se de seculares de ambos os sexos que se comprometiam a defender os bens e a liberdade da Igreja por todos os meios ao seu alcance. O seu traje, sendo o mesmo que usavam os seculares, distinguia-se pelas côres dominicanas: o branco, símbolo da inocência, e o preto símbolo da penitência. Sem estarem ligados pelos três votos de pobreza, castidade e obediência, participavam, tanto quanto possível, da vida religiosa. Cumpriam as abstinências, os jejuns e as vigílias, substituindo por um certo número de Pai Nossos e de Ave Marias a recitação do ofício divino. Tinham um prior da sua escolha sujeito à autoridade da ordem; reuniam-se em dias marcados numa igreja dos Frades Pregadores para aí assistirem à Missa e ao Sermão. Quando Domingos foi incluído no número dos santos, os Irmãos e Irmãs da Associação tomaram o título de Milícia de Jesus Cristo e do bem-aventurado Domingos. Mais tarde, o que havia de militante nesta denominação desapareceu com as causas públicas de combate e a associação dedicou-se ao progresso do homem interior, sob o nome de Irmãos e Irmãs da Penitência de S. Domingos. Foi sob esta denominação que, Munion de Zamora, sétimo mestre-geral dos Frades Pregadores, a confirmou e lhe modificou os estatutos. Concederam-lhe privilégios em diversas épocas os papas Gregório IX, Honório IV, João XXII e Bonifácio IX, e o papa Inocência VII aprovou-lhe os estatutos, tal qual os redigira Munion de Zamora. A sua bula é do ano 1405, sendo em 1439, por Eugênio IV.

A Milícia de Jesus Cristo era a terceira ordem instituída por Domingos ou antes o terceiro ramo de uma só ordem que na sua plenitude abraçava homens, mulheres e seculares. Com a criação dos Frades Pregadores, Domingos tirara do deserto as falanges monásticas e armara-as com o poder do apostolado; com a criação da ordem terceira fizera penetrar a vida religiosa no íntimo do lar domestico e até no próprio leito nupcial. O mundo começou a povoar-se de donzelas,

viúvas, pessoas casadas, homens de todas as classes que traziam em público as insígnias de uma ordem religiosa e se submetiam às suas práticas no íntimo das suas casas. O espírito de associação que reinava na idade média, e que é o mesmo que o cristianismo, favorecia esse movimento. Do mesmo modo que pertenciam a uma família pelo sangue, a uma corporação pelo trabalho a que se dedicavam, a um povo pelo solo natal, à Igreja pelo baptismo, queriam também pertencer por um livre sacrifício a uma das gloriosas milícias que serviam a Jesus Cristo, com os suores da palavra e da penitência. Vestiam a libré de S. Domingos ou de S. Francisco; enxertavam-se sobre um desses troncos, a fim de viverem da sua seiva ao mesmo tempo que conservavam a sua natureza própria, frequentavam as suas igrejas, associavam-se às suas preces, ajudavam-nos com a sua amizade, e caminhavam tanto quanto possível nas pegadas das suas virtudes. Deixou de se pensar que era preciso fugir do mundo para se elevar até à imitação dos santos: qualquer quarto podia converter-se em cela, qualquer casa numa tebaida. À medida que a idade e os sucessos da vida aliviavam o cristão do pesado fardo da carne, ele sacrificava ao claustro uma parte maior de si mesmo. Se a morte de uma esposa ou de um filho vinha despedaçar toda a sua felicidade, se uma revolução o precipitava de uma alta posição, no exílio e no abandono, tinha logo uma outra família pronta para o receber nos seus braços, uma outra cidade onde o direito de cidadão lhe era imediatamente concedido. Passava da ordem terceira à ordem completa, como se passa da mocidade à virilidade. A historia desta instituição é uma das mais belas coisas que se pôde ler. Produziu santos em todos os graus da vida humana, desde o trono até ao escabelo, com uma tal abundância, que o deserto e o claustro bem podiam mostrar-se ciosos. As mulheres, sobretudo, enriqueceram as terceiras ordens com o tesouro das suas virtudes. Sujeitas muitas vezes desde a infância a um jugo que não tinham desejado, fugiam à tirania da sua posição pelo hábito de S. Domingos ou de S. Francisco. O convento vinha ter com elas, visto elas não poderem ir ter com o convento. Transformavam um canto retirado da casa paterna ou conjugal num santuário repleto do esposo invisível que elas unicamente amavam. Quem não terá ouvido falar de Santa Catarina de Siena e de Santa Rosa de Lima, essas duas estrelas dominicanas que iluminaram dois mundos? Quem não leu a vida de Santa Isabel da Hungria, a franciscana? Assim prossegue o espírito de Deus na sua obra a medida dos tempos; proporciona os milagres às misérias; depois de florescer na solidão, desabrocha nas estradas.

CAPÍTULO XVII. Sexta e última viagem de S. Domingos a Roma. Segundo Capítulo Geral. Doença e morte do santo Patriarca.

Com a criação da terceira ordem terminou a carreira de Domingos. Nada mais lhe restava a fazer do que as suas despedidas a tudo quanto amara sobre a terra, e não há dúvida que Roma ocupava o primeiro lugar nos seus afetos. Fora ali que viera com Azevedo, seu primeiro amigo, antes de encetado a sua vida publica; ali voltara para obter a aprovação e confirmação da sua ordem. Fora ali que fundara S. Sito e Santa Sabia, que implantara o centro da sua ordem, que exercera o cargo de Mestre do sacro palácio, que obtivera a confiança de dois grandes papas, que ressuscitara três mortos, e que vira elevar-se até ao triunfo a veneração, que por ele tinha o povo; ali que residia numa majestade infalível o vigário daquele, que amara e servira todos os dias da sua vida. Podia acaso morrer sem dele haver recebido uma derradeira benção? Podia acaso cerrar os olhos sem mais uma vez os

poisar sobre as colinas da cidade santa? Podia porventura cruzar para sempre as mãos, sem ter oferecido um supremo sacrifício sobre os altares dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo? Podia resignar seus pés à imobilidade sem trilhar uma última vez as veredas do Aventino e do Coelio? Roma abriu pois pela sexta vez o, seu coração de mãe ao grande homem que gerara na sua velhice, e que lhe havia de suscitar filhos e filhas em mundos cujos nomes lhe eram ainda desconhecidos. Honório III deu-lhe em vários diplomas novas provas da sua solicitude e da sua soberana paternidade. No primeiro, datado de 8 de dezembro 1220, isentou parte dos religiosos de uma irregularidade em que tinham incorrido por uma recepção pouco canônica das ordens sacras. Nos três outros, de 18 de janeiro, 4 de fevereiro, e 29 de março do ano seguinte, recomendava os Frades Pregadores a todos os prelados da cristandade. Noutro, de 6 de maio, concedia-lhes licença para em caso de necessidade oferecerem santo sacrifício sobre um altar portátil. Foi esta a última página assinada por Honório III em favor da ordem na vida do seu fundador; pontífice que teve a gloria singular de ver florescer no seu reinado S. Domingos e S. Francisco e de pelos seus actos se não mostrar indigno deste favor do céu.

Enquanto Domingos fazia as suas despedidas a Roma, a Providência enviou-lhe na pessoa de Foulques, bispo de Toulouse, o mais antigo amigo que ainda conservava. Foulques era o único representante vivo dessa época tão afastada do Languedoc, da instituição de Notre Dame-de-Prouille e de Saint-Romain de Toulouse, de todos os beneficios e de todas as recordações que rodeavam o berço dos Frades Pregadores. Quão doces devem ter sido os colóquios desses dois homens! Deus coroara de um sucesso inaudito tantos secretos desejos, que juntos haviam outrora formado; viam o ministério da pregação, ilustrado por uma ordem religiosa já então espalhada na Europa de um extremo ao outro, eles que tantas vezes haviam discutido a necessidade de estabelecer o apostolado. Não lhes provocava orgulho a parte que haviam tomado nesta grande obra; sentiam porém com tanto maior jubilo a gloria da igreja, quanto com mais profunda dor haviam sentido os seus males. Foulques, embora não tivesse sido o instrumento principal dos designios de Deus, não experimentava com isso tristeza alguma. Desde o princípio, fôra sempre superior ao secreto estímulo da inveja, e a sua alma episcopal desprezara as apreensões bem naturais a quem está no poder, quando se trata de coisas que se não efetuam pelas suas próprias mãos. Deixara fazer o bem e ajudara a fazê-lo, o que é ainda mais difícil do que fazê-lo a própria pessoa. A sua coroa estava pura, o seu coração satisfeito. Em quanto a Domingos, que mais podia ele desejar? Ó feliz momento, quando o cristão, chegado ao termo da sua carreira, tem a consciência de ter cumprido a vontade de Deus, e quando pôde expandir a paz ganha ao seu serviço no coração de um outro cristão, seu companheiro e seu amigo! Existe um documento, deste amplexo de Foulques e Domingos, espécie de testamento, cuja leitura nos deve consolar de não termos podido mais claramente ouvir os seus últimos colóquios.

"Em nome do Senhor, saibam todos que estas páginas lerem, que nós Foulques, bispo de Toulouse, pela graça de Deus, concedemos em nosso nome e em nome dos nossos sucessores, para remissão dos nossos pecados, defesa da fé católica e utilidade de toda a diocese de Toulouse, a vós meu caro Domingos, Mestre da Pregação, assim como aos vossos sucessores e aos religiosos da vossa ordem, a igreja de Notre Dame de Fanjeaux, com todos os dizimos e todos os direitos dependentes

dela, tanto os que pertencem à nossa própria pessoa, como os da irmandade e do capelão da igreja; salvo a reserva para nós e para os nossos sucessores do direito catedrático, do da procuração e da cura das almas que confiaremos ao sacerdote que nos for apresentado pelo mestre da Ordem, pelo prior estabelecido nessa igreja, ou pelos religiosos.

E nós, Domingos, Mestre da Pregação, em nome dos nossos sucessores e dos religiosos da Ordem, cedemos a vós Foulques, bispo, e aos vossos sucessores, a sexta parte dos dízimos de todas as igrejas da diocese de Toulouse, que outrora nos concedestes, com o consentimento dos cônegos de Santo Estêvão; renunciemos para sempre a essa doação e a qualquer direito a ela em virtude das leis e dos cânones."

Mamachi, Anais da
Ordem dos Frades
Pregadores, vol.
1, Ap.

Este documento é datado de Roma, 17 de Abril de 1221. Tem três selos, o da catedral de Santo Estêvão, o de Foulques e o de Domingos. O selo de Domingos representa-o em pé, com o hábito de Frade Pregador, e um bordão na mão; em volta estão gravadas estas palavra: "Selo de Domingos, ministro da pregação". Por aí se vê que o título grandioso de "Mestre da Pregação", que lhe é conferido no corpo do documento, não fôra de sua escolha, mas sim uma homenagem de Foulques que não podia exprimir de uma forma mais elevada o que pensava do seu amigo. O soberano pontífice nas suas bulas e cartas nunca tinha chamado a Domingos senão "O prior de Saint Romain" e mais tarde "O Prior da Ordem dos Frades Pregadores".

Foulques sobreviveu dez anos a Domingos. Morreu a 25 de dezembro de 1231, e foi sepultado numa capela da abadia de Grand Selve, a pouca distancia de Toulouse. O seu túmulo desapareceu debaixo de ruínas que existem ainda; porém as revoluções do tempo e dos impérios nada podem contra a sua memória, estreitamente ligada a um homem e a uma obra cujo berço protegeu, e que agora o revestem da sua imortalidade.

Poucos dias depois do documento a que nos referimos, saiu Domingos de Roma pela estrada da Toscana. Havia em Bolsena, nessa estrada, uma casa cujo dono lhe costumava dar hospitalidade e que por esse motivo foi recompensado de uma maneira milagrosa, antes da morte do santo. Um dia em que estava caindo o granizo sobre as vinhas nos arredores de Bolsena, Domingos apareceu no céu, estendendo a sua capa sobre a vinha do homem que lhe dera hospitalidade, preservando-a assim do flagelo. Todo o povo presenciou essa aparição, e segundo o testemunho de Thierry d'Apolda, via-se ainda na vinha, no fim do decimo terceiro século, a pequenina casa que Domingos habitava, quando passava por Bolsena. Conservavam-na piedosamente os descendentes do seu antigo possuidor, que conforme a expressa recomendação do seu antepassado, ali recebiam, com a maior bondade, os Frades Pregadores todas as vezes que se lhe oferecia a ocasião.

No ano de 1221 caiu o Pentecostes a 30 de maio. Era esse o dia marcado para a celebração do segundo capítulo geral em Bolonha. Domingos, quando entrou em Saint Nicolas, notou que estavam trabalhando em levantar um dos lados do convento para alargar as celas.

Ao ver este trabalho prorrompeu em lágrimas e disse a frei Rodolfo, procurador do convento e aos outros religiosos:

"Como assim? Tão cedo quereis abandonar a pobreza a construir palácios para habitardes?".

Atas de Bolonha, Depoimento
de Estevão de
Espanha, n. 4

Mandou imediatamente parar com as obras, que só recomeçaram depois da sua morte.

As atas do segundo capítulo geral não chegaram até aos nossos tempos. Tudo o que sabemos, é a divisão que nele se fez, da Ordem em oito províncias, a saber: a Espanha, a Provença, a França, a Lombardia, Roma, a Alemanha, a Hungria e a Inglaterra. Deu-se a primazia de honra à Espanha, não por direito de antigüidade, mas por veneração pela pessoa do santo patriarca, cujo berço fôra. Teve por prior provincial Suero Gomez; a Provença teve Bertrand de Garrigue; a França, Mateus de França; a Lombardia, Jordão de Saxe; Roma, João de Placência; a Alemanha, Conrado o Teutônico; a Hungria, Paulo da Hungria; a Inglaterra, Gilberto de Frassinnet. As seis primeiras províncias compreendiam só à sua parte perto de sessenta conventos fundados em menos de quatro anos; as duas últimas, a Hungria e a Inglaterra, não tinham ainda recebido Frades Pregadores. Mandou-lhos Domingos do próprio centro do capítulo geral.

Paulo, que fôra destinado para a Hungria, era um professor de direito canônico na universidade de Bolonha, e só recentemente professara. Poz-se a caminho com quatro companheiros, entre os quais ia Frei Sadoc, ilustre pelas suas eminentes virtudes. Vesprim e Albe Royale foram as primeiras cidades onde fundaram conventos. Mais tarde chegaram até aquela terra dos Cumanos, que tanto excitara a solicitude de Domingos, e onde ele quisera acabar os seus dias. Descreverei apenas um episódio do estabelecimento dos religiosos na Hungria, para melhor nos iniciar no modo como se realizavam essas santas expedições.

"Naquele tempo dois religiosos da província da Hungria chegaram a uma certa povoação, à hora em que o povo cristão costumava reunir-se para ouvir missa.

Quando esta acabou e o povo voltava para suas casas o sacristão fechou a porta da igreja, deixando os religiosos fora da porta, sem que ninguém se condoesse deles.

Vendo isso um pobre pescador sentiu-se movido de compaixão, não ousando contudo convidá-los para sua casa porque nada tinha que lhes oferecer.

Correu todavia à casa e disse à mulher:

'Oxalá tivéssemos alguma coisa para dar de comer àqueles dois religiosos. Afligem-me aqueles pobres homens que estão à porta da igreja e a quem ninguém oferece hospitalidade'.

Respondeu-lhe a mulher:

'Tudo quanto temos é um pouco de milho'.

Contudo, mandando-lhe seu marido sacudir a bolsa para ver se tinha alguma coisa dentro, contra toda a expectativa, caíram duas moedas.

Cheio de júbilo o pescador, disse-lhes:

'Vai depressa comprar pão e vinho, coze também o milho e uns peixes'.

Em seguida correu direito à igreja, junto à qual se conservavam ainda os frades e convidou-os com modo humilde a virem para sua casa.

Assentaram-se os religiosos àquela pobre mesa servida com tanta caridade; saciaram a sua fome e, depois de agradecerem ao dono da casa, retiraram-se pedindo a Deus que o recompensasse.

Atendeu o Senhor à sua súplica; desse dia em diante a bolsa do pescador nunca mais esteve vazia; teve sempre duas moedas dentro. Comprou uma casa, uns campos, ovelhas, bois, e o Senhor, ainda por cima lhe concedeu um filho.

Quando, porém, estava suficientemente fornecido de tudo, cessou a dádiva das duas moedas".

Thierry d'Apolda
Vida de S.
Domingos, c. 17,
319-20

A missão da Inglaterra obteve um resultado não menos feliz do que a da Hungria. Gilberto de Frassinete, que era o seu chefe, apresentou-se com doze companheiros ao arcebispo de Cantuária. Tendo o arcebispo ouvido dizer que eles eram Frades Pregadores, imediatamente ordenou a Gilberto que pregasse diante dele em uma igreja onde ele próprio fizera questão de pregar nesse dia. Ficou tão satisfeito que concedeu a sua amizade aos religiosos e toda a sua vida os protegeu. O seu primeiro estabelecimento foi em Oxford; aí levantaram uma capela à Virgem Santa, e abriram escolas que denominaram escolas de Santo Eduardo, do nome da freguesia onde as instalaram.

Por meio destas duas missões, a da Inglaterra e a da Hungria, tomou Domingos posse final da Europa. Não tardou que recebesse do céu um aviso de que o seu fim se aproximava. Um dia em que estava em oração, e suspirava ardentemente pela dissolução do seu corpo, apareceu-lhe um mancebo de extraordinária beleza que lhe disse:

"Vem, meu bem-amado, vem para o gozo eterno,
vem".

Bartolomeu de Trento
Vida de S.
Domingos, n. 13

Foi-lhe participada ao mesmo tempo a época exata da entrevista que lhe

marcavam, e indo visitar uns estudantes da universidade de Bolonha por quem tinha grande afeto, depois de vários discursos, levantando-se para se retirar, exortou-os a que desprezassem o mundo e a que pensassem na morte.

"Meus caros amigos",

disse-lhes ele,

"vedes-me agora com boa saúde; antes, porém, de chegarmos à Assunção de Nossa Senhora serei levado desta vida mortal".

Gérard de Frachet
Vida dos Frades,
L. II, c. 17

Partiu em seguida para Veneza, onde se achava o cardeal Ugolino, na qualidade de legado apostólico. Queria recomendar-lhe mais uma vez os negócios da ordem e não queria morrer sem se despedir de um amigo como ele. Era então a época dos grandes calores do verão. Uma tarde, no fim do mês de julho, Domingos voltou para o convento de Saint Nicolas. Posto que muito cansado da viagem, teve uma larga conferencia sobre os assuntos da ordem com frei Ventura e frei Rodolfo, um procurador e o outro prior do convento. Perto da meia noite Rodolfo, que tinha necessidade de descanso, quis persuadir Domingos a deitar-se e a não se levantar para matinas; o santo porem não anuiu a isso. Foi para a igreja onde ficou em oração ate à hora do officio que celebrou com os religiosos. Depois do officio disse a frei Ventura que sentia uma dor na cabeça; breve se declarou uma desinteria fortíssima, acompanhada de febre. Apesar do seu sofrimento, o doente recusou deitar-se numa cama; deitou-se todo vestido em cima de um saco de lã. O progresso da doença não lhe arrancava nem um sinal de impaciência, nem uma queixa, nem um gemido; mostrava-se alegre como sempre. Agravando-se contudo o seu mal, mandou chamar os irmãos noviços e com as mais suaves palavras imagináveis, animando-os com a alegria do seu rosto, consolou e exortou-os ao bem. Em seguida chamou doze dos mais antigos e mais graves dentre os religiosos e na sua presença fez em voz alta a frei Ventura confissão geral de toda a sua vida. Quando acabou, disse-lhes:

"A misericórdia de Deus conservou-me até hoje uma carne pura e uma virgindade sem mácula; se desejais conseguir a mesma graça, evitai todas as relações suspeitas. Pela prática desta virtude é que o servo se torna agradável a Cristo, e que obtém glória e crédito perante o povo. Sede constantes em servir o Senhor com fervor de espírito; applicai-vos a manter e espalhar esta ordem, que está apenas em começo; sede firmes na santidade, na observância regular e cresci em virtude".

Thierry d'Apolda
Vida de S.
Domingos, c. 20,
n. 234

E acrescentou, para ainda mais os estimular a exercer vigilância sobre si mesmos:

"Posto que a bondade de Deus me preservasse até hoje de toda a mácula, confesso-vos contudo que nunca consegui isentar-me da imperfeição de sentir mais prazer na conversa de mulheres novas do que na de mulheres de idade."

B. Jordão de Saxe
Vida de S.
Domingos, c.4,
n.68.

Depois, confuso por esta sua adorável e santa simplicidade, disse baixo a frei Ventura:

"Irmão, creio que pequei falando em público aos religiosos sobre a minha virgindade; devia ter guardado silêncio a esse respeito".

Atas de Bolonha
Depoimento de
Ventura, n.3

Sobre isso voltou-se de novo para eles e, empregando a formula consagrada dos testamentos, disse-lhes:

"Eis meus amados irmãos, a herança que vos lego como a meus filhos: tende caridade, conservai a humildade, possuí a pobreza voluntária".

B. Humberto, Vida
de S. Domingos, n.
53

E para imprimir uma mais imponente sanção à clausula deste testamento que dizia respeito à pobreza, ameaçou com a maldição de Deus e com a sua qualquer que ousasse corromper a sua ordem introduzindo nela a posse dos bens deste mundo.

Todavia os Religiosos ainda não haviam de todo perdido a esperança de salvar o seu pai. Não podiam acreditar que Deus o quisesse roubar tão depressa à Igreja e a eles. Por conselho dos médicos e julgando que a mudança de ar lhe fizesse bem, transportaram-no para Santa Maria dei Monti, igreja dedicada à Virgem Santa num monte próximo de Bolonha. A doença, porém, rebelde à todos os remédios e a todos os desejos, não fez senão aumentar. Julgando-se Domingos próximo da morte, chamou de novo os religiosos para junto de si. Vieram em numero de vinte com o seu prior Ventura e colocaram-se em volta do doente, que se conservava deitado. Fêz-lhe então Domingos um discurso de que nada sabemos, senão que nunca palavras mais tocantes saíram do seu coração. Recebeu em seguida o Sacramento da Extrema Unção. Sabendo depois por Frei Ventura que o religiosos encarregados da igreja de Santa Maria dei Monti se propunham guardar e enterrar ali o seu corpo, disse-lhe:

"Permita Deus que me não enterrem senão debaixo dos pés de meus irmãos! Levai-me ali para fora, para essa vinha, a fim de que eu ali morra, e me deis depois sepultura na nossa igreja".

Atas de Bolonha
Depoimento de frei

Ventura, n.7

Tornaram os Religiosos a levá-lo para Bolonha, receando a cada momento vê-lo expirar nos seus braços. Como ele não tinha no convento cela própria colocaram-no na de frei Moneta. Quiseram mudar-lhe de fato; mas ele não tinha outro, senão o que trazia vestido, e Moneta teve de dar uma das suas túnicas para o vestirem. Frei Rodolfo sustinha a cabeça do santo, e enxugava com um lenço o suor que lhe corria pelo rosto; os outros religiosos assistiam chorando a este espetáculo. Para os consolar, Domingos disse-lhes:

"Não choreis, ser-vos-ei mais útil no lugar
para onde vou do que fui aqui".

Atas de Bolonha
Depoimento de frei
Rodolfo, n. 4

Perguntando-lhe um dos religiosos em que sítio queria que fosse enterrado o seu corpo, respondeu:

"Debaixo dos pés dos meus Irmãos".

Ibid., n. 7

Passara já uma hora desde a sua chegada a Bolonha. Vendo Domingos que os religiosos, entregues à sua dor, não pensavam na recomendação da alma, mandou chamar frei Ventura e disse-lhe:

"Preparai-vos".

Atas de Bolonha
Depoimento de frei
Ventura, n. 7

Prepararam-se imediatamente e foram com solenidade colocar-se de roda do moribundo. Disse-lhe Domingos:

"Esperai ainda um momento".

Ibid.

Aproveitando Ventura esse momento supremo disse ao Santo:

"Meu Pai, sabeis a grande tristeza e desolação
em que nos deixais; lembrai-vos de nós diante do
Senhor".

Ibid.

Domingos erguendo os olhos e as mãos para o céu e orou do seguinte modo:

"Pai Santo, cumpri a vossa vontade, e aqueles que
vós me destes, conservei e defendi;
recomendo-vo-los neste momento, conservai-os e
defendei-os".

Ibid.

Momentos depois disse:

"Começai".

Ibid.

Começaram a solene recomendação da alma, acompanhando-os Domingos; pelo menos viam-lhe mover os lábios. Assim que chegaram, porém, a estas palavras:

"Vinde em seu auxílio, santos de Deus; vinde ao seu encontro, anjos do Senhor, tomai a sua alma e conduzi-a à presença do Altíssimo",

deixou de mover os lábios, ergueu as mãos para o céu e Deus recebeu a sua alma. Foi no dia 6 de agosto do ano 1221, à hora do meio dia, numa sexta-feira.

No mesmo dia, à mesma hora, frei Guala, prior do Convento de Brescia e depois bispo da mesma cidade, encostando-se por um instante à torre dos sinos do convento, adormeceu. Nesse estado, viu com os olhos da alma abrir-se o céu e saírem por essa abertura duas escadas que chegavam à terra. No cimo de uma estava Jesus Cristo; no cimo da outra estava a bem aventurada Virgem, Sua Mãe. Em baixo, entre as duas escadas havia uma cadeira, e nessa cadeira estava sentado alguém que parecia um religioso; mas não se conhecia que religioso era, porque tinha a cabeça coberta com um capuz como se põe aos mortos. Ao longo das duas escadas subiam e desciam anjos entoando cânticos e as escadas iam subindo para o céu, puxadas por Jesus Cristo e por sua santa Mãe, e com elas a cadeira e a pessoa que nela estava sentada, Quando chegaram mesmo a cima cerrou-se o céu e desapareceu a visão. Frei Guala, posto que ainda fraco devido a uma doença recente que tivera, partiu imediatamente para Bolonha e soube que Domingos morrera no mesmo dia e hora em que ele tivera essa visão.

Também no mesmo dia, dois Religiosos de Roma, Tancredo e Raon, partiram dessa cidade para Tivoli. Chegando ali um pouco antes do meio dia, Tancredo mandou Raon celebrar o santo sacrificio da Missa. Raon, confessando-se antes de subir para o altar, deu-lhe Tancredo por penitência pensar durante o santo sacrificio em seu pai Domingos que estava doente em Bolonha. Quando Raon chegou à parte da missa em que se faz a memória dos vivos e procurava aplicar a sua idéia ao pensamento que lhe fôra imposto por penitência, sentiu-se arrebatado em êxtase e viu Domingos saindo de Bolonha, cingindo-lhe a fronte uma coroa de ouro, envolto por uma claridade admirável e tendo à sua direita e à sua esquerda dois homens veneráveis que o acompanhavam. Um aviso interior dava-lhe ao mesmo tempo a certeza de que o servo de Deus acabava de morrer e de entrar cheio de gloria na pátria dos santos.

Não é difícil compreender o que significavam as duas escadas do sonho de Guala e os dois anciões do êxtase de Raon. Representavam por certo a ação e a contemplação que Domingos tão prodigiosamente unira na sua pessoa e na sua ordem..

Por uma disposição da Providencia, aconteceu chegar o cardeal Ugolino a Bolonha, pouco depois de Domingos soltar o último suspiro. Quis ele próprio celebrar o seu officio fúnebre, e foi a Saint Nicolas onde já se achavam o patriarca de Aquiléia, bispos, abades, nobres e muito povo. Fizeram passar por diante dessa multidão o corpo do santo, já despojado do único tesouro que conservara: uma cadeira de ferro que trazia sobre a carne e que frei Rodolfo lhe tirara quando o

vestiu para o pôr no caixão. Deu-a depois ao bem-aventurado Jordão de Saxe. Todos os olhos e todos os corações estavam fitos nesse corpo sem vida., O ofício começou por uns cânticos que se ressentiam daquela tristeza geral e que caíam dos lábios semelhantes a lagrimas. Pouco a pouco, porém, o pensamento dos religiosos elevou-se acima das coisas deste mundo; deixaram de ver naqueles restos inanimados o seu pai vencido pela morte. Revelou-se-lhes a sua gloria pela certeza que dela tinham. As fúnebres lamentações, seguiu-se um cântico de triunfo, e uma alegria indescrevível desceu do céu sobre as suas almas. Neste momento entrando na igreja o prior de Santa Catarina de Bolonha, chamado Alberto, por quem Domingos tivera grande afeto, a alegria dos religiosos fazia de tal modo contraste com a sua dor pessoal que não se pôde conter. Lança-se sobre o corpo do santo; cobre-o de beijos, chama-o abraçando-o como querendo forçá-lo a voltar a si e a responder-lhe. Os restos mortais do seu amigo mostram-se sensíveis a esta explosão de dor. Alberto levanta-se e diz a Ventura:

"Boas notícias, padre prior, boas notícias.
Mestre Domingos abraçou-me e disse-me que ainda
este ano me irei reunir a ele em Jesus Cristo".

Gérard de Frachet
Vida dos Frades,
L. II, c. 23

Com efeito morreu durante o ano.

Quando se acabou este ofício sem nome na linguagem da dor nem da alegria os religiosos colocaram o corpo de seu pai num simples caixão de madeira, fechado com compridos pregos de ferro. Ali o puseram tal qual estava quando morreu, sem outros aromas mais do que o perfume das suas virtudes. Abriram uma cova no interior da igreja sob as lages e com umas pedras grandes formaram uma espécie de sepulcro. Aí meteram o caixão. Taparam-no com uma pedra muito pesada, betumando-o com cuidado para que nenhuma mão temerária se lembrasse de lhe tocar. Nada gravaram sobre essa lousa, nem sobre ela levantaram monumento algum. Domingos estava literalmente debaixo dos pés dos seus irmãos como o desejara. Na noite em que ali o deixaram um estudante de Bolonha que não pudera assistir às suas exéquias viu-o em sonhos sentado sobre um trono, na igreja de Saint Nicolas, e coroado de glória. Pasmado à vista deste espetáculo, disse-lhe:

"Não fostes vós, Mestre Domingos, que
morrestes?"

Ao que o santo respondeu:

"Não morri, meu filho, porque tenho um bom amo,
e com ele vivo".

Gérard de Frachet
Vida dos Frades,
L. I, c. 29

Logo de manhã foi o estudante à igreja de Saint Nicolas e ali viu o túmulo de Domingos no próprio lugar em que o tinha visto sentado sobre um trono.

Eis o que foi na vida e na morte Domingos de Gusman, fundador da Ordem dos Pregadores, um dos homens, mesmo humanamente falando, com

um caráter mais arrojado e um coração mais terno que. jamais existiu. Possuía numa perfeita fusão estas duas qualidades que em geral nunca se possuem no mesmo grau. Manifestou a primeira em uma vida exterior de uma atividade prodigiosa, e a segunda em uma vida interior da qual se pode dizer que cada fôlego era um ato de amor para com Deus e para com os homens. Deixou-nos o seu século a seu respeito documentos curtos, mas numerosos. Li-os com admiração pelo talento simples e sublime de que estão repletos, e com assombro pelo caráter que atribuem ao seu herói. Porque embora estivesse certo de que S. Domingos fôra caluniado pelos escritores modernos, era-me impossível acreditar que a sua historia se prestasse tão pouco a isso. Forçoso me foi desenganar-me e adquirir uma prova do quanto é preciso muita providência da parte de Deus e muito trabalho e virtude da parte dos homens para neste mundo se poderem conservar alguns. vestígios da verdade. Narrei fielmente tudo quanto encontrei; não pude, contudo, reproduzir o amor que nesses velhos escritos superabunda pela pessoa de S. Domingos, nem os inexauríveis pleonasmos com que os escritores do século treze falam da sua doçura, da sua bondade, da sua misericórdia, da sua compaixão, e de todas as graduações que tomava no seu coração a caridade. O seu testemunho nunca pode ser suspeito, e seguramente nenhum deles pensou em escrever segundo o ponto de vista dos nossos tempos. Se eu não pude igualar a ternura da sua pena descrevendo S. Domingos, conforme os seus escritos, eles fizeram-me ao menos envergonhar da idéia de transformar a sua historia em uma apologia. A apologia é um insulto de que não carece este grande homem. Terminei pois a sua vida sem o defender. Nisto imito os seus filhos, que não puseram sobre a sua sepultura epitáfio algum, certos de que ela por si só falaria bem alto. Contudo como os seus primeiros historiadores, antes de se separarem dele, reuniram piedosamente os principais traços do seu caráter, imitá-los-ei também e, reconhecendo-me incapaz de igualar a força e a singeleza do seu pincel, reproduzo o retrato venerando do meu pai, feito pelo mais antigo e ilustre dentre todos eles.

"Havia nele",

diz o bem aventurado Jordão de Saxe,

"uma tal honestidade de costumes, um tal ímpeto de fervor divino, que se via logo que era um vaso de honra e de graça, a quem não faltava nenhum adorno de valor.

Nada perturbava a igualdade da sua alma, a não ser a compaixão e a misericórdia.

E como quando o coração está satisfeito, esse sentimento se reflete no rosto do homem, não era difícil, ao ver a bondade e alegria do seu semblante, adivinhar-se a sua serenidade interior nunca imperturbada pelo menor ímpeto de cólera.

Era firme nos seus propósitos, e raro era mudar de parecer sobre qualquer assunto, depois de o haver maduramente ponderado na presença de Deus.

Por esse motivo, posto que no seu rosto brilhasse uma luz afável e suave, essa luz não se prestava a ser desprezada; antes suavemente conquistava os corações de todos, e quem o contemplasse sentia-se logo atraído para ele.

Em qualquer parte em que se encontrasse, quer caminhando com os seus companheiros, quer numa casa estranha com os donos dela e a sua família, quer no meio dos grandes, dos príncipes e dos prelados, abundava em discursos e exemplos que incitavam ao desprezo do mundo e ao amor de Deus.

Revelava-se em toda a parte o homem evangélico, pelas suas palavras como pelas suas obras. Durante o dia, com os seus religiosos ou companheiros, ninguém, era de um convívio mais suave e agradável; durante a noite também ninguém o igualava em vigílias e orações.

Consagrava as lágrimas para de noite e a alegria para de dia.

Dedicava o dia ao próximo, a noite a Deus, sabendo que Deus consagrou o dia à misericórdia e a noite à ação de graças.

Derramava lágrimas em abundância e a miúdo; eram as suas lágrimas o seu pão de cada dia e de cada noite; de dia quando oferecia o santo sacrifício; e de noite, quando velava!

Tinha por costume passar na igreja o tempo de descanso e não se lhe conheceu cama em que se deitasse, senão raríssimas vezes.

Orava e velava de noite tanto quanto o permitia a fragilidade do seu corpo, e quando por fim o cansaço o forçava a dormir, dormia um instante diante de um altar ou em qualquer outra parte, com a cabeça encostada a uma pedra como o patriarca Jacó, depois do que recomeçava a sua vida e o fervor do seu espírito.

Compreendia todos os homens numa imensa caridade, e como a todos amava, por todos era amado.

Nada lhe era mais natural do que regozijar-se com os que sentiam a alegria, chorar com os que choravam, e entregar-se todo ao próximo e aos infelizes.

Possuía ainda mais uma outra qualidade que o tornava querido de todos. Era a simplicidade do seu proceder, onde nunca transpareceu a menor sombra de artificio ou fingimento. Amante da pobreza, nunca andava senão com trajes pobres; sempre senhor do seu corpo, guardava um extremo recato no beber e no comer, contentando-se com qualquer comida simples, e usando tão moderadamente de vinho que satisfazia a necessidade da natureza, sem embotar a fina e delicada sensibilidade da sua alma.

Quem poderá jamais atingir a virtude deste homem? De boa vontade o admiramos e compreendemos à vista do seu exemplo a inércia do nosso tempo; mas poder o que ele pôde só é dado a uma graça especial, se

por ventura Deus a conceder mais alguma vez a outro homem que Ele queira elevar ao auge da santidade.

Imitemos contudo, meus irmãos, no limite das nossas fracas forças, os exemplos de nosso pai, e demos graças ao Redentor, que nesta mesma senda que trilhamos, deu um chefe como este a seus servos.

Imploremos o Pai das Misericórdias para que, auxiliados por esse espírito que rege os filhos de Deus e caminhando no rasto de nossos antepassados, cheguemos pelo caminho direito à pátria eterna onde este bem aventurado Domingos nos precedeu."

Vida de S.
Domingos, c. 4,
n.74 ss

CAPÍTULO XVIII. Trasladação do corpo de S. Domingos e sua canonização.

Haviam decorrido doze anos depois da morte de S. Domingos. Deus manifestara a santidade do seu servo por uma infinidade de milagres operados no seu túmulo ou devidos à invocação do seu nome. Viam-se sem cessar doentes rodeando a lousa, que cobria os seus restos, passarem ali dias e noites e retirarem-se glorificando-o pela cura obtida. Quadros suspensos das paredes próximas comemoravam os benefícios por ele conferidos, e os sinais da veneração popular não diminuíam com o tempo. Todavia uma nuvem cobria os olhos dos religiosos, e entretanto que o povo enaltecia o seu fundador, eles, os seus filhos, longe de se ocuparem da sua memória, pareciam esforçar-se por lhe toldar o brilho. Não só se não ocupavam de ornar o seu túmulo; como também receando que os acusassem de se aproveitarem e procurarem lucrar com o culto que já então lhe prestavam, arrancavam das paredes as imagens que ali colocavam. Afligiam-se alguns com este modo de proceder, sem se atreverem a opor-se. Aconteceu mesmo que crescendo cada vez mais o numero dos religiosos, viram-se obrigados a deitar abaixo a antiga igreja de Saint Nicolas, para construírem outra nova, e a sepultura do santo patriarca ficou a descoberto, exposta à chuva e a todas as intempéries das estações. Este espectáculo impressionou muitos dos religiosos e entre si deliberavam sobre o modo de transportar essas preciosas relíquias para um lugar mais conveniente, mas pensavam não poder fazê-lo sem a autoridade do pontífice romano.

"Não há duvida alguma que, como filhos, tinham o direito de dar sepultura a seu pai",

diz o bem-aventurado Jordão de Saxe,

"mas Deus quis que para executarem esse ato de piedade, procurassem o apoio de alguém mais alto do que eles, para que a trasladação do glorioso Domingos tomasse um caráter de canonicidade".

Carta encíclica aos Frades
Atas dos Santos dos
Bolandistas

Prepararam pois os religiosos um novo túmulo, mais digno de seu pai, e enviaram alguns dentre eles ao soberano pontífice para o consultar. Era o velho Ugolino Conti quem então ocupava o trono pontifical sob o nome de Gregório IX. Recebeu muito asperamente os religiosos, e exprobou-lhes o terem descurado tanto tempo as honras devidas ao seu patriarca.

"Conheci",

acrescentou ele,

"esse homem deveras apostólico, e não posso duvidar de que ele compartilha no céu da gloria dos santos apóstolos".

Ibid.

Queria mesmo, vir ele próprio em pessoa assistir, à sua trasladação; mas impedido pelos deveres do seu cargo, escreveu ao arcebispo de Raverina para que fosse com os seus sufragâneos a Bolonha assistir à cerimônia.

Era o dia de Pentecostes do ano de 1223. O capítulo geral da ordem achava-se reunido em Bolonha, sob a presidência de Jordão de Saxe, imediato sucessor de S. Domingos no generalato. O arcebispo de Ravenna, cumprindo as ordens do Papa, estava também na mesma cidade, assim como os bispos de Bolonha, de Brescia, de Modena e de Tournay. Haviam ocorrido ali de todos os países mais de trezentos religiosos. Grande numero de nobres e de cidadãos ilustres das cidades circunvizinhas enchiam as hospedarias. O povo todo estava em expectativa.

"Entretanto",

diz o bem aventurado Jordão de Saxe, os Religiosos

"sentem-se possuídos de uma enorme angústia; pálidos e trémulos, começam a rezar, pois receiam que o corpo de S. Domingos, por tanto tempo exposto num humilde sepulcro, ás chuvas e aos calores, apareça roído dos vermes e exale um cheiro que diminua a opinião de sua santidade".

Ibid.

Atormentados com essa idéia, pensaram em abrir secretamente o túmulo do santo ; mas Deus tal não permitiu. Ou fosse por suspeitar em os seus projetos, ou para melhor constatar a autenticidade das relíquias, o magistrado de Bolonha mandou que ficassem de guarda dia e noite ao sepulcro uma força armada. Todavia para mais livremente poderem fazer o reconhecimento do corpo, e para evitar no primeiro momento a confusão do imenso povo que enchia Bolonha, combinou-se abrir o sepulcro de noite. A 24 de maio, no segundo dia depois da Pentecostes, antes de amanhecer, reuniram-se à luz dos archotes em torno da humilde lousa que, durante doze anos, cobrira os restos de S. Domingos, o arcebispo de Raverina e os outros bispos, o mestre geral da ordem com os definidores do capítulo, o magistrado de Bolonha, os principais nobres e cidadãos, tanto de Bolonha como das cidades vizinhas. Na

presença de todos, Frei Estevão, prior provincial da Lombardia, e Fr. Rodolfo ajudados por alguns outros Religiosos, começaram a arrancar o cimento que prendia a pedra ao chão. Estava duríssimo, e só com grande dificuldade é que cedeu ás pancadas dos ferros. Quando o acabaram de arrancar, e que as paredes exteriores do túmulo ficaram à vista, Fr. Rodolfo arrombou a alvenaria com um martelo de ferro, e depois ele e outros, servindo-se de alavancas, levantaram com grande custo a pedra superior do monumento. À medida que a levantavam, exalava-se do sepulcro entreaberto um perfume indescritível, um aroma desconhecido excedendo tudo quanto se possa imaginar. O arcebispo, os bispos, e todos os que se achavam Presentes, penetrados de assombro e júbilo, caíram de joelhos chorando e louvando a Deus. Acabaram de tirar a pedra, ficando à vista, no fundo do sepulcro, o caixão de madeira, onde estavam encerradas as relíquias do Santo. Na tampa via-se uma pequena fenda, por onde se exalava abundantemente o perfume que surpreendera os assistentes, e que ainda mais penetrante se tornou, quando tiraram de todo o caixão da cova. Todos se inclinaram para venerar esse caixão precioso, derramando sobre ele lagrimas abundantes acompanhadas de beijos. Por fim arrancando os pregos da parte superior, abriram-no, expondo aos olhos dos seus Religiosos e amigos tudo o que restava de S. Domingos. Eram só os ossos, mas ossos revestidos de gloria e de vida, pelo celeste aroma que deles se exalava. Só Deus sabe a alegria que então trasbordou em todos os corações, e nenhum pincel é capaz de reproduzir essa noite perfumada, esse silencio impressionante, esses bispos, esses cavaleiros, e religiosos, todos esses rostos reluzentes de lagrimas, inclinados sobre um caixão, procurando nele à luz dos ciriais, o grande e santo homem que os contemplava lá dos céus, e correspondia a sua devoção com esses misteriosos amplexos, que pungem a alma de uma felicidade indescritível. Os bispos não julgaram as suas mãos com direito ao privilegio filial de tocarem nos ossos do Santo; deixaram essa consolação e honra aos seus filhos. Jordão de Saxe curvou-se com respeitosa devoção sobre essas relíquias sagradas, e transferiu-as para um caixão novo feito de uma madeira especial. Diz Plínio que essa madeira resiste à ação do tempo. Fecharam o caixão com três chaves, uma das quais entregaram ao Magistrado de Bolonha, a outra a Jordão de Saxe, e a terceira ao prior provincial da Lombardia. Levaram-no em seguida para a capela onde haviam erigido o monumento preparado para receber esse deposito; esse monumento era de mármore, mas sem nenhum trabalho de escultura.

Ao amanhecer voltaram os bispos, o clero, os Religiosos, os magistrados e nobres para a igreja de Saint Nicolas, já então invadida por uma imensa multidão de povo e de homens de todas as nações. O arcebispo de Ravenna cantou a missa do dia, que era a de terça feira de Pentecostes e, por uma tocante coincidência, as primeiras palavras do coro foram as seguintes:

"Accipite jucunditatem gloriae vestrae".

"Recebei o gozo da vossa gloria".

O caixão continuou aberto, e espalhava pela igreja uma tão sublime fragrância que se não confundia com os suaves perfumes cio incenso; o som das trombetas, aliava-se ao canto do clero e dos religiosos; uma multidão, infinita de luzes brilhava nas mãos do povo; nenhum coração, por mais rebelde que fosse, podia resistir à casta embriaguez desse triunfo da santidade. Terminada a cerimonia, os bispos depositaram sob o mármore o caixão fechado, para ali esperar em paz e gloria o sinal da ressurreição. Oito dias depois porém, a rogos de muitas pessoas de distinção que não tinham podido assistir à

trasladação, foi o monumento de novo aberto. Jordão de Saxe tomou nas suas mãos a cabeça venerável do santo Patriarca, e mostrou-a a mais de trezentos Religiosos que tiveram a consolação de a beijarem, e de conservarem por muito tempo o inefável perfume desse osculo. Porque tudo quanto tocava, nos ossos do Santo, ficava impregnado com a virtude que emanava deles.

"Sentimos",

diz o bem-aventurado Jordão de Saxe,

"esse precioso aroma e prestamos testemunho do que vimos e sentimos. Nunca nos saciávamos da impressão que exercia sobre os nossos sentidos, embora ficássemos horas junto ao corpo do Santo a respirá-lo. Por mais tempo que nos demorássemos, nunca nos aborrecia, antes excitava em nossos corações a devoção e operava milagres. Quando tocavam no corpo do Santo com a mão, com uma cinta ou com qualquer outro objeto o cheiro aderiu a ele".

Carta Encíclica aos Frades

Observa aqui Thierry d'Apolda, que mesmo antes do morte do santo, já Deus lhe comunicara esse sinal exterior da pureza da sua alma. Um dia celebrando missa em Bolonha, chegou-se ao pé dele um estudante no momento do ofertório e beijou-lhe a mão. Este mancebo era dado a uma grande incontinência, para a qual provavelmente procurava remédio. Sentiu, ao beijar a mão de S. Domingos, um perfume que lhe revelou subitamente a honra e o gozo dos corações puros, e desse momento em diante, com a graça de Deus, conseguiu vencer todas as suas inclinações corruptas.

Os milagres extraordinários que acompanharam a trasladação do corpo de S. Domingos decidiram Gregório IX a não demorar mais tempo o processo da sua canonização. Por carta de 11 de Julho de 1233 encarregou três eclesiásticos eminentes de procederem a um inquérito sobre a sua vida, foram estes: Tancredo, arcebispo de Bolonha, Tomás, prior de Santa Maria do Reno e Palmeri, cônego da Santíssima Trindade. Esse inquérito prolongou-se desde o dia 6 até ao dia 30 de agosto. Os comissários apostólicos examinaram nesse intervalo, sob juramento, o depoimento de nove Frades Pregadores, escolhidos entre os que haviam vivido mais intimamente com S. Domingos. Eram eles Ventura de Verona, Guilherme de Montferrato, Amison de Milão, Bonvisi de Placencia, João de Navarro, Rodolfo de Faenza, Estevão de Espanha, Paulo de Veneza, Frugéri de Penna. Como todas estas testemunhas, excepto João de Navarro, não tinham conhecido S. Domingos durante os primeiros tempos do seu apostolado, julgaram os comissários da Santa Sé necessário estabelecer no Languedoc um segundo centro de inquérito e, para esse fim, delegaram o abade de S. Saturnino de Toulouse, o arcebispo da mesma igreja, e o de Saint Etienne. Vinte e seis testemunhas foram examinadas por eles e, além dessas, mais de trezentas pessoas de distinção confirmaram com o seu juramento e com a sua assinatura tudo o que essas testemunhas haviam dito das virtudes de S. Domingos e dos milagres obtidos por sua intercessão. A data exacta dessa ata não é conhecida; foi nos fins de 1233 ou princípios de 1234.

Sendo os depoimentos de Bolonha e Toulouse enviados para Roma, Gregório IX deliberou sobre eles com o Sacro Colégio. Conta um

autor contemporâneo que ele disse nessa ocasião referindo-se a S. Domingos:

"Tenho tão pouca dúvida da sua santidade como da dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo".

Étienne de Salanhac
Das quatro coisas em
que Deus honrou
a Ordem dos
Pregadores

A bula da canonização, consequência de todos esses atos judiciais é assim concebida:

"Gregório bispo, servo dos servos de Deus, aos nossos veneráveis irmãos os arcebispos e bispos, e aos nossos diletos filhos os abades, priores, arcediagos, arciprestes, deães, prebostes e outros prelados das igrejas a quem estas cartas chegarem, saúde e bênção apostólica.

O princípio da sabedoria, o Verbo do Pai, cuja natureza é a bondade, cujas obras são misericórdia, que veio resgatar e regenerar aqueles que criou, e que vela até a consumação dos séculos sobre a vinha que tirou do Egito, Nosso Senhor Jesus Cristo, manifesta-nos novos sinais de seu poder em razão da instabilidade dos espíritos, e varia os milagres em razão das desconfianças da incredulidade.

Quando Moisés morreu, isto é, na expiração da Lei, subiu para o carro puxado a quatro cavalos do Evangelho, cumprindo o juramento que fizera a nossos pais, e tendo na mão este arco da sagrada palavra que conservara sempre curvo durante o reinado dos judeus, caminha pelo meio das ondas do mar, até essa vasta extensão das nações, cuja salvação foi figurada por Raab; calca aos pés a confiança de Jericó, a glória do mundo, e aquele que com assombro dos povos ele vencera logo ao primeiro som da sua pregação.

O profeta Zacarias vira esse carro a quatro cavalos sair por quatro vezes dentre duas montanhas de bronze. O primeiro carro tinha cavalos russos, que representavam os senhores das nações, os poderosos da terra, aqueles que submetendo-se pela fé ao Deus de Abraão, pai dos crentes, tingiram, a exemplo do seu chefe, e para assegurar os fundamentos da fé, as suas vestes em Bosra, isto é, nas águas da tribulação, e coraram com o seu sangue todas as insígnias da sua milícia; aqueles a quem o gozo da glória futura fizera desprezar a morte temporal e que, mártires, isto é, testemunhas, assinaram com a sua confissão o livro da lei nova, acrescentando à sua confissão o peso dos milagres, consagrando o livro e o tabernáculo, obra de Deus e não do homem, e todos os vasos do ministério evangélico pela substituição do sangue de

holocaustos racionais ao sangue dos animais e, por fim, lançando as redes da pregação sobre a vasta extensão dos mares, formaram a Igreja de Deus em todas as nações debaixo do céu.

Porém, como da abundância se gera a presunção, e a malícia procede da liberdade, apareceu o segundo carro com cavalos pretos, símbolo de luto e de penitência, e por eles estava representado esse batalhão levado pelo espírito para o deserto sob a direção do grande S. Bento, novo Eliseu do novo Israel, batalhão que restituiu aos filhos dos profetas o bem perdido da vida comum, renovou o fio partido da unidade, estendendo-se pelas boas obras até esse país do Aquilão, de onde procede todo o mal e fazendo repousar nos corações contritos aquele que não reside nos corpos sujeitos ao pecado.

Depois o do que, como que para reanimar as tropas cansadas e fazer suceder a alegria às lamentações, chegou o terceiro carro com cavalos brancos, isto é, com os religiosos das ordens de Cister e de Flora, os quais semelhantes a ovelhas tosqueadas e abundando no leite da caridade, saíam do banho da penitência tendo à sua frente S. Bernardo, esse pastor revestido pelo céu do espírito de Deus, que os conduziu para a abundância dos vales, para que os viajantes por ele libertados clamem bem alto ao Senhor, entoem. hinos e assentem sobre as vagas o campo do Deus das batalhas.

Foi com estes três exércitos que o novo Israel se defendeu contra um número igual de Filisteus.

À undécima hora, porém, quando já o dia se aproximava da tarde, e que a caridade arrefecendo no meio da iniquidade, o próprio sol de justiça desaparecia no ocaso, quis o pai de família reunir uma milícia mais apta ainda para proteger a vinha que ele plantara com as suas próprias mãos, e fizera cultivar por jornaleiros assalariados em diferentes ocasiões, a qual não obstante estava não só coberta de silvas e espinhos, como também quase destruída por uma multidão hostil de rapazinhos.

Eis porque, como agora o vemos, em seguida aos três primeiros carros diferentes pelos seus símbolos, Deus suscitou sob a figura de um quarto carro tirado por cavalos possantes e de varias cores, as legiões dos Frades Pregadores e dos Menores, sob os seus chefes escolhidos para o combate.

Um desses chefes foi S. Domingos, homem a quem Deus concedera a força e o ardor da fé, e a cuja garganta imprimira, como ao cavalo da sua glória, o dom da pregação divina.

Teve desde a infância um coração de velho, praticou a mortificação da carne e procurou sempre o autor da vida.

Consagrando-se a Deus sob a regra do bem aventurado Agostinho, imitou Samuel no serviço do templo, e seguiu Daniel no fervor dos seus piedosos desejos. Atleta corajoso, caminhou pela senda da justiça e do exemplo dos santos, mal descansando da defesa do tabernáculo e dos deveres da Igreja militante, sujeitando a carne à vontade, os sentidos à razão, e transformado num só espírito com Deus, esforçava-se por nele se isolar pelo excesso da contemplação, sem que nem no seu coração nem nas suas obras afrouxasse o amor do próximo.

Ao mesmo tempo que feria de morte os deleites da carne, e deslumbrava com um esplendor luminoso a cega inteligência dos ímpios, tremia a seita inteira dos hereges e exultava toda a Igreja dos fiéis. Entretanto crescia em graça e em idade, e o zelo da salvação das almas, inebriando-o de um júbilo inefável, não contente com se ter entregue completamente à palavra de Deus, converteu também ao ministério evangélico um número tão grande de homens que mereceu ter um nome e uma obra na terra dos patriarcas. Feito pastor e príncipe no meio do povo de Deus, instituiu por seus méritos uma nova ordem de pregadores, regulou-a com os seus exemplos, nunca cessando de a confirmar com evidentes e autênticos milagres.

Pois entre outros sinais que manifestaram o seu poder e santidade durante o curso da sua vida mortal, restituiu a palavra aos mudos, a vista aos cegos, o ouvido aos surdos, o movimento aos paralíticos, a saúde a uma infinidade de enfermos, mostrando claramente por todos estes prodígios qual o espírito que animava o barro do seu santo corpo.

Nós, pois, que o conhecemos intimamente no tempo em que ocupávamos um cargo inferior na Igreja, e que tivemos no próprio espetáculo da sua vida uma prova insigne da sua santidade, agora que testemunhas dignas de fé nos atestaram a verdade de seus milagres, cremos com o rebanho do Senhor, confiado ao nosso cuidado, que ele, graças à misericórdia de Deus, nos poderá ser útil pelos seus sufrágios, e que depois de nos haver consolado sobre a terra com a sua boa amizade, nos ajudará no céu com o seu poderoso patrocínio.

Eis porque, por conselho e com o consentimento de nossos Irmãos e de todos os prelados presentes na Sé Apostólica, resolvemos inscrevê-lo no livro dos Santos, e decretamos com firmeza, e pelas presentes vos ordenamos a todos, que celebreis e façais celebrar a sua festa com solenidade nas nonas de agosto, na véspera do dia em que ele depôs o pesado fardo da carne e penetrou rico em merecimentos na cidade dos Santos, afim de que o Deus, que ele honrou em vida, movido pelas suas preces, nos conceda graça neste mundo e a gloria no mundo futuro.

Desejando, além disso, que o túmulo desse grande confessor que ilustra a Igreja católica pelos seus extraordinários milagres seja dignamente freqüentado e venerado pelos cristãos, concedemos a todos os fiéis arrependidos e confessados que com devoção e respeito o visitarem todos os anos no dia da festividade do Santo a remissão de um ano de penitência, confiando-nos para isso na misericórdia de Deus Todo Poderoso, e na autoridade dos bem-aventurados apóstolos S. Pedro e S. Paulo.

Dada em Rieti, a 5 das nonas de Julho, no oitavo ano do nosso pontificado".

Bulário da Ordem dos
Frades Pregadores
T. I, p. 67

À exceção de S. Jacinto, Gregório IX foi o ultimo sobrevivente dos grandes homens que tiveram por S. Domingos grande afeto e que concorreram para a realização dos seus projetos. Morreu a 21 de agosto de 1241, na idade de noventa e sete anos, ao cabo de trinta anos de cardinalato e quatorze de pontificado, sem que a majestade dos anos e o esplendor das dignidades nele excedessem o brilho do seu mérito pessoal. Jurisconsulto, homem de letras, negociador, reunia a todos os dons do corpo e do espirito uma alma magnânima, onde couberam a vontade S. Domingos e S. Francisco, ambos por ele canonizados. Nunca se tornará provavelmente mais a ver um só homem rodeado de homens como Azevedo, Montfort, Foulques, Reinaldo, Jordão de Saxe, S. Jacinto, Innocêncio III, Honório III, nem tantas virtudes, tantas nações, e tantos fatos concorrerem para um tão grande fim, num tão curto período. Logo depois da bula da sua canonização não tardou, que o culto de S. Domingo se espalhasse por toda a Europa, chegando em muitos pontos a levantarem-lhe altares. Porém, Bolonha sempre se distinguiu pelo seu zelo pelo grande concidadão que a morte lhe dera. Em 1267, trasladou o seu corpo do túmulo sem escultura onde jazia, para um túmulo mais ricamente decorado. Fez-se esta segunda trasladação pelas mãos do arcebispo de Ravenna, estando presentes vários outros bispos, o capítulo geral dos Frades Pregadores, o magistrado e anciãos de Bolonha. Abriram o caixão, e a cabeça do Santo, depois de todos os bispos e Religiosos a beijarem, foi exposta ao povo do alto de um púlpito, levantado no adro da igreja de Saint Nicolas. Em 1383, abriu-se o caixão pela terceira vez, e colocou-se a cabeça à parte numa urna de prata, para que os fiéis pudessem mais facilmente gozar da ventura de venerar esse precioso depósito. Finalmente, a 16 de julho de 1473, os mármores do monumento foram novamente substituídos por uma escultura mais perfeita no gosto do decimo quinto século. Eram obra de Nicolau de Bari, e representam diversos factos da vida do Santo. Não os posso descrever. Duas vezes os vi e ambas as vezes contemplando-as de joelhos, senti pela doçura que me inspirou esse túmulo, que uma mão divina guiara a mão do artista, e forçara a pedra a exprimir sensivelmente a incomparável bondade de coração daquele cujas cinzas cobre. Desde então, nunca mais se tocou nessa gloriosa sepultura e nestes três séculos nunca vista humana contemplou os ossos sagrados que ele encerra, nem mesmo a madeira do caixão. O mundo já não é digno de semelhantes espetáculos. Domingos fôra vencido tanto quanto pode ser quando por trezentos anos se defendeu o campo de batalha. Tinha de participar com todos os homens e todas as obras da idade média da ingratição da posteridade pervertida e esperar com paciência no seu sepulcro selado e mudo essa justiça de dupla vista que nem sempre está

na mão dos homens recusar àqueles que os serviram. Já muitos dos seus contemporâneos viram a história restaurar as suas estátuas caídas. Não alimento a esperança de ter obtido um tão belo resultado; o tempo, porém, depois de mim pegará na pena e a ele deixo, sem receio nem ciúme o cuidado de concluir este trabalho.

Fim da vida de S. Domingos.